

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE- UNESC
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

JAMILE ROSANE ZANETTE ANTÔNIO

**A RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO FORMADOR DO IMAGINÁRIO COLETIVO:
UM ESTUDO NA CIDADE DE CRICIÚMA/SC**

CRICIÚMA

2019

JAMILE ROSANE ZANETTE ANTÔNIO

A RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO FORMADOR DO IMAGINÁRIO COLETIVO: UM
ESTUDO NA CIDADE DE CRICIÚMA/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Linha de Pesquisa: Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresinha Maria Gonçalves

CRICIÚMA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

A635r Antônio, Jamile Rosane Zanette.

A rua como espaço público formador do imaginário coletivo : um estudo na cidade de Criciúma/SC / Jamile Rosane Zanette Antônio. - 2019.

240 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2019.

Orientação: Teresinha Maria Gonçalves.

1. Ruas – Criciúma (SC). 2. Espaços públicos. 3. Psicologia ambiental. 4. Subjetividade. I. Título.

CDD 23. ed. 711.4



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Pró-Reitoria Acadêmica
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pela candidata **JAMILE ROSANE ZANETTE ANTÔNIO**, sob o título: “**A RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO FORMADOR DO IMAGINÁRIO COLETIVO: UM ESTUDO NA CIDADE DE CRICIÚMA/SC**”, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Dissertação.

Criciúma/SC, 21 de março de 2019.

Prof. Dra. Máira Longhinotti Felippe
Primeiro Examinador

Prof. Dr. Geraldo Milioli
Segundo Examinador

Prof. Dra. Teresinha Maria Gonçalves
Presidente da Comissão e Orientadora

Agradeço ao meu Deus.

“Não procuramos estudar as formas, mas sim os processos que as
(trans)formam.”

Paula Berenstein Jacques.

RESUMO

Ao pensar em cidade, a primeira imagem que nos vem à mente são as ruas. Fruto da composição arquitetônica e das sociabilidades, as ruas representam o espaço público mais puro do tecido urbano. Delas depende, a organização espacial das cidades. Delas depende, o desenvolvimento da vida social. Delas, também, depende a construção do imaginário coletivo. E por tamanha importância que sustentam, tornam-se território da nossa pesquisa. A dissertação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que constitui em um programa interdisciplinar, comprometido em relacionar saberes distintos em discussões dialéticas. A reflexão proposta tem como objetivo investigar a rua na sua essência, sabendo de sua força própria de espaço público. Além da rua, incentiva-se como protagonista a sua gente, por carregar o espírito subjetivo do lugar. É a partir das aspirações, dos desejos, dos conceitos, das memórias e dos significados que, o imaginário coletivo se manifesta e produz o espaço público da rua. Nós, seres humanos, necessitamos estar em relação, a fim de que, nossas vidas possam fazer sentido. Por isso, as interações sociais, produzidas no meio ambiente, sobretudo na rua, são partes essenciais e significativas da experiência do viver. Cabendo a cidade, estimular esse convívio, materializando o imaginário coletivo. A apreensão da pesquisa se dá pela relação pessoa-ambiente, em uma abordagem qualitativa, discutida através da metodologia de estudo de caso e, sob a perspectiva da observação enquanto técnica. Dentre os multimétodos trabalhados destaca-se, o instrumento de entrevista como meio para desvendar as percepções de sua gente. Essa abordagem permite chegar à compreensão da dinâmica da rua e do seu sentido. O estudo é centrado na Psicologia Ambiental. A explicação encontra-se no fato, de ser a ciência que trata o meio ambiente como parte da identidade do ser. O objeto da pesquisa envolve a seleção de três ruas da cidade de Criciúma/SC, definida a partir de critérios relevantes à pesquisa. Referindo-se na Rua Coronel Pedro Benedit, na Rua Henrique Lage e na Avenida dos Imigrantes. A investigação percebeu que, muitas vezes, o caráter das ruas se manifesta em direcioná-las a finalidade de mobilidade, limitando-a a única função de circulação. Revelou-se também que, um dos principais vilões desse entendimento de rua, é o domínio público dos carros. Essa interpretação impede que, a essência da rua se manifeste. O reflexo desse prejuízo estará estampado nas subjetividades, em uma dinâmica urbana abalada e na estruturação do imaginário coletivo. Descobriu-se, ainda, uma ressignificação do conceito de rua, “guardado a sete chaves” pela dinâmica urbana. As ruas são, intimamente, espaços de conflito e de contraste; de expressividade e de silêncio; e de lembrança e de esquecimento. Desvendar o imaginário coletivo, portanto, é possibilitar o encontro dos mundos internos dos sujeitos para o propósito de, reviver/ conceber cidades mais humanas, fortalecidas na relação pessoa-ambiente e, proporcionando o desenvolvimento da cidade-gente. Por fim, acredita-se que as respostas, para a recuperação e humanização das cidades, estejam muito próximas de nós, nas nossas ruas.

Palavras-chave: Cidade. Dinâmica Urbana. Subjetividade. Psicologia Ambiental.

ABSTRACT

When we think of city, the first image that comes in our head are the streets. It represents the most pure public space of the urban tissue which is a consequence of the architectural and sociability composition. The organizational spaces of the cities, the development of life and the construction of the collective imagination depends on the streets. Because of its great importance, it became the territory of our research. This essay is linked to the Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), from the Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), constituting in an interdisciplinary program that is compromised to relate distinct knowledge in dialectical discussions. The reflexion proposed aims to investigated the street in its essence, knowing of its own strenght as a public space. Besides the street, people are the protagonists too, as they carry the subjective spirit of the place. It is from the aspirations, desires, concepts, memories and the meanings that the collective imaginary manifests and produces the public space of the streets. Human beings needs to be in relationships, so our lives can make sense. That's why the social interactions produced in the enviroment, mainly in the street, are significant and an essencial part of the experience of living. Being the city responsible to stimulate this conviviality, materializing the collective imaginary. The seizure of the research is due to the relation of person-environment in a qualitative approach discussed through the case study methodology and from the observation perspective as a technique. Among the multi-methods worked, the interview instrument highlights as a mean to unveil the people's perception. This approach allows to comprehend the dynamic of the street and its meaning. The study is centered in the Environmental Psychology. The explanation is in the fact that the science of the environment is a part of the identity of the being. The objective of the research involves the selection of three streets of the city of Criciúma/SC determined from the criteria relevant to it. Referring to the Coronel Pedro Benedit Street, Henrique Lage Street and Avenida dos Imigrantes. The study perceived that, many times, the character of the streets manifests itself in directing them to the purpose of mobility, limiting it to the only function of circulation. It has been revealed that one of the main villain of this understanding of the street is the public domain of the cars. This interpretation prevents that the essence of the street manifests itself. The reflection of this prejudice will be stamped on the subjectivities on a shaken urban dynamic and on the structuring of the collective. It was still found a redetermination of the concept of the street "kept under lock and key" for the urban dynamic. The streets are intimately spaces of conflict and contrast; of expressiveness and silence; and of remembrance and oblivion. Unveil the collective imaginary is to allow the encounter of internal worlds of guys for the purpose of relive/conceive more humane cities, strenghtened in the person-environment relation and providing the development of city-people. Finally, it is believed that the answers for the recovery and humanization of the cities are very close to us, in our streets.

Key words: City. Urban Dynamic. Subjectivity. Environmental Psychology.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1 INTRODUÇÃO	11
1.2 QUALIFICANDO O PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3 PERGUNTAS DE PESQUISA	23
1.4 JUSTIFICATIVA.....	23
1.5 OBJETO DA PESQUISA	26
1.6 OBJETIVOS	26
1.6.1 Objetivo Geral.....	26
1.6.2 Objetivos Específicos	26
1.7 METODOLOGIA	27
1.7.1 Modalidade da Pesquisa.....	29
1.7.2 Unidade da Pesquisa.....	31
1.7.3 Coleta e Análise de Dados e suas Estratégias.....	41
2 A CIDADE.....	51
3 O ESPAÇO PÚBLICO.....	62
4 A RUA.....	73
5 O IMAGINÁRIO	78
6 A PESQUISA	89
6.1 A RUA CORONEL PEDRO BENEDET	89
6.1.1 A Rua daquele sujeito.....	90
6.1.2 O sujeito daquela Rua	118
6.2 A RUA HENRIQUE LAGE	127
6.2.1 A Rua daquele sujeito.....	128
6.2.2 O sujeito daquela Rua	160
6.3 A AVENIDA DOS IMIGRANTES.....	168
6.3.1 A Rua daquele sujeito.....	169
6.3.2 O sujeito daquela Rua	198
6.4 A CIDADE DAQUELAS RUAS	206

7 A RESSIGNIFICAÇÃO DA RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO.....	210
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	214
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOMÉTRICAS.....	220
APÊNDICES.....	230
ANEXOS.....	237

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta está vinculada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que constitui em um programa interdisciplinar que relaciona diferentes saberes em oportunidades de discussões pertinentes, organizados em duas linhas de pesquisa: Ambientes Naturais e Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento.

Esta dissertação compartilha da linha de pesquisa Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento, com apoio do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre Meio Ambiente e Espaço Urbano (GIPMAUR), que atualmente está direcionado aos estudos relacionados aos espaços públicos e a urbanidade e que, também, pertence ao Laboratório de Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano e Psicologia Ambiental (LADUPA), conduzido pela orientadora desta pesquisa.

Durante toda a minha formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo, pude descobrir um entusiasmo intrínseco quando, especialmente, o universo que estudávamos, se aproximava mais do ambiente urbano. Configurei grandes projetos arquitetônicos, idealizei inúmeras utopias urbanas, e fui apreendida ao querer colocar em prática o conteúdo internalizado, assim que me formei.

Uma das minhas primeiras frustrações, quando já arquiteta e urbanista, foi ver que nem todo o aprendizado da academia correspondia à cidade real. Primeiro, que a cidade é muito mais do que as regras, imposições, regularidades ou métodos. A cidade é um organismo vivo, que se arranja por si mesma, que se cria de forma espontânea e que necessita que seja vivida. Segundo, que não é porquê se carrega um título de urbanista, que se pode sair modelando a cidade, tendo a referência da ciência estudada. Não é tão simples assim. Implica um acesso, muitas vezes restrito e limitado, para os profissionais de arquitetura, fazendo com o que, esses mesmos profissionais se camuflam no tecido urbano, através de sua arquitetura, e acabem por não exercer seu papel de urbanista.

Procurei de alguma forma, exercer meu papel de arquiteto-urbano¹, ainda que não pudesse aplicá-lo de forma concreta. E encontrei na pesquisa o caminho para aproximar-me desse universo que tanto fascina: a urbe. E assim, poder exercer minha formação como urbanista, e ainda, possibilitando contribuir para com os estudos sobre as cidades.

E foi experimentando a cidade, refletindo sobre ela mesma, que minha percepção de cidade foi além de seu espaço físico e cognitivo, admitindo uma dimensão também social, e ainda, simbólica, porque ela é feita de gente. Há gente que conforma a cidade, há gente que é apenas espectador. Há gente que vive a cidade, há gente que sente a cidade. Há gente que alimenta a cidade, há gente que é incentivado por ela. Há gente que imagina a cidade, e há gente que não a percebe. Mas toda essa gente, é a gente, somos todas essas “gentes”, somos essa cidade, ou seria, uma cidade-gente.

E toda essa práxis possibilitou o entendimento de que, o urbanista não trabalha apenas com o meio físico, ele deve, fundamentalmente, entender a sua gente, porque é ela a essência de qualquer espaço, é ela que guarda os sentimentos mais íntimos e que a partir deles, se atinge um espaço de qualidade. Dessa forma, posteriormente, esse mesmo espaço retribuir com o desenvolvimento da sua gente, num processo de evolução física, social, ambiental, e digo mais, política, cultural e psíquica.

Visto isso, busquei em meio a grande escala de cidade algo que a representasse de forma íntegra, mas que estivesse relacionada com a sua gente, algo que pudesse alcançar grandes resultados, mesmo simbolizando um pedaço desse todo. Meu olhar, então, se deparou com a parcela mais pura da urbe, a rua, que permeia e oxigena a cidade-gente.

A rua, quando pensada de maneira tridimensional, ela possibilita uma relação recíproca entre o tecido urbano e sua gente, passando de um estado físico, aparentemente destinado ao uso cognitivo da circulação, para uma integração simbólica constante, oferecendo uma nova compreensão dela mesma, um senso de lugar,

¹ A proposta de Paola Berenstein Jacques, em *Estética da Ginga* (2001), é que o profissional de arquitetura e urbanismo, seja sensível com o que está sendo projetado, respeitando diversidades de relações, diferenças de ocupações e estando sempre “entre”, entre a cultura vernacular e a sua própria cultura, entre o que está sendo defendido e o que defende, mas nunca perdendo a essência daquilo com que se trabalha.

tornando-se um espaço público. Mas a transformação em espaço público da rua, só é concretizada pela vivência e pelo desenvolvimento dessa reciprocidade entre o sujeito e o espaço. A ressignificação do conceito de rua manifesta-se como um gerador urbano, que sustenta a vitalidade do espaço e de sua gente.

O espaço público é, portanto, o palco e o cenário onde essas relações essenciais para a vida coletiva se dão. A rua, por sua informalidade, é o espaço mais rico, pois ao caminhar por ela, me dou conta da sua paisagem física e da sua paisagem humana, que dão a morfologia da rua. O sentido de direção e de destino, citados por Gonçalves, Destro e Rocha (2009), e que me é dado pela rua, ao mesmo tempo em que me dá o conforto que chegarei a lugares, aos muitos lugares, é também paisagem do caminhar/devaneio aonde vou povoando meu imaginário de cenas, vozes, sons, cheiros e então começo a identificar o lugar, os transeuntes, a cultura da gente que transita pela rua e que passa por mim.

Flanar a cidade como sugere Baudelaire (1997) seria quase como um sobrevoo, onde o *flâneur*, com seus olhos de águia e percepção aguçada, capta a dinâmica da cidade. Dessa forma, se encontra no caminhar, muito mais do que no andar (GEHL, 2015). Ao caminhar, elevo a minha transurbância² e possibilito a alteridade, essa virtude que conforma a identificação e o diálogo com os outros, e que está cada vez mais rara na cidade contemporânea. Essa prática de errância, conduzida pelo *flâneur*, aparece como:

[...] um novo e enorme campo de experiência, prazeres e possibilidades: gozar ou se embriagar do anonimato, tomar um “banho de multidão”, se perder ou se encontrar no meio de desconhecidos, sentir-se só no meio de tantos outros diferentes, se desorientar no meio de tantas pernas, diminuir o próprio passo, sair do ritmo uníssono da turba, ir mais devagar para forçar desvios, esquivas, deslocamentos de ombros, olhares passantes, toques errantes, encontros de mãos, arpejos de pele, fricções de braços, empurrões, cotoveladas, trombadas, diversos tipos de contato carnis fugazes, dos mais violentos aos mais afetuosos, com tantos e variados corpos incógnitos (JACQUES, 2014, p. 80).

² O conceito de transurbância é manifestado pelo autor Francesco Careri, a partir do livro: Walkscapes, O caminhar Como Prática Estética, de 2013, e refere-se aos estímulos oferecidos pela cidade, que são captados e assimilados por todos nós. Esse ato simbólico transforma, através do nosso corpo, a paisagem que é percebida, e provoca experiências sensíveis e particulares a cada um. Pode também ser um modo de produzir conhecimento enquanto se caminha, valorizando os percursos de maneira exploratória e experimentada artisticamente.

A identidade se constrói a partir desse processo. A identidade é formada em sua totalidade a partir de conexões com o outro. O outro me faz ver que sou eu único, pois é na relação social que me percebo como um ser singular. Então, é:

[...] a partir de nossas vivências, das referências e influências que sofremos no decorrer dela [faz-se referência à vida de cada sujeito]. Ela é ampliada com o compartilhar de ideias e isso tudo só é possível mediante o contato de nosso eu individual com o outro (DINIZ, 2015, p. 01).

Mas a composição humana não se constitui apenas pela identidade pessoal. E é nessa outra esfera que se encontra essa pesquisa, a identidade coletiva. Diferentemente da identidade pessoal ou individual, a identidade coletiva abriga um pensamento comum a todos os sujeitos da mesma cidade, quase que um senso. A identidade coletiva está além da identidade individual, e se enraíza no imaginário coletivo, onde se vinculada às imagens guardadas sobre a cidade, uma coletânea, que constrói os valores, os objetivos, as aspirações, as referências, e ainda, os comportamentos sociais.

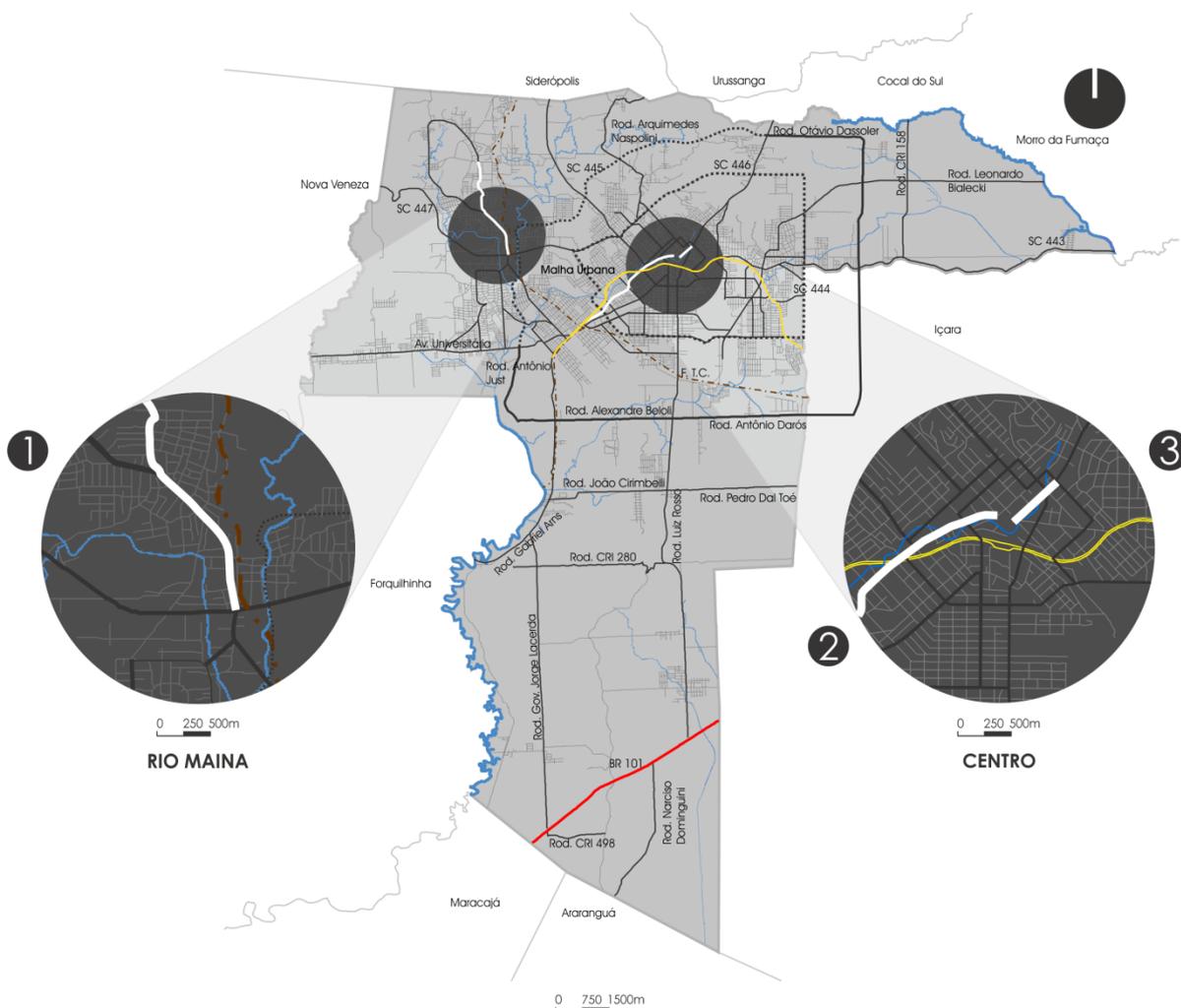
No estado da arte sobre espaços públicos, são escassos os estudos sobre o real significado da rua em relação à formação do imaginário coletivo de uma determinada população urbana. Diante dessa constatação a motivação pela pesquisa se dá por essa necessidade de “**desvendar**” à dinâmica da rua com a sua morfologia tanto humana, quanto arquitetônica e as possibilidades de se constituir um cenário verdadeiramente promissor para o incentivo a vida urbana, com identificação das memórias coletivas e dos motivos pelos quais as pessoas frequentam determinadas ruas, em uma cidade.

As ruas comportam-se como categorias sociológicas e devem ser melhores compreendidas por acolherem uma esfera que abrange além do seu meio físico, seu meio social e simbólico. Elas são, acima de tudo, “entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas adotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (DAMATTA, 1997, p. 08).

A pesquisa se trata de uma reflexão crítica, através de pesquisa de campo e de estudos teóricos, sobre a subutilização das ruas direcionadas atualmente somente ao suporte de circulação de veículos. Em paralelo a isso, a cidade segue a escassez de espaços públicos e de falta de **vida pública**, afetando toda a dinâmica urbana das

idades. Para apreender esse quadro, adota-se três ruas pertencentes à cidade de Criciúma/SC, como estudos de caso.

Figura 1- Mapa ilustrativo da cidade de Criciúma/SC: com destaque para dois bairros. O primeiro bairro representa o Rio Maina e é demonstrado pelo zoom à esquerda. E o segundo bairro representa o Centro e é identificado pelo zoom à direita.



Fonte: IPAT, modificado pela autora, 2017.

A primeira rua (1) concentra-se no Rio Maina, e diz respeito à Avenida dos Imigrantes. A rua tem importância significativa para a região do único distrito da cidade de Criciúma/SC, por ser um eixo estruturador de crescimento e desenvolvimento da região. Essa dinâmica tem sido expressiva, e o distrito demonstra interesses em sua emancipação pelo fato da sua crescente expansão urbana. Na Figura 1, a Avenida dos Imigrantes está situada no zoom à esquerda, e é identificada pela cor branca. A segunda rua (2) é destacada em conjunto com a terceira rua (3), ambas fazem parte do bairro

Centro, núcleo originário da cidade de Criciúma/SC e são representadas na Figura 1 pelo zoom à direita. A segunda rua (2), observada por uma maior extensão no mapa ilustrativo e representada também, pela cor branca, é ferida a Rua Henrique Lage. Já a terceira rua (3), com um caráter mais preciso e de curto percurso, diz respeito à Rua Coronel Pedro Benedet, e também, segue representada pela cor branca. As ruas que representam o bairro Centro são pertencentes à mesma origem. Presentemente, essas duas ruas comportam-se como ramificações do espaço público central da cidade de Criciúma/SC, dispostas a partir da Praça Nereu Ramos, porém são socialmente diferenciadas, refletindo em seus espaços. A Figura 1, ainda representa: na cor amarela a Avenida Centenário, principal eixo da cidade, e na cor vermelha, a BR 101, cumprindo a ligação nacional da cidade de Criciúma/SC.

1.2 | QUALIFICANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

Sendo o componente mais público das cidades (RAHMAN; SHAMSUDDIN; GHANI, 2015, p. 624) **as ruas** são tratadas atualmente com indolências de compreensão, tanto do seu desenho, como da sua função. Por isso, tornam-se alvo de atenção e de discussão em discursos públicos, justamente por serem **espaços públicos** e por estarem sendo disputados dentro da cidade, pela crescente falta dessa **ferramenta social** (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017).

Gehl (2015) descreve os problemas das cidades associados ao descaso à dimensão urbana. A dimensão humana por muitas décadas fora esquecida no planejamento das cidades, bem como o próprio planejamento, negligenciado à expansão urbana pela incontrolável indústria automobilística e pela aplicação de um urbanismo modernista, que incentivava o crescimento de maneira a compensar suas perdas de espaços pelo uso de pilotis. Gehl (2015, p. 90) explana sobre a problemática atual sobre a cidade-automóvel: “Desde que os carros conquistaram as ruas, medo e preocupação tornaram-se parte integrante da vida diária em cidades do mundo todo” (GEHL, 2015 p. 90).

Gradualmente, calçadas estreitas foram ficando pontilhadas de placas de sinalização, parquímetros, postes, luminárias de rua e outros obstáculos colocados de modo a “não ficar no caminho”. Entenda-se, “no caminho do tráfego motorizado”, que é o que importa. Aos obstáculos físicos, juntem-se as frequentes interrupções no ritmo da caminhada causadas pelas longas

paradas em semáforos, difíceis cruzamentos de rua, passagens elevadas para pedestres e túneis subterrâneos desertos. Todos esses exemplos de organização da cidade tem um objetivo: proporcionar mais espaço e melhores condições para os carros. Como consequência, caminhar ficou mais difícil e muito menos atrativo (GEHL, 2015 p. 91).

As limitações atribuídas às ruas são, para Moura, Wehmann e Muniz (2017) um empobrecimento das inúmeras possibilidades do meio urbano. O que se vê são ruas direcionadas para veículos, ao invés de ruas com múltiplos propósitos; espaços públicos destinados ao lazer substituídos por grandes áreas de estacionamento; as caminhadas, os ônibus, e o ciclismo, que praticamente não tiveram oportunidade de se desenvolver, são substituídos por uma mobilidade individual e mecânica. Resultando em menores espaços públicos e vias sem vida coletiva (COLLINS; SHANTZ, 2009):

In this respect, the car undermines the public life of the city: as journeys between private spaces have become automobilized, they have also been privatized, and many traditional forms of social interaction and communication with strangers rendered unnecessary (COLLINS; SHANTZ, 2009, p. 520).

Os autores Collins e Shantz (2009) interpretam a “crise do espaço público” proveniente da ampla diferença socioeconômica, apontada a partir década de 1980, a qual, muitas políticas começavam a serem direcionadas à construção de áreas fechadas e privadas, enfraquecendo o elo acessível e disponível do espaço público, comprometendo, assim, o seu caráter:

This has given rise to theories of ‘the end of public space’, which point to increasing intolerance, surveillance, regulation, and exclusion in parts of the urban environment previously envisioned as open and universally accessible (COLLINS; SHANTZ, 2009, p. 517)

Wang (2017) alerta para o desaparecimento dos espaços públicos também em virtude do sistema econômico: a sociedade do consumo está desgastando também os espaços públicos e a preocupação se concentra na escassez do “**recurso**” que não é renovável.

Uma das nítidas aplicações é o surgimento dos *shopping centers* que são ditos pelos autores como sendo uma ameaça à extinção dos espaços de uso comum dentro da cidade (COLLINS; SHANTZ, 2009).

What is being prioritized, in many instances, is the economic value of public spaces: their potential to facilitate consumer activity, attract tourists and

investors, and encourage private investment (COLLINS; SHANTZ, 2009, p. 521).

O Brasil segue essa tendência, priorizar o investimento no que é privado dando as costas para aquilo que é público. Não se abre mão da compra de um apartamento, da compra de um automóvel, dos passeios aos *shopping centers* como forma de reprodução da vida urbana. Esse modelo revela as segregações e transformação à qualidade de espaço público (CALDEIRA, 2000). Resultado nítido da herança do capitalismo (AGUIAR; NETTO, 2012). Defendido pelo chamado desurbanismo³, ou seja, um urbanismo voltado às estratégias de destruição das cidades em contraponto a busca pela urbanidade (GONÇALVES, 2014; AGUIAR; NETTO, 2012; CASTELLO, 2007).

Harvey (2016, p. 140), retrata que o capital e o “Estado capitalista tem um papel fundamental na produção de espaços e lugares”, nesse sentido o espaço urbano é considerado tal qual outra mercadoria, desmerecendo-o a um dos itens da sociedade de consumo. O espaço da cidade é consumido como se fosse uma mercadoria. Isso propiciou a apropriação privada do espaço urbano. Nessa perspectiva, as praças, por exemplo, foram roubadas pelos *shopping centers*.

Há uma confusão, promovida com intensidade e tendo como principal agente a globalização. E essa confusão que nos priva de agir com autonomia. Mas mesmo nesse mundo “cheio de contradições, de múltiplos posicionamentos, de vãos necessários da imaginação traduzidos em diversos campos de ação, mundo de desenvolvimentos geográficos desiguais e de significados e aspirações fortemente contentados” (HARVEY, 2006, p. 305), mesmo nesse mundo, de inacreditável complexidade e de imensa proporção, mesmo nesse mundo... Temos tantas oportunidades para refletir e exercitar o juízo crítico, existindo uma liberdade limitada, mas revivendo a vontade individual e coletiva.

Ruano (1999, p.18) também descreve sobre as tendências das cidades:

³ O termo desurbanismo é tratado por Lucas Figueiredo, no capítulo: Desurbanismo, um manual rápido de destruição de cidades, do livro: Urbanidades, de Aguiar e Netto (2012) em que descreve, em um breve manual, quais as estratégias de destruição de uma cidade, destacando: o crescente aumento do uso do automóvel; o transporte público precário; a verticalização da cidade, que afasta o contato direto das pessoas com o solo urbano; o incentivo a vivência em condomínios fechados e a redução da diversidade de usos, como algumas das estratégias dessa prática. Comprometendo a saúde da cidade e de seus sujeitos.

Al analizar qué es lo que se ha hecho mal en nuestras ciudades, urbanistas y otros expertos han individualizado los problemas específicos para explicar la cada vez más frecuente falta de congruencia entre las necesidades humanas y la organización de las áreas urbanas. El planeamiento orientado hacia el coche, la insuficiencia de espacios públicos, la carencia de escala humana, la escasez de lugares para la interacción social, la baja densidad, el excesivo énfasis en la separación, el individualismo y la autoprotección, y la zonificación funcional demasiado especializada han sido identificadas como las causas principales de la pérdida de calidad urbana.

Em consequência disso, Damatta (1997, p. 59) delinea como isolamento e individualização, características atribuídas para a identidade social brasileira. Já pela concepção de Bauman (2001) a característica do espaço público na sociedade atual é de esvaziamento: “o espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas” (BAUMAN, 2001, p. 50).

Este espaço público atual, diretamente ligado com a vida pública (GOMES, 2002), não é distribuído de forma homogênea, nem tão pouco disponibilizado a todos (LEFEBVRE, 2008). São construídos segundo uma padronização, uniformização e não otimização da sua estrutura, como é o caso da morte dos espaços públicos no período noturno e, em especial, nas áreas centrais das cidades, incluindo outros períodos, como feriados e domingos (GEHL, 2015). Isso tudo, dificulta a relação entre pessoas e espaços, visto que não será acessível a todos os sujeitos, além de influenciar diretamente a construção da identidade, principalmente, dos menos favorecidos e das inter-relações entre os lugares (MACEDO et al., 2009). Essa falta de identificação das pessoas para com o lugar impede a apropriação do mesmo e elimina a capacidade de vinculação afetiva do sujeito para com o espaço. Segundo Lima e Bomfim (2009, p. 493) isso pode gerar:

[...] grande mobilidade ou a possibilidade de desenvolver relacionamentos apenas funcionalistas com os lugares (apenas explorá-lo visando seus recursos naturais, ou bens materiais, por exemplo) e até uma ausência de apego.

Bomfim (2010) chama a crise da vida urbana de atitude blasé, tratando o modo de vida atual como sendo absolutamente racional, direcionado à funcionalidade das cidades, sem nenhum apelo afetivo. Como exemplo, é citado:

[...] estímulos contrastantes em rápidas mudanças, incapacidade de reagir a novas sensações, embotamento do poder de discriminar, atitude reserva

diante do outro, mais liberdade e mais individualidade, preponderância do espírito objetivo sobre o subjetivo e busca incessante do lucro (BOMFIM, 2010, p.37).

Essa é a imagem da cidade atual, fragmentações urbanas, e conseqüentemente, incompletudes humanas. A causa disso para o imaginário é de caráter disperso e privatizado, com representações que ao invés de partirem de imagens concebidas pelo mundo social, são produzidas no domínio do consumo de uma sociedade midiática (ALVES, 2007):

Quando se perde a possibilidade de encontro e de escolha, quando se perde a identidade humana que pressupõe a identidade do lugar, a alienação humana de uma época de estranheza perante o mundo, construída na experiência individual do deslocamento e do descolamento, torna-se padrão comum de uma arquitetura que facilmente transforma a cidade em uma forma vazia. Ao perder significado social, o espaço urbano perde o sentido de pertencimento e com isso surge o descolamento, primeiro estágio do não-lugar. O descolamento só pode ocorrer em relação a algo que não seja relacional e identitário, duas características básicas da definição do não-lugar. Daí a afirmação de que a perda do sentido de pertencimento decorre o primeiro estágio do não-lugar – primeiro estágio porque, não necessariamente, a ausência do sentido de ‘pertencer a’ implica a ausência do sentido de ‘ter raízes em’ (ALVES, 2007, p. 46-47).

Como complemento de Alves (2007), Bomfim (2010) também defende que a impossibilidade de experiências humanas conduzidas pelos espaços ausentes de identificação, desprovidos de significados, envoltos na solidão, no anonimato, sem nenhum enraizamento e utilizados somente para passagem, são fatores agravantes da crise urbana.

A cidade de Criciúma/SC não se afasta do cenário descrito até então, elencando problemas sociais e urbanísticos de grandes dimensões, visto que a cidade se constituiu a partir da industrialização, com a principal atividade voltada para a extração do carvão, iniciada em 1913 (BALTHAZAR, 2001). A cidade desenvolve uma dependência intensa para com a atividade carbonífera, podendo ser percebida ao analisar as histórias do carvão no Brasil e a história da cidade de Criciúma/SC, a trajetória que elas percorrem é facilmente confundida (GONÇALVES; MENDONÇA, 2007).

Para alguns autores como Lefebvre (2004), Collins e Shantz (2009) e Wang (2017), a crise ambiental gira em torno desses impulsos industriais, tendo uma constante atuação do homem sobre a **saúde** de Gaia, menção fundamentada na mitologia grega e que significa: Mãe Terra (BOFF, 2012). E essas agravantes ações, resultaram para a

cidade de Criciúma/SC tanto problemas ambientais como: a poluição hídrica, do solo, do ar, degradações da fauna e flora; quanto impactos sociais, como: as doenças trazidas pelas alterações ambientais, que afetam, sobretudo, os menos favorecidos por se encontrarem nas áreas mais vulneráveis da cidade (GONÇALVES; MENDONÇA, 2007). Confirmando a hipótese, sustentada pelos autores citados no início desse parágrafo, de que a problemática atual tem sua origem nesses processos desordenados de produções industriais, como a atividade carbonífera da cidade de Criciúma/SC.

A relação sociedade-natureza, nesse contexto, foi exonerada pela força econômica. E a cidade cresce a partir da atração imposta pela atividade de exploração do carvão. Resultando em uma ocupação acelerada e induzida, com conformações na estrutura urbana que permeiam a história e sustentam um tecido urbano permanente e irreduzível (BALTHAZAR, 2001).

Mais uma vez, Harvey (2014, p.30) contribui para o entendimento da conformação urbana da cidade de Criciúma/SC, dizendo que toda urbanização é fruto de um “fenômeno de classe”, isso quer dizer que através dos excedentes de produção, extraídos das terras de Criciúma/SC, que alimentava o capitalismo e que gerava a mais-valia (lucro), fez com que Criciúma/SC se tornasse foco para os grandes investidores, apoiados pelos subsídios do Governo Federal. O território de Criciúma/SC, então, era uma mercadoria, que movimentava o mercado carbonífero e que gerava crescimento na economia do país. Gonçalves e Mendonça (2007, p. 58) também retratam a configuração da cidade pela atuação econômica:

[...] A indústria do carvão, num processo abrupto, produziu um espaço urbano. Onde o carvão aflorava abria-se uma mina e ao redor dela as casinhas dos mineiros que vieram a se constituir nas vilas operárias. E os operários “mineiros” começaram a chegar. Os espaços das vilas de mineiros deixaram sua marca na área urbana de Criciúma e região [...].

Tinha-se então, a matéria (carvão distribuído no tecido urbano da cidade), os investidores (classes dominantes e representantes do governo federal), e os colonos pobres, que iriam se tornar os trabalhadores do carvão (mineiros). A cidade, nesse momento, tornava-se sinônimo de trabalho. Muitos imigrantes se deslocavam para Criciúma/SC em busca de melhores condições de vida. “*O importante é ter emprego*” era o slogan dos trabalhadores que seguiam para a cidade, com a esperança da

realização de seus sonhos, maravilhados com o progresso que o carvão simbolizava e que ainda simboliza (GONÇALVES; FOLLMANN; PHILOMENA, 2012).

Por estar relacionada sempre a interesses externos, a atividade de extração de carvão sofreu inúmeras oscilações. Desde a suspensão dos incentivos do Governo Federal, até evolução nas técnicas e utilização de materiais que substituíram o mineiro, o que afetou diretamente a produção. Mas a negligência para com o meio ambiente, social e urbano, é a perda maior desse processo (GONÇALVES; MENDONÇA, 2007).

Hoje, Criciúma/SC sobrevive sobre um solo oco das minas de carvão, contaminado e insalubre, devido ao alto teor de rejeitos. Sua comunidade é condenada a uma saúde debilitada, seja pelo trabalho ofertado no passado ou pelo contato direto com os resquícios do progresso carvoeiro.

Simbolicamente, o carvão compõe a memória de sua gente e está enraizada na cultura e na tradição. Apesar das contradições ambientais, ele significava bons salários, espírito comunitário, pelo sentimento de coleguismo e proximidade entre os mineiros embaixo da mina, e também, a esperança. Onde o mineiro virava herói, onde o carvão virava sonho, onde a cidade de Criciúma/SC virava pátria. Nenhuma atividade econômica, por mais crescente que seja, atingiu o potencial da mineração. Nenhuma atividade econômica atingiu o imaginário dos cricumenses que possa ser recordada, como o período carvoeiro. São símbolos guardados e lembranças pertencentes à identidade da cidade.

As “amarras” (GONÇALVES; MENDONÇA, 2007, p. 57) do carvão são usadas como justificativa da estagnação da região. Isso se deve, ao fato de não ter um desenvolvimento econômico contínuo. Fazendo com o que a cidade de Criciúma/SC seja a menos desenvolvida do estado de Santa Catarina.

Apesar da impossibilidade de desenvolvimento, a cidade não interrompeu o seu crescimento, tanto populacional quanto espacial. E o maior incentivo para que isso ocorresse foi, novamente, a força econômica. De forma sintetizada tem-se: na década de 1940, como apresentado, os estímulos partiram da extração do minério de carvão. Já na década de 1970, as atividades econômicas estavam voltadas à produção cerâmica e na década de 1980, ao êxodo rural dos municípios vizinhos. Esses acontecimentos

contribuíram para a saturação do tecido urbano e a busca de alternativas para acomodar a demanda incessante. Uma dessas alternativas foi a gradativa verticalização (PREIS, 2012):

[...] que vem evoluindo e concentrando cada vez mais moradores na região central, conseqüentemente trazendo os problemas decorrentes deste processo como as inundações devido à impermeabilização e problemas de mobilidade [...] Apesar de ainda existirem vazios urbanos na área central, estes são na maioria áreas privadas destinadas a estacionamento ou mera reserva imobiliária, restando poucas áreas públicas utilizadas como praças [...] (PREIS, 2012, p. 66).

É importante perceber que a cidade de Criciúma/SC age como um atrator urbano, ela intervém no processo de conurbação⁴, por ter uma expansão de dentro para fora, e também, assegura a esfera das relações sociais e econômicas. A cidade comporta-se como influenciador no cenário urbano das municipalidades vizinhas. Essa influência atribui à cidade de Criciúma/SC uma considerável responsabilidade urbana, cabendo de exemplo e de incentivador de novas práticas, deixando impressões também na construção do seu entorno imediato.

1.3 | PERGUNTAS DE PESQUISA

Algumas inquietações urbanas são levantadas:

- Como são utilizados os espaços das ruas na cidade de Criciúma/SC?
- Quem é a sua gente? Quem anda pela rua? E por quê?
- Como agir nesses espaços a fim de potencializar a rua para uso público, levando em consideração seu papel na formação do imaginário coletivo e da identidade social?
- Como esses estudos podem colaborar para uma nova concepção do conceito de rua, se observados a partir de uma análise comportamental de seus sujeitos?

1.4 | JUSTIFICATIVA

A essência das ruas não é para os automóveis, mas mediante o crescimento das cidades, esse foi o “fim” em que a rua denotou. O pedestre teve seu espaço minimizado

⁴ Trata-se de um fenômeno urbano que ocorre com cidades próximas, em distâncias, e à medida que seu território avança, expandindo essas cidades, há a compatibilização dos territórios, tornando-se apenas uma cidade. Essa combinação resulta em um grande aglomerado urbano, uma espécie de fusão de cidades.

ou até mesmo desconsiderado. Parte disso, vindo sendo discutido a fim de se chegar a uma nova concepção do espaço público da rua, ou até mesmo, **re-viver** a sua essência como componente social:

[...] we contend that urban streets should be reconceptualised and planned as places for both mobility and public space, enabling movement by different transport modes as well as interaction, lingering, demonstrating, picnicking, and more – in short, urban streets should “balanc[e] mobilities and immobilities [...]” (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017, p. 50).

O estudo procura trabalhar com o objeto de pesquisa: a rua, por ser o elemento público mais próximo do sujeito e pelo qual conseguirá atribuir às mudanças de pensamentos, refletindo em espaços públicos transformados e enriquecidos socialmente. Um diálogo espaço-pessoa de mão dupla, constante e evolutiva.

Nós, seres humanos, sentimos satisfação e prazer ao nos relacionarmos com outros seres humanos. As interações sociais são parte importante e significativa da experiência de viver. Por isso, facilitar os encontros sociais é papel central das cidades (MEHTA, 2013).

As ruas são para Mehta (2013) aquelas que propiciam a vida social. As pessoas dependem da rua para satisfazerem suas necessidades diárias funcionais, sociais e de lazer. É pelas ruas que as pessoas interagem e são elas que permitem a **sociabilidade** de uma cidade.

A rua é a forma mais pura do espaço público. Elas formam: “[...] a basic unit of space in our experience of the city” (MEHTA, 2013, p. 22). Se analisarmos o elemento de rua ao longo da história, será (e ainda é) o elemento mais onipresente na percepção de cidade (MEHTA, 2013).

A princípio, de estrutura simples, a rua pode acomodar inúmeras funções, proporcionar acesso e conectividade, luz e ar, utilidades ou serviços, um espaço público imediato e íntimo para as habitações. Quando pensada em uma rede, aberta e pública, pode ser potencializada para solucionar os grandes problemas das cidades, de ordem política, social, econômica ou ambiental. Por exemplo: muitas cidades são sustentadas por suas artérias principais, as ruas estruturantes do “organismo cidade”. Tanto que quando se pensa em restaurar a imagem e a identidade dessas cidades, se pensa em

transformar esses eixos principais. Como foi o caso da cidade de Paris através do plano Haussmann, que reformou o tecido da cidade em função de interesses militares, obtendo ruas mais largas, um acesso mais rápido e uma melhor circulação. Se analisadas como uma rede, as ruas dos bairros, por exemplo, poderão ser tratadas também como eixos estruturadores. Ou ainda, como veias que levarão os serviços presentes no centro para os bairros mais periféricos, funcionando como centros urbanos móveis. Por isso ela deve ser pensada como elemento fundamental de transformações. É a peça-chave para o alcance das soluções para as problemáticas de cada cidade (MEHTA, 2013).

O espaço aberto, em que estamos nos referindo, pode tornar-se: “[...] a step toward creating an equitable and healthy city by providing physical amenities for people of all economic classes” (MEHTA, 2013, p. 24). Sendo, portanto, uma estratégia econômica e realista para ganhos sociais, ambientais e econômicos, por já estarem presentes na maior parte do tecido urbano, alcançando todo o perímetro das cidades pela sua ramificação (MEHTA, 2013).

Ainda sobre a importância das ruas, os autores Purwanto e Darmawan (2014, p. 33) defendem a ideia de utilização das ruas como espaços públicos, assentando-se como soluções para extinção dos espaços públicos:

[...] This encourages some street spaces to have the transformation as a response to the needs of the people [...] Then, street space does not only serve as a lane of traffic, but also has the essence as open public space for its people.

As ruas incorporam tanto os espaços públicos como as questões sobre mobilidade, representando, boa parte, dos problemas das cidades. Os autores von Schönfeld e Bertolini (2016) concordam com a abordagem de Mehta (2013) em relação à importância da rua como espaços **quintessenciais** das cidades.

Nossa missão é entendermos que nosso destino é comum, somos uma única entidade. E temos a situação atual social e ecológica tão degradada que não nos oferece condições de salvar a nossa civilização. Por isso deve-se urgentemente buscar um “novo começo, com novos conceitos, novas visões e novos sonhos” (BOFF, 2012).

Para essa momentosa tarefa se faz urgente uma transformação da mente [...] para mudar temos que pensar diferente; fundamental também é a mudança de coração; não bastam a ciência e a técnica [...] precisamos igualmente da

inteligência emocional e, com mais intensidade, da inteligência cordial, pois é ela que nos faz sentir parte de um todo maior, que nos dá a percepção da nossa conexão com os demais seres, nos impulsiona com coragem para as mudanças necessárias e suscita em nós a imaginação para visões e sonhos carregados de promessas (BOFF, 2012, p.15).

A reflexão de Boff (2012) está para a interdependência global e para responsabilidade universal, alertando-nos sobre interligação e conectividade que temos. Não somos seres isolados, somos pertencentes a uma cadeia de relações, homem-natureza, natureza-homem, natureza-natureza, homem-homem. Além de que, admitimos uma responsabilidade perante o mundo e suas relações através de nossos atos.

Outro fator que o autor aborda é sobre a valorização da nossa imaginação. Muitas vezes, quando o racional não consegue atingir a solução desejada, é chegada a hora de usarmos da imaginação, ferramenta que nos permite alcançar sonhos (BOFF, 2012, p.16).

Sendo assim: “[...] The solution is not to recreate pre-modern cities, but to develop contemporary tools that can be applied analytically to once again forge an alliance between life and space in cities” (GEHL; SVARRE, 2013, p.12).

1.5 | OBJETO DA PESQUISA

A rua como espaço público formador do imaginário coletivo.

1.6 | OBJETIVOS

1.6.1 | Objetivo Geral

Investigar a rua como espaço público formador do imaginário coletivo da cidade de Criciúma/SC.

1.6.2 | Objetivos Específicos

1. Compreender o conceito de imaginário coletivo no conjunto de abordagens teóricas que fundamentam esse trabalho;
2. Estudar as ruas na perspectiva pessoa-ambiente, incluindo dinâmica da rua e processos relacionados à subjetividade;
3. Sugerir uma ressignificação do conceito de rua como espaço público;

4. Socializar os conhecimentos gerados para uso das administrações públicas, como contribuição individual para com o coletivo.

1.7 | METODOLOGIA

Direciona-se o estudo para a cidade de Criciúma/SC, localizada a aproximadamente 200 km da capital de Santa Catarina, Florianópolis, compõe a mesorregião do Sul Catarinense e é a principal cidade da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), conforme Figura 2. Configurada como polo regional de atração, composta por dez municípios, a cidade possui proximidades com a BR 101 e tem como municípios limítrofes: Siderópolis, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Maracajá, Araranguá, Nova Veneza, Forquilha e Içara (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 1999).

Criciúma/SC, que também já se apresentou como “Capital Brasileira do Carvão”, encontra-se entre os dez maiores municípios populacionais do estado de Santa Catarina com uma estimativa de 211,369 hab. (IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2017). Na Figura 3, Criciúma/SC está relacionada a uma “elite comercial e industrial e uma ampla oferta de bens e serviços” (SILVA, 2012, p. 13) que atraem diariamente moradores dos municípios vizinhos em um raio de aproximadamente 80 km (PREIS, 2012).

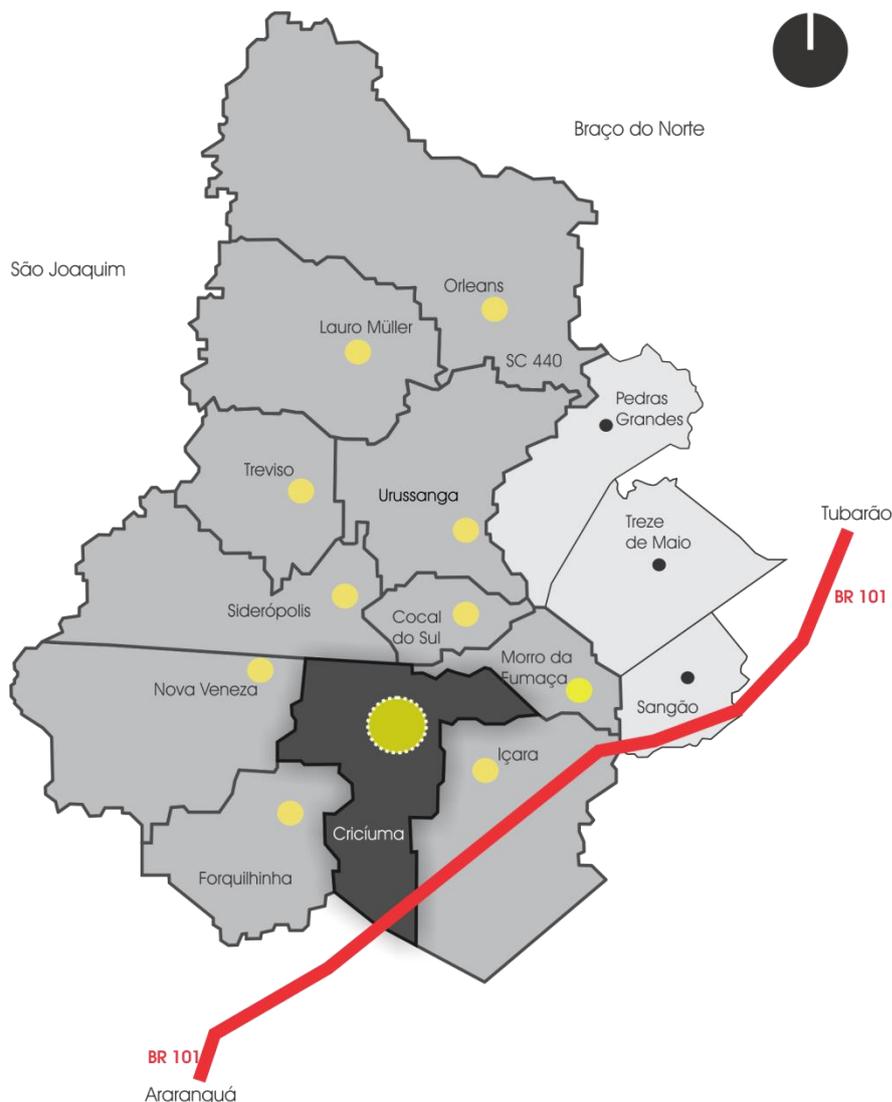
Assim sendo, a cidade com sua dinâmica de atração possibilita a dissipação dos conhecimentos advindos da pesquisa para incentivar as regiões próximas às práticas dessa investigação. Compartilhando as experiências e apreendendo compreensões para que sejam configuradas em transformações.

Figura 2- Mapa ilustrativo do Brasil e de Santa Catarina: com destaque ao grupo AMREC e para a cidade de Criciúma/SC.



Fonte: IPAT, modificado pela autora, 2017.

Figura 3- Mapa ilustrativo de localização dos municípios limítrofes à Criciúma/SC: com destaque para Criciúma/SC.



Fonte: IPAT, modificado pela autora, 2017.

1.7.1 | Modalidade da Pesquisa

A modalidade da pesquisa é qualitativa, trabalhada a partir de uma abordagem de campo com coleta de dados primários. Alguns autores como Rheingantz et al. (2009) denominam esse tipo de abordagem como “experimental” no sentido de estar vivendo determinado contexto, uma experiência a ser sentida. A abordagem experimental está relacionada à interação pessoa-ambiente, compreendendo a influência do lugar na ação humana e a atribuição de sentidos e significados provindos do homem para com o lugar de relacionamento, possibilitando o alcance de descobertas dialéticas que contribuirão

para os resultados da pesquisa (RHEINGANTZ et al., 2009). Uma vez que os lugares, como qualquer fenômeno real, possuem:

[...] a capacidade de transmitir mensagens que serão interpretadas como revelação de certos sinais codificados. A arquitetura urbana comunica-nos informações de várias naturezas, expressando suas diversas características por meio de signos captáveis pelo nosso sistema dos sentidos (KOHLSDORF, 1996, p.26).

O método principal empregado é o estudo de caso, que assim como a abordagem experimental, corresponde à natureza vivida, direcionado a compreensão do fenômeno a ser tratado e, também, por fornecer subsídios para a aplicação em outros contextos, como um instrumento generalizado (CESAR, 2006).

Já sobre as estratégias da pesquisa, a investigação é desenvolvida através de múltiplos instrumentos, sabendo que a interação pessoa-ambiente só poderá ser precisa, se atribuída a multimétodos, fazendo com que, os diversos meios para a coleta de dados, atinjam uma concepção ampla e abrangente do objeto da pesquisa (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008).

A técnica de observação prevalece sobre as estratégias da pesquisa, permitindo identificar aspectos do comportamento humano que são invisíveis ao olhar comum. Tratando a cidade como lugar de sintomas de Pais (2010), onde é possível interpretar os sinais da vida do cotidiano, extraíndo dali a matéria prima para o planejamento das cidades. A observação é praticada por momentos de pausas e circulações pelos trajetos das ruas da pesquisa. Essa técnica investiga o imaginário coletivo através da subjetividade dos sujeitos, permitindo que sejam decifrados os anonimatos da relação pessoa-ambiente, abrangendo os dados verbais, uma espécie de “escuta” da vida social (PAIS, 2010; PINHEIRO; GÜNTHER, 2008).

Como destaque dessa dissertação, a autora se manifesta através do diário pessoal, ou também chamada de observação incorporada (RHEINGANTZ et al., 2009). Essa ferramenta possibilita a interiorização da experiência, revelando o ponto de vista e sua percepção perante a vivência participada. Esse exercício se desprende de qualquer análise, e estará para o fim de contribuir para o engrandecimento da pesquisa, auxiliando nos *insights* do conhecimento adquirido. Afinal os pesquisadores são os próprios instrumentos de pesquisa (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008).

1.7.2 | Unidade da Pesquisa

A unidade de pesquisa se concentra em três ruas da cidade de Criciúma/SC e, obedecem a trechos determinados a partir da concentração de pessoas e atividades, assegurando um maior número de dados levantados.

Jung et al. (2017) também orientam para que se trabalhe com uma escala micro, no caso das ruas, para que a eficiência seja melhor alcançada, além do que está mais próxima ao objeto de estudo: o ser humano.

A escolha das ruas seguem os seguintes critérios, discutidos posteriormente:

- História;
- Centralidade;
- Densidade de uso;

Durante a formação em nível superior da pesquisadora dessa dissertação, muitos questionamentos e estudos foram desenvolvidos perante o tecido urbano da cidade de Criciúma/SC, sendo que a cidade também compõe a essência de origem da autora. Esses fatores empíricos em combinação com os fatores históricos da cidade, tornaram-se o impulso de pesquisa.

Porém, faz-se necessário ainda discorrer sobre história da cidade, em uma breve introdução da, inicialmente chamada: Vila São José de Cresciúma, nascida em 6 de janeiro de 1880. Em sua primeira conformação tem-se o coração da cidade, conhecida por Praça Nereu Ramos e a partir dela, uma ramificação de ruas, que foram, pouco a pouco, recebendo os nomes das figuras mais marcantes da história. Algumas ruas são chamadas por nomes de imigrantes italianos, vindos das regiões de Belluno, Veneza e Treviso, outras são lembradas pelos personagens da “Era Carbonífera” (BALTHAZAR, 2001).

A configuração espacial se implantou conforme alguns condicionantes naturais existentes no sítio, como os morros circundantes e o rio, antigamente denominado de córrego. Era importante para as famílias italianas a permanência de alguns costumes, como os cultos religiosos, para isso, fazia-se necessário a construção das primeiras

igrejas, hoje conhecidas por Santo Antônio, no bairro Santo Antônio e a igreja Matriz São José, situada no entorno do coração da cidade (BALTHAZAR, 2001).

Logo, o descobrimento dessas novas terras atraíram novos imigrantes, se instalam no entorno afastado do núcleo central. Essas novas vilas tiveram crescimento considerado e mais tarde iriam se tornar os municípios de Nova Veneza, Forquilha e Içara (BALTHAZAR, 2001).

A continuidade da formação do território da cidade se dará mediante o degradante processo de exploração do carvão, sinalizado como problemática da cidade e a herança dessa conformação, que persiste e reproduz o espaço urbano, empregados sem planejamento, mas um demasiado valor econômico.

Para que fiquem claros os critérios de escolhas das ruas, optou-se por separá-las e apresentá-las de maneira individual. Sendo assim, aponta-se a Rua Coronel Pedro Benedet, a Rua Henrique Lage e a Avenida dos Imigrantes, respectivamente nos contextos a seguir:

- Rua Coronel Pedro Benedet:

Um campo aberto, em que se cruzavam os caminhos (atual Praça Nereu Ramos) e uma igreja (atual Matriz São José), essa era a concepção do coração da cidade. Dessa maneira, as primeiras ruas partiriam desse ponto para permear o solo urbano da cidade e conquistar novos territórios. Logo, uma dessas ruas que se originou no fulcro da cidade, foi a então chamada Rua Coronel Pedro Benedet. Sua interação com o centro seguia no sentido norte/sul, e sua configuração apresentava-se conforme a Figura 4. O percurso assim se dava: vinha de Urussanga, descia as atuais ruas Vereador Julio Gaidzinski e **Coronel Pedro Benedet**, passava pela Praça Nereu Ramos (coração da cidade) e seguia em direção à cidade de Araranguá pelas ruas: Conselheiro João Zanette, Desembargador Pedro Silva e Raymundo Pucher (BALTHAZAR, 2001).

Posteriormente, a rua foi batizada como Coronel Pedro Benedet, por ser um dos responsáveis por fundar a cidade em 1880. O coronel era imigrante, vindo de Treviso, na Itália, aos 15 anos de idade, e trabalhado pela cidade como agente postal, fundando o jornal “O Mineiro”, como sócio cotista na exploração do carvão e, também,

por ter instalado o sino da Matriz São José, presente de uma de suas viagens à Itália (NETTO, 2017).

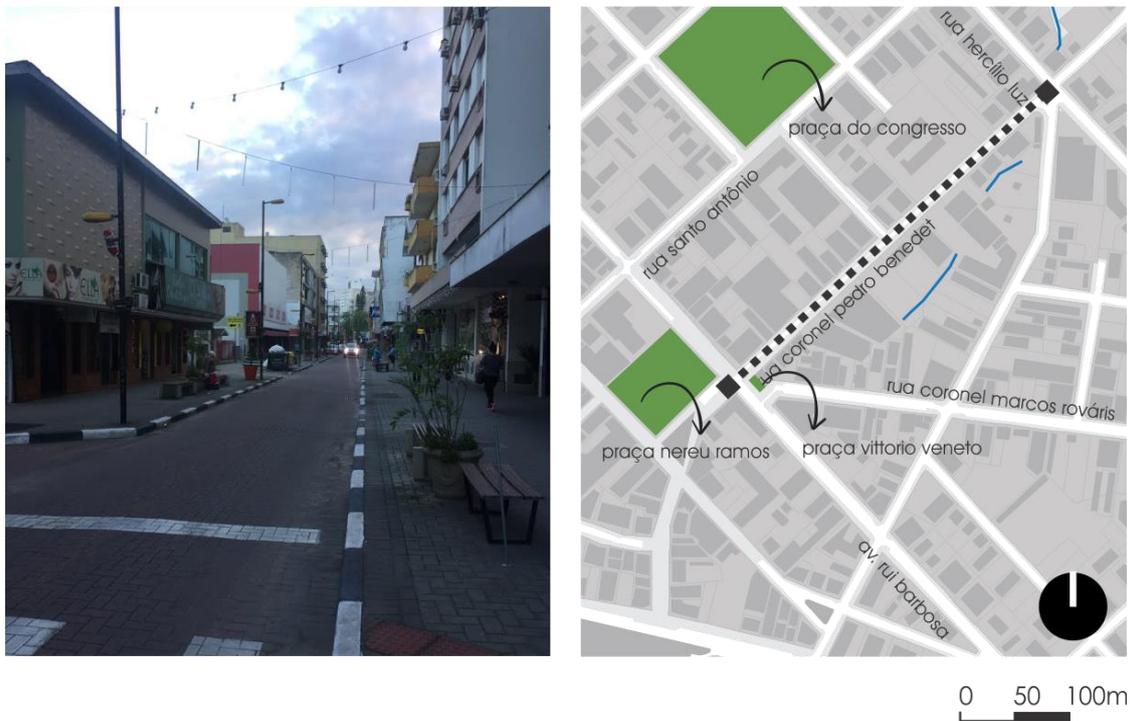
Hoje, conforme Figura 5, a rua é também chamada de *shopping* ao ar livre, com um comércio um pouco mais elitizado e um domínio público generalizado. A rua faz parte da dinâmica do centro, sustenta raízes históricas e culturais. Sua incessante densidade de usos permite o entendimento das relações entre pessoa-ambiente, entre a rua e sua gente, oferecendo o suficiente para a percepção proposta.

Figura 4- Fotografia da Rua Coronel Pedro Benedit registrada na década de 1940, à esquerda está a Praça Nereu Ramos e aos fundos da imagem, o Hospital São José.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal, 2018.

Figura 5- Fotografia e Mapa ilustrativo da Rua Coronel Pedro Benedet: A fotografia da Rua Coronel Pedro Benedet foi registrada às 19h48 min p.m. no Verão e o mapa ilustrativo destaca o trecho a ser trabalhado. O trecho tem proximidade com o núcleo de conformação da cidade, a Praça Nereu Ramos.



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2017.

- Rua Henrique Lage:

Outra rua que possui suas raízes no núcleo central é a Rua Henrique Lage, observado na Figura 6, rua esta, essencial na formulação do primeiro traçado da cidade. Desta vez, seu sentido é leste-oeste, perpendicular a rua citada à cima, e obedecia ao seguinte percurso: vinha de Tubarão e do atual município de Sangão, Morro da Fumaça e também das regiões das Linhas Cabral, Anta e Batista, descia pelas ruas General Osvaldo Pinto da Veiga e Coronel Marcos Rovaris, nesse momento, a rua cruza o ponto central da cidade (Praça Nereu Ramos) e segue as margens do Rio Criciúma (elemento natural que impulsionou a ocupação da cidade e que hoje é coberto e escondido na paisagem urbana), recebendo a conhecida Rua Henrique Lage, antiga Linha Anta. O traçado ainda continuava com destino ao Santo Antônio, Santa Augusta e por fim a colônia de Nova Veneza (BALTHAZAR, 2001).

Pelo seguimento da rua atingir muitas regiões territoriais, a estância das pessoas que percorriam o trajeto, começou a ser a Praça Nereu Ramos, fazendo do

coração de Criciúma/SC um local para câmbio, não muito diferente do que se tem hoje. A circulação mais significativa na cidade, portanto, era o caminhar pela Rua Henrique Lage (PORTAL CLICATTRIBUNA, 2014).

Enquanto a cidade era essencialmente italiana na origem, foi a Rua Henrique Lage que acolheu os primeiros imigrantes afro-brasileiros e os portugueses que vieram juntamente com a mineração. Foi assim, implantada na rua, a primeira indústria carbonífera do estado de Santa Catarina, a companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA), que em 1920, teve suas ações compradas pelo primeiro gestor industrial da companhia, cujo nome era Henrique Lage (PORTAL CLICATTRIBUNA, 2014).

A expansão do carvão e a implantação de outras empresas carboníferas, fez com que a Rua Henrique Lage também fosse direcionada para o desenvolvimento de outras atividades, como exemplo, o comércio. Iniciado e cada vez mais fortificado na rua. A Rua Henrique Lage é familiarmente conhecida como 25 de março dos criciumenses, fazendo referência à tradicional rua do estado de São Paulo (PORTAL CLICATTRIBUNA, 2014).

A Rua Henrique Lage é separada da Rua Coronel Pedro Benedit apenas pelo espaço público central da cidade, a Praça Nereu Ramos, mas ambas possuem ligações intensas e diretas com o calçadão da praça, o que reforça a intensidade de atividades que as duas recebem e fortalecem o vínculo com a origem.

Hoje, Figura 7, a Rua Henrique Lage admite, além da variedade de produtos, preços diferenciados, público alvo diversificado e uma gama de possíveis interações, entre as pessoas e a rua. Além de ser uma rua extensa em território, é possível encontrar qualquer tipo de comércio e serviço, alimentando o convite para sua visitação.

A rua, ainda, concentra um número considerado de patrimônios, que faz parte de um inventário, disponibilizado pela Casa da Cultura de Criciúma/SC. Isso permite que a rua mantenha a sua tradição, tanto na forma física, quanto pelas atividades que a rua oferece. É o que acontece com algumas famílias que permanecem com o exercício comercial até hoje. Pode-se citar, como um exemplo, a Vidraçaria Prata, um comércio iniciado há 40 anos e ainda em funcionamento, instalada no mesmo prédio de 70 anos (PORTAL CLICATTRIBUNA, 2014). A presença do patrimônio faz da Rua Henrique

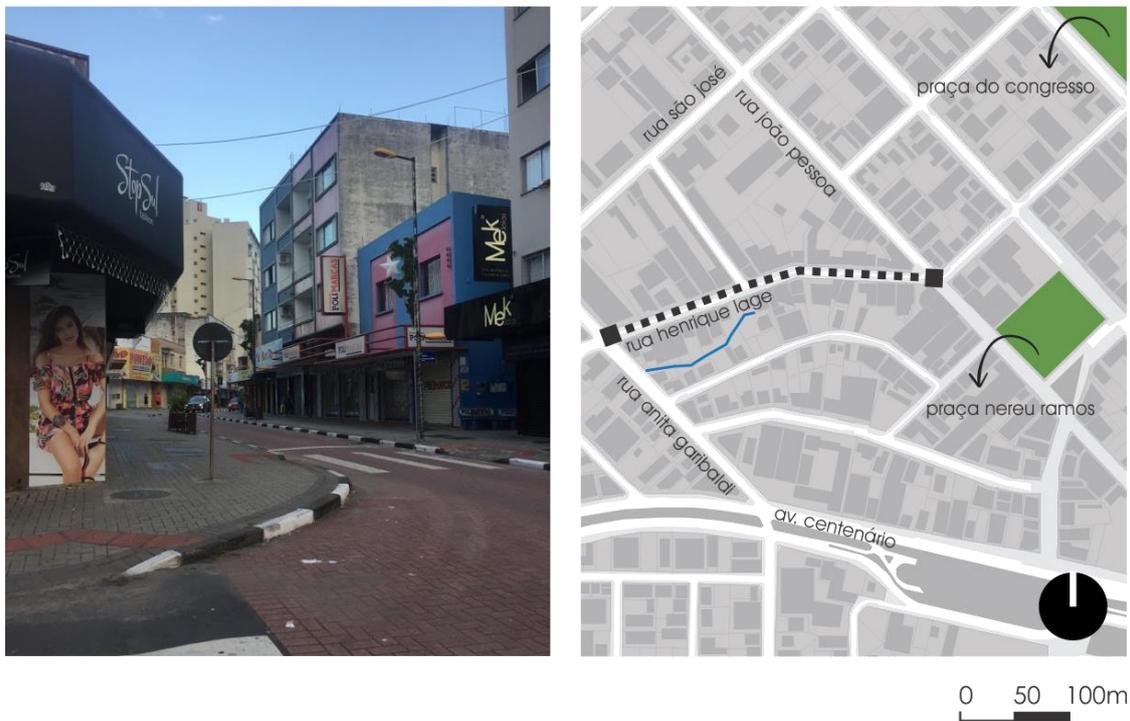
Lage um abrigo de preservação, elevando a pesquisa em um caráter de responsabilidade social, ambiental e cultural.

Figura 6- Fotografia da Rua Henrique Lage, com visão para a torre da Igreja Matriz São José, registrada na década de 1940.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal, 2018.

Figura 7- Fotografia e Mapa ilustrativo da Rua Henrique Lage: A fotografia foi registrada às 19h44 min p.m. no Verão e o mapa ilustrativo destaca o trecho a ser trabalhado. Também com proximidade ao núcleo de formação da cidade, a Praça Nereu Ramos.



Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2017.

- Avenida dos Imigrantes:

Até então, sabemos que a atividade do carvão revolucionou o tecido urbano. A paisagem em um dado momento recebia uma estação ferroviária e uma ferrovia, como parte do desenho urbano, símbolos que representavam progresso e inovação para a época:

Com a produção da indústria carbonífera exigindo, dia após dia, um volume maior de mão-de-obra, as próprias companhias mineradoras investiam no setor habitacional, pois precisam atender e dar condições mínimas de habitação a esta mão-de-obra que estava chegando [...] (BALTHAZAR, 2001, P. 42).

O resultado disso é a aparição das primeiras vilas operárias, hoje constituídas como os bairros da cidade. E a localidade de Rio Maina é uma dessas primeiras vilas operárias da cidade, conforme Figura 8, recebendo a Companhia Carbonífera Catarinense como parte do incentivo a ocupação de sua região (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 1999).

O distrito de Rio Maina, único distrito da cidade de Criciúma/SC, foi ocupado a partir dos imigrantes vindos da expansão central da cidade e da região do atual município de Nova Veneza, caracterizando assim, os primeiros habitantes dessa vila operária. Essa vinda para a região foi impulsionada pelas ofertas que a mineradora propunha: a moradia e o trabalho. A moradia significava pequenas casas de madeira cedidas ou alugadas aos operários da mina, e o trabalho se dispunha na proximidade, o que facilitava a aceitação da proposta (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 1999).

Quando já mais consolidadas, as vilas operárias possuíam armazéns, açougues, escolas, clubes e igrejas em seu entorno, funcionando como um núcleo independente de qualquer outra região, quase autossuficientes (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 1999). A Avenida dos Imigrantes corresponde justamente a esse núcleo destacado, sendo atribuída ao centro do bairro Rio Maina e a um subcentro da cidade de Criciúma/SC.

A Avenida dos Imigrantes foi, e ainda permanece, como eixo estruturador de articulação do bairro. Inicialmente, desempenhou o papel de criador da vila operária, e hoje funciona como o principal eixo de relacionamento interno e externo do bairro, produzindo o crescimento constante do distrito. O avanço urbano é bastante significativo e tem servido de estratégia para as administrações e para a população que anseia pela emancipação do distrito (PORTO, 2008, p. 118).

Diferentemente das outras duas ruas, localizadas no centro geográfico da cidade de Criciúma/SC, a Avenida dos Imigrantes vem representar a área periférica, visto que, na visão territorial, encontra-se no entorno do espaço urbano, mas que possui uma intensa urbanização, ficando mais próxima do perímetro da cidade do que de seu centro. Isso elimina qualquer possibilidade de interpretação ambígua, afastando-se do sentido sociológico de discriminação que a palavra “periferia” pode receber (CORRÊA, 1986).

A Avenida dos Imigrantes tem o domínio do comércio e do serviço proporcionado pelo bairro e, por consequência, a dinâmica social herdada. Confirmando uma escolha expressiva para a aplicação da pesquisa. O recorte escolhido, observado na

Figura 9, reflete a origem da vila operária, traduzida pelo amparo da Igreja Matriz de Santo Agostinho, arquitetura que testemunha a consolidação da vila e que comporta-se, no presente momento, como um potencial espaço público da localidade de Rio Maina.

Figura 8- Fotografia da Avenida dos Imigrantes, com visão para a torre da Igreja Matriz Santo Agostinho e destaque para a vila operária, registrada na década de 1930.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal, 2018.

Figura 9- Fotografia e Mapa ilustrativo da Avenida dos Imigrantes: A fotografia foi registrada às 19h28 min p.m. no Verão e o mapa ilustrativo destaca o trecho a ser trabalhado. O trecho comporta a região central do bairro, identificado pela igreja em destaque, e é também um dos principais trajetos estruturantes do bairro.



Fonte: Elaborado pela autora em base na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2017.

É importante evidenciar que a possibilitada de expansão físico-espacial em que a cidade de Criciúma/SC foi submetida, graças ao estímulo econômico oriundo da extração do carvão, vai além de fronteiras urbanas. Envolve incorporações de novos conceitos à vida urbana, e em especial, a conquista do significado de rua, capazes de dar sentidos substanciais, que não figuram apenas caminhos ou estradas de interligações (BALTHAZAR, 2001).

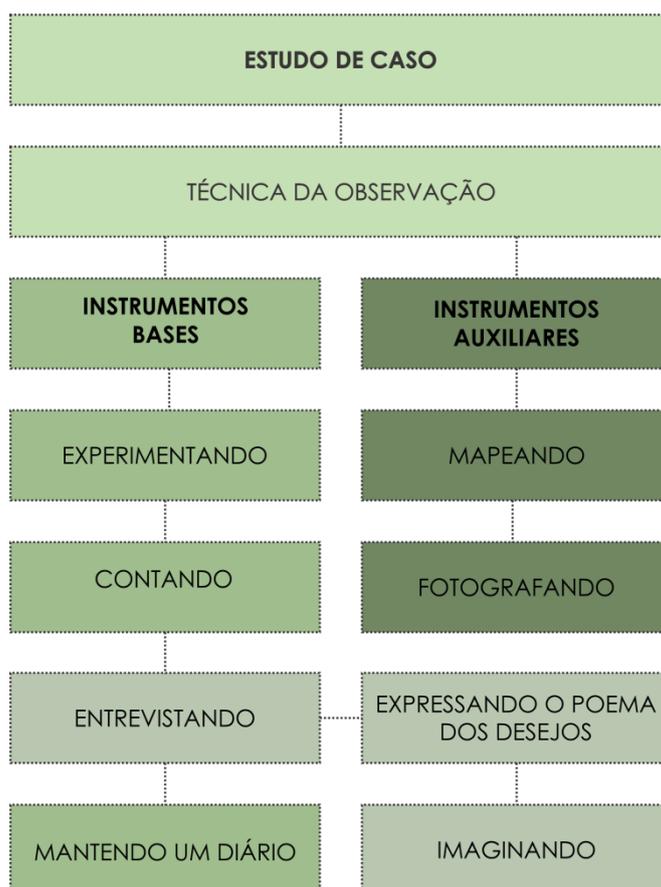
Todas as características descritas, atribuídas a essas ruas, transformam-se em competências para a divulgação da pesquisa e operam com o intuito de espraiar⁵, podendo gerar diversos pontos de acepção, apoiado pela perspectiva de acupuntura urbana de Jaime Lerner (2003).

⁵ O espraiamento ou *urban sprawl* é um termo usado para se referir à expansão horizontal de uma cidade. Geralmente a expressão está empregada de maneira negativa, como a característica de zonas periféricas que crescem afastadas do núcleo da cidade e não possuem oferta mínima de empregos e serviços, zonas ditas como “subúrbios”. Porém, nesse texto, ela está empregada segundo um ponto de vista mais positivo da palavra, relacionada ao fenômeno de espalhamento, permeando o tecido da cidade e levando a prática dos conhecimentos da pesquisa.

1.7.3 | Coleta e Análise de Dados e suas Estratégias

Os dados iniciais partem de uma coleta seguindo a metodologia de Gehl e Svarre (2013) e metodologias conjuntas, como as aplicadas por Rheingantz et al. (2009) e Pinheiro e Günther (2008), em uma mescla de instrumentos que auxiliam na observação do recorte e nas análises comportamentais entre sujeitos e espaços, visto que os autores trabalham tanto com a abordagem urbanística, quanto a da psicologia ambiental, união capaz de alcançar a percepção pretendida. A seguir, é apresentada uma coletânea de instrumentos assimilados dos autores. Os instrumentos são escritos no gerúndio por se tratarem de ações e, estão descritos de maneira a entendê-los como participantes da pesquisa.

Figura 10- Organograma dos Instrumentos de Pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento nos autores Gehl e Svarre (2013), Rheingantz et al. (2009) e Pinheiro e Günther (2008).

Na Figura 10, os instrumentos são distribuídos conforme a nomenclatura: bases e auxiliares. Os instrumentos bases são os principais instrumentos da pesquisa, podendo haver ramificações dessa base, como é o caso do instrumento Entrevistando, que envolve os instrumentos: Expressando o poema dos desejos e Imaginando como ferramentas subsequentes do instrumento base Entrevistando. Já os instrumentos auxiliares são entendidos pela pesquisa como aqueles instrumentos de apoio, participando no decorrer da pesquisa conforme houver necessidade de uma maior compreensão. No Apêndice A, os instrumentos estão dispostos conforme um planejamento de campo. Discorremos então, do que vem a ser cada instrumento, individualmente:

- 1- **Experimentando** (GEHL; SVARRE, 2013): Ou também chamado de walkthrough (RHEINGANTZ et al., 2009), significa ao observador participar do momento daquele espaço, caminhando e registrando suas impressões sobre a dinâmica do espaço observado (GEHL; SVARRE, 2013, p. 34). Para essa tarefa, a pesquisadora se faz presente nos três recortes selecionados no período de três semanas, guardando dois dias a cada semana e estando uma hora a cada dia, desprendida da definição do período do dia. Esse método faz da cidade um “laboratório” (JACOBS, 2011):

A core tenet of public life studies is to test the actual conditions in the city by observing and experiencing them firsthand and then considering which elements interact and which do not. What is relevant for testing differs from place to place (GEHL; SVARRE, 2013, p. 30).

É também o instrumento que possibilita identificar emoções, tanto da observadora, quanto de observados (pessoa-ambiente), através da caminhada pelos trechos (BOMFIM, 2008). Para melhor identificação das emoções, criou-se uma lista dos mais relevantes sentimentos que compõe a vida pública atual, considerados pertinentes na identificação da expressão facial, apresentados no Apêndice B e internalizados através dos autores trabalhados nessa pesquisa.

- 2- **Contando** (GEHL; SVARRE, 2013): Sendo o instrumento mais básico da vida pública a contagem se dá por duas formas. A primeira forma corresponde à relação pessoa-ambiente, mediante a anotação de quatro

transeuntes, identificados a partir do objeto de estudo: a rua. Contabilizando assim: os sujeitos que param para observar (vitrines e/ou monumentos); os sujeitos que param na rua para algum tipo de socialização, como conversar sentados em bancos ou não; os sujeitos que apenas passam e os sujeitos que caminham. O instrumento é levado a campo conforme o modelo do Apêndice C. A contagem dos transeuntes ocorre em intervalos intercalados entre os dias da semana, respondendo aos dias: quarta-feira, sexta-feira e domingo, tendo duração de quarenta minutos a cada dia, transcorridos, também, no prazo de três semanas. Para potencializar ainda mais a ferramenta de contagem, os trechos são observados também pelo fluxo geral, por meio de vídeos dos movimentos das ruas. Respeitando uma duração de cinco minutos para cada vídeo, e realizados em seguida das anotações dos transeuntes. Os vídeos são pontuados nos recortes a partir das áreas que apresentam maiores conflitos, para que haja o entendimento de contrastes de fluxo e fixos. Já a segunda forma, corresponde à relação ambiente-pessoa, quando: as fachadas ou espaços se abrem para acolher as pessoas, possibilitando a socialização, ou ainda, se há inexistência dessa relação, dentre outras ocorrências. O ambiente será então classificado segundo a metodologia desenvolvida pela Organização Project For Public Spaces (2009), que estabelece alguns níveis de influências para os espaços/fachadas das ruas. Sabendo que para que sejam espaços que contribuem para lugares vitais, devem comportar-se de forma a serem: sociáveis, acessíveis, confortáveis e convidativos e ativos e vivos (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009). Mais adiante, os níveis de influência dos espaços/fachadas estarão mais bem apresentados. Entender a imagem do ritmo diário é fundamental para saber que papel aquele recorte exerce na configuração da imagem mental dos sujeitos, visto que está se investigando o imaginário coletivo.

- 3- **Entrevistando** (RHEINGANTZ et al., 2009): Em se tratando da linha de pesquisa Sociedade, Ambiente e Desenvolvimento que se enquadra essa pesquisa, é primordial o contato verbal com os sujeitos envolvidos no ambiente, bem como o contato presencial, inibindo qualquer método mais

tecnológico, como o uso da correspondência eletrônica, sabendo que se necessita estar atento a toda a gama de expressões, gestos, entonações, sinais não-verbais e, entre outras manifestações. Para, então, realizar a interpretação com fim de conhecer o imaginário coletivo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Devolver a voz aos cidadãos é permitir, que seja reconstruído a ética dentro das cidades, esse é o caminho (BOMFIM, 2010). Ao investigar esses dados, estaremos diante de um conjunto de informações sobre o que aqueles sujeitos sentem, pensam, conhecem, acreditam e esperam do ambiente estudado, transmitindo o que aqueles ambientes necessitam para que sejam sustentados determinados tipos de comportamentos (ZEISEL, 1981):

A pesquisa psicossocial realiza, talvez, sua contribuição epistemológica, mais importante ao entender o espaço como meio ambiente psíquico é percebido, considerando a realidade a partir de sua decodificação pelos indivíduos (KOHLSORF, 1996, p.37).

Para isso, para cada rua trabalhada, reúnem-se o coletivo de pesquisa de cinco sujeitos, convidados mediante apresentação do pesquisador e do objetivo da pesquisa, e dispostos à aceitação da aplicação de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE D; APÊNDICE E) com gravação de áudio, podendo haver àqueles que rejeitem a participação ou rejeitem a gravação, sendo respeitados e, por sua vez, anotados. A entrevista discorre como forma de conversação, por ter maior liberdade de expressão, havendo um limite máximo de quarenta minutos para a conclusão, evitando a exaustão dos envolvidos. O processo é efetuado no decorrer de três dias, sendo um dia para cada rua, dispostos na última semana de coleta de dados, isso auxilia na absorção das informações e evita conflitos de pensamentos e dados cruzados. A aplicação da entrevista (APÊNDICE F) desenrola-se em um único dia, direcionado apenas para essa atividade, sem dispersões ou preocupações com outras tarefas.

- 4- **Expressando o poema dos desejos:** Uma das perguntas da entrevista semiestruturada tem um valor maior agregado, visto que se trata da concepção de um poema. Sabendo que “o desejo é expressão da subjetividade” (DAMERGIAN, 2001, p. 99) essa ferramenta compartilha da declaração dos sujeitos por suas necessidades, sentimentos e desejos, quando

associados ao espaço das ruas. Para isso, os entrevistados estão para completar a seguinte frase: “Eu gostaria que o ambiente dessa rua fosse...” (RHEINGANTZ et al., 2009). A construção do poema dos desejos possibilita, além da identificação do imaginário coletivo, a atuação em caráter participativo, visto que é apontada uma opinião social para com o espaço da cidade. Desta forma, o poema dos desejos:

[...] é considerado um instrumento de grande utilidade para aprofundar o conhecimento e a compreensão dos valores, emoções, afetos, simbolismos presentes nas interações pessoa-ambiente, além da importância e significado sócio-histórico-cultural para os diferentes grupos de usuários (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 49).

A aplicação do poema dos desejos acontece de forma contínua à entrevista semiestruturada, utilizando do mesmo coletivo de pesquisa.

- 5- **Imaginando:** Essa ferramenta é empregada para desvendar os mapas afetivos dos sujeitos no recorte determinado. É importante esclarecer o que se entende por mapa afetivo e como são absorvidos na pesquisa. Alguns autores trabalham com os mapas afetivos por meio de mapas mentais, como é o caso da pesquisadora Kohlsdorf (1996, p. 117) que apresenta que são nada menos que “cartas subjetivas”, e estão para trazer informações do lugar que é vivido, segundo a compreensão que o sujeito faz dele. Seria uma espécie de conjunto de memórias, que se manifestam por meio das percepções próprias, incluindo as visuais, olfativas, lembranças e coisas do consciente e do inconsciente (OLIVEIRA, 2007). Os mapas afetivos para Bomfim (2008) são ainda mais simbólicos, por se tratarem de sentimentos para com os lugares. Na pesquisa, o recurso do mapa afetivo possibilita o entendimento dos subtextos da linguagem do ambiente retratado, e incorpora os afetos por esses espaços. Sendo assim, eles funcionam como instrumentos que permitem demonstrar a afetividade, comportando-se como reais indicadores de estima da cidade. Os mapas afetivos apontam, também, para níveis de apropriação, de apego, de identidade social e urbana. Eles são recursos de acesso à dialética da subjetividade e da objetividade na cidade. Entende-se que o afeto é um “grande agregador da percepção e do conhecimento sobre a cidade” (BOMFIM, 2008, p. 253). Ele é considerado,

ainda, uma dimensão da identidade dos sujeitos e que estabelece relações com fatores psicossociais, sóciofísicos e histórico-culturais, uma associação de essências do que acontece no encontro constante, entre a cidade e seus sujeitos. Mas a afetividade vai ainda além, ela produz, em seus sujeitos, a possibilidade de fazer uma reflexão a respeito do espaço, induzindo ao desenvolvimento de uma racionalidade ético-cultural com ele. Atingir os sentimentos e emoções, advindos da afetividade, parece inacessível, e justamente por essa complexidade que não é tão fácil de diagnosticar, buscou-se uma metodologia mais simplificada, por meio de palavras, ditas como metáforas, sensíveis ao entendimento dos sentimentos e emoções e focadas em processos subjetivos, que inibem métodos racionais. As metáforas estão relacionadas a uma linguagem figurada e “desvelam o afeto pela imagem” (BOMFIM, 2008, p. 256), apreendendo a subjetividade. Ela se torna uma linguagem mais aproximada, que desenvolve a intimidade entre o entrevistado e o entrevistador, uma linguagem comum e de reconhecimento. As metáforas funcionam como expressões de reconhecimento da cidade e (re)produzem o objeto da pesquisa. A figura de linguagem é também indicada para intervenções psicossociais, por acessar os sentimentos na sua essência. E compreendem um entendimento de aproximação deles com as realidades discutidas. Desse modo, a ferramenta de mapas abstratos, descritos aqui, está vinculada a duas situações. A primeira corresponde aos sinais emotivos e expressivos do sujeito, interpretados pela observação da pesquisadora. Já a segunda tarefa está encadeada ao recurso da entrevista semiestruturada, partindo do devaneio da conversação e sendo estimulado por meio das perguntas. Como exemplo, a pergunta: “Se fosse para comparar essa rua com algo, o que você escolheria?”. Os elementos de comparação podem ser objetos, paisagens, cheiros, dentre outros. Ou ainda: “Diga alguns elementos que, para você, é a cidade Criciúma/SC”. E também: “Quando você passa nessa rua, o que sente?”. Estes exames fazem com que, o reconhecimento afetivo do sujeito para com o lugar fique acessível à pesquisa e tornam-se capazes de remediar grandes transformações para os ambientes estudados.

- 6- **Mapeando:** Nessa categoria o instrumento de mapeamento apresenta-se tanto na forma de expressão cognitiva, quanto na forma de entendimento simbólico, cumprindo com o seu papel de representantes do espaço (BOMFIM, 2008, p. 257). Sendo assim, podem-se apreender os dados concretos das ruas, pela construção de mapas esquemáticos, dando suporte às informações levantadas. Como exemplo: de acordo com a pergunta do instrumento de entrevista: “Quais os pontos importantes que marcam essa rua?”, busca-se, então, a elaboração de um mapa que discorra, de maneira visual, as respostas apresentadas, os dados mais relevantes (GEHL; SVARRE, 2013). Isso demonstra informações mais objetivas, que já fazem parte da configuração das ruas, indicando apenas a expressão daquilo que a rua já envolve. Ou ainda, é possível visualizar as tipologias das fachadas e espaços, avaliados segundo o nível de influência que podem possibilitar a apropriação dos mesmos, anunciando por meio de mapas. Uma interpretação mais profunda e simbólica, dos lugares que mais interagem com os sujeitos. Os aspectos analisados, tanto objetivos quanto subjetivos, ocorrem mediante a representação gráfica e esquemática, por linhas e simbologias. O instrumento auxiliar funciona como amparo para entender os dados reunidos e, fazer com que, a informação seja mais bem assimilada. Esse processo se dá de forma espontânea, na medida em que se necessita visualizar.
- 7- **Fotografando:** O registro, também chamado por “impulsos de fotos”, é necessário para entender a dinâmica do espaço (GEHL; SVARRE, 2013, p. 26). Eles servem como instrumentos de memória, e podem ser consultados à medida que se deseja recordar uma determinada situação mais uma vez. Além disso, as fotografias guardam elementos que, muitas vezes, não foram percebidos de imediato na visita a campo. Na pesquisa o instrumento fotográfico é auxiliar e acontece mediante as percepções, formadas a partir da caminhada pelas ruas, onde as impressões da pesquisadora são registradas. O objetivo é utilizar a fotografia com o intuito de consulta, afirmando dados e recordando fatos. O instrumento está presente na pesquisa de campo e é consultado na elaboração da análise.

- 8- **Mantendo um diário:** A observação incorporada (RHEINGANTZ et al., 2009) apresenta o ponto de vista da autora dessa dissertação, sem o intuito de um instrumento para ser analisado. É a aplicação do diário pessoal de Pinheiro e Günther (2008), porém, a diferença entre os diários é que, ele é traçado pela pesquisadora, ao invés de ser uma ferramenta autoaplicada pelo sujeito participante da pesquisa, como sugestivo pelos autores. Dessa forma, a experiência vivida pela autora é contada por registros de sentimentos, de forma poética em citação de destaque, disposto em nuances no texto. Sendo percebidos enquanto transcorre a pesquisa e sem um momento predefinido para que seja feito, manifestado ao acaso. Isso permite sua legítima inserção no método trabalhado e possibilita, a pesquisadora, o redirecionamento suas capacidades, tanto perceptivas, como também de sentimentos, pensamentos e, ainda, de sensações expressadas no meio estudado. Em paralelo a essas descobertas, o diário ainda manifesta a “espontaneidade, a clareza e a atenção” (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 105) da autora durante a concepção em campo. O diário é uma importante ferramenta subjetiva (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008, p. 308), que está para desvendar as características simbólicas também dos pesquisadores.

Keeping a diary is a method of noting observations in real time and systematically, with more detail than in quantitative ‘sample’ studies. The observer can note everything of relevance. Explanations can be added to general categories such as standing or sitting, or brief narratives can aid our understanding of where, why and how life plays out in an event that is not exclusively purpose-driven [...] Keeping a diary can also be used as a supplementary activity, with the observer adding explanations and descriptions to facts and figures [...] (GEHL; SVARRE, 2013, p. 32).

Sendo assim, o diário atribui detalhes a pesquisa e pode “[...] amplificar o significado e a compreensão do sentido e da qualidade do lugar” (RHEINGANTZ et al., 2009, p. 107).

Os autores, em discussão, incentivam o aprimoramento do olhar para a captura de nuances que constituem a essência da vida nas cidades. O processo de observação permite entender “o ritmo” (BALSAS, 2017) de quem frequenta a rua, compreender a lógica entre a relação do espaço da rua e dos comportamentos dos sujeitos, mutualmente (GEHL; SVARRE, 2013). De certo modo, o observador, permanece o mais neutro

possível, um “ente invisível que deve manter a perspectiva global” (GEHL; SVARRE, 2013) e utilizar do diário como forma de expressão pessoal.

Para Gehl e Svarre (2013) a observação é uma das principais ferramentas para os estudos de vida pública. Além de serem levantados questionamentos para que os usuários respondam, eles, também, podem ser observados, para um melhor entendimento de suas necessidades e de como utilizam dos espaços das cidades. [...] Every city is unique, and observers must use their eyes, other senses and good common sense [...] (GEHL; SVARRE, 2013, p. 18).

Uma vez que a atenção é voltada para a observação da vida nas cidades e sua interação com os ambientes físicos, qualquer situação, por mais simples que parece ser, pode fornecer conhecimentos enriquecedores (GEHL; SVARRE, 2013).

O comportamento social na rua ocorre a partir dos fatores de interação e configuração do espaço. Os atributos advindos dos sujeitos como: idade, gênero, experiências passadas, culturas, necessidades, expectativas e condições emocionais também influenciam nesse comportamento. Assim como os atributos advindos do meio físico como: local, acesso, comodidade, qualidades sensoriais, condições, configurações, outras pessoas, entre outros, também farão parte da cadeia de intervenções comportamentais. Dentre todos esses fatores levantados, a cultura tem um resultado maior nos comportamentos e definições dos usos do espaço, apresentando-se como um fator determinante para a compreensão do lugar (MEHTA, 2013).

Se há um departamento de trânsito voltado para a quantidade de circulações de veículos, classificando as vias segundo o fluxo, deve existir também a observação de pedestres para qualificar a vida pública e para que ocorram melhorias na vida daqueles que são primordiais: **os sujeitos** (GEHL; SVARRE, 2013).

Os dados secundários partem de uma intensa revisão de literatura, planos urbanos e regulamentos (BALSAS, 2017). Para que a pesquisa possa ser realizada em campo, utiliza-se da licença da Prefeitura Municipal de Criciúma através de uma Carta de Aceite (ANEXO B), bem como a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da Plataforma Brasil (ANEXO A). Já as consultas de planos e mapeamentos dos recortes, utilizam-se do Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas (IPAT) e, também, do

órgão municipal. A revisão de literatura é apresentada por meio de bibliografia e bibliometria, sendo consultadas nas principais bases de dados: Science Direct, Scielo e Scopus. Com isso, entendem-se o conjunto literário de oportunidades que essas ruas estão envolvidas.

A interação entre a rua e as pessoas não deve ser feita de maneira mecanizada, ela deve ser uma interpretação complexa, dado que a relação mútua entre construção do espaço da rua *versus* construção do sujeito são entendimentos em constantes transformações (PURWANTO; DARMAWAN, 2014):

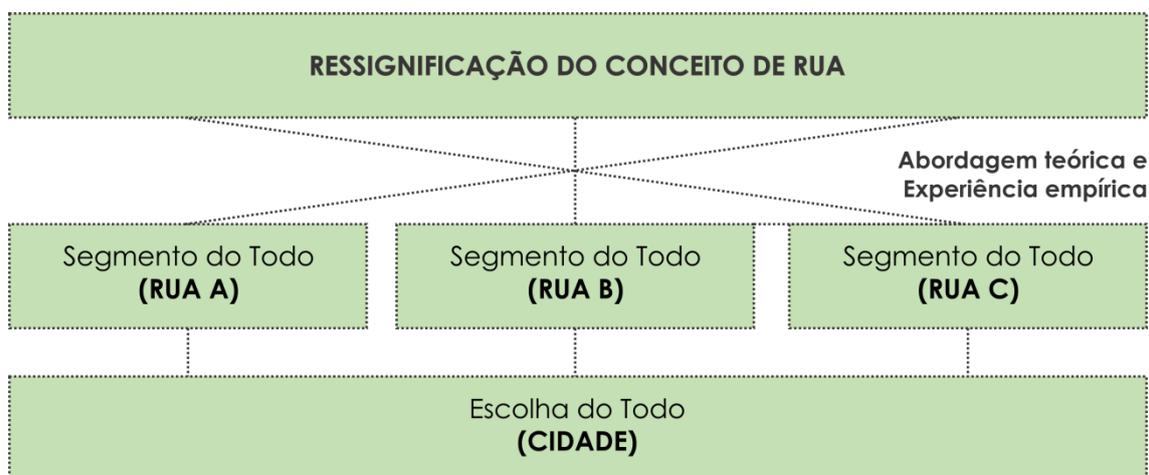
[...] public space cannot be separated from active and repeated reciprocity of the street space with the people. The reciprocal relationships have resulted in the so-called collective imagination space, which is a space that contains ideas and inspirations triggering people to be boundlessly creative. It is this collective imagination space that is the important essence of the sense of place of the street (PURWANTO e DARMAWAN, 2014, p. 37).

Dito isso, a compreensão dessas interações, entre as pessoas e o espaço público da rua, possibilitam um domínio da subjetividade capaz de esclarecer a maneira de sua apropriação, de sua organização e da utilização desse espaço quintessencial, a fim de investir em novas experiências que favoreçam novos sentidos de uso para essas ruas (PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

Sendo assim, a pesquisa se concentra em investigar o espaço da rua na perspectiva pessoa-ambiente, incluindo a dinâmica da rua e os processos relacionados com a subjetividade dos sujeitos. Para isso, os instrumentos se fazem presentes em todas as ruas, havendo uma discussão dialética dos dados levantados. Essa etapa classifica as informações semelhantes e interrelacionadas, bem como identifica as informações contrastantes, para o fim de elaborar uma ressignificação do conceito de rua. Desse modo, a pesquisa abre um leque de possibilidades para que seja aplicada como uma ferramenta no planejamento dos espaços públicos, introduzida em outros contextos. A nova ferramenta sustenta a noção de rua como espaço público e que está intuitivamente voltada para a construção de seus sujeitos.

Segue organograma, representado pela Figura 11, para melhor entendimento da técnica de análise dos dados:

Figura 11- Organograma Geral da Pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento nos autores Purwanto e Darmawan (2014).

2 | A CIDADE

[...] Las ciudades son un conjunto de muchas cosas: memorias, deseos, signos de un lenguaje; son lugares de trueque, como explican todos los libros de historia de la economía, pero estos trueques no lo son sólo de mercancías, son también de trueques de palabras, de deseos, de recuerdos [...]
(CALVINO, 1972, p. 09).

Ao se discutir a cidade encontra-se no autor Roberto Lobato Corrêa (2001) subsídio para o entendimento do conceito. Para ele, a cidade é compreendida como um conjunto de processos sociais: “[...] tais processos sociais produzem forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano [...]” (CORRÊA, 2001, p. 121), configurando a organização espacial das cidades e refletindo as características de sua sociedade. Isto ocorre com todas as cidades, desde o burgo medieval à cidade colonial e, é perpetuada às cidades atuais.

Souza (2008, p. 99) adere ao mesmo pensamento, até então tratado:

[...] é ao mesmo tempo, um produto das relações sociais, e um condicionador dessas mesmas relações. A organização espacial e as formas espaciais refletem o tipo de sociedade que as produziu, mas a organização espacial e as formas espaciais, uma vez produzidas, influenciam os processos sociais subsequentes.

Essa relação cidade-sociedade é bastante discutida na história do urbanismo traduzida por Harquel (1990), onde o autor coopera com a discussão, assegurando também que, os espaços públicos são reflexos das mudanças na ordem política,

econômica e social da cidade. São, então, a partir das modificações no decorrer da história da cidade, que os espaços públicos iam se transformando, tanto no modo físico, quanto na sua função. Conforme a civilização apontada a cada época, se admitia um novo entendimento de espaço público.

No contexto da Grécia antiga, por exemplo, a cidade (polis) era antes de tudo, uma comunidade de cidadãos, a cidade acontecia de forma abstrata, e isso se refletia nos espaços. Essa concepção orgânica e espontânea explica o porquê dos gregos se interessarem em resolver os problemas de organização e de planejamento das cidades de forma tardia, sendo que a comunidade se comportava do mesmo modo (HARQUEL, 1990, p. 11). Outro exemplo, da mesma civilização, é o fato do corpo estar sempre relacionado ao uso do espaço urbano. O corpo capaz de absorver ou manter calor era mais “forte, reativo e ágil do que um corpo frio e inerte” (SENNETT, 2003, p. 31), sendo assim, poderia estar exposto à luz solar e usufruir dos espaços somente aqueles que mantinham uma temperatura mais elevada no corpo, usando-se da nudez, que simbolizava a autoconfiança. Isso, porém, não aconteciam com as mulheres, consideradas versões frias, então, estas mulheres não “mereciam” gozar dos espaços públicos.

É importante mencionar a diferença entre a história da cidade e a história urbana, aparentemente parecem se tratar de um mesmo conceito, mas Santos (1997) chama-nos a atenção sobre a distinção. A história da cidade se refere ao que é concreto e interno, vai de encontro à história dos transportes, da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo e da centralidade. Já a história urbana, se difere por referenciar o abstrato, o geral e o externo, incluindo as histórias das atividades realizadas dentro da cidade, como por exemplo: a história do emprego, das classes, da divisão do trabalho, “a história da socialização na cidade e a história da socialização pela cidade” (Santos, 1997, p. 69). Pode-se entender que a história urbana faz referência às atividades que o ambiente urbano suportou no decorrer do tempo, ou seja, seu processo de socialização. Já a história da cidade trata-se do que é materializado, como exemplo a formação do tecido pela hierarquia viária e a evolução dos usos e ocupações. A junção das duas histórias são as chamadas pelo autor de “a teoria da urbanização, a teoria da cidade, a história das ideologias urbanas, a história das mentalidades urbanas, a história das

teorias” (Santos, 1997, p. 69-70). Da Silva (2002) concorda com o autor, explicando que não há uma definição clara sobre a história urbana porque muitos historiadores fundamentaram suas obras sem especializações em história, fazendo com o que desconheciam alguns processos e gere complicações entre as histórias (urbana e a da cidade). Só foi a partir do decorrer do século XX que se começou a buscar sentido mais específico para a definição de história urbana. Surgindo em países como Grã-Bretanha e EUA, onde as discussões sobre a história já eram mais evoluídas. Direcionando os estudos para os processos de desenvolvimento, industrialização e urbanização (DA SILVA, 2002).

Retornando a discussão sobre como se define o conceito de cidade, Bergson (1987) tem a concepção de que, as cidades são definidas como “a sobrevivência do passado” autor discutido por Aguiar e Netto (2012). De uma forma ainda mais aprofundada, surge a definição de um espaço urbano de “memória ontológica” de socialidades, visões, comportamentos e temporalidades de um mundo passado (AGUIAR; NETTO, 2012). É o que Gehl (2015, p. 214) também expõe, em uma visão mais atualizada: “ao longo da história, o espaço público serviu como ponto de encontro, local de comércio e espaço de conexão, e a maioria das cidades do mundo ainda oferece a estrutura para essas funções vitais”.

Na visão de Mehta (2013) a cidade também está relacionada ao corpo de maneira especialmente singular: “The city is a unique human settlement” (MEHTA, 2013, p. 21), ela é definida por uma coleção de construções, espaços e pessoas que possuem a capacidade de interação e diálogo, sugeridos em constantes encontros.

As diverse people with different perspectives interact and make exchanges in public space, they bring new needs and meanings, and thus possibilities, to reshape social space and social life creating even more diversity. Thus, when public space supports it, a healthy social life in cities is self-perpetuating. The variety and intensity of activities and the co-presence of a diversity of social groups and classes that generates myriad social experiences is what makes living in cities and the urban experience unique (MEHTA, 2013, p. 21).

Esse ponto de vista, do que vem a ser a cidade, já vem sendo discutido a muito mais tempo do que se imagina. Em 1967, Robert Ezra Park expõe a cidade com as seguintes palavras: “[...] é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por

essa tradição [...]” (PARK, 1967, p. 25). Compreende-se que a cidade é um produto de natureza humana, envolvida por inteira nos processos vitais dos sujeitos presentes nela.

O que Mehta (2013) e Park (1967) discorrem é o que Borja (2006) traduz em um único termo: intercâmbio, uma cidade é, portanto, um lugar de intercâmbio. Essa diversidade de relações sociais, juntamente com sua historicidade é a tradução de sua sociedade, especificado pela condição da organização espacial do seu contexto. Além do que, o lugar só pode ser compreendido por suas referências. Essa compreensão não é identificada na forma ou na função do lugar e sim compreendida por um conjunto de sentimentos impressos a partir do uso do lugar (CARLOS, 2007).

Sassen (2010, p. 88) esclarece que: “atualmente, à medida que começamos um novo século, a cidade emerge mais uma vez como local estratégico para entender algumas das principais tendências que reconfiguram a ordem social”. Sendo assim, é através da cidade que se pode entender a sua sociedade.

Dessa forma, as cidades não apresentam somente características usuais ou de sobrevivência, estamos tratando de cidades embriagadas de trocas simbólicas e outras funções abstratas, que estão inteiramente associadas à saúde mental dos sujeitos. Como exemplo dessas funções pode-se citar os desejos, as memórias e os discursos advindos de quem vive a cidade (BOMFIM, 2010).

Outro tipo de função, nos leva ao solo urbano, podendo destacar que todos os sujeitos têm o direito de encontrar na cidade as condições necessárias para sua realização política e social, assumindo deveres e responsabilidades para enfrentar problemas da esfera coletiva, ou seja, o cidadão se faz segundo a sua cidade e com participação ativa nela (YOUSSEF, 2002).

Mais do que uma função física, portanto, a cidade possui uma função social, permitindo que seus sujeitos se relacionem e possam praticar vivências urbanas, uma espécie de organização moral, porque suas raízes estão nessa interação, através dos hábitos e costumes das pessoas que nela vivem (PARK, 1967). Para isso, os espaços devem possibilitam essas interações entre as pessoas, relacionando-se a partir deles. Isso é permitido através da configuração de espaços públicos. São nestes espaços que a vida

urbana acontece. Mais do que sustentar o direito à cidade é possibilitar o direito à vida dos seres humanos:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2008, p. 135).

O direito a cidade deve estar relacionado, portanto, ao intuito de co-criar a cidade para que se possa vivê-la: “This co-creation encompasses the right to participate in the production of urban spaces, and the right to appropriate them” (COLLINS; SHANTZ, 2009, p. 521).

A função da cidade também se estende a sua urbanidade. A urbanidade está presente na forma que acontece a relação entre espaço e corpo (AGUIAR; NETTO, 2012). O autor Castello (2007, p. 29) relaciona a urbanidade como uma qualidade atribuída ao espaço construído a partir da relação com seus habitantes:

[...] uma qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais, conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente.

Em outras palavras, urbanidade está associada ao modo com que os espaços acolhem. Sendo que para que a urbanidade esteja presente, ele deve ser um espaço que dá abrigo, “civildade, polidez e cortesia” (AGUIAR; NETTO, 2012, p. 62). Por isso, quando se fala em urbanidade está necessariamente falando sobre o **caráter da cidade**, tendo em vista que quanto melhor a relação entre pessoa-ambiente dentro da cidade, maior sua urbanidade:

Esse acolhimento, do espaço para com o corpo, acontece de diferentes modos na rua do bairro, na rua do centro, no shopping center, no condomínio fechado, na favela, no conjunto habitacional e em toda e qualquer situação urbana. São os tipos de urbanidade, centenas de tipos. Essa tipologia da urbanidade pode ser organizada de modo à classificar, hierarquizar, as diferentes situações urbanas, desde aquela mais formal até aquela mais informal. Entenda-se “formal” aqui como algo assentado predominantemente em regras vindas da geometria. Portanto, a urbanidade é encontrada, de diferentes modos e em diferentes graus, em toda e qualquer situação urbana, desde aquelas mais formais (ou amparadas em regras geométricas definidas), como a Esplanada dos Ministérios em Brasília, por exemplo, até aquelas mais informais (ou livres de predefinições geométricas), como a favela da Rocinha (AGUIAR; NETTO, 2012, p. 77).

A urbanidade está onde as pessoas estão, ela é o devir urbano. Gonçalves (2014) mensurou a urbanidade através da elaboração de indicadores. No seu trabalho, os indicadores de urbanidade são constituídos por dois eixos, o primeiro eixo corresponde ao comportamento urbano, como as pessoas se comportam mediante ao espaço. Já o segundo eixo se trata da percepção das pessoas em relação ao desenho urbano e suas atribuições.

Os indicadores de urbanidade do primeiro eixo envolvem: a civilidade, a valorização do coletivo, a tolerância com o diferente, às boas relações de vizinhança, o espírito comunitário, a solidariedade, a valorização do espaço público, a cidadania e o sentimento de pertença ao lugar. Esses indicadores serão discutidos em sequência para que sejam compreendidas suas particularidades (GONÇALVES, 2014).

A civilidade corresponde ao indicador de urbanidade que diz respeito ao consenso coletivo que é descrito por regras e normas para um bom convívio em conjunto. Tratamentos como os de cortesias: “bom dia”, “boa tarde”, apertos de mãos e outros fazem parte da vida coletiva, além do que, alguns tratamentos são adquiridos através da vivência coletiva, como é o caso da ética. A falta desses tratamentos é correspondente a “incivilidade”. Há também a individualidade, o egocentrismo, o desrespeito ao próprio e a intolerância, fazendo parte de um conjunto de incivildades, que impedem o desenvolvimento da subjetividade coletiva de cada cidadão (GONÇALVES, 2014).

A valorização do coletivo é o indicador de deveres e direitos de uma vida em sociedade. Quando maior os sentimentos de amor, afeição e aproximação com o lugar, maior será a valorização deste lugar para o sujeito. Aumentando o grau de identificação com o ambiente. Os sentimentos de ligação com o outro e com o lugar “consolidam e tonificam” a compreensão do outro e do lugar (GONÇALVES, 2014).

Já a tolerância com o diferente está para o respeito ao incomum, abrangendo a cultura, a religião, a crença, os costumes e hábitos, os valores e entre outros. Algumas vezes as indiferenças são tratadas com agressividade ou rejeição, havendo empatia para aquilo que é apenas semelhante. Para que o sentimento de hostilidade seja desarmado é

necessário o incentivo aos cumprimentos, a aproximação com a comunidade. O exercício de tolerância diminuiria o isolamento social e a desigualdades espaciais (GONÇALVES, 2014).

O espírito comunitário aparece como indicador de participação e preocupação com o coletivo. Estimulado no meio ambiente e desenvolvido no sujeito, aderindo à vida coletiva como sua forma de vida.

A solidariedade diz respeito ao reconhecimento da exigência do outro e do pertencimento dele para com o mesmo grupo, estando conectados pela vida coletiva. Ou ainda dizer: “Ser solidário é compartilhar a vida coletiva [...] Poderíamos dizer que a barbárie [incivilidades] só será combatida com o desenvolvimento do sentido simbólico e estético de nossa subjetividade” (GONÇALVES, 2014, p. 12). Desta forma, alcançar uma subjetividade mais desenvolvida é reconhecer que o outro é parte de nós (GONÇALVES, 2014).

A valorização do espaço público é fazer uso dos lugares segundo os significados (psicológicos e culturais) formulados dentro do sujeito. É o indicador de desenvolvimento do compromisso em comunidade, reconhecendo seu papel em propagar um ambiente de harmonia para que todos possam usufruir com benefícios de vivências (GONÇALVES, 2014).

A cidadania implica em favorecer as relações entre os diversos elementos que compõe a cidade e não apenas cumprir com direitos e deveres: “A possibilidade dessa convivência significa uma aprendizagem de posturas pelo entendimento, pelo acordo, pela tolerância” (GONÇALVES, 2014, p. 13).

As boas relações de vizinhança é o indicador relacionado à cordialidade e a preocupação com a qualidade de vida do próximo. Viver em harmonia e permitir que o outro, também viva, torna-se o sentido da boa convivência (GONÇALVES, 2014).

O sentimento de pertença ao lugar é correspondente à identidade daquele lugar internalizado no sujeito, isso ocorrerá a partir da interação entre o meio ambiente e o sujeito. Sendo assim, o indicador de pertença ao lugar requer a identificação do sujeito

com o lugar, sua apropriação, o reflexo do seu “eu” e as transformações que ocorrerão mediante essa relação (GONÇALVES, 2014).

Neste sentido, a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio “eu” do sujeito, forjado em um complexo processo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetos, preferências, habilidades e tendências. [...] O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço, outro para si. Isso implica o sujeito adaptar um espaço as suas próprias necessidades, dar-lhe característica própria (GONÇALVES, 2007, p. 27).

Até aqui, foi identificado os indicadores de urbanidade pertencentes ao primeiro eixo tratado por Gonçalves (2014). É de fundamental importância continuar o raciocínio da autora pela concepção do segundo eixo. O segundo eixo dos indicadores de urbanidade, como já se viu, está relacionado às percepções do sujeito para com o lugar. Podendo assim destacar: o desenho urbano, o espaço público, a qualidade dos terrenos ou das moradias, a mobilidade urbana, a comunicação, a infraestrutura social e comercial e a segurança (GONÇALVES, 2014).

O desenho urbano é o indicador de conformação a cidade, sua morfologia. A partir dele é visto algumas desigualdades de urbanidades e como elas se comportam no tecido urbano (GONÇALVES, 2014).

O espaço público significa dizer que: “a atividade social teria como condição de sua realização o espaço da cidade” (GONÇALVES, 2014, p.16), ou seja, o espaço público transfere o entendimento de urbanidade por suas características. Os espaços públicos que forem assimilados pelos sujeitos permitirão a condição de urbanidade (GONÇALVES, 2014).

A qualidade dos terrenos e/ou das moradias faz menção à possibilidade de se ter a prática de urbanidade mediante a qualidade desses condicionantes da cidade (GONÇALVES, 2014).

Já a comunicação é o mecanismo de inclusão social, a partir dela, sua gente pode podem interagir, relacionar-se, informar-se, e estarem pertencentes ao meio social. Com os atuais avanços tecnológicos a uma tendência cada vez menor de diminuir as fronteiras, e fazer com que a comunicação seja cada vez mais instantânea. Sendo assim,

ela deve ser acessível a todos os sujeitos e deve estar em acordo com o tecido urbano. Possibilitando a urbanidade dos sujeitos (GONÇALVES, 2014).

A infraestrutura social e comercial está relacionada aos serviços públicos que a cidade oferece e suas redes dentro do tecido urbano e a acessibilidades de seus habitantes para com esses serviços (GONÇALVES, 2014).

A segurança está empregada como fator essencial à dinâmica da cidade. Sem ela a cidade não é concebida, não é “usável”, levando a impossibilidade de relações nos espaços urbanos e conformando uma cidade invisível.

Jalaladdini e Oktay (2012, p. 667) identificam também, a segurança como um dos três elementos sociais mais importantes do domínio público, associados com a acessibilidade e a equidade.

Ao primeiro nível está a acessibilidade como fator mais essencial e podem ser encontradas de duas maneiras: visualmente e fisicamente. Visualmente por permitir que as pessoas vejam o que está acontecendo e também sejam informadas. Já fisicamente, por permitir que as pessoas possam usufruir desse espaço e das funções por ele oferecidas.

O segundo nível está à equidade, que seriam a oportunidade de viverem estes espaços de forma igualitária e compartilhado: “[...] They meet the needs of different groups without diminishing the welfare of others” (JALALADDINI; OKTAY, 2012, p. 667). A equidade também está relacionada à participação social, aumentando as decisões sociais, equilíbrio das relações e são espaços mais responsivos (JALALADDINI; OKTAY, 2012).

É a partir da equidade que se atinge a segurança. Ela pode estar associada a segurança contra danos físicos, em exemplo desastres, acidentes, doenças, dentre outros. Ou a segurança psicológica, como exemplo evitando exclusão social, se sentir fisicamente perdido, dentro outros (JALALADDINI; OKTAY, 2012).

Como último indicador do segundo eixo criado por Gonçalves (2014), apresenta-se a mobilidade urbana. Ela aparece como destaque nessa pesquisa, por estar relacionada, sobretudo, com as ruas, nosso objeto de estudo, e também, por ser uma

discussão cada vez mais frequente, diante das inúmeras problemáticas relacionadas a ela. Tornando um grande desafio para o futuro da humanidade, e se comporta como um fator determinante para a identificação da urbanidade.

O alcance da urbanidade oferece aos sujeitos a possibilidade de trabalhar a cidade em favor do desenvolvimento de seus sujeitos, fazendo com que ela, exerça sua real função, apoiar sua gente, aliando-se para combater ao desurbanismo (AGUIAR; NETTO, 2012) e buscando cidades com desenvolvimento sustentável⁶, levando em consideração o caráter social, cultural e simbólico do lugar.

Implicar com a cidade é uma forma de trabalhar com ela, para que então ela possa corresponder na dinâmica da cidade. Ao implicar com a cidade, o sujeito provoca ações. Não necessariamente implicar é um aspecto negativo nesse caso, implicar diz respeito à interação, ao “falar com a cidade”. Essa ação, de implicar, é um indicador de cidadania e de ética com a cidade. Mas, além disso, é um indicador de afetividade (BOMFIM, 2010).

Se alguém vê um aviso, se deduz o seu sentido ou se responde com atos reais a uma motivação urbana, em todos os casos *fala com a cidade*. Se caminha em alguns roteiros em vez de outros, se segue um caminho ou decide abordar um ponto da cidade a certa hora da manhã ou à noite, fala com a cidade. Ou se segmenta a urbe e a utiliza seguindo parâmetros imaginários, que no fim coincidem com os mesmos de um setor social, genético ou de outros critérios da demografia urbana, então também fala com a cidade e ela o compromete [...] (SILVA, 2011, p. 77, **grifo meu**).

A afetividade, em síntese, é o encontro do sujeito com a cidade. Quando estudamos os afetos estamos querendo entender à cidade, o que ela significa para sua gente e como ela afeta a sua gente. Tudo isso se torna um alicerce no processo de ação-transformação na sociedade. Desse modo, a afetividade é também ética na cidade:

A afetividade é ética, porque propicia o encontro do indivíduo com a capacidade de ação em prol da manutenção do ser, que remete a si mesmo e à coletividade. Os afetos podem ser adequados ou inadequados, dependendo da capacidade do indivíduo para transformar paixões em ações, libertando-se das imposições e dos conformismos (BOMFIM, 2010, p. 63).

⁶ Para o Conselho Internacional de para Pesquisa e Inovação em Construção (CIB), o conceito de desenvolvimento sustentável refere-se ao “modo de desenvolvimento que tem como objetivo o alcance da sustentabilidade. Tratando, sobretudo, do processo de manutenção do equilíbrio entre a capacidade do ambiente e as demandas por igualdade, prosperidade e qualidade de vida da população humana” (CIB, 2002).

Se refletirmos sobre isso, veremos que todas as emoções, linguagem e pensamentos levam a algum tipo de ação. Em um primeiro momento as emoções funcionam como organizadores internos, que irão provocar os pensamentos e, por consequência, as ações: “O nosso pensamento é motivado por afetos e está psicologicamente condicionado por estímulos afetivos, que movimentam e o orientam” (BOMFIM, 2010, p.62). Portanto, todo sentimento é acompanhado de um comportamento, seja ele concebido até o momento do pensamento, ou concluído de modo a ser representado pela ação.

Quando conseguimos produzir sentimentos para com a cidade e conseguimos senti-la, estamos implicando com ela. O afeto, nesse momento, torna-se uma categoria de medida da questão intersubjetiva. É para Bomfim (2010, p. 51) uma “unidade pulsante”, essa mistura de eu com o mundo, de concreto com abstrato, de objetivo com subjetivo. Todos esses duetos, que se contrastam e se complementando, forma uma unidade, viva e ativa.

Desse modo, entendemos a cidade não apenas como o vínculo entre o sujeito e o lugar, mas todos os sentimentos, emoções, que unidos em um só significado, confirmando a afetividade do eu com o mundo [o seu meio]. O significado de cidade pode-se então, ser comparado com os sentimentos e o corpo, da mesma forma que os sentimentos fazendo parte do nosso corpo, o significado também faz parte da cidade (BOMFIM, 2010).

É importante falar novamente das relações. Como a cidade é o local das relações, dos encontros, da intersubjetividade, os sujeitos nunca se afetam sozinhos, eles estão sempre em interação. Por isso, seus pensamentos, ações, e seus afetos não fazem parte da essência de cada um, eles dependem dessas relações. É conveniente dizer que as emoções possuem um caráter ético, justamente por serem produzidas e permitidas pelos encontros.

Por isso é essencial que haja dentro da cidade motivações para a participação popular, movidos pela urbanidade e afetividade. São os sentimentos de afeto que provocam e definem a autonomia das pessoas. E os movimentos participativos não são exclusivamente um processo racional. Ele deve ser vivido como uma necessidade do eu,

como um verdadeiro desejo. Mesmo que a causa seja comum, o exercício de manifesto é dado pela motivação individual, por essa maneira, a vontade do sujeito e a afetividade dele para com a cidade, são tão significativos. É até possível mensurar a qualidade democrática de uma cidade pelos afetos que, invadem a sua gente (BOMFIM, 2010).

Seguiremos a concepção teórica para uma escala menor, o espaço público, partindo do reconhecimento do todo até a conquista do entendimento do objeto do estudo desta pesquisa, nossas ruas.

3 | O ESPAÇO PÚBLICO

[...] el ambiente es un territorio emocional (CORRALIZA, 2010, p. 60).

A definição de espaço público é descrito por Mehta (2013) sendo toda a parte do tecido urbano acessível pelo público de forma física e visual:

Therefore, we will consider public space as the space that is open to the public, which generates public use, and active or passive social behavior, and where people are subject to the general regulations that govern the use of the space (MEHTA, 2013, p. 34).

Gomes (2002) relaciona o termo com a ideia de vida pública em que diz que o espaço público é aquele que permite ao sujeito estabelecer a capacidade de diálogo ou de expressão pessoal. O autor usa também o termo “mistura social” como sinônimo de espaço público:

Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co- presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo (GOMES, 2002, p.163).

É o que sustenta também os autores Collins e Shantz (2009), quando dialogam que os espaços públicos possuem múltiplas formas e servem para uma grande variedade de propósitos, por isso não possui uma definição clara.

Os autores von Schönfeld e Bertolini (2017) abordam a questão do espaço público como sendo os responsáveis por uma gama de funções nas cidades: são fortemente encarregados pela inclusão social, pela diversidade cultural, pelo cuidado ambiental, pela governança urbana e pela força econômica. Além disso, eles são formadores de identidade tanto individual quanto coletiva.

Na verdade, espaço urbano e sociedade são duas face da mesma moeda; ou seja, o espaço é um aspecto estrutural da cidade. Seu papel supera o conceito sociológico de suporte de atividades, pois não é um meio rígido e neutro, mas capaz de oferecer possibilidades e restrições à realização de partidas. Sua natureza social implica que o espaço da cidade seja necessariamente histórico, no sentido de posicionado em marcos temporais, geográficos e culturais. Em outras palavras, esse espaço é sempre concreto, possuindo qualidades físicas em convivência com seus atributos sociais. Mas não é um fenômeno estático, pois encontra-se em permanente transformação por causa, novamente, de sua natureza social (KOHLSDORF, 1996, p. 21).

O conceito de espaço é facilmente confundido com o conceito de lugar (TUAN, 1983). Faz-se necessário o entendimento desses conceitos. Ao primeiro passo, eles não devem ser tratados isoladamente, é preciso tratá-los em conjunto para um melhor entendimento do contexto. Tuan (1983) enfatiza dizendo que, o primeiro contato com o meio físico, o observador irá tratá-lo como um espaço, mas à medida que se conhece este espaço, o observador dota de valor ao espaço, transformando-o em um lugar. Conforme Tuan (1983, p. 83): “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Para o mesmo autor, a definição de lugar se baseia em “centros aos quais atribuímos valor e, onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. O lugar é construído pelo sujeito, é o que está em seu entorno próximo e é apropriado e significado por ele.

Em seu livro Espaço e Lugar, Tuan (1983) dedica um capítulo para falar sobre a relação entre o lugar e o tempo, e nele, apresenta pelo menos três relações relevantes desses conceitos. A primeira delas seria o tempo como movimento e o lugar como pausa na corrente temporal. Sendo assim, é necessário fazer esta pausa para que haja organização de mundos (intelectual, físico e social), e para que sejam atendidas as nossas necessidades. A segunda relação entre tempo e lugar esta descrita na frase: “leva tempo para se conhecer um lugar”, ou seja, a afeição por determinado lugar só é adquirida pelo tempo de convívio com esse lugar. Quanto maior é o tempo experiência com o lugar, maior será a possibilidade de relacionar-se com ele, passando a ter significado de lugar para a pessoa que convive com ele. Tuan (1983, p. 219) enfatiza dizendo que: “[...] a qualidade e a intensidade da experiência é mais importante do que a simples duração”. E a última relação de conceitos é definida como o lugar é o tempo visível, ou seja, o lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória. E acrescenta que, estar enraizado em um lugar por uma experiência de convívio com esse

lugar é diferente de “ter e cultivar um sentido de lugar”, fazendo referência ao pertencimento da história e da preservação do passado desse lugar (TUAN, 1983, p. 219).

Outro autor, de mesmo pensamento que Tuan (1983), é o antropólogo Augé (1994) segundo ele, o lugar pode “se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. Augé (1994) afirma que a supermodernidade é responsável pela produção de não-lugares. Convém ressaltar a ideia de não-lugar, sustentada por Augé (1994) como sendo, lugares de transição, que não possuem significado suficiente para serem definidos como lugares, eles não criam “nem identidade singular, nem relação, mas sim solidão e similitude”. Como exemplo, destacam-se os quartos de hotéis, os aeroportos, os supermercados, os *shopping centers*, entre outros.

O autor Ferreira (2017) trabalha com os conceitos de forma aproximada. O termo espaço, do latim *spātium*, significa distância entre dois fatores configurando um limite, esses fatores podem ser pontos, áreas ou até volumes, ou simplificada e “intervalo entre limites”. Já o conceito de lugar, do latim *locālis*, de *locus*, pode receber o significado, segundo Ferreira (2017) como o de “espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo”. Kohlsdorf (1996, p. 20) faz uma definição com um sentido mais simbólico, dizendo que o lugar é uma porção do território, em que sustenta uma infinidade de práticas sociais, como um mundo de possibilidades e que pertencem as contemplativas de fruição estética ou incursões cognitivas.

Sendo assim, pode-se entender que o **lugar** é um **espaço** ocupado, ou habitado. E para que este espaço seja habitado deve “prover de população ou residentes”, ou seja, deve estar presente a figura do ser humano (FERREIRA, 2017). Reis-Alves (2007) também concorda com a discussão, dizendo que: “O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades”, seria então o lugar representando a forma viva do habitat humano:

Um espaço possui seus elementos físicos e estes têm uma relação entre si, mesmo que aleatória. Pensemos em uma paisagem. Eis o cenário: ela está lá,

com todos os seus elementos, o céu, a terra, o mar, a vegetação, as montanhas, flores, etc., ou seja, todos os seus elementos físicos relacionados espacialmente. O clima também está presente, o Sol forte, as nuvens, as chuvas, etc., enfim, todos os elementos e fatores climáticos globais e locais. Contudo, este espaço não pode ser definido como um lugar, pois ele não está ocupado, não está habitado pelo homem. O clima e os elementos daquele espaço estão interagindo, porém ele não é um lugar, mas sim apenas um espaço. No momento em que o homem nele é inserido, esta paisagem é transformada em um Lugar. A simples presença do homem modifica e qualifica-a (REIS-ALVES, 2007).

Geralmente o espaço é identificado em uma escala maior, e os lugares serão reconhecidos a partir do espaço. Por exemplo, a cidade de Criciúma/SC está para o espaço e suas ruas estão para os lugares, mas eles só serão lugares se o sujeito se relaciona para com essas ruas. Isso irá depender dos sentimentos que as pessoas, produzem por esses espaços. Sendo que para algumas pessoas o sentimento será um e para outras será outro, ou ainda, inexistentes.

Deparamo-nos, novamente, com o que Bomfim (2010) mencionou a respeito dos sentimentos serem produzidos por estímulos. Em Castello (2007, p. 13) os estímulos partem das mais variadas naturezas:

[...] emitidos a partir de fatos ambientais que guardam relação não só com a natureza objetiva e material dos elementos do ambiente, como igualmente com sua natureza subjetiva- imaterial e imponderável. E- substancialmente-expressos como produto das interações entre as pessoas e o ambiente.

Ressalta-se, então, que o espaço necessita do papel humano para que tenha significado e essência permitindo identificá-lo, nomeá-lo e distingui-lo de qualquer outro espaço. E para que este espaço possa ser integrado à cidade e aos seus habitantes, não se pode mais tratá-lo como um espaço, e sim buscar novos paradigmas de conceitos. Diante disso, trabalhar com a terminologia de espaço público já não faz o mesmo sentido se o ambiente que se busca é de apropriação, relações de experiências e pertencimento. Busca-se, então por um **lugar público**. Aderindo ao que Gadotti (2000, p. 86) afirma: “a vida tem sentido, mas ele só existe em relação”.

Carlos (2007, p. 16) socializa dessa relação pessoa-ambiente por meio da análise do lugar pela tríade habitante-identidade-lugar, fazendo do lugar a base de reprodução da vida: “[...] na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana” (CARLOS, 2007, p. 14).

É através do lugar que se pode pensar o viver e o habitar, bem como seus processos de apropriação do espaço. Carlos (2007, p. 18) esclarece também, a necessidade de se considerar na tríade o corpo, “pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso)”.

A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p.17).

É o que sustenta a teoria de Sennett (2003, p. 300) tendo como resultados formas espaciais relacionadas às “vivências corporais específicas de cada povo”. E para que se alcance uma mudança eficiente de compreensão da cidade, em virtude do atual sistema alicerçado pelo individualismo, pelo conforto do isolamento e pela insensibilidade para com a cidade, a resposta pode estar muito próxima de nós, o nosso corpo:

[...] Nosso entendimento a respeito do corpo que temos precisa mudar, a fim de que em cidades multiculturais as pessoas se importem umas com as outras. Jamais seremos capazes de captar a diferença alheia enquanto não reconhecermos nossa própria a inaptidão. A compaixão cívica provém do estímulo produzido por nossa carência, e não pela total boa vontade ou retidão pública [...] (SENNETT, 2003, p. 300).

Carlos (2007, p. 20), ainda refere-se ao lugar, como sendo: “o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos”. O mundo vivido é materializado pelo lugar, tecido pelas relações sociais que constroem uma rede de significados e sentidos, entre homem e natureza, homem e história, homem e cultura, homem e sociedade. Produzindo, então, a identidade, que faz com que ele reconheça o lugar como “lugar da vida” (CARLOS, 2007, p. 22).

Há uma forte relação entre senso do lugar e espírito do lugar. Quando se tem um intenso espírito do lugar auxiliará o estímulo para o senso de lugar e que mais tarde fortalecerá o mesmo espírito de lugar do qual se iniciou (PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

A psicologia ambiental dá importante contribuição aos estudos do lugar ao trabalhar com o conceito de apropriação do espaço. O objeto da Psicologia Ambiental é a relação do sujeito com seus espaços sociofísicos (PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; 1976). Ela surge, basicamente, para explicar as influências dos espaços para com o desenvolvimento do sujeito (POL, 1996). Sendo assim, a psicologia ambiental, tem como objeto de estudo o que as pessoas sentem, pensam e vivenciam sobre o contexto em que estão inseridas (LIMA; BOMFIM, 2009).

Lima e Bomfim (2009, p. 492) apreendem que a psicologia ambiental não está para compreender somente os problemas ambientais do lugar, mas, também compreender “a questão da sustentabilidade da vida enquanto responsabilidade dos seres humanos e na preocupação com a humanidade”.

Bomfim (2010, p. 23-24) vai um pouco mais íntimo, ao definir a psicologia ambiental como a dimensão psicossocial ou histórico-cultural que não se limita em estudar apenas a interação homem-ambiente, mas que abrange o ambiente como uma dimensão da **identidade** dos sujeitos, interagindo com fatores psicossociais e psicofísicos.

Novamente trazemos a questão da afetividade como instrumento de compreensão da análise entre o sujeito e o lugar. Lima e Bomfim (2009, p. 496), expõem algumas referências em seus estudos do que foi empregado até então, em relação à contribuição do sujeito para com o espaço e suas interrelações. Uma das referências é discutida por Giuliani (2004) em que ele descreve que os sentimentos em que possuímos por um determinado lugar ou pelas comunidades desses lugares, (família, parentes, amigos, colegas de trabalho, vizinhança entre outros), são contribuições efetivas e positivas que auxiliam na formação de nossa identidade, no enriquecimento de nossos valores, de nossas metas, dos significados que atribuímos e, sobretudo, do sentido que damos a nossa vida. Dentro os sentimentos, destaca-se o apego como sentimento de afetividade e de emoções entre as pessoas e os lugares. E acrescenta como retribuição do lugar, a garantia de satisfazer as necessidades do sujeito, promovendo o bem estar e as transformações sociais, além da formulação do valor

simbólico do lugar para as pessoas. Sendo assim, quaisquer que forem os sentimentos afetivos estarão relacionados com o território e com o valor simbólico do lugar.

Para que sejam estudados os sentimentos, estaremos então comprometidos com comportamentos. Mehta (2013) salienta a importância de se estudar o ambiente pelos comportamentos, sendo o meio mais eficiente de compreendê-los: “[...] the study and analysis of human behavior provides a more appropriate, relevant and richer view of human needs in the use of space, form and artifacts than the traditionally intuitive visual-aesthetic approach” (MEHTA, 2013, p. 70).

Pelos comportamentos deciframos os sentidos da cidade. Silva (2011) apresenta que a cidade se constrói mediante esses sentidos, haveria, portanto, “gêneros” de espaços distintos: um espaço histórico, que está para entender o desenvolvimento em cada momento; um espaço tópico, em que o espaço e a sua transformação são manifestados fisicamente; um espaço tímico que se relaciona com a percepção dos corpos, tanto humano, quanto a corporeidade da cidade; e um espaço utópico, onde são concentrados os desejos, as aspirações, onde o imaginário pode ser observado em realização com a vida diária.

Para isso, utilizaremos da nova abordagem científica tem como foco as ideias formadoras da psicologia ambiental aliadas com a ecologia social⁷. Um diálogo interdisciplinar que busca fundamentos comportamentais integrados ao meio ambiente.

Voltemos, portanto, na discussão sobre psicologia ambiental, em especial, no conceito de apropriação. E foi a partir da leitura do capítulo: O olhar da Psicologia Ambiental para as relações do homem com o meio ambiente, presente no livro: Cidade e Poética de Gonçalves (2007) que se podem identificar alguns atores para o entendimento deste conceito. O primeiro autor é Proshancky (1976) que referencia a apropriação do espaço como estando diretamente ligada à identidade de lugar, “place identity”. O lugar e seu significado são incorporados à identidade do sujeito, do seu “eu”. Já Korosec-Serfaty (1986) define a apropriação como sendo, um sentimento de

⁷ A ecologia social é a união entre o ecologismo e o anarquismo, estando relacionada a um comportamento ético para com o meio ambiente. Está diretamente ligado ao desenvolvimento sustentável e admite que as problemáticas ambientais sejam de responsabilidade do sistema capitalista, que visa à superprodução e o consumo.

“possuir ou gestionar” um lugar e que essa apropriação independe da propriedade legal, se adquirir por uso habitual ou por identificação. Gonçalves (2007) acrescenta que, o conceito de “apropriação surge em Psicologia Social e Psicologia Ambiental como diferenciação e matização crítica a outros conceitos como “privacidade”, “intimidade”, “apego”, “personalização” entre outros.”. Como último autor, destaque-se Sansot (1996) que compreende o conceito de apropriação como “deixar sua marca”. Assim como deixar nossa marca é fator de transformação dos lugares, é esse mesmo fator que nos identifica, sendo reflexo de nosso “eu” e de nosso modo de vida. Esse processo, então, é resultado da complementação entre o sujeito e o espaço (GONÇALVES, 2007).

Bomfim (2010) discute a apropriação em ligação com dois processos, basicamente: o de ação-transformação e o de identificação. A pessoa esta sujeita a atingir um processo e o outro não, não existindo nenhuma ordem nisso. Quando o espaço é privado, geralmente, inicia-se pela ação-transformação, e posteriormente admite o processo de identificação. Já no espaço público, os processos estão para a identificação, estando claro que as ações-transformações não compõem a vida urbana atual. Ao invés disso, há um processo de distanciamento do sujeito para com a cidade. O que também dificulta a apropriação dos espaços. Se fizermos uma retrospectiva, veremos que antigamente as praças e espaços públicos davam conta dos dois processos. A participação popular era ativa e, conseqüentemente, as ações-transformações, também. Hoje se o sujeito atingir um dos processos para apropriação será um privilégio. O que entendemos disso é que o sujeito pode até se identificar com a cidade, mas não se apropria ao ponto de reabilitá-la⁸, de criar significados e de construir uma cidadania responsável.

Exposto dessa maneira, o processo de apropriação do espaço, além de desenvolver a interação social, é também de fundamental importância para o aprimoramento do ser humano. Sua identidade e seu enriquecimento pessoal, também parte da vivência urbana. A partir do momento em que não há a eficiência afetiva com o espaço público, as implicações partem do espaço físico-urbano, para o espaço social-

⁸ Reabilitar significa preocupar-se além dos processos físicos do espaço. Voltar à atenção para os processos sociais, sabendo que sua influência no ambiente é representativa, e exerce um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos humanos. A reabilitação também está relacionada ao direito a cidade (BOMFIM, 2010; ROMERO, 2009).

intelectual. O sujeito é enfraquecido em seu aspecto social, histórico e humano. Havendo grandes implicações com o desenvolvimento do seu “eu”. Mediante tais acontecimentos, suas relações com os demais sujeitos também estarão deficientes, prejudicando suas tomadas de decisões, enquanto cidadão (BAUMAN, 2001).

Agora, se a apropriação acontece, laços são construídos, vindos através da cultura e da geografia, e se abre uma infinidade de possibilidades: laços humanos (BAUMAN, 2004), trocas de ideias estimuladas pelos encontros, melhor qualidade do meio urbano, interações com os lugares, com as pessoas, com as coisas do mundo, do seu mundo, do nosso mundo, um mundo de significados. Essa experiência, enriquecida de elos, pode ainda representar a topofilia, descrita como apego com o lugar e carregada de afetividade (JERÔNIMO; GONÇALVES, 2008).

Aprofundemos um pouco mais a questão da apropriação, por sua vez, do ponto de vista dos lugares. Cada lugar, seja ele um espaço ou apenas uma fachada, também é aderido de níveis de influências, que auxiliam no processo de apropriação e tornam-se como canais de comunicação das cidades com o seus. Dessa forma, a cidade contribui para os tipos de relações que podem ser desenvolvidas dentro dela, possibilitando as múltiplas manifestações e trocas humanas (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Os benefícios dos espaços apropriados atingem tanto a saúde física dos sujeitos, quanto à saúde mental dos mesmos. Dentre outros benefícios podemos mencionar, ainda: a facilidade de mobilização política, a estimulação de ações por parte de quem está envolvido no lugar, a influência sobre o índice de criminalidade, havendo uma maior prevenção e etc. (PACHECO, 2017).

Para provocar a apropriação, a Organização sem fins lucrativos, Project For Public Spaces, de Nova Iorque, fundada em 1975, com a intenção de expandir os trabalhos de William (Holly) Whyte, autor do livro: A vida social dos pequenos espaços urbanos, com título original: The Social Life of Small Urban Spaces, tomou nota dos critérios que envolvem a apropriação, em sequentes anos de estudo, elaborando uma metodologia para a avaliação dos níveis de influências dos espaços públicos (PPS-PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Baseado nesses estudos, a Organização discute que os espaços públicos, sejam eles de quaisquer dimensões dentro da cidade, devem possibilitar quatro qualidades fundamentais, para que eles possam servir como fundamento de apropriação pelos sujeitos. O espaço público vital deve ser: acessível, ativos, confortável e sociável. Atingindo esses quatro critérios, os espaços estarão cumprindo o seu papel por completo (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009). Atribuímos os critérios na elaboração de um esquema exposto na Figura 12:

Figura 12- Esquema de entendimento dos níveis de influências dos espaços/fachadas das ruas.



Fonte: Elaborado pela autora embasado na metodologia da Organização Project For Public Spaces (PPS), 2018.

Os espaços devem ser acessíveis porque envolvem conexões, tanto físicas como visuais. Um espaço público acessível é aquele que é fácil de ser alcançado, fácil de entrar, fácil de circular, fácil de conhecê-lo. Ele deve ser organizado de forma que você possa compreender o seu todo, mesmo estando de longe ou perto. A principal forma de acesso deve ser a pé, e logo após o transporte público para que haja alta rotatividade de estacionamento (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Um ótimo espaço público traduz em uma infinidade de atividades, devendo ser ativo. Ter “alguma coisa para fazer”, atribui uma razão para que as pessoas possam vir e para que elas, também, possam voltar. Quando não há nada o que as atrai, o espaço se esvazia. E é a partir do número de pessoas que frequentam aquele lugar que pode-se medir a vivacidade do lugar. Uma gama de atividades, pluralmente diversificadas e distribuídas no espaço, irá atrair diferentes pessoas em diferentes momentos do dia (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Um espaço convidativo e confortável, também são características de um espaço bem sucedido. Uma sensação de conforto reúne: percepções sobre a segurança, sobre a limpeza do lugar, sobre conforto térmico e acústico e também, sobre a possibilidade de permanência, incluindo espaços para sentar, por exemplo. A falta de lugar para sentar, por exemplo, é característica suficiente para que o lugar não seja classificado como um lugar bom. As pessoas virão aos lugares que são aderidos do seu bem-estar, para que não haja trabalho algum e possam se sentir bem durante o momento que escolheram estar ali (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Uma das qualidades mais importante e mais difícil de alcançar em um espaço público é ser sociável. Quando o lugar se torna ponto de encontro dos amigos, cumprimento entre as pessoas, ou ainda, as pessoas se sentem à vontade nesse espaço, interação com estranhos e fortalecem o sentimento de pertencimento nesse lugar, então estará no caminho para um ótimo espaço público (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Dessa forma, a metodologia desenvolvida pela Organização auxilia as pessoas a manter e a construir espaços públicos bem sucedidos, fortalecendo a concepção de que, o espaço público é um meio para a: “creativity, expression, and experimentation” (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009, p. 01).

Até então, vimos que o objeto-chave para um bom espaço público está nas pessoas (JALALADDINI; OKTAY, 2012; GEHL, 2015; PURWANTO; DARMAWAN, 2014). O espaço urbano que é socialmente bem-sucedido produz vitalidade, característica importante porque, é a partir dela que há a redução da insegurança, da estimulação da economia local, e aumento do prazer da paisagem urbana, oferecendo oportunidade de interação social e de intercâmbios culturais. A vitalidade também é uma característica da saúde do lugar e, resultante da qualidade visual do meio ambiente e da variedade das atividades desenvolvidas no espaço urbano (JALALADDINI; OKTAY, 2012).

Assim como Bomfim (2010), Purwanto e Darmawan (2014, p. 35) apresentam o fato de que os espaços são construídos pela autonomia das pessoas. São elas que direcionaram a vida ou a morte do espaço das ruas: “[...] In this street space, the space

power is in the hands of its people in the sense that they build up and give life spontaneously”. Visto isso, a relação pessoa-ambiente é uma constante, onde os espaços são produzidos socialmente e as pessoas são produzidas espacialmente, ou seja, nós criamos espaços de acordo com a forma como vivemos nossas vidas (LEFEBVRE, 2000).

A partir disso, direcionamos nosso estudo para onde estão as pessoas: as ruas.

4 | A RUA

[...] the street can still be the place where the most important connections are made. In it, we begin to see how our home is connected to that home, this house to that house, this street to that street, this city to all those cities, my experience to yours (JUKES, 1990, p. 233).

A discussão é agora direcionada para os conceitos de lugares nas cidades em uma escala menor, porém, segundo Jacobs (2011) são os “órgão vitais” das cidades: “The material spaces most often referred to are the street (including the sidewalk or footpath)” (COLLINS; SHANTZ, 2009, p. 517).

As ruas cobrem 75% das cidades. Elas correspondem, muitas vezes, símbolos culturais e estruturam a cidade de maneira econômica, social e cultural, muito além das suas dimensões físicas (MOARAB et al., 2015; JACOBS, 2011, p. 04; JUNG et. al., 2017, p. 271; PURWANTO; DARMAWAN, 2014). Moarab et al. (2015) e Purwanto e Darmawan (2014), identificam a rua como um dos fatores essenciais da cidade e possuem papel formador da personalidade social.

A rua reflete aquilo que a cidade vem a ser, “[...] streets are domesticated” (SIMPSON, 2011, p. 04), ou seja, é a partir e junto a ela que se pode descrever uma cidade: ruas seguras geram pessoas confiantes, “[...] ruas impessoais geram pessoas anônimas” (JACOBS, 2011, p.48). Mais adiante voltaremos nessa questão, no capítulo: “O IMAGINÁRIO”, dispendo do conceito do sentido urbano.

A descrição feita por Jacobs (2011, p. 30) é persistente:

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas

não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto à circulação para o funcionamento adequado das cidades.

A rua também é espaço do imaginário coletivo. Quando aliadas com as pessoas e a gama de atividades que ativam e dinamizam o espaço, para a construção de experiências, as ruas determinarão o padrão e a qualidade da imaginação coletiva (PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

Purwanto e Darmawan (2014) reflete que ao pensar em uma cidade a primeira imagem que vem a cabeça são as ruas e isso pode ser visto na pesquisa de Lerner (2003). Lerner (2003, p. 57) fez um experimento desafiando alguns jornalistas a desenharem a cidade onde eles vivem. O resultado é que muitos deles não conhecem a própria cidade, e aqueles que conseguiram identificá-las, representaram-na por ruas, sendo as suas referências maiores.

Lerner (2003) enriquece, ainda mais, nossa pesquisa, dizendo que a rua é cara demais para que exerça uma única função, o que hoje seria a função de circulação. Elas devem ter usos diversificados e com possibilidades de evoluções ao longo do tempo, acompanhando o desenvolvimento das suas pessoas. Os autores Jung et al. (2017, p. 271) afirmam essa ideia, de que elas admitem funções muito além de acesso e movimento. E ainda, que ela pode se tornar um indicativo de caráter e qualidade da cidade.

A transformação da rua em espaço público ocorre de forma natural e espontânea. Com base na pesquisa de Purwanto e Darmawan (2014) os fatores para os quais as ruas são assim transformadas são: primeiro seu valor histórico, em segundo sua atratividade e em terceiro as oportunidades oferecidas pelas novas políticas de governo para que se faça uso da rua. O resultado de uma rua espacial pública se concentra em uma arena de pessoas livres, ilimitadas, espontâneas e democráticas (PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

A rua é considerada uma força vital para si própria, chamadas de funções latentes: uma função latente é fundamental para as pessoas, porque a função é desenvolvida e construída pelas pessoas que desenvolvem atividades no espaço da rua (PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

Ruas podem também oferecer espaços de reuniões, espaços políticos, espaços comerciais, espaços habitáveis, esses são identificados por von Schönfeld e Bertolini (2016, p. 300) como as necessidades básicas de uma cidade, além de estarem diretamente relacionadas com a mobilidade. A vitalidade das cidades está, praticamente, concentrada nas ruas.

Sobre o transporte público, que já é insuficiente para suprir a demanda que lhe é empregado, ele deve amparar cada vez mais pessoas que se instalam em novas malhas do tecido urbano e conseqüentemente atender as grandes distâncias, diante de um sistema saturado (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017). O autor Balsas (2017) argumenta sobre a busca de cidades de caminhadas. As cidades de caminhadas são aquelas que surgem “organicamente durante os séculos” e tendem a suprir a escassez de transporte através da priorização do pedestre e do uso da escala humana (BALSAS, 2017; GEHL, 2015): “Walking and transit cities allow everyone (including drivers) to be mobile and have toaccessibility. Mobility ought not to be dependent on income levels, as it is fundamental liberty allowed to everyone” (BALSAS, 2017, p.127).

As ruas são chamadas também de espaços de transição. Existem dois momentos distintos dessa função. Segundo Gehl (2015, p.79), a rua pode conter uma transição suave, visto que tem seu térreo aberto para interações, disponibilizando fachadas atrativas, com possibilidade de comunicação com o externo, múltiplos acessos, oferecendo ao pedestre diminuir seu passo, ou até mesmo parar e contemplar. Ou pode-se pensar em uma rua com transição mais rígida, representada pela figura do muro, grosseiramente implantado e sem oportunidade de interações entre a edificação e a cidade.

Alguns comportamentos sociais determinam os traços das ruas. Por exemplo: o movimento na rua é a característica de uma rua segura. Ao suspender a circulação de pedestres por ela, o sentimento de insegura vem à tona. E isso ocorre porque os índices de violências vêm assombrando a vida na cidade. A insegurança é firmada pela ausência de vida nas ruas, e essa carência de prática urbana gera ainda mais insegurança (JACOBS, 2011).

Quando há gente circulando pela rua é evidente que o lugar é bom e seguro. Ter “olhos nas ruas”, expressão de Jacobs (2011) e também, “olhos sobre a rua”, vindos das vizinhanças, vigilantes do seu entorno, são indicadores de segurança, conseqüentemente, tem-se um lugar de qualidade urbana. Sendo assim, “Se reforçarmos a vida na cidade de modo que mais pessoas caminhem e passem um tempo nos espaços comuns, em quase todas as situações, haverá um aumento da segurança” (GEHL, 2015 p. 99).

Lefebvre (1978, p. 94) traz o conceito de rua de uma forma mais simplificada, à sua maneira:

Nada mais é do que o lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação. É, portanto, o todo ou quase todo: os microcosmos da modernidade [...]. A rua se repete e muda como a cotidianidade: se reitera na troca incessante das pessoas, dos aspectos, dos objetos e das horas.

Foi a partir da década de 60 que as primeiras ruas pensadas para pedestres foram implantadas na Europa, depois de reconhecerem que o tráfego intenso de automóveis estaria trazendo insegurança para a cidade, diante do aumento de acidentes. Desde então, muitos estudos foram pensados para novas tipologias de ruas, porém, todas elas devem garantir um deslocamento de qualidade, conforto e segurança para seus cidadãos. Tendo em vista esta preocupação, uma das tipologias nomeadas como: “ruas compartilhadas”, a qual o próprio nome já referênciava à ideia de estabelecer todos os tipos de tráfegos juntos, trouxe a incerteza de ser o modo ideal para se circular. A tipologia de rua compartilhada dá oportunidade de circulação para caminhões, carros, pedestres, motos, bicicletas, independente de idades ou de especificações. Entretanto, a tentativa de implantação desse tipo de rua não atinge a qualidade, conforto e segurança essenciais para a vida na cidade. Como pode haver espaços de circulação para crianças ao mesmo tempo em que o fluxo, mesmo que seja moderado, de veículos em circulação ocupam o espaço? É evidente que seria uma tipologia um tanto quanto precipitada em implantação (GEHL, 2015 p. 92).

As ruas devem não apenas resguardar a cidade de estranhos que depredam: devem também proteger os inúmeros desconhecidos pacíficos e bem-intencionados que as utilizam, garantindo também a segurança deles. Além do mais, nenhuma pessoa normal pode passar a vida numa redoma, e aí se incluem as crianças. Todos precisam usar as ruas (JACOBS, 2011, p.34).

A rua só terá sua função atingida (a de qualidade, conforto e segurança), quando for priorizada para o pedestre: “desde que fique claro que toda a movimentação deve ser baseada nas premissas dos pedestres [...] ou proporcionar adequada segregação de tráfego” (GEHL, 2015 p. 94).

É visto, que todos os questionamentos levantados, dizem respeito ao que é certo e ao que está sendo feito de maneira equívoca. A rua alimenta ainda um sentimento que se não for desenvolvido, de nada adiantará os critérios para cidades melhores, a confiança:

A confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas. Ela nasce de pessoas que param no bar para tomar uma cerveja, que recebem conselhos do merceiro e dão conselhos ao jornaleiro, que cotejam opiniões com outros fregueses na padaria e dão bom-dia aos garotos que bebem refrigerante à porta de casa, de olho nas meninas enquanto esperam ser chamados para jantar, que advertem as crianças, que ouvem do sujeito da loja de ferragens que há um emprego e pegam um dólar emprestado com o farmacêutico, que admiram os bebês novos e confirmam que um casaco realmente desbotou [...] (JACOBS, 2011 p. 48).

A confiança traz a ideia de comprometimento pessoal e deve ser desenvolvida de forma espontânea, sem imposição de nenhum meio.

A vida na rua, tanto quanto eu possa perceber, não nasce de um dom ou de um talento desconhecido deste ou daquele tipo de população. Só surge quando existem as oportunidades concretas, tangíveis, de que necessita. Coincidentemente, são as mesmas oportunidades, com a mesma abundância e constância, necessárias para cultivar a segurança nas calçadas. Se elas não existirem, os contatos públicos nas ruas também não existirão (JACOBS, 2011, p. 56).

Moura, Wehmann e Muniz (2017) reafirma o valor, trabalhado por Jacobs (2011) sobre a confiança e ainda acrescenta que, a tradução de rua deve abordar a coexistência, a identidade e o respeito.

Sendo assim, se faz necessário uma auto-organização dos cidadãos, níveis de flexibilidades de planejamentos e métodos de experimentação, para que se alcancem as transições de maneira a modificar os espaços e os estilos de vida. Quanto mais esses recursos são permitidos ou encorajados dentro do tecido da cidade, mais possibilidades de se chegar às cidades mais habitáveis e mais sustentáveis (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017).

5 | O IMAGINÁRIO

Uma cidade é não só topografia mas também utopia e delírio. Uma cidade é local, aquele lugar privilegiado por um uso, mas também é local excluído, aquele lugar despojado de normalidade social por setor social. Uma cidade é dia, o que fazemos e percorremos, e é noite, o que percorremos, mas dentro de certos cuidados e certas emoções. Uma cidade é limite, até onde chegamos, mas também é abertura, desde onde entramos, uma cidade é imagem abstrata, a que nos faz evocar algumas de suas partes, mas também é iconografia no cartel surrealista ou uma vitrina que nos faz vivê-la a partir de uma imagem sedutora. Uma cidade, pois é, uma soma de opções de espaços, desde o físico, o abstrato e o figurativo até o imaginário (SILVA, 2011, p. 78).

O imaginário tem origem em latim *imaginari* que significa “formar uma imagem mental de algo” por isso está relacionado à imaginação. Também deriva de *imago* que significa imagem ou representação. Ao admitir o caráter de substantivo, pôde-se afirmar que imaginário é um conjunto dessas imagens representativas, pertencente ao sujeito ou a um grupo social (WILKOSZYNSKI, 2006).

Para que seja compreendida a origem do imaginário, utiliza-se do autor Jung (2000) que, discute três níveis existentes na psique de cada indivíduo: o primeiro nível seria o consciente, o sistema que mantém contato com o interior e o exterior. Na consciência está presente a percepção, a identidade, a memória, a atenção e o raciocínio, ou seja, elementos cognitivos e emocionais. Destaca-se ainda que, as pessoas tendem a ter consciência apenas de uma parte de sua vida psíquica, mais relacionada ao que está no consciente. Já o segundo nível encontra-se o inconsciente, dividido em duas partes. Na primeira parte, mais superficial, está o inconsciente pessoal, representado pelas ideias e sentimentos reprimidos, e na segunda parte está o inconsciente coletivo, concebido em uma camada mais profunda do nível inconsciente. O inconsciente coletivo possui conteúdos e comportamentos compartilhados pelos seres humanos, uma espécie de herança humana e, eles serão os mesmos em qualquer parte e em todos os sujeitos. Dito de outra forma: “são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2000, p. 15). E, é aqui, onde se encontra o imaginário coletivo.

A compreensão de imaginário atinge uma esfera maior quando interpretada por Maffesoli (2001) e suas referências, como é o caso de Walter Benjamin, o qual é citado

em sua entrevista. Os pesquisadores carregam um conceito de imaginário ligado à atmosfera, afirmando que o imaginário é uma aura:

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável [...] Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

Em se tratando de “senti-la”, mencionado pelo autor Maffesoli (2001), Jung (1977) acrescenta que, em muitas ocasiões, nós vemos e ouvimos conscientemente, mas acabamos esquecendo logo em seguida. Isso se dá, pelo fato, de que, esses sentimentos que produzimos a partir da visão, do olfato, do tato, do paladar, e da audição, foram experiências provadas, mas não registradas pelo consciente, porque naquela ocasião não foi dada devida atenção a essas experiências, ou porque nossa atenção acabou se desviando do fato, ou ainda, o estímulo, dado aos nossos sentidos, foi fraco para que pudesse ser deixada alguma impressão no consciente. Porém, essas experiências não foram perdidas, elas foram internalizadas pelo inconsciente, que “tomou nota de tudo, e estas percepções sensoriais subliminares ocupam importante lugar no nosso cotidiano. Sem o percebermos, influenciam a maneira por que vamos reagir a pessoas e fatos” (JUNG, 1977, p. 34).

Sendo assim, é afirmado que o inconsciente coletivo, que abriga o imaginário, não seria uma questão especulativa, muito menos filosófica e, sim, de natureza empírica, que guarda o tesouro de nossa espécie, que direciona nosso comportamento, revelando-nos a essência de nós mesmos (JUNG, 2000).

Mas o imaginário não é alimentado apenas por coisas vividas e antigas, ele também guarda novos conceitos e descobertas, jamais vistos ou vivenciados. Para que se possa ter uma noção, quando ocorre para nós a expressão “há alguma coisa no ar” é manifesto do nosso inconsciente trabalhando em algo inesperado, em uma resposta jamais alcançada, uma nova possibilidade do novo, talvez até, já guardada dentro de nós (JUNG, 1977).

Estudar o imaginário, portanto, auxilia na compressão de um universo interior totalmente sigiloso, que guarda valores, objetivos, aspirações e referências presentes no

espírito individual e coletivo de uma comunidade. É o que Wilkoszynski (2006, p. 29) chama de ideário do sujeito:

[...] o imaginário compreende o ideário do indivíduo ou de uma coletividade e que, num primeiro momento atribui significados e valores às imagens percebidas possibilitando, num segundo momento, intervenções no ambiente urbano a fim de transformá-lo ou adequá-lo a estas imagens mentais. Em outras palavras, primeiramente o imaginário coletivo compõe a base para as avaliações que os indivíduos, enquanto observadores, consumidores ou usuários, fazem dos diversos elementos com os quais interagem no espaço das cidades: a arquitetura, os espaços urbanos, a arte, a publicidade, etc. Posteriormente, o imaginário coletivo age como informação qualificadora para a formação (ou reformulação) dos julgamentos e valores que norteiam mudanças concretas, necessárias e/ou desejadas, e que tem como lócus o espaço urbano. Ele estabelece, portanto, um *continuum* de influências, ora sofridas, ora exercidas e que se refletem na relação do indivíduo com seu ambiente.

É importante, nesse momento, internalizar a relação que existe entre o imaginário coletivo *versus* a cidade, sabendo que essas interações são complexas e variadas, porque, como já visto, os espaços são as traduções de sua comunidade e vice-versa. Assim, os cidadãos pertencentes àquela cidade possuirão múltiplas analogias com ela, alimentando em seu imaginário memórias e significações, e elaborando uma imagem representativa daquela cidade (LYNCH, 2017).

Essa percepção de cidade acontece de maneira única em cada sujeito. Sendo que essa imagem, resultante da percepção, compõe apenas uma parte do que venha a ser a cidade, um fragmento, ordenado a partir dos sentidos do sujeito (LYNCH, 2017; NOGUEIRA, 1998). A imagem da cidade, portanto, estará carregada de emoções e visões de mundos diferentes, tornando-a plural (NOGUEIRA, 1998). É o que descreve Pesavento (2002, p. 09) ao se referir à cidade como um: “[...] objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”.

Pesavento (2002, p.08) ainda nos faz refletir sobre a cidade sob duas óticas. A primeira é a cidade real, objetiva e cognitiva, carregada de construções, de ruas, de espaços públicos. E a segunda é a cidade “que se parece”, a cidade simbólica, a cidade do imaginário, construída pela representação coletiva. A representação “guia o mundo”, é através dos discursos, das imagens, das ideias, que se aplicam significados a realidade. Essas representações, outras vezes, aparecem em forma de intenções, de desejos, de

utopias e de mitos e ajudam a traçar os valores e as condutas que os sujeitos terão para com a sua cidade.

Nem sempre a imagem construída no imaginário corresponderá à imagem real da cidade (PESAVENTO, 2002; SILVA, 2011). Afinal, ela é um organismo mutável, é “o mundo de uma imagem” (SILVA, 2011, p. XXIII), que será construída e reconstruída, constantemente, de forma lenta e coletiva. Seria uma espécie de “rede simbólica” (SILVA, 2011, p. XXVI) que evolui e expande de forma consistente. Como nós estamos em constante evolução, o reflexo na cidade também prospera.

A nossa memória é responsável pela cidade que imaginamos. Subjetivamente, ela terá características singulares, relacionadas à própria história de vida do sujeito. Guardando suas dúvidas, respostas, seus anseios e seu futuro, traduzidos em uma “cidade imaginada” (NOGUEIRA, 1998, p. 03):

A cidade carrega consigo algo de grandioso, porque é aquilo que ela de fato se tornou que proporciona a magia atrativa da recordação, assim como a possibilidade de imprimir as marcas do que não-é na alma de seus habitantes. Em todas as épocas, vão imaginar o que seria dela e deles mesmos, caso não tivesse se tornado a cidade real. Cada um constrói, então, sua cidade imaginada, sua cidade ideal, e dentro dela as relações dão conta de todos os desejos. Podemos supor que há as que dão forma aos desejos, e outras, que são engolidas por eles. Os desejos são os dínamos da cidade, viabilizando a transformação das lembranças no âmago de novas relações com os fatos.

A cidade “que se parece” (PESAVENTO, 2002, p.08) tem os feitos de sua gente. Não seria só uma questão física que diferencia uma cidade da outra, mas sim, os símbolos que seus próprios sujeitos formulam, para que a sua cidade seja representada. A visão cosmopolita é aqui indagada, quando se entende que não seríamos os cidadãos do mundo, e sim os cidadãos de uma cidade que compõe o mundo (SILVA, 2011, p. XXVI).

Só existe cidade cinzenta, ou cidade barulhenta, porque isso foi anunciado pelos seus sujeitos. Não deixa de ser uma forma de vivência do espaço, dita através de uma característica. Essa concepção “à sua maneira” é a chamada: marca, e vai compor o discurso do sujeito à medida que ele descrever aquele lugar, até que em algum momento, outro discurso represente aquele lugar, inventando ou [re] inventando a sua marca (SILVA, 2011, p. 21).

Assim como os autores Lynch (2017) e Nogueira (1998) afirmam que as imagens não representam o lugar em sua totalidade. Laplantine e Trindade (1996) também nos fazem refletir dessa forma: se pensar em um objeto, e nos lembrarmos dele, não será o objeto na íntegra, mas aquilo que se entende desse objeto, uma face, o nosso olhar perante esse objeto. Da mesma forma é com as imagens dos lugares, elas serão representadas pelos sentimentos e pelas experiências que o sujeito desenvolveu para com aquele lugar, não significa que seja um atributo único, nem que ele corresponda ao que os outros sujeitos imaginam desse mesmo lugar (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

O que cada um constrói como imagem, é conformada de acordo com: as experiências, lembranças, sentimentos e as possíveis relações. Será o entendimento do sujeito para com determinada lugar. Mesmo que não seja atribuído nenhum sentimento para o lugar em questão, os lugares terão significados. Ao perceber e interpretar a realidade, o sujeito acaba por conceber suas representações (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Tudo que se vê e se experimenta é elaborado enquanto sensação, enquanto memória e enquanto significado. Em outras palavras, cada sujeito vê ou experimenta algo que por sua vez será recriado enquanto sensação dele, revivido enquanto lembrança na sua memória, bem como guardado com algum significado, podendo fazer sentido, ou ser irrelevante. Tudo isso vai depender de cada ponto de vista, do lugar que se vê ou que se experimenta, e qual a ênfase que se dá. Porque, como já dito anteriormente, às vezes não é dada atenção para determinadas coisas, conscientemente não fará sentido, mas inconscientemente fará parte da sua essência (PESAVENTO, 2002; JUNG, 1977).

As imagens urbanas possuem um lado simbólico, essa interpretação pode ser imposta, por influências externas, vindo da memória coletiva, ou até atribuída, vindo do próprio sujeito, estamos falando de sentido urbano, e é esse sentido que compõe o imaginário. Vejamos um exemplo desse discurso: quando o lugar demonstra ser um bom lugar, o sentido do urbano provoca nas pessoas a sensação de segurança emocional, estabelecendo uma relação de harmonia entre o sujeito e o lugar. Já um lugar com sentido de desorientação, provocará o inverso, o que prevalece é a sensação de

medo e de insegurança (SIMPSON, 2011; JACOBS, 2011; LYNCH, 2017). O autor, Kevin Lynch (2017) sugere até, que seja feita essa experiência, quando rodeados de meios para nossa orientação: mapas, nomes de ruas, cartazes, sinais de rota, entre outros, que auxiliam na orientação, sejam ignorados e nos permitamos “nos perder” para que possamos perceber o quanto a orientação influencia nosso bem estar e nosso equilíbrio, afetados pela ansiedade e pelo terror. Visto isso, entende-se a importância do sentido urbano e sua força para com a interpretação do mundo e de nós mesmos (SILVA, 2011).

O espaço urbano é uma espécie de materialização imagética, isso significa que muitas vezes as construções e os traçados das cidades correspondem a uma forma concebida no passado e que percorre anos até o presente, seria a sobrevivência ao passado discutido em Aguiar e Netto (2012). Tanto as formas físicas, quanto elementos urbanos como: publicidades, cartazes, pinturas ou até caricaturas, que foram feitas em uma determinada época, permeia até o presente e isso permite fazer com que o próprio espaço público seja um instrumento da memória social (PESAVENTO, 2002).

É importante esclarecer o que vem a ser a memória social, ou coletiva. Halbwachs (2006), em seu livro: *A Memória Coletiva*, fornecendo apoio para o estudo. A memória faz parte de nós, de nossa base. Ela se manifesta através da percepção. Um exemplo disso é, quando retornamos a uma cidade que vivemos durante muito tempo. Em um primeiro momento tentamos reconstituir partes esquecidas, buscando em nossa memória aquilo que percebemos durante nossa vida nessa cidade. Pode ser que nos recordemos de fatos passados, mas, pode ser que o que vemos no presente momento, toma o lugar das lembranças e novas percepções podem surgir.

Nossa percepção, no entanto, não se baseia apenas nas nossas lembranças, mas também na dos outros, isso fortalece a exatidão da recordação, nos permite a sensação de confirmação. Vejamos outro exemplo, quando reencontramos um amigo de infância, o primeiro contato, após anos, será difícil, tímido, e até enfraquecido. Porém, na medida em que a conversa flui, vêm às recordações, os fatos comuns assumem uma importância maior, acreditamos revivê-los, porque não estamos sós ao representá-los,

compartilhamos um bem comum, a memória, e isso aflora em nós novamente (HALBWACHS, 2006).

O que Harbwachs (2006) nos ensina é que todas as nossas lembranças permanecem coletivas, mesmo que o acontecimento só pertencer a nós. Qualquer recordação sofre influências externas. Um exemplo bastante pertinente é quando nos ocorre caminhar pela cidade. Por mais que estivemos sozinhos, em algum momento você leu sobre aquele lugar, ou está sendo guiado por um mapa, ou até acompanhado. Em qualquer situação, as experiências serão lembranças coletivas. As lembranças individuais já foram internalizadas pelo coletivo. Já não dizem respeito apenas a um sujeito. Mesmo vagando, trago na memória o que foi lido, ouvido de alguém, ou visto em algum outro lugar. Nossa memória pertence ao coletivo:

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse sozinho, que estive refletido sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo [...] outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Se o sujeito estiver envolvido no acontecimento, certamente guardará muitas lembranças. A chave, nesse caso, está na percepção.

Mas alguns dos autores que trabalhamos até o momento, sustentam a ideia de que cada percepção é uma percepção, como pode então o autor Halbwachs (2006) indagar-nos sobre a possível interpretação de se tratar de uma mesma percepção?! A resposta está na base comum. Para que a nossa memória seja compartilhada com a memória de outras pessoas, não basta que sejam apresentados os fatos, e assim assimilamos a mesma percepção, não. Os pontos de vista não serão anulados para que um prevaleça. O que irá ocorrer é que esses pontos de vista, percepções, serão reconstruídos por aquilo que há de comum nas dadas memórias. Elas estarão no nosso espírito, e no espírito do outro também. Somente dessa forma é possível que a lembrança seja reconhecida e reconstruída no coletivo, seja a **nossa** memória. Por esse motivo, que muitas vezes os aspectos históricos evocam o imaginário, porque fazem parte da memória coletiva, internalizada em todos os sujeitos urbanos, e possibilitando reconstruir sentimentos, valores, expectativas e emoções de forma comum (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Retornaremos agora nas imagens, uma das bases do nosso imaginário. As imagens também podem ser símbolos. Tanto imagens quanto símbolos são formas de representação. A diferença está na sua intensidade. As imagens identificam o lugar ou o objeto e os símbolos ultrapassam a identificação. Estimulados pelos afetos, os símbolos contêm pluralidades de interpretações (LAPLANTINE TRINDADE, 1996). Um exemplo simples para que isso seja compreendido, podemos citar o leão. A princípio, a imagem que temos é de um animal feroz, mas o leão também pode ser um símbolo, majestoso e poderoso “rei”, traduz poder, sabedoria e justiça, e ainda, orgulho, dominância e segurança, múltiplos significados construídos culturalmente. Para que a imagem do leão se torne “rei”, ou melhor, se torne símbolo, vai depender do sujeito, do reconhecimento do sujeito para com o animal, baseado sempre na sua relação.

Tudo o que o homem faz está ligado a uma experiência vivida no espaço (SILVA, 2011, p. 67). Seus comportamentos, sua arte, sua história, sua cultura e seus valores estarão sempre relacionados ao ambiente, e são nessas fontes que encontramos a revelação do seu imaginário. Quando pensamos em cidade, a manifestação do imaginário aparece na forma arquitetônica, nos espaços, sejam eles concretos ou ainda em planejamento. Essas representações são uma forma mais real que o imaginário assume para com o espaço urbano. A arquitetura, então, passa a ser muito mais que algo material e visível, ela representa a identidade, o imaterial, o intangível. Ela é a imagem da cidade (WILKOSZYNSKI, 2006).

Baczko (1999) nos faz pensar sobre os espaços capazes de revelar esse importante simbolismo. Para isso, ele comenta que a cidade possui uma organização espacial, ou seria, uma **organização simbólica**, onde haverá lugares que poderão expressar maior ou menor poder. Isso é percebido através das distintas cargas simbólicas que aparecem pela configuração física e social desses lugares, representados de modo metafórico. Um exemplo disso, geralmente, são os marcados centros urbanos. Os centros possuem uma dinâmica de atração própria e conseguem se distinguir dos demais lugares da cidade por essa característica, sendo possível compará-lo, metaforicamente, com algumas expressões: movimento, atração, concentração de pessoas, concentração de serviços, densidade, diversidade, mistura, dentre outras.

Vale recordar o que Harvey (2006) coloca sobre a ligação do ambiente urbano e o próprio homem, fazendo referência a um ditado grego que diz que: a mesma casa que o homem constrói, é aquela que constrói o próprio homem, entende-se casa, nesse caso, como a cidade. Um mundo criado pelo homem e que pôde retribuir, à humanidade, com a estruturação da sua vida intelectual. Mantendo esse raciocínio, se o homem edificou a cidade, ela se torna uma possibilidade mais coerente de ser refeita, na tentativa de aproximá-la ao que realmente desejamos. Dessa forma, mesmo que a princípio não tenha um sentido claro do caráter da tarefa do homem, mesmo que não seja uma maneira direta de estar tratando da cidade, sabendo da complexa relação pessoa-ambiente, ao se fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo. E ao se refazer, ele induz ao uma nova tentativa de cidade. Se nós aceitarmos que a sociedade é uma construção que tem como alicerce a imaginação, nós também podemos acreditar que ela possa ser recriada, ou “reimaginada” (HARVEY, 2006, p. 211).

Até aqui, entende-se que essa representação de cidade por imagens, formadas no imaginário coletivo, são resultados de pontos de vista dos seus cidadãos. Então a relação entre o ambiente físico, a cidade, e sua vida social, além de constantes, também afetam e conduzem o seu uso social, modificando a concepção dos espaços, e ainda, os comportamentos mediante essas trocas (SILVA, 2011):

Todas as espécies (incluindo os seres humanos) podem afetar a evolução subsequente por meio de seu próprio comportamento. Todas as espécies (incluindo os seres humanos) podem fazer opções ativas e, por meio de seu comportamento, alterar as condições físicas e sociais com que seus descendentes terão que lidar. Elas também modificam seu comportamento como reação a modificações de condições e, ao se transformar, se expõem a novas condições que geram possibilidades diferentes para a mudança evolutiva (HARVEY, 2006, p. 278).

Cabe dizer que, quando o ambiente proporciona uma imagem clara aos sujeitos, além de contribuir para a formação dessa imagem, nítida e bem estruturada, no imaginário, é também uma base saudável para o crescimento do sujeito a partir do desenvolvimento do seu simbólico (LYNCH, 2017, p. 12): “Uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias conectivas da comunicação entre grupos”.

Entende-se, dessa forma, que a imagem e o imaginário são sinônimos do simbólico, ou ainda, o simbólico é um caminho que o imaginário se utiliza para se manifestar (SILVA, 2011, p.52). Essas imagens, regadas de sentidos, são, portanto, frutos das estruturas do inconsciente (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

A relação entre imaginário e o simbólico, vai ainda mais além quando trabalhado pelos autores Borde (1999), Baczko (1999) e Wilkoszynski (2006). Baczko (1999) trata o imaginário como sendo umas das “forças” que constroem a vida social. O grupo ou a coletividade, através das significações coletivas, determina a sua identidade, elabora uma representação de si, distribui os papéis e as posições sociais, concebe suas crenças e valores e configura um tipo de “código” de comportamento. Incentivados pela força reguladora: o imaginário social. O autor também afirma que o “código” estruturado, também diz respeito ao modo de vida dentro do espaço urbano, onde cada geração traz a sua definição de homem e de sociedade, pelo o que ela vem a ser e pelo o que ela deveria ser (BACZKO, 1999). Esse código urbano é formulado por um imaginário social próprio e vindo de um determinado ambiente, é uma categoria diferente de imaginário social, denominado de imaginário urbano (WILKOSZYNSKI, 2006). Estamos diante de uma pluralidade social quando tratamos de imaginário social e imaginário urbano. O que deve ficar claro é que o imaginário urbano advém de uma variação social, ele é considerado uma expressão do imaginário social. Portanto, o imaginário social possuem inúmeras classes e nomeações, compreendido como memórias e esperanças coletivas (BORDE, 1999).

O que difere o imaginário da imaginação é um elemento já mencionado por aqui e, de fundamental importância ao nosso estudo: a afetividade. Tanto a imaginação, quanto o imaginário são expressos por imagens, por procedimentos intelectuais elaborados, transcritos de formas simbólicas por símbolos ou significados. Porém, o imaginário se eleva, ele traduz uma maneira específica de perceber o mundo, fazendo com que a representação imaginária seja carregada de afetos, emoções e poética (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

O desfecho do imaginário é, então, “a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 08),

sabendo que a apresentação dessa “coisa” não se dá, de maneira direta, no momento da percepção do lugar, mas é construída a partir do real e, é no imaginário que o estímulo perceptual tem o apoio, devendo então ser desenvolvido e criando novas relações com base na percepção, podendo serem reais, ou não:

O imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade, contada pelos cidadãos diariamente, e tais pronunciamentos, a fabulação, o segredo ou a mentira, constituem, entre outras, três estratégias na narração do ser urbano. Os relatos focalizam a cidade gerando diferentes pontos de vista (SILVA, 2011, P. 50).

Dizemos, por isso, que o imaginário tem um compromisso com o real. O real, nesse caso, representa as interpretações, uma tradução mental de uma realidade exterior percebida. Não quer dizer que ele tenha um compromisso com a realidade, até porque, como vimos, a realidade percebida tem o imaginário como o lugar de sua transformação. O imaginário assume a condição de intenção, de participação, que é conformada no mais íntimo do sujeito quando ele se relaciona com a realidade, abraçando-se em significados (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Da mesma forma que se busca no imaginário, os desejos e as perspectivas para que seja elaborado o planejamento do espaço urbano, ou da construção arquitetônica, realiza-se o caminho inverso, através daquilo que já está concretizado. A arquitetura e o urbanismo dirigem-se ao imaginário para que sejam criados as representações, os valores e os símbolos, os quais irão traduzir aquela comunidade. É na cidade real e na cidade “que se parece” que se acessa o imaginário, produzindo os discursos e configurando, assim, as imagens. Ao saber que o imaginário é uma das formas de manifestação que permitem descobrir os aspectos simbólicos da relação pessoa-ambiente, e que, a partir disso, podem ser estudados e interpretados, a fim de conhecer o sentido da vida coletiva, desvendando sua visão subjetiva e compreendendo sua forma de agir, o imaginário se torna um instrumento que pode otimizar as análises para com o meio urbano em busca de aperfeiçoamento e evolução (BORDE, 1999; BOMFIM, 2010).

O imaginário, portanto, é esse sistema de representações, um coletivo de ideias e de imagens, elaborados pelos sujeitos para o fim de atribuir significado ao meio social (PESAVENTO, 2002). E a compreensão vinda a partir dos pensamentos, coletados

pelos relatos, faz com o que o imaginário e a materialização do lugar se tornem mais próximos. Isso permite que sejam alcançadas formas de trabalhar o urbano de uma maneira mais coerente e harmoniosa, em sintonia com as aspirações coletivas.

6 | A PESQUISA

Empenhados com a prática da errância e as possibilidades que ela dispõe em apreender a cidade (JACQUES, 2014), em junção aos multimétodos apresentados na metodologia, firmamos o objetivo desse trabalho, apresentando os instrumentos, de forma dialética, de acordo com cada rua. Posteriormente, comprometemo-nos em elaborarmos uma ressignificação do conceito de rua como espaço público, mediante a compreensão dos estudos das ruas.

6.1 | A RUA CORONEL PEDRO BENEDET

É um borbulhar de gente, indo pra lá, vindo pra cá. O sentido é claro, há mais gente, vindo pra cá [Praça Nereu Ramos], do que indo pra lá [Hospital São José]. Mas quem quer ir pra lá? Gente quer gente, quer praça, quer lugar, quer estar. Não tem nada lá, só é aonde não se quer chegar (AUTORA, registro em 12/09/2018, 15:08h).

Figura 13- Foto panorâmica da Rua Coronel Pedro Benedit registrada no feriado do dia 07 de setembro de 2018, sexta-feira, às 08h46 min a.m.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 14- Resumo de Campo da Rua Coronel Pedro Benedit.

RESUMO DE CAMPO DA RUA CORONEL PEDRO BENEDET	
Dias de Campo	10 dias
INSTRUMENTO DE PESQUISA- EXPERIMENTANDO	
Dias do Instrumento	6 dias (50% nublado, 30% ensolarado, 20% chuvoso)
Pessoas Analisadas	727 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- CONTANDO	
Dias do Instrumento	3 dias
Pessoas Analisadas	329 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- ENTREVISTANDO	
Dias do Instrumento	1 dia
Pessoas Entrevistadas	5 pessoas
Pessoas que recusaram a Entrevista	14 pessoas (9 não quiseram, 5 com pressa)

Fonte: Autora, 2019.

6.1.1 | A Rua daquele sujeito

Tangenciando o espaço público da Praça Nereu Ramos, a Rua Coronel Pedro Benedit de sentido único e faixa única de circulação de automóveis, possui caráter local na malha viária da cidade de Criciúma/SC (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007). Isso significa que a via recebe uma menor capacidade de tráfego e é destinada a absorver somente o fluxo advindo dos usos de comerciais, serviços e residenciais do entorno. Sua permeabilidade atinge o espaço central da cidade e alcança o alto do Hospital São José. Na Figura 15, os pontos A e B correspondem à imagem de início do recorte. Sendo o ponto A o início do trajeto estudado e B representado pela Praça Nereu Ramos. Já os pontos C e D compõem, respectivamente, o final do trajeto e o direcionamento ao Hospital São José, equipamento localizado fora do território analisado.

Figura 15- Foto panorâmica da Rua Coronel Pedro Benedet do recorte estudado.



Fonte: Autora, 2018.

Compondo a Quarta Região Administrativa do Município de Criciúma/SC e pertencente ao bairro Centro, a Rua Coronel Pedro Benedet é uma das artérias do coração da cidade: a Praça Nereu Ramos, núcleo de conformação inicial. O entendimento dessa ligação pode ser observado, em dois, dos cinco entrevistados da pesquisa. Um dos entrevistados, o senhor F.(PB)⁹, procedente de Tubarão/SC, mas que reside em Criciúma/SC há mais de 20 anos, discorre que a Rua Coronel Pedro Benedet tem seu começo na Praça Nereu Ramos, e ainda acrescenta o entendimento do seu limite, como sendo o Hospital São José. Já o segundo entrevistado, o senhor C.(PB), aos 70 anos, natural de Criciúma/SC, menciona que, como faz uso diário da Praça Nereu Ramos, faz da Rua Coronel Pedro Benedet o “cordão umbilical” até a sua casa, fortificando ainda mais os laços existentes entre a rua e a praça.

O fervilhar da Rua Coronel Pedro Benedet encontra sua origem nessa proximidade com a Praça Nereu Ramos, servindo de sustento a movimentação do espaço público central. É também correspondente, ao ponto de maior conflito experimentado no recorte, chamado por Arantes (1994, p. 191) por “guerra dos lugares”, contexto pertinente nas cidades contemporâneas. O trecho circulado, na Figura

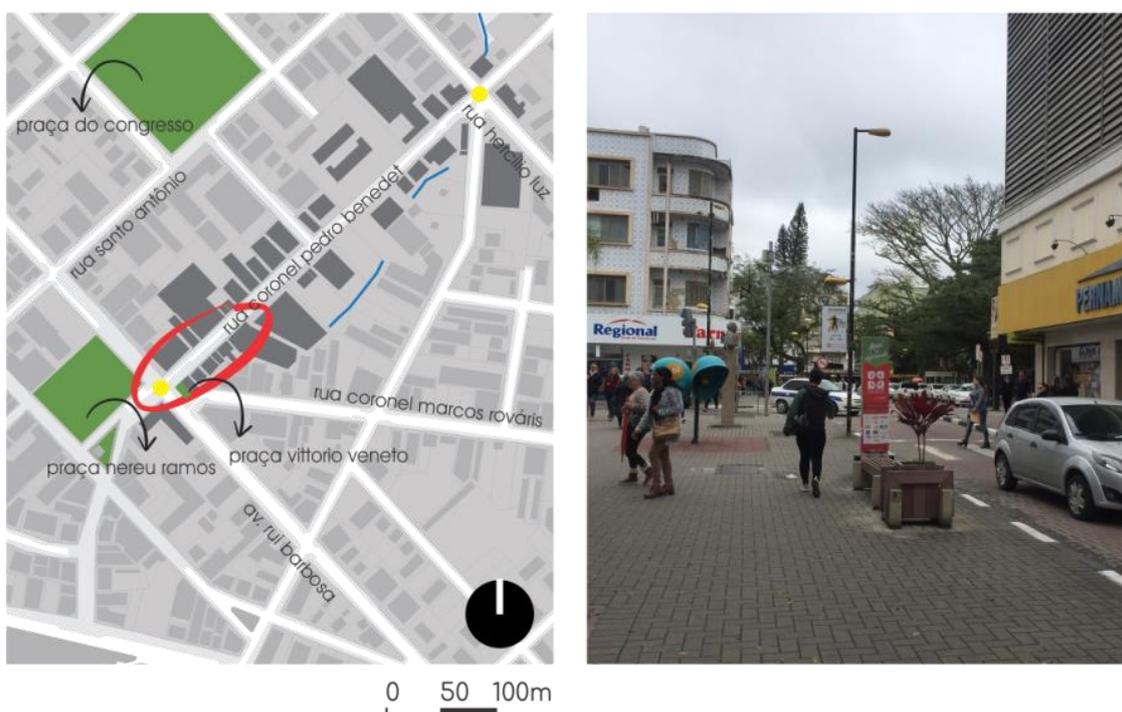
⁹ Todos os entrevistados referentes à Rua Coronel Pedro Benedet aparecem identificados com o sufixo da rua: PB, para que o domínio de compreensão entre sujeito e contexto seja mais bem apreendido.

16, indica uma grande concentração de pessoas e veículos, disputando o espaço público da Rua Coronel Pedro Benedit, e ainda, acompanha a fotografia que permite a visualização a Praça Nereu Ramos ao fundo.

Figura 16- Mapa Ilustrativo do ponto de maior conflito na Rua Coronel Pedro Benedit.

PONTO DE MAIOR CONFLITO

RUA CORONEL PEDRO BENEDET



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Essa conexão com a praça admite uma valorização do seu tecido, tanto físico, quanto econômico. A apreciação física pode ser identificada através do processo de reformulação da rua, acontecido em meados do ano de 2012, quando a Prefeitura Municipal de Criciúma deu início à reparação da rua, em decorrência das obras do Canal Auxiliar¹⁰ que transformaram a rua em um verdadeiro mar de lama

¹⁰ Por consequência do aquecimento das massas de ar e o encobrimento do Rio Criciúma, principal rio da cidade, o volume de chuva na cidade aumentou consideravelmente, levando ao aumento das áreas de alagamento. A primeira enchente registrada na cidade ocorreu na década de 1970 e desde então, as chuvas tem causado transtornos, principalmente na área central da cidade. Incluindo as duas ruas centrais trabalhadas- Rua Coronel Pedro Benedit e Rua Henrique Lage. Sendo assim, o setor público investiu na construção de um canal auxiliar para a cidade, que não interferisse no curso do Rio Criciúma e que pudesse ser construído em paralelo com o mesmo. As compensações socioambientais do canal aumentaram a segurança contra as enchentes e reestruturaram fisicamente, algumas ruas centrais da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2012?).

(PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2012). E o mérito econômico, é incentivado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- SEBRAE, que reconheceram no espaço da Rua Coronel Pedro Benedet um potencial para a implantação de um *shopping* a céu aberto, projeto chamado pelo SEBRAE de “Revitalização de Espaços Comerciais”, envolvidos na propaganda de espaços mais seguros e cômodos, para comerciantes e para consumidores (SEBRAE- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESA, 2018).

Os retalhos, da especificidade da rua, são encontrados em todo o trajeto, evidenciando a cidade de “se fazer e se dizer” de Pais (2010), espalhando um mundo de fábulas que criam uma arquitetura imaginada, que interferem nas sensações dos seus sujeitos (SILVA, 2011; PAIS 2010). Na Figura 17, o anúncio publicitário do projeto de revitalização dos espaços comerciais do SEBRAE, indica que a Rua Coronel Pedro Benedet é um “*open shopping*” e ainda expressa que, “*aqui é diferente*”. Em concordância com Pais (2010), o enunciado da rua estimula um caráter relativo à ficção que estão para conduzir os sujeitos a um tratamento diferenciado da rua. Quando percebido, o sujeito associa a imagem do anúncio às características do lugar.

Figura 17- Os anúncios espalhados ao longo do trajeto correspondem ao tratamento especial da Rua Coronel Pedro Benedet.



Fonte: Autora, 2018.

Esse incentivo econômico permite fazer uma leitura do contexto das cidades atuais, que reproduzem cidadão-consumidores, alienados e estranhos em sua própria cidade, dissociando constantemente, a polis da urbe. Amparados por Pais (2007), entende-se o consumo como um projeto de vida inteiramente individual, sem incorporar o espaço como meio social. Isso impede relacionamentos mais íntimos dos sujeitos com os espaços, justamente por estarem envolvidos, apenas, economicamente com eles. Não que a produção econômica não tenha um papel importante, mas que não seja somente ela a induzir a formação dos cidadãos (PAIS, 2010).

A condição de ser uma rua singular é percebida por três, dos cinco entrevistados. Dentre eles, P.(PB), natural de Londrina/PR e morador de Criciúma/SC desde os três anos de idade, classifica a Rua Coronel Pedro Benedit como uma via diferenciada, expressada através da ideia de “rua modernizada”: “[...] é uma rua que marca muito, porque ela está bem produzida, assim, mais modernizada [...] no sentido visual, estético e também de organização, com banquinhos, floreiras [...]”. O sujeito continua a sua percepção comparando-a a um mini-*shopping*, e em sequência a sua fala, ele associa a rua com uma pracinha. A característica de mini-*shopping* é referida pela concentração intensa de lojas e variedades de serviços, enfatizando que sua intenção para com a rua, no momento da entrevista, era justamente, a de fazer compras. Já a característica de pracinha é pela possibilidade de permanência na rua. Entretanto, ao ser perguntado sobre algum lugar que gosta de estar na rua, P.(PB) anuncia que não haveria nenhum lugar que lhe agrada para ficar na rua, contradizendo o sentido de permanência que lhe foi apontado anteriormente.

Para uma melhor análise da fala, recorreremos ao que P.(PB) entende por rua. A ideia de rua significa para o sujeito um espaço de calçada e um espaço para carros. Apresenta que utiliza de espaços públicos como as praças, em especial, a Praça Nereu Ramos, para encontrar pessoas e conversar. Mas não demonstra intenção por essa atividade no espaço da rua. O significado de rua, portanto, limita-se em ser um espaço apenas de circulação. Essa concepção assenta-se a usos típicos da rua, desvalorizando o seu potencial como um lugar público. O espaço público da rua torna-se cada vez mais insignificante e sem nenhuma vida coletiva, empobrecendo o meio urbano público (MOURA; WEHMANN; MUNIZ, 2017; COLLINS; SHANTZ, 2009).

O entendimento de rua sustentado pelo entrevistado P.(PB) faz com que ele não tenha interesse em nenhum ponto de permanência na Rua Coronel Pedro Benedet. Estamos diante de situações que são dadas por entendidas pelos sujeitos, mas que, na realidade, são conceitos distorcidos do real significa da rua. A partir do momento em que o sujeito assimila por verdade, seu entendimento do ambiente, dificilmente ele terá a percepção de que, aquela conformação ilusória de espaço é precipitada. Bem como a produção desses espaços, feitos pelos mesmos sujeitos, continuarão a serem construídos de forma a corresponder ao conceito dissociado do seu verdadeiro significado. Desse modo, criam-se espaços de acordo com o entendimento dos sujeitos, e entendem-se os espaços sob a mesma perspectiva (LEFEBVRE, 2000).

Distintamente do sujeito anterior, o segundo entrevistado, C.(PB), que também percebe a rua como sendo incomum, tem sua subjetividade um pouco mais sensível em relação ao ambiente da Rua Coronel Pedro Benedet. Descrevendo a rua a partir da sua urbanidade: “[...] *muito bem comercializada, tem comércio forte, uma estrutura, assim, que acolhe a gente bastante durante o dia*”. A urbanidade é encontrada no acolhimento da relação que C.(PB) tem para com a rua, fator positivo do caráter da cidade. Esse aspecto se torna efetivo para o sujeito por estar presente em seu íntimo. Quando o sujeito permite-se envolver com os espaços públicos, ele dá sentido urbano ao lugar, refletindo diretamente em sua vida (AGUIAR; NETTO, 2012; GONÇALVES, 2014; SILVA, 2011).

C.(PB) expressa sobre a Rua Coronel Pedro Benedet, fazendo dela o **seu** caminho: “[...] *é meu caminho principal [...] eu caminho por ela, caminho com maior prazer, porque é uma rua conservada, de bom acesso, bem localizada, calma, funcional, bem útil, não tem perigo de nada. Não tem bandidagem nenhuma. Me sinto muito bem*”. O sujeito atribui à rua o significado de aproximação, é um meio de percorrer os lugares, de chegar a qualquer lugar. C.(PB) é um praticante da errância, permite-se enxergar a Rua Coronel Pedro Benedet, não apenas por uma visão de cima, como um mapa exposto na mesa, mas sim, experimentando a rua de dentro, inventando a sua própria cartografia, uma ferramenta subjetiva e singular, ligada à experiência da alteridade. Os conceitos de sentido de direção e de destino, internalizados a partir de Gonçalves, Destro e Rocha (2009), auxilia-nos nessa compreensão. Havendo um

significado muito maior no caminhar de C.(PB) (BAUDELAIRE, 1997; GEHL, 2015; JACQUES, 2014).

O que se pode perceber são dois pontos de vista distintos dos entrevistados P.(PB) e C.(PB), mas que os dois representam uma ideia de lugar incomum para a Rua Coronel Pedro Benedet. O primeiro concentra-se no sentido estético da rua, descrevendo-a por uma série de imagens relacionadas ao poder econômico apreendido pela rua. O segundo, também se baseia em um sentido especial, mas não é envolvido por nenhum anúncio, ou pelo o que vê no ambiente da rua, e sim, pelo o que sente e pelo o que convive. Deixando-se abraçar pelos afetos concebidos a partir da relação com a Rua Coronel Pedro Benedet.

Há ainda um terceiro sujeito que evidencia o caráter singular da Rua Coronel Pedro Benedet, apresenta-nos como sendo uma rua “nova”. Sentado em um banco, à espera de um cliente, F.(PB) expressa seu entusiasmo com a Rua Coronel Pedro Benedet. Relata que seu relacionamento com a rua é antigo, e que conheceu a rua em sua forma anterior: “[...] sei o que ela mudou, mudou a pavimentação, era a pedrinha da polêmica [fazendo relação à pedra petit pavê, pedra original do centro da cidade], mudou a iluminação, a jardinagem toda, as floreiras [...] as lojas deram um pequena modificada, mas precisa um pouco mais [...] em si, está bem melhor que antigamente”. Ao sentir as mudanças que a rua sofreu, após o processo de revitalização de seu espaço, o sujeito interpreta o real, e ainda, resgata figuras guardadas em sua memória, da antiga imagem da rua, criando em seu íntimo, as representações para com o lugar da Rua Coronel Pedro Benedet, conseguindo formular as mudanças por um olhar positivo (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Sobre a ocupação atual da Rua Coronel Pedro Benedet, admite-se uma conformação sequencial de edificações, concentrando-se na faixa de altura de quatro pavimentos, com alguns inesperados momentos de escalas maiores e vazios urbanos, configurando uma ocupação conforme apresentação na Figura 18. Dos poucos vazios que a rua comporta, esses são destinados ao uso de estacionamentos rotativos. Os espaços vazios são compartilhamentos dos espaços privados, por exemplo: o comércio que não utiliza do fundo do seu terreno, aluga o espaço e oferece a uma empresa

rotativa de estacionamento, isso faz com que o comerciante utilize do espaço inóspito, aproveitando-o para a geração de outro serviço e favorecendo a sua renda, mais uma vez a rua é moldada a partir do incentivo econômico.

Essa forma de implantação incentiva o deslocamento por meio de veículo particular e ainda, proporciona uma vivência do espaço da rua, experimentada pelos vidros das janelas dos automóveis, um contato supérfluo e sem vida (PAIS, 2010). Por outro lado, há uma comodidade de deslocamento para quem visita o coração da cidade de Criciúma/SC.

É defendido um espaço livre de qualquer meio mecanizado de interação, o que não corresponde ao espaço da Rua Coronel Pedro Benedet, que direciona para um domínio de automóveis e impede qualquer benefício de aproveitamento humano e coletivo do espaço (GEHL, 2015).

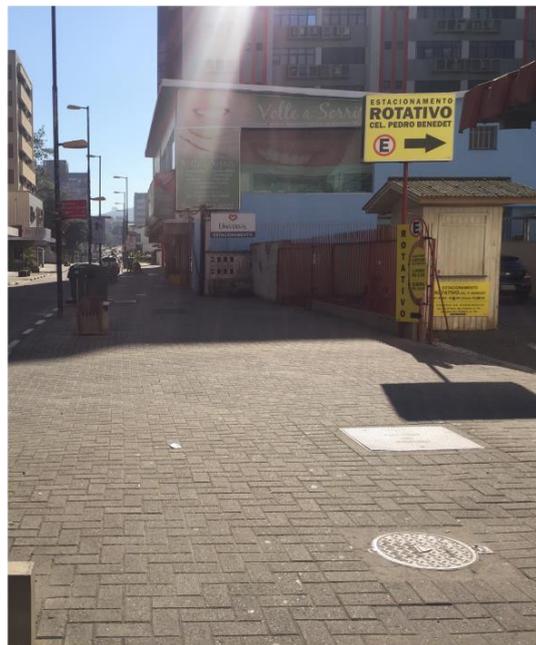
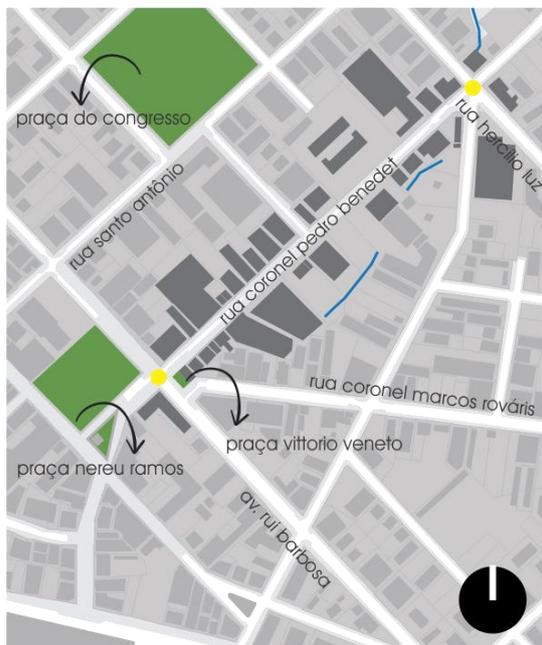
Os carros, ainda, são os principais sons, àquele de pedregulho no estacionamento. E quando o carro resolve sair, encontra pessoas esperando-o na calçada, será tão importante assim para ter essa plateia? Ou será que estão esperando a sua vez? Alguns até se arriscam em passar, que sorte a dele, poder continuar seu trajeto, poder caminhar. Mas e àqueles que esperam? Precisam esperar? Quando é chegada a vez das pessoas? E por que não passar? (AUTORA, registro em 30/09/2018, 13h46min).

Na Figura 18, discorreremos como se comporta essa ocupação, por um Mapa Ilustrativo de Cheios e Vazios. Os espaços em verde representam as duas praças principais do centro da cidade, Praça Nereu Ramos e Praça do Congresso. A ocupação da Rua Coronel Pedro Benedet é destacada em cinza-escuro, os vazios em cinza-claro e os pontos em amarelo representam o trecho trabalhado nessa pesquisa:

Figura 18- Mapa Ilustrativo dos Cheios e Vazios da Rua Coronel Pedro Benedit.

CHEIOS E VAZIOS

RUA CORONEL PEDRO BENEDET



0 50 100m

Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Sobre os usos da rua, a discussão envolve os usos referentes às edificações e os usos pertencentes aos espaços da rua. Como usos das edificações, têm-se um domínio estabelecido pelo Plano Diretor da cidade, Lei Complementar nº 095, de 28 de dezembro de 2012, onde apresenta o seu caráter como Zona Central 1 (ZC1) e Zona Central 2 (ZC2), apresentados conforme o recorte trabalhado. Essas zonas são ditas como áreas iniciais do traçado da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

A ZC1 faz parte, do que chamamos de início da rua, Figura 19, onde é diretamente ligada a Praça Nereu Ramos, seguindo até meados da metade do trecho estudado. Essa região corresponde a uma área desfavorável pra a ocupação intensiva. É prevista para uma ocupação de até quatro pavimentos, devido as suas condições físicas e de infraestruturas. A atividade predominante é o uso comercial e de serviço e é destinada, por lei, a ser de preferência do pedestre. Já a ZC2, é delimitada ao restante do

recorte, também presente na Figura 19, tem suas condições físicas e de infraestruturas favoráveis à ocupação intensiva, possibilitando uma ocupação vertical de até dezesseis pavimentos, incluindo o uso residencial, além das já citadas: comercial e de serviço (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

No lugar tem-se um cenário homogeneizado pelo uso comercial e de serviço. Um pouco mais de 20% do território estudado faz uso residencial. Isso significa que, o espaço da Rua Coronel Pedro Benedet corre o risco de ser ameaçado pela insegurança e com disposição a produzir espaços ociosos em períodos em que as atividades comerciais e de serviços, não estejam em funcionamento. O fato acontece nos períodos noturnos e de feriados, onde a cidade deveria estar embriagada da mesma movimentação que recebe durante o dia. Se considerarmos os períodos mencionados, o espaço público da Rua Coronel Pedro Benedet tem vida útil limitada.

Nesse caso, a cidade de Jacobs (2011) e Gehl (2015) é sequestrada pela falta de diversificação. Observada no primeiro momento, pela determinação de zoneamento da rua, onde há apreensão daquilo que “nos protege” é arrancado do espaço público. Estamos falando dos olhos das ruas, presentes na incorporação dos edifícios residenciais na composição dos espaços públicos, mas longe da conformação da Rua Coronel Pedro Benedet. Os olhos na rua (JACOBS, 2011) são sinais de proteção e de participação da vida social, podendo intervir livremente no espaço público, a qualquer hora do dia. Ao invés disso, anunciamos fachadas tomadas por vidros, que espelham as sensações de medo e de insegurança, impostas aos horários em que os estabelecimentos estão fechados.

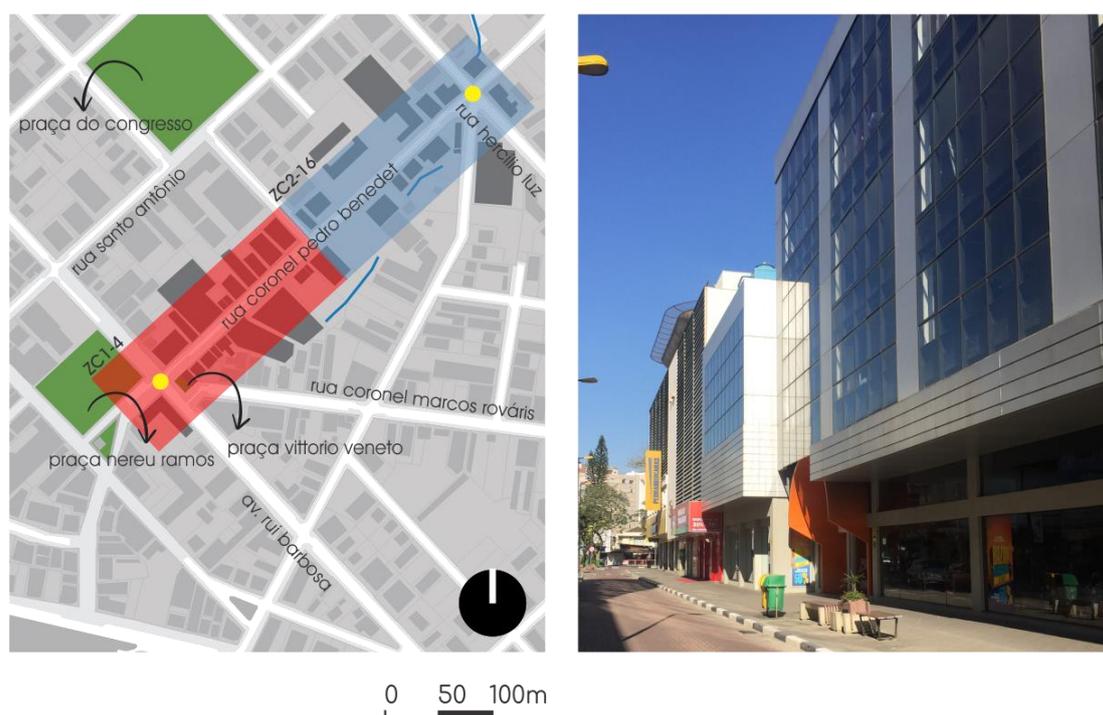
O sinal do pedestre funciona para ninguém. Ninguém é uma figura bem presente. Um ninguém em poucas pessoas, um ninguém em poucos barulhos. Sinto-me insegurança nessa imensidão de ninguéns... As sombras dos prédios parecem acentuar um espaço frio e sem vida. Para onde foram todas aquelas pessoas? Serei eu um ninguém desse espaço? Ouço um senhor perto da praça [Praça Nereu Ramos]. Foi como renascer a esperança de ver gente naquele lugar, então eu sigo a sua voz, para que não me sinta tão rodeada de ninguéns. “Um bom dia pra ti” diz o senhor, “já peguei um solzinho, agora vou embora”. Novamente, ficamos eu e os ninguéns (AUTORA, registro em 07/09/2018, 08h46min).

Na Figura 19, ao lado do mapa ilustrativo, trazemos, também, uma fotografia que retrata uma série de edifícios de caráter comercial e que quando não estão em uso, anunciam um lugar de ninguém.

Figura 19- Mapa Ilustrativo do Zoneamento da Rua Coronel Pedro Benedet.

ZONEAMENTO DA RUA

RUA CORONEL PEDRO BENEDET



Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Sobre as apropriações do espaço, têm-se uma leitura de que o espaço da Rua Coronel Pedro Benedet é uma rua que compete ao interesse funcional, concentrando-se na circulação, como principal função. Dos cinco entrevistados, somente dois deles compreendem o espaço da rua com um leque maior de atratividade, envolvendo atividades ligadas à encontros e permanências.

O primeiro entrevistado, Z.(PB), natural de Criciúma/SC e administrador de empresa, possui seu domicílio atual localizado na Praça do Congresso, próximo a rua estudada, e tem seu trabalho localizado na Rua Coronel Pedro Benedet, há mais de 15 anos. Mesmo havendo um tempo significativo de interação da rua para com a pessoa, o relacionamento de Z.(PB) se concentra no conceito de rua como meio de passagem:

“*Além do trânsito, a passagem de pedestres*”. Entende-se que a importância maior, no enunciado, está para admitir a rua como tendo o sentido de abrigar os automóveis. E que, a passagem de pedestres torna-se uma função complementar da rua. O sujeito não atribui, ao ambiente da rua, nenhuma outra função que não seja as que envolvam a mobilidade dentro da cidade (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017; MEHTA, 2013; PURWANTO; DARMAWAN, 2014).

Ao investigar sobre a Rua Coronel Pedro Benedet, Z.(PB) pronuncia que é uma via bem aproveitada, tanto na circulação de automóveis, como também possui um espaço físico agradável para o pedestre. Z.(PB) relaciona a rua como sendo um lugar de mistura, mistura de trânsito de automóveis e mistura de trânsito de pedestres, identificando-a como sendo uma rua barulhenta. O que se pretende expor aqui, é que, quando o sujeito entende a rua como um lugar de passagem, ele acaba assumindo comportamentos motivados pela função que é entendida por ele. Impossibilitando que haja qualquer tipo de experiência de relação (ALVES, 2007; BOMFIM, 2010).

Mesmo não tendo intencionalidade com o espaço da rua, para usos além da circulação, Z.(PB) revela que a rua traz muitas lembranças do seu passado, de quando usava o ambiente da rua como amparo das brincadeiras infantis: “[...] *no tempo que era areão [...] que não tinha essas edificações todas, eram tudo casinhas, no máximo prédiozinhos de dois andares*”. Nota-se que o espaço da rua já foi compreendido pelo sujeito de duas formas. Uma imagem, trazida do seu passado, onde percebia o ambiente da rua como espaço receptivo a outras atividades e, a outra imagem, mais atual, percebida por uma rua que sustenta uma marcha coletiva de veículos e pessoas. Deparamo-nos, aqui, com o que Azevedo, Mattos e Bartholo (2015) e Tuan (1983) abordam sobre o caráter transitório da topofilia¹¹, muito característico de regiões em processo de crescimento, onde há mudanças substanciais no tecido urbano. Nessa perspectiva, o elo do lugar para com o sujeito é adiantado a um prazo de validade que, a qualquer momento, dependendo da modificação urbana, pode ser rompido. Apesar do enraizamento do sujeito, por sua experiência de convívio com o espaço da Rua Coronel Pedro Benedet, o sentido de pertencimento foi afastado do sujeito, sintetizando-a a um

¹¹ Topofilia é entendida como um elo entre a pessoa e o lugar. Para construir esse elo, o sujeito é encoberto de afetividade para com o espaço urbano, transformando-o em um lugar, o lugar do sujeito.

espaço de passagem (TUAN, 1983). Isso é confirmado, diante da manifestação de Z.(PB) em dizer que, ao permear a Rua Coronel Pedro Benedet seus pensamentos não se relacionam ao momento presente, do caminhar da rua, estando dispersos em sua consciência e, associados ao seu dia-a-dia, acomodando-se no modo automático da vida cotidiana.

O fato de se criar espaços simbólicos momentâneos, também está presente na fala do segundo entrevistado. Como já apresentado, P.(PB) não se apropria do espaço da Rua Coronel Pedro Benedet, mantendo um relacionamento de consumidor *versus* comerciante. Mas, por algum momento da entrevista, P.(PB) flanou seu pensamento e nos encobriu das lembranças que a Rua Coronel Pedro Benedet lhe proporciona. Recordando-se dos seus tempos de colégio, justamente por estarmos localizados aos fundos do Colégio São Bento, fachada esta, que é voltada para a Rua Coronel Pedro Benedet. Mesmo que as recordações tenham retornado à percepção do sujeito, ele menciona que na correria do dia-a-dia, muitas vezes, passam despercebidas. Em algum momento da sua vida, essas percepções de lugar puderam ser internalizadas e guardadas e, no momento da entrevista, pôde ser revivida e revelada a nós. Isso acontece porque o sujeito se deu conta, novamente, do que é aquele lugar e do quanto ele significa (HALBWACHS, 2006).

Outro participante que não reconhece na rua um espaço de socialização é G.(PB). Seu papel maior para com a Rua Coronel Pedro Benedet se concentra no fato de ser agente de trânsito. Transitando pela rua, diante de uma postura de trabalho, G.(PB) relata a experiência de convívio para com o ambiente da rua dizendo que, não haveria nela nenhum lugar específico para permanência e também não evoca nenhuma lembrança com seu caminhar. G.(PB) prefere lugares privados e pessoais, como a sua casa, para interagir com outras pessoas e não vê no espaço da rua, possibilidades para essa atividade.

Comprometemo-nos em entender melhor a relação do sujeito para com a rua, visto que suas palavras, objetivas e precisas, dificultam o acesso a seu imaginário. Ao ser perguntado sobre o significado da rua, G.(PB) associa inteiramente ao seu trabalho, e expressa que rua é segura, em todos os sentidos: “[...] *segurança, segurança viária,*

calçamento, a parte de sinalização de trânsito, toda a parte de infraestrutura, o bem estar de quem caminha, de quem circula com seus veículos, seria mais ou menos isso". O sujeito reconhece a rua através de aspectos, diariamente, tratados por ele. E manifesta, em seu discurso, a equidade dos espaços, dizendo que devem ser espaços igualitários e disponíveis a todos, tanto para os pedestres, quanto para os veículos. Todos os usos admitidos pela rua, portanto, deve estar congruentes à segurança, garantindo um funcionamento eficaz (JALALADDINI; OKTAY, 2012; GONÇALVES, 2014).

Diferentemente dos três entrevistados citados anteriormente, trazemos os dois últimos participantes com um ponto de vista voltada a uma interpretação da rua para além do andar. O primeiro deles, senhor C.(PB) utiliza-se do espaço da rua, onde passa a maior parte do seu tempo, vagando pela cidade: *"Eu me levanto às 5h da manhã, caminho por 1h durante o dia. Saio daqui do centro [local aonde mora], vou até o Parque das Nações, caminho lá [...] Chego em casa, me arrumo e volto pro centro [...] a gente se encontra aqui no centro, só volto pra casa de noitinha"* [o centro aqui, corresponde a Rua Coronel Pedro Benedet e a Praça Nereu Ramos]. Nessa fala, percebe-se que os espaços públicos do centro, não envolvem a sua atividade de caminhada, mas acolhem atividades de estadia. Associando que, para a prática de exercícios, o Parque das Nações, localizado no bairro Próspera, em Criciúma/SC, é mais propício. Já para descansar no restante do dia, os lugares do centro permitem essa função. É também observado que existem dois tipos de centros da cidade para C.(PB), o primeiro é seu lar e o segundo é seu lazer. A cidade é, do seu ponto de vista, um lugar interações e de diálogos e que, diferentes lugares proporcionam experiências variadas (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996; MEHTA, 2013).

A segunda interpretação fica por conta do sujeito F.(PB), que vincula a rua como um espaço que circula muita gente, faz da rua um espaço de encontros, mas admite que, com o corre-corre do dia, a permanência na rua é evitada. Esse espaço de interação social é dito pelo sujeito como a extensão de sua casa, como se fosse uma continuidade dela: *"A rua como a gente se desloca, ela passa a ser, se a pessoa tiver consciência, quase a extensão da casa da gente"*. Em outro discurso, o sujeito corresponde dizendo que: *"a rua é minha"*. A sensibilidade de F.(PB), para com a rua,

anuncia o desenvolvimento do caráter afetivo com o lugar, bem como a sua apropriação. Com isso, laços são construídos e uma infinidade de significados pode ser atribuída (BAUMAN, 2001). Outro ponto relevante é a ideia de continuidade da sua casa, enxergando a rua como o sentido de direção e de destino, que possibilita alcançar inúmeros lugares, e uma imensidão de descobertas (GONÇALVES; DESTRO; SOUZA, 2009).

F.(PB) discorre, ainda, sobre os acessos que a Rua Coronel Pedro Benedet admite. Acessos físicos, como por exemplo, direciona para a Igreja Matriz São José, ou para o Hospital São José. Acessos funcionais, envolvendo a forte atividade comercial e, ainda, acessos simbólicos, dizendo que a rua permite um “*livre acesso*”, representado a partir do caminhar (BAUDELAIRE, 1997; PROSHANSKY; FABIAN, 1976; POL, 1996; GONÇALVES, 2007).

A subjetividade do sujeito em comparar a rua como sendo a sua casa, persiste durante o diálogo, levando-o a manifestar que o cuidado com a nossa casa, deve responder ao cuidado com a rua: “[...] *porque se a gente gosta da nossa casa limpa, a rua também, tem que estar limpa pra gente gostar. Esse é meu ponto de vista*”. Vemos, novamente, o sentimento de apropriação e de pertencimento para com a rua. Aspectos esses, reforçados pelos autores nutridos pela psicologia ambiental, como é o caso de Proshansky e Fabian (1976), Pol (1996) e Gonçalves (2007).

O sentido urbano (SILVA, 2011), internalizado no sujeito, permite que ele faça analogias para com a Rua Coronel Pedro Benedet dizendo que, para ele, é o berço da cidade de Criciúma/SC: “*Eu digo berço porque é aconchegante, tá bonita, então eu acho berço*”. Se para ele a rua não seria uma lugar de lutas e reivindicações, que até amedrontam os sujeitos, por outro lado, é um berço, sugerindo o sentido de proteção, acolhimento, segurança. E a confirmação de ser uma rua segura vem quando, pergunta-se sobre como é a Rua Coronel Pedro Benedet, sua opção concentrou-se na definição de segurança: “*É segura sim, a calçada dela está com uma largura muito boa mesmo. Excelente. Pra nós pedestres, é muito segura. O movimento de veículos é baixo. Por isso, eu acho que não é uma rua perigosa*”. O espaço público da Rua Coronel Pedro

Benedet é envolvido pela urbanidade, fazendo com que o sujeito associe o espaço da rua com a imagem de berço, compondo o ideário de F.(PB). (WIKOSZYNSKI, 2006).

Assim como os primeiros entrevistados, F.(PB) também produz lembranças ao passar pela Rua Coronel Pedro Benedet, seu pensamento voa para a época que existia o Cine Ópera, (dito pelo sujeito como Cine Milanese), atualmente ocupado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Outra lembrança é evocada pela “fundação”, querendo dizer o Centro Cultural Jorge Zanatta: “[...] a fundação, sabe? Eu me lembro, ali era um ponto bem legal [...] agora me foge a memória, mas sei que era alguma coisa relacionada ao carvão”. Suas recordações, apesar de falharem, nos fazem observar o quanto da história é internalizado pelo coletivo, representando a nossa memória, mas que, mesmo não sabendo ao certo do que se tratava, é sabido que havia alguma coisa ali, importante e cheia de significado, que se mantém arquivada no imaginário (HALBWACHS, 2006).

Até aqui, discutimos sobre os usos e representações dos entrevistados para com a Rua Coronel Pedro Benedet, figuras anônimas notadas em meio a uma multidão anônima (GOES, 2015). Mas e a multidão anônima? Como usa do espaço da Rua Coronel Pedro Benedet? Concentremo-nos no entendimento do uso do espaço pela leitura empírica e por *flashes* de representações captados pelas imagens, evocando a representatividade daquele lugar por meio da multidão anônima.

Nomeada como a rua mais organizada da cidade de Criciúma/SC, como dito por um dos entrevistados, a Rua Coronel Pedro Benedet dispõe de uma infraestrutura renovada, livre das fiações das iluminações públicas, com bancos e floreiras permeando todo o seu trajeto. Um calçamento apropriado e de largura confortável para acolher quem passa. Um desenho entendido como a qualidade do lugar, mas que esconde seus momentos de solidão. Na Figura 20, apresentamos a Rua Coronel Pedro Benedet a partir das suas calçadas.

Ao sentar no chão da rua, literalmente em contato com a Rua Coronel Pedro Benedet, a pesquisadora observa o tumulto do dia, seu olhar avista um instante daquele acontecimento. Havia um banco, uma floreira e uma sombra. O desenho da sombra no chão, ora envolve o banco, ora não. A floreira, definida por uma vegetação baixa e

pouco densa e introspectiva, ao lado do banco, não está para se comunicar nem com o banco, nem com sombra alguma. Algumas horas ali, observando o espetáculo, uma dança de sombras, mas insuficientes para qualquer tipo de permanência. Em paralelo a esse contexto, estão às pessoas do lugar, com pressa de chegar, quase não notam o banco, tão pouco a floreira ou a sombra que ali está. Esse é um momento de solidão, a solidão do espaço público, o qual foi anunciado à cima. É como se o banco, a floreira, e o lugar, quisessem suplicar por atenção. Mas a ocupação do dia-a-dia, os compromissos e as agendas lotadas, impede a interação com aquele espaço da cidade. Há mais bancos que, pessoas com intenção de sentar. O jeito é calá-los, e se sobrar algum tempo, se suas vidas permitirem, aí sim, volta-se a procurar os espaços solitários da rua.

Dessa forma, a leitura física dos usos do espaço da Rua Coronel Pedro Benedit vai de encontro ao que foi relatado pelos entrevistados, quando suas percepções manifestam um espaço de passagem. A rua cumpre essa função de forma eficaz, mas se torna impossível formatar relações duradoras diante da conformação que ela representa, fazendo com o que, tenha um desfecho de ser uma travessia para seus sujeitos (GOES, 2015).

Figura 20- Representatividade da infraestrutura da Rua Coronel Pedro Benedit.



Fonte: Autora, 2018.

Estiveram apreendidos três momentos, considerados marcos culturais da rua, no sentido de serem produzidos pelos seus sujeitos. Sabendo que o espaço da rua é dividido por veículos e pedestres, um usufruindo do lugar de forma moderada, reduzido a uma faixa de circulação, e o outro correspondendo a uma movimentação intensa, ambos associados como usos costumeiros do local. Uma das interpretações consiste na proximidade da rua com um equipamento público escolar, o Colégio São Bento, localizado na quadra seguinte da rua, mas que tem algumas estruturas voltadas para a Rua Coronel Pedro Benedit, como é o caso do ginásio de esportes do colégio, estrutura já mencionada por um dos nossos entrevistados.

O Colégio São Bento participa do espaço da rua de maneira esporádica, obedecendo aos horários de saídas e entradas dos estudantes. A movimentação na rua, nesses momentos, se intensifica. A sensação é de um “tsunami”, que carrega todos para qualquer lugar. Esses momentos repentinos surpreendem os usuários da rua. Andam em bando e carregam aquilo que na frente estiver. Um momento do uso da rua que causa perturbação.

Os outros dois momentos, inéditos, correspondem ao uso da rua por ambulantes e manifestações artísticas. A cidade é experimentada como um palco (JACOBS, 2011; SANTOS, 2001). Purwanto e Darmawan (2014) reconhecem nesses momentos, a possibilidade de demonstrar aos outros, as saídas para as suas paixões pessoais, como o canto, a dança e outros tipos atividades do meio artístico. É uma forma de sair da rotina, envolver-se pela arte, e descobrir inúmeros significados culturais. Para o outro, é também oferecer a possibilidade de um espetáculo. As figuras curiosas oferecem satisfação e prazer a quem lhe retribui a atenção, fazem com que o outro faça parte de sua história, de sua manifestação cultural, e de seu momento do dia (MEHTA, 2013; GONÇALVES, 2014).

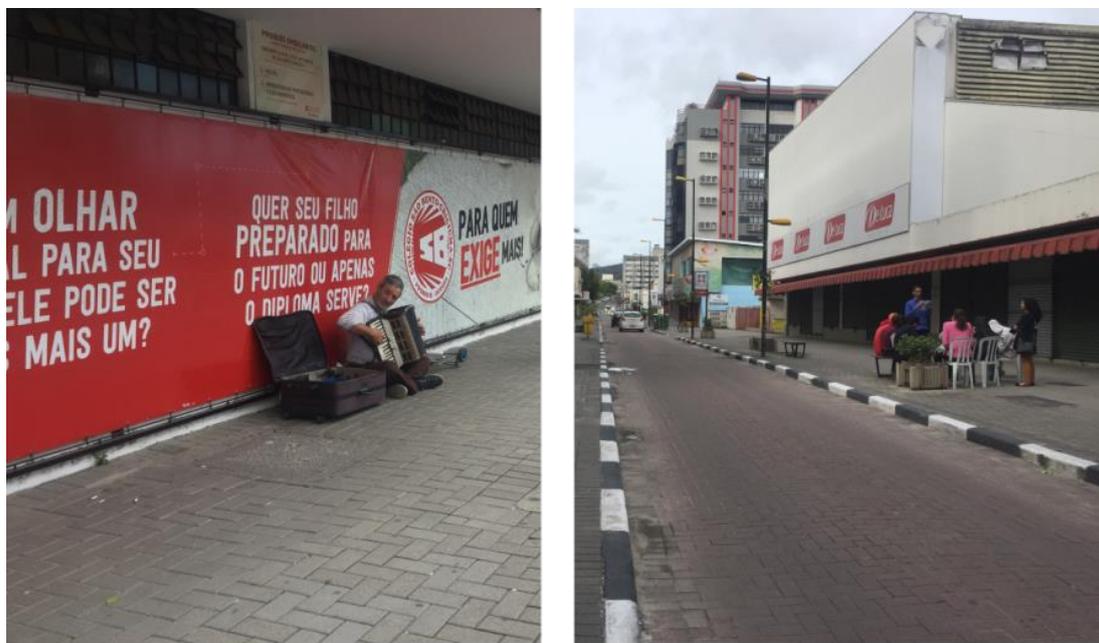
Na Figura 21, contemplamos esses momentos diante de dois pontos de vista, mediante o contexto do acontecimento. O senhor com sua gaita, sentado no chão, em frente a um murão de publicidade, toca suavemente a melodia do dia-a-dia, embalado pela movimentação incessante da rua. Em troca de alegrar sua rotina, necessita de um pouco de atenção, algumas moedas e nada mais. O segundo ponto de vista, difere por se

tratar de jovens, reunidos em um ensaio musical, quando a rua já não tem vida, nem som e nem estabelecimentos abertos, quando o espaço pertence ao ninguém e os jovens ao seu grupo.

Por aqui, um som, um som de gaita. Procuro de onde ele vê, caminho ao seu encontro. Quando me deparo, um senhor sentado, dificuldades na visão e um mala ao seu lado. Ao som da melodia, espera tocar os corações, para que retorne com algumas moedas na mão. Ele sorri, eu retribuo. Não tenho moedas, mas dou meu sorriso, espero que ajude...É de coração. É curioso como o som se propaga na rua. Alcança uma esquina a outra. Quando a gaita enfraquece, o ritmo da rua aumenta, e a pressa, aquela pressa, volta à tona. Será o som que desacelera a gente? Ou será o fato de sair da rotina? Fui muito feliz na caminhada, obrigada pelo som, senhor gaita (AUTORA, registro em 20/09/2018, 10h40min).

A distinção dos dois momentos encontra-se no fato de que, um quer estar presente na confusão coletiva e o outro quer se resguardar, ao momento certo, de usufruir o espaço público da rua, em benefício à atividade do grupo, estando alheio ao que passa a sua volta, introspectivo em seus mundos (DAMATTA, 1997; GOES, 2015).

Figura 21- Momentos inusitados da Rua Coronel Pedro Benedit.



Fonte: Autora, 2018.

A discussão sobre as fachadas e os espaços da Rua Coronel Pedro Benedit se estende à construção de um mapeamento do sentido urbano (SILVA, 2011),

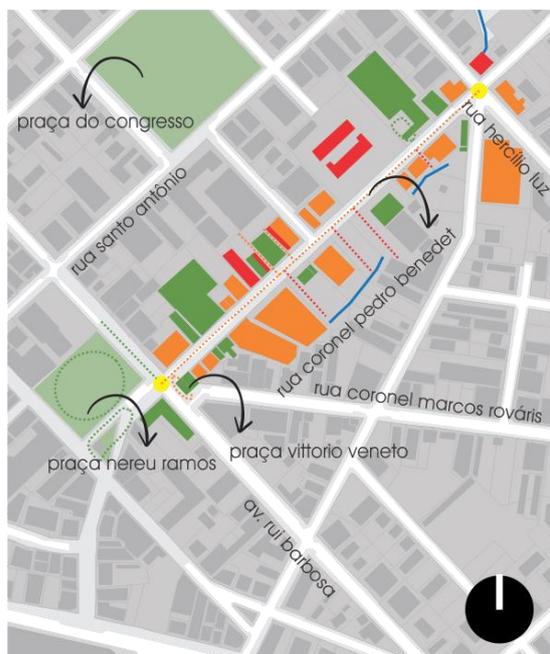
aprofundado com base na sua configuração física e social, internalizada pela projeção empírica e absorvida pelos entrevistados da rua.

O mapa ilustrativo é concebido através da metodologia da organização PPS-Project For Public Spaces (2009), que contribui para a percepção dos espaços de acordo com os níveis de influências que os mesmos, provocam nas pessoas. Servindo de comprovação para o caráter vital do espaço público. Sendo assim, apresenta-se a Figura 22, como resultado dos níveis de influência da rua, onde, a cor vermelha representa as fachadas/ espaços que não contribuem para um ambiente vital, impossibilitando o encontro dos conceitos de espaços sociáveis, confortáveis e convidativos, acessíveis e conectados e, ativos e vivos. A cor vermelha pronuncia os espaços que, não atendem a mais de um conceito analisado. Essa cor expressa espaços ociosos ou subutilizados, em relação à Rua Coronel Pedro Benedet. A cor laranja corresponde às fachadas/ espaços que contribuem parcialmente para um lugar estimulante, deixando a desejar em alguns períodos do dia, como os noturnos e também em feriados, experimentado em campo. Já a cor verde, está associada a espaços que contribuem para as quatro dimensões pré-estabelecidas, conduzindo ao aproveitamento da Rua Coronel Pedro Benedet. No caso, simbolizam fachadas/espaços com motivação 24h, o que ocorre com alguns estabelecimentos comerciais da rua.

Figura 22- Mapa Ilustrativo da relação das Fachadas/ Espaços da Rua Coronel Pedro Benedit para um espaço público vital.

RELAÇÃO DAS FACHADAS/ ESPAÇOS

RUA CORONEL PEDRO BENEDET



0 50 100m

- fachadas que contribuem
- fachadas que contribuem parcialmente
- fachadas que não contribuem
- espaços que contribuem
- espaços que contribuem parcialmente
- espaços que não contribuem

o espaço público da Rua Coronel Pedro Benedit é classificado como:
CONTRIBUI PARCIALMENTE para um espaço público vital.

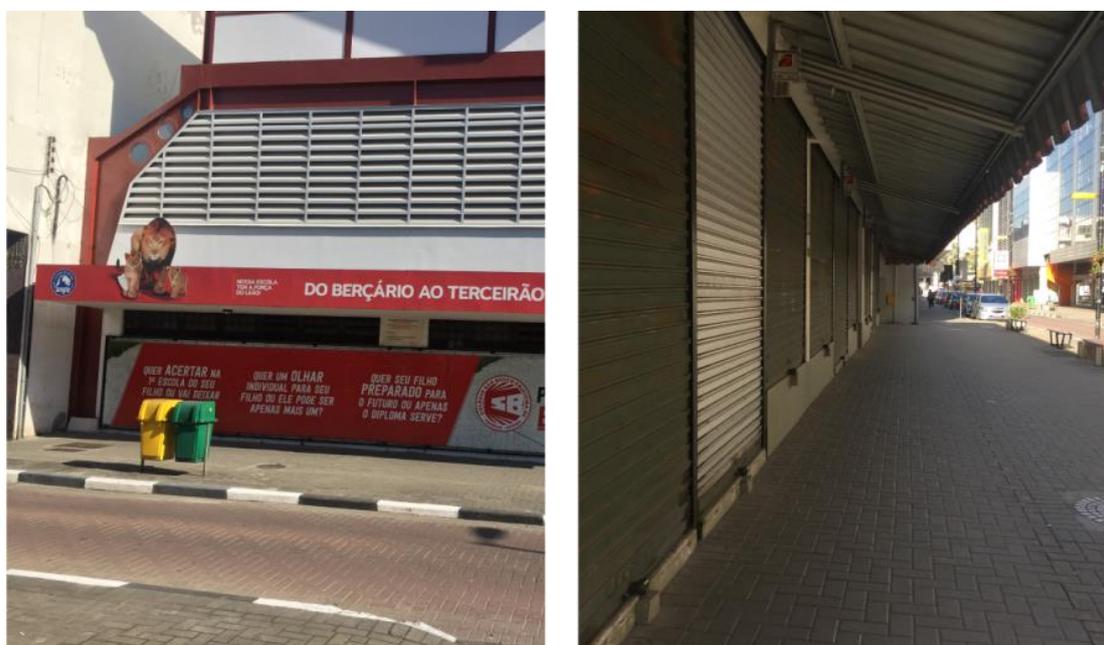
Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Para integrar a discussão, inclui-se uma fotografia, ao lado do mapa ilustrativo da relação das fachadas/ espaços. A foto corresponde à imagem de representação do que significa uma fachada que parcialmente contribui e uma fachada que contribui para a concepção de espaços férteis. Refugiados, também, nos conceitos de Jacobs (2011) e de Gehl (2015) que defendem a animação da rua, atraídos por permeabilidades visuais e diversidade de atividades, expressamos que a fachada de fechamento metálico contribui parcialmente ao espaço por dispor de atividades apenas no período comercial, o restante do dia e nos feriados, essas se encontram adormecidas no espaço. As sensações que esse tipo de fachada pode acarretar é um violento significado de insegurança, de

desconfiança e de fragilidade. Já a fachada de vidro, que possui iluminação, e atrativos visuais, contribui para um espaço que traduz a sensação de segurança, confiança e energia, prosperando no sentido de, revigorar a rua.

Destacam-se mais duas situações em que a classificação da rua foi significativa. Na Figura 23, a imagem da direita, estabelece o que foi dito acima. Uma fachada comercial que possui um horário de funcionamento e após isso, esconde-se por fechamentos metálicos impedindo qualquer interação do espaço que permaneceu no lado de fora.

Figura 23- Imagens que representam os níveis de influência dos espaços da Rua Coronel Pedro Benedet.



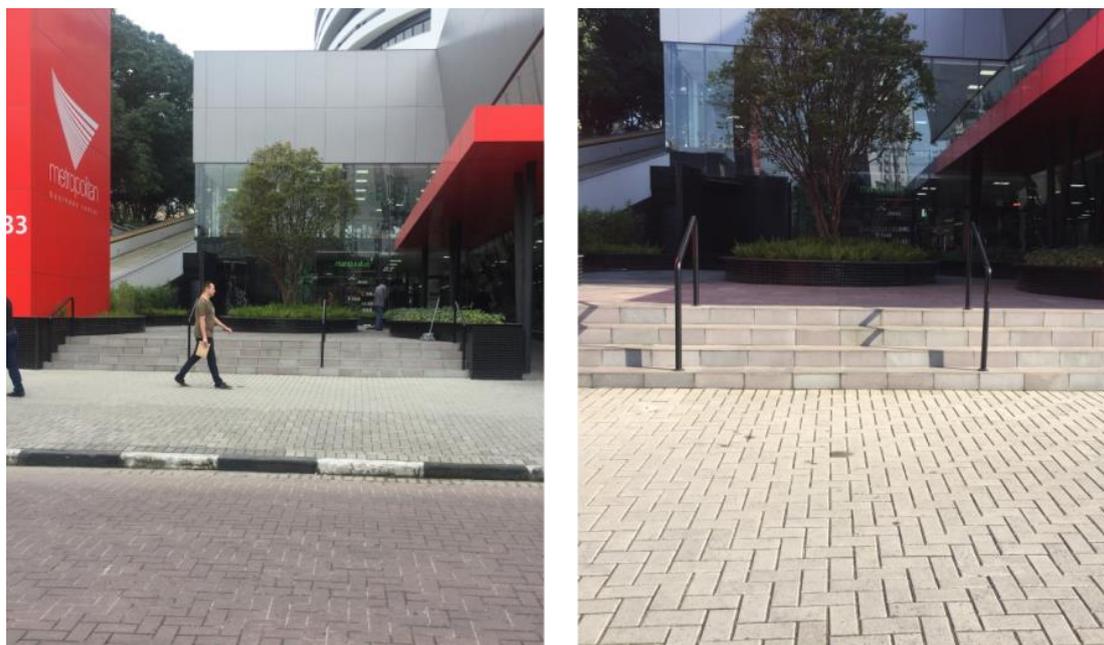
Fonte: Autora, 2018.

Já a imagem da esquerda, representa a fachada que não contribui pra os espaços saudáveis, por não haver nenhum momento de abertura, visto que se trata de um muro em alvenaria, equivalente ao ginásio do Colégio São Bento. Em proporção visual, a fachada é resistente na rua e é utilizada para o incentivo publicitário do próprio colégio, além importunar o ambiente da rua com os sons que emergem do seu interior.

A próxima reunião de imagens expõe uma situação, absolutamente discordante das representações apresentadas até então. Na Figura 24, o ambiente da calçada ganha um apoio do setor privado. A edificação cede uma parte da sua implantação para uso

público. Dizemos que se trata de um uso semi-público, isso significa que, o espaço refere-se à edificação, comprometendo-se com sua manutenção e cuidado, mas que pode ser oferecido a todos que passam pela rua. São os chamados espaços de transição que Jacobs (2011) e Gehl (2015) incentivam. Nesse caso, o espaço é habilitado como transição suave, porque possibilita um diálogo maior entre o público.

Figura 24- Representatividade da extensão do espaço da Rua Coronel Pedro Benedet incorporado a um espaço semi-público.



Fonte: Autora, 2018.

Ao apreendemos o todo da Rua Coronel Pedro Benedet, configurado pelo mapa ilustrativo de níveis de atração da rua, constata-se que a rua estimula a apropriação do espaço de maneira parcial, sentido em sua gente, por meio do significado idealizado em suas percepções.

Direcionamos a conversa para os elementos marcantes da rua. Esse entendimento permite reconhecer o quanto do espaço é apreendido por sua gente. Para este saber, reunimos também, o diálogo dentre as falas dos entrevistados, as capturas de nuances e a construção de um mapa que traduz o experimento da rua.

Figura 25- Mapa Ilustrativo das Referências da Rua Coronel Pedro Benedit.

REFERÊNCIAS DA RUA

RUA CORONEL PEDRO BENEDET



0 50 100m

- 40% dos entrevistados- ed. catarina gaidzinski
- 40% dos entrevistados- hospital são josé (fora do recorte)
- 20% dos entrevistados- colégio são bento
- 20% dos entrevistados- supermercado angeloni (angeloninho)
- 20% dos entrevistados- praça nereu ramos
- 20% dos entrevistados- igreja universal do reino de deus
- 20% dos entrevistados- farmácia catarinense
- ⋯⋯⋯ espaços de força- reconhecidos pela pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Aos serem perguntados sobre os pontos tidos como referência da rua, os entrevistados pontuaram sete pontos que consideram identificar a Rua Coronel Pedro Benedit, reunidos visualmente na Figura 25. Um dos mais lembrados dos pontos da rua é o Edifício Catarina Gaidzinski, o edifício reúne uma variedade de serviços, incluindo uma diversidade comercial. A referência, também, corresponde à percepção do *skyline*¹²

¹² O *skyline* corresponde ao entendimento do sítio através dos seus planos verticais. As chamadas silhuetas. As silhuetas possuem elementos de identificação como linhas de coroamento, sistema de pontuação e linhas de força. A linha de coroamento se apresenta como a linha superior da silhueta da rua, considera o tamanho, a forma e a posição da edificação. Seria como se estampássemos todas as fachadas que compõe a rua em um plano e desenhássemos um contorno ao seu redor, exatamente como cada edificação se comporta. Já o sistema de pontuação acentua os contrastes de alturas nessa silhueta inicial, havendo diferenças e semelhanças entre as fachadas das edificações. Umhas com maior pontuação, outras

da rua, sendo um dos picos pontuais, conforme a sua altura. Outro ponto de percepção dos usuários é o Hospital São José, também nomeado como “*final da rua*” por um de nossos entrevistados, mas que não pertence ao recorte trabalhado. Lembrado por apenas dois entrevistados tem-se: o Colégio São Bento, pela fachada dos fundos do seu ginásio estar voltada para a rua, o Supermercado Angeloni, popularmente conhecido por “Angeloninho”, a Praça Nereu Ramos, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Farmácia Catarinense.

A Igreja Universal do Reino de Deus, referência da rua, é especialmente lembrada por G.(PB) através da sua história. O sujeito rememora ao equipamento através do Cine Ópera, antigo cinema da cidade. O cinema permaneceu em atividade durante 35 anos (de 1960 a 1995) e é guardado pela memória coletiva. Se perguntarmos as pessoas, principalmente de mais idade, onde se encontra a Igreja Universal do Reino de Deus, certamente não haverão de saber. Porém, se a pergunta for reformulada, transferindo-a ao seu caráter histórico, como Cine Ópera, seu entendimento de lugar reflorescerá. Porque, mesmo com o passar dos anos, muitos identificam a rua por esse equipamento, hoje atual Igreja Universal do Reino de Deus: “*Está vivo na memória*”. Visto isso, enxergamos fundamento à expressão do entrevistado G.(PB) quando, seus comportamentos, sua história, sua cultura e seus valores, encontram-se enraizados no espaço, e são, nessas fontes que desvendamos o que seus sujeitos guardam em seus imaginários, apoiados pela memória coletiva e pelas entrelinhas do espaço urbano (TUAN, 1983; SILVA, 2011).

Com o experimento da pesquisa, mais duas referências foram levantadas. Mas nenhum delas anunciada pelos entrevistados. Uma diz respeito a um importante equipamento que comporta a rua o Centro Cultural Jorge Zanatta e a outra corresponde a uma praça que dá o início a rua, Praça Vittorio Veneto. Os dois, verdadeiros privilégios urbanos, apesar de realizarem um importante papel no espaço, não fazem parte das percepções dos usuários. São, algumas vezes, evocados pelas lembranças, mas suas interações são insuficientes para serem identificados como referências da rua.

com uma intensidade menor. E por fim, as linhas de força, que seria a interligação do sistema de pontuações, formando a linha de força da rua.

Nas figuras que sucedem a discussão, abordaremos um pouco do que nos levou a designar o critério de referência para a Rua Coronel Pedro Benedit. Na Figura 25, esses pontos são representados por círculos vermelhos, simbolicamente ditos como espaços de força.

O Centro Cultural Jorge Zanatta, intitulado pela pesquisa de: Casarão do Silêncio, desempenhando importante papel cultural para a cidade de Criciúma/SC. A edificação da década de 1940, abrigou importantes atividades relacionadas ao carvão, como um laboratório de análise do mineral, um alojamento para o carvão e uma sala para os diretores do Ministério de Minas e Energia do país. Até ser designado ao órgão municipal gestor da cultura da cidade, Fundação Cultural de Criciúma (FFC), em 1993, vindo a então se chamar Centro Cultural Jorge Zanatta. Por manter as atividades da Fundação Cultural de Criciúma (FFC) por 20 anos, muitas vezes, o equipamento é chamado simplesmente por Fundação. O casarão foi interditado em 2013, rompendo com a programação cultural que o prédio proporcionava (NEUMAIER; PEREIRA; CALDERAN, 2017).

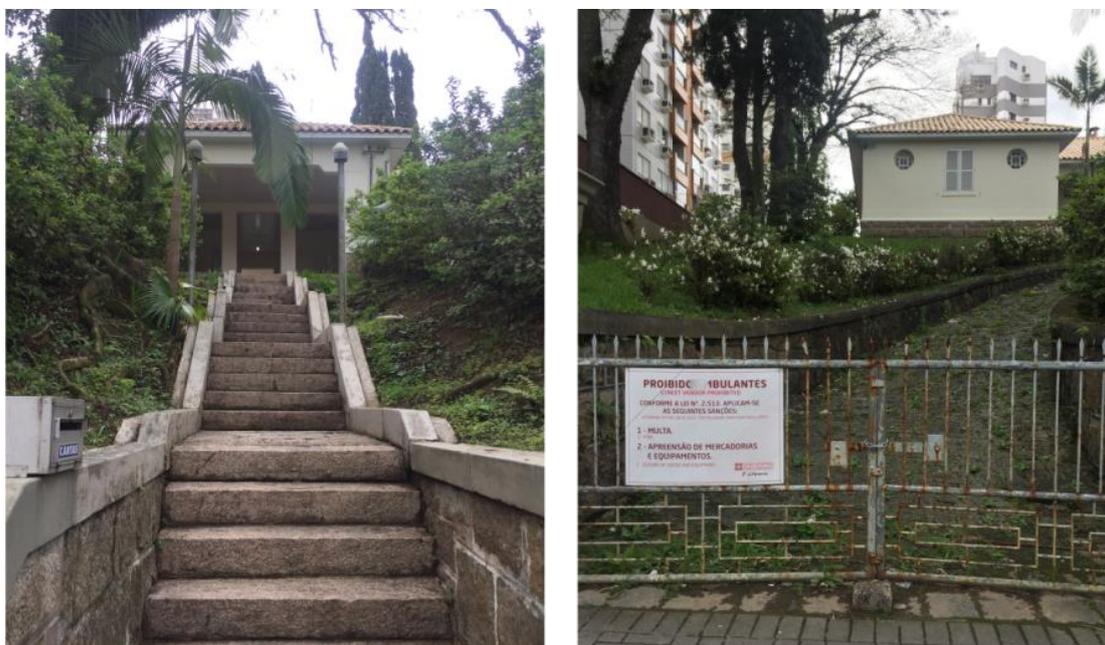
Até o momento da pesquisa de campo, realizada durante o mês de setembro de 2018, o casarão esteve em processo de restauração. As obras de recuperação iniciaram em meados do mês de março de 2018 e foram finalizadas, incluindo o momento da inauguração, no dia 14 de dezembro de 2018, um período de 10 meses de trabalho. No contexto do campo, o prédio era identificado, quando notado, como “*aquela casa velha alta*”, expressão apreendida pela pesquisadora no experimento do campo. O que prevalecia no espaço era um ambiente sombrio, sem barulho algum, sem gente e sem cor, daí o título de Casarão do Silêncio (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2018).

O prédio, correspondente à Figura 26, ainda, comunica-se com o espaço da rua por meio de sinais, como os cadeados nos portões e manifestos de ameaças a ambulantes que, ali pretendem se instalar, são as metáforas visíveis de Pesavento (2002). Entendemos que deve-se haver segurança, enquanto manutenção do prédio seja feita, proporcionando cuidados e evitando transtornos, aos usuários do lugar. Porém, durante muito tempo, para além das obras de revitalização, o casarão manteve-se

inacessível, o contrário de um espaço de acolhida, ou apropriação. Impedindo os relacionamentos entre o lugar e sua gente (GONÇALVES, 2014; BOMFIM, 2010).

Era pra ser um dia comum, mas me deparo com alguém limpando a Fundação... fatos inéditos, acontecimentos incomuns. Penso no privilégio que essa rua tem em dispor de um equipamento cultural tão importante, deveria ser das pessoas, deveria ser para as pessoas, mas esses cadeados estão para proteger de dentro pra fora ou de fora pra dentro?! Ouço um menino perguntar ao pai o que é “aquela casa velha alta”, não se tem resposta, a resposta é o Casarão do Silêncio. O sol apareceu forte, as lojas abrindo, teremos um dia lindo, com fatos inéditos, acontecimentos incomuns (AUTORA, registro em 22/09/2018, 08h29min).

Figura 26- O Centro Cultural Jorge Zanatta da Rua Coronel Pedro Benedet.



Fonte: Autora, 2018.

É curioso analisar, que a inconstância das cidades provocam transformações substanciais e complexas de se acompanhar. Ora o casarão está para a sua comunidade, ora está fechado para a manutenção, ora reinicia as atividades, ora é prisioneiro de suas grades. Como manter um relacionamento com os lugares, se amanhã, o imprevisto pode rompê-lo?! Voltamos aos espaços transitórios de Yi-Fu Tuan (1983) onde áreas significativamente simbólicas da cidade, carregadas de significados e de valores, que persistem na memória, são desmanchadas no tempo, sem nenhuma garantia de serem percebidas novamente (AZEVEDO; MATTOS; BARTHOLO, 2015).

Seguimos para o segundo ponto, anunciado pelo estudo, como referência da Rua Coronel Pedro Benedet. A Praça Vittorio Veneto, Figura 27, intitulado pela pesquisa de: A Praça Invisível, a qual compõe o conjunto de espaços públicos da cidade de Criciúma/SC. Assim como o Casarão Jorge Zanatta, a praça também, não pertence às percepções da Rua Coronel Pedro Benedet. Entretanto, a pesquisa, desenvolvida a partir da escassez dos espaços públicos (WANG, 2017; COLLINS; SHANTZ, 2009), vê diante da praça o potencial de conformar uma referência, oferecendo a uma maior possibilidade de interação dentro do espaço da Rua Coronel Pedro Benedet.

Figura 27- A Praça Vittorio Veneto marca o início da Rua Coronel Pedro Benedet.



Fonte: Autora, 2018.

A paisagem significativa é configurada como uma praça seca, havendo a implantação de algumas árvores. Associados a pouca vegetação, são disponibilizados alguns bancos e alguns monumentos, que transmitem a imagem de um lugar significativo. Todavia, foi observado entre os entrevistados que, a praça não compõe nenhuma representatividade, não sendo mencionada em nenhum das falas. Nogueira (1998), nos ajuda a compreender esse fato quando expressa que a cidade pode ser entendida através de inúmeros pontos de vista. Nesse caso, a praça passa a não ser notada, e por consequência, o critério de apropriação é deficiente. Outro ponto contrastante surge pelo fato da praça estar situada em paralelo a Praça Nereu Ramos, é

perceptível a dinâmica das duas praças, sendo completamente distintas. Uma comporta-se como um espaço onipresente e a outra é invisível aos olhos urbanos.

Tem chão frio, lugares para sentar, mas não para estar. Tem sombra, tem verde, mas não tem gente. Tem iluminação, tem monumentos, mas não os conheço. Isso é uma praça?! (AUTORA, registro em 16/09/2018, 16h45min).

De maneira geral, a rua tem um entendimento que permeia todo o caminhar de seu espaço. A imageabilidade da rua permite evocar uma representação com sinais de delimitações, como o seu começo e final esclarecido, por seus usuários, expressado e configurado no espaço através do limite com a Praça Nereu Ramos e com a diferença topográfica com o Hospital São José, tornando-se uma rua legível. Esses fatores, também favorecem para uma sensação de orientação dos seus sujeitos (LYNCH, 2017).

A Rua Coronel Pedro Benedet está no imaginário de quem caminha, representa ser conhecida e ser interpretada por seus múltiplos pontos, conforme visto no mapeamento das referências da rua. Os chamados marcos, de Lynch (2017), aqueles que cada sujeito constrói com a cidade e que estão para fortalecer a familiaridade da pessoa com seu entorno. A rua é, também, atribuída a um símbolo fixo nas memórias dos sujeitos, representado pelas edificações que sustenta.

6.1.2 | O sujeito daquela Rua

Nossa experiência em campo envolve também a descoberta do sujeito que percorre a Rua Coronel Pedro Benedet, para isso os instrumentos de campo: Experimentando e Contando apreenderam características subjetivas daquela gente. Descreveremos os sujeitos daquele lugar através dos seus comportamentos, emoções e desejos, provocados no caminhar da rua.

O instrumento que permite desvendar os comportamentos dos sujeitos para com a Rua Coronel Pedro Benedet é dito na pesquisa como: Contando. A contagem dos transeuntes revela que a rua tem como atividade principal a circulação, comprovando as ações dos entrevistados perante a rua. Das 329 pessoas observadas, um número expressivo de 153 pessoas emprega a rua como ferramenta de descolamento diário, sem intenção de participar do espaço da rua. Ao passo que, 98 pessoas usufruem como meio de socialização, representada por aqueles que encontram conhecidos ou por algum

momento de pausa. Isso não significa que elas permanecem na rua. Em sua maioria, utilizam um intervalo de 5 a 20 min. de socialização. Outras 70 pessoas participam dos atrativos dispostos na rua, como vitrines e monumentos. Um número assustador de 8 pessoas mantém o seu próprio ritmo, caminhando e desfrutando da rua, como sugerido por Gehl (2015) na forma de, entender o caminhar para além do andar. As informações foram dispostas na Figura 28 e Figura 29, para maior clareza do estudo.

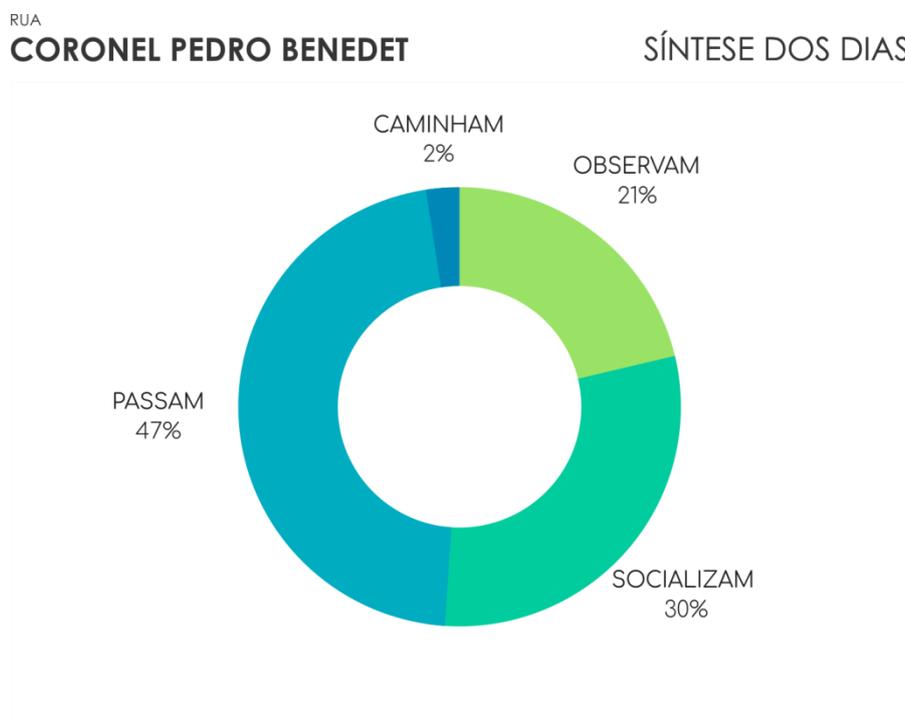
Figura 28- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Contando, durante dos dias de campo na Rua Coronel Pedro Benedit.

TRANSEUNTES	14/09 (sex.)	19/09 (qua.)	30/09 (dom.)	SÍNTESE
Os que param para observar:	22	47	1	70
Os que param para socializar:	77	21	0	98
Os que passam:	1	137	15	153
Os que caminham:	0	8	0	8
RUA CORONEL PEDRO BENEDET				329 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

Quando dei por mim, estou no redemoinho do fluxo, um ritmo acelerado me encobre de pressa. Quando dei por mim, acompanho um caminhar que não é meu. Tento sair. Sair daquele mar revolto...Resisto, vou mais devagar, tentando encontrar meu ritmo. É como se fosse uma maré, que carrega a gente pra lá e pra cá. Tem horas que as ondas se vão, como em frente à Fundação [Centro Cultural]. Tem horas que elas chegam de surpresa [...] há conflitos, muitos conflitos, do ser e do estar (AUTORA, registro em 12/09/2018, 15h08min).

Figura 29- Síntese dos dias do Instrumento Contando da Rua Coronel Pedro Benedet.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

A marcha coletiva equivale à substituição do paradigma da lentidão pelo paradigma do encontrão de Pais (2010). O atual paradigma das cidades contemporâneas está para contar uma história de pressa e encontros abruptos. Quando o “estar” na rua era símbolo da nobreza, da forma lenta de andar, dos toques e cumprimentos, das cortesias e cordialidades, da lenta e calorosa prosa no espaço público do século XIX, toma o lugar de uma ordinária pressa, dos cumprimentos encurtados e dos encontros de quem não quer ser encontrado. O caminhar de hoje é preso ao tempo, dificulta interações e torna a cidade como sendo objetiva.

Paralelo ao efeito do comportamento é a tradução da conformação do espaço. Como já discutido, a Rua Coronel Pedro Benedet possui o desenho para receber o fluxo, sem que haja no espaço qualquer esforço intencional para a vida coletiva na rua.

Partimos ao encontro das emoções, sabendo que todas as emoções são a linguagem da mente, e estampam aquilo que o espaço público representa, levando a ações, comportamentos e participação na cidade. Pelas emoções captamos o significado

da Rua Coronel Pedro Benedet de maneira mais generalizada, como se houvéssimos aplicado o instrumento de entrevista para toda a sua gente (BOMFIM, 2010).

Foram percebidas 727 pessoas nesse instrumento, destacando com maiores resultados: o sujeito curioso, o sujeito apressado e o sujeito com olhos no vazio, conforme a Figura 30 e a Figura 31. Esse conjunto de caráter do andante da rua representa a imagem da identidade dos cidadãos da Rua Coronel Pedro Benedet (SILVA, 2011, p.144). Dessa forma, desvendamos a seguir, quem são esses sujeitos.

O sujeito curioso da Rua Coronel Pedro Benedet revela-se através das vitrines da rua. O que o motiva a percorrer seu espaço é a atratividade das lojas e serviços. Esses sujeitos fazem parte de um contexto de estratégias de representação urbana, tendo como protagonismo a provocação pelas vitrines (SILVA, 2011, p.27). Nesse jogo de olhares, as vitrines comportam-se como janelas urbanas, a janela da rua, a janela do caminhante, a janela da coletividade e a janela da cidade. Delas, têm-se um espaço que quer ser visto. Ao mesmo tempo em que, o sujeito curioso quer enxergar através dela. Contudo, a vitrine mostra mais do que pode dar, e o sujeito curioso vê mais do que pode obter. O sujeito curioso vê por meio da vitrine, algo que estimula seus desejos, que corresponde aquilo que imagina, ou é reconhecido por ele, soando familiar. Porém, ali, é também espaço da frustração, da ilusão e da utopia. Dito isso, entendemos que as vitrines são carregadas de conteúdos simbólicos e está para incentivar o sujeito curioso, apreendendo o seu olhar e lhe encobrendo de um pouco do que vem a ser aquele lugar (SILVA, 2011).

O sujeito apressado da Rua Coronel Pedro Benedet vem de encontro à falta de tempo como traço da cultura urbana (PAIS, 2010). A imediaticidade é o fruto do paradigma do encontrão que tratamos anteriormente. O sujeito apressado tem horário, tem calendário, onde tudo é “pra ontem” e sem tempo para conversa. A rua é espaço do ver, uma grande vitrine, àquela do sujeito curioso. Não há na rua mais espaço para ouvir. O ouvir corresponde a perder tempo, um insulto à vida contemporânea, uma ousadia dar tempo ao tempo (GOES, 2015). Esse novo modo de vida urbana: estímulo nervoso acelerado, dificuldades de comunicação, falta de socialização, incentivam a deficiência de vida pública dos sujeitos e a subutilização do espaço público da rua

(GOMES, 2002). O sujeito apressado procura a rua para fins objetivos e “trajetivos” (PAIS, 2010, p. 33), um caminho mais curto, um atalho para seu corre-corre. Nenhuma interação com o espaço é preciso, é preciso apenas cumprir seus prazos.

O sujeito com olhos no vazio da Rua Coronel Pedro Benedet corresponde ao sujeito pensativo, aquele que percorre a rua sem estar presente, um contato próximo com o meio, mas, ao mesmo tempo, uma relação distante (GOES, 2015, p. 80). Pode caminhar por qualquer lugar, sem nem saber onde está. Tem seu pensamento perambulando pelo vazio, um vazio alcançado por seu olhar e visualizado pela sua mente, um jeito de se ocupar. Para que seja captado o que está subjetivo ao sujeito, o jeito é fazer uso do diálogo, a fim de descobrir as metáforas implícitas, que podem aparecer de vez enquanto, por meio de um código de comportamento ou pelo falar. Tendo o acesso ao que só o coração pode revisitar (NOGUEIRA, 1998; PESAVENTO, 2002). O sujeito com olhos no vazio dificilmente, percebe o momento presente na sua íntegra, tão pouco se relaciona com o lugar onde está: na rua. Como contribuição ao contexto, Pais (2010) apresenta o cognome de “sujeito dilema”, dizendo que o sujeito com olhos no vazio são aqueles movidos pelas incertezas, pelo drama das escolhas e por um “cenário de suposições” (PAIS, 2010, p. 25) que subsiste apenas no pensamento desses sujeitos. É também consequência da rapidez e escassez dos contatos humanos e dos encontros urbanos. Goes (2015) configura como sendo, uma autopreservação, provocada pela cidade atual, fazendo com o que os sujeitos com olhos no vazio interajam apenas com seus próprios mundos, preservando a sua subjetividade.

É importante ressaltar que, todos esses sujeitos são esvaziados do espaço público da rua quando, o mesmo, não está em atividade, como mencionados: os períodos ausentes do horário comercial e dias como domingos e feriados.

A tipologia de sujeitos se encarrega de compor a máscara da Rua Coronel Pedro Benedet. Sendo eles atentos, indiferentes, felizes, curiosos, preocupados ou até apressados, entre outros sujeitos, todos são sujeitos singulares e correspondem ao que a rua tem para oferecer.

A rua torna-se o espaço que abraça as multiplicidades da dinâmica urbana. A dinâmica, sobretudo, é plural, une um conjunto de emoções distintas e visões de

mundos surpreendentes, fazendo com o que, o espaço público da rua seja tão extraordinário (NOGUEIRA, 1998).

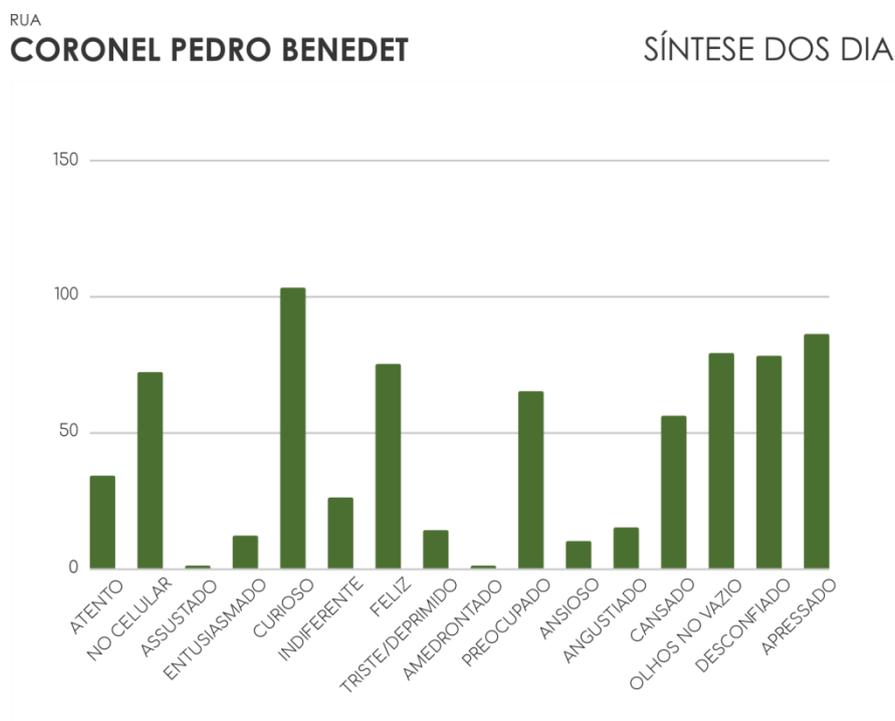
Figura 30- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Experimentando, durante dos dias de campo na Rua Coronel Pedro Benedit

EMOÇÕES FACIAIS	03/09 (seg.)	07/09 (feriado)	12/09 (qua.)	16/09 (dom.)	20/09 (qui.)	22/09 (sáb.)	SÍNTESE
Atento:	3	6	4	3	12	6	34
No celular:	19	5	9	5	22	12	72
Assustado:	1	0	0	0	0	0	1
Entusiasmado:	1	2	1	3	3	2	12
Curioso:	17	7	18	11	32	18	103
Indiferente:	8	5	5	0	1	7	26
Feliz:	11	7	13	10	26	8	75
Triste/ Deprimido:	4	1	4	0	3	2	14
Amedrontado:	1	0	0	0	0	0	1
Preocupado:	16	3	20	1	17	8	65
Ansioso:	2	0	3	0	4	1	10
Angustiado:	4	0	8	1	2	0	15
Cansado:	8	0	6	2	25	15	56
Olhos no vazio:	16	4	18	5	21	15	79
Desconfiado:	9	10	14	4	22	19	78
Apressado:	13	5	13	2	34	19	86
RUA CORONEL PEDRO BENEDET							727 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

O dia está incrível, um sol que penetra na alma, na alma da rua...Uma dádiva, depois de intensos dias nublados e sem cor. Mas as pessoas continuam com pressa, mesmo que o dia te convide a ficar, a sentar na calçada, a conversar com um desconhecido e a apreciar o sol que invade esse lugar. Por poucas vezes, vejo gente sentada nos bancos daqui. Vou devagar, chego mais próximo, e sou surpreendida por uma moça perguntando se “faço pesquisa”, faço sim, digo feliz. Anseio por mais conversa, esperança de perpetuar, mas sigo com calma e sem pressa. Então, ouço a moça conversar. Quando me viro para corresponder, vejo que a conversa não é minha, a moça está no celular. Ora, me pego a refletir, difícil dedicar-se a uma só tarefa, estão sempre com pressa, não podem parar: “não era com você, estou no celular” (AUTORA, registro em 19/09/2018, 13h30min).

Figura 31- Síntese dos dias do Instrumento Experimentando da Rua Coronel Pedro Benedet.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

Sabendo que os desejos é a expressão da subjetividade (DAMERGIAN, 2001), e que assumem um caráter participativo para com a cidade, atuando como ferramenta para o discernimento dos valores, afetos, emoções e simbolismos, presentes nas relações entre pessoa-ambiente (RHEINGANTZ et al., 2009). Refletiremos sobre os desejos dos entrevistados para com a Rua Coronel Pedro Benedet, a fim de explorar os manifestos das cidades imaginadas de Pesavento (2002).

Dos cinco entrevistados, dois deles expõem os desejos em relação à segurança da rua. O primeiro deles, Z(PB), anuncia que a rua seja mais policiada, com o propósito de aumentar a segurança. Porém, isso não quer dizer que a rua, especificamente a Rua Coronel Pedro Benedet, seja insegura, como nos responde: *“Atualmente, a gente se sente inseguro em todo lugar”*. Mediante sua fala, Z.(PB) expõe seu imaginário associado à cidade com a representação da insegurança, tomando posse de todo o seu entendimento de mundo. A cidade real e a cidade “que se parece” fazem parte de uma mesma figura, de cidade insegura (PESAVENTO, 2002; LYNCH, 2017; NOGUEIRA, 1998; SILVA 2011; LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

O segundo entrevistado que faz uso do indicador de segurança para manifestar o desejo da rua é G.(PB). Durante todo o seu discurso e estando a serviço da proteção como agente de trânsito, G.(PB) considera a Rua Coronel Pedro Benedit como um lugar seguro, mas gostaria que ele fosse mais fiscalizado, como expressa: *“No sentido de estacionamento, imprudência dos condutores, dos pedestres. Tanto que os condutores não respeitam a velocidade, é uma rua estreita, de mão única, de intensa circulação de pedestres. E também, na parte do respeito ao pedestre. Porque, veja bem, ele atravessa em qualquer local, não respeita a faixa em si. Em todos esses aspectos aí. Acho que poderia ser mais fiscalizado”*. É percebido, aqui, o entendimento do sujeito para com o direito à cidade, envolvendo o direito à liberdade, à individualidade na socialização, todos esses direitos que fazem com que o espaço supra as necessidades de cada sujeito, elevando ao direito à sua vida (COLLINS; SHANTZ, 2009; LEFEBVRE, 2008).

G.(PB) anuncia dois protagonistas da rua, pedestres e condutores. Sua percepção de rua vai ao encontro da sua profissão, pretendendo que a organização da dinâmica, aconteça de forma prudente, permitindo aos envolvidos: pedestres e condutores, que desfrutem de um ambiente harmonioso e seguro.

No mesmo raciocínio, segue o sujeito F.(PB). Ao implicar com a rua (BOMFIM, 2010), o sujeito traz como sugestão, ter um estacionamento voltado às motos. Crítica que ele apresenta por não ter aonde estacionar o seu meio de locomoção mais frequente, tendo que parar em vagas inapropriadas, o que gera desconforto para com as outras pessoas. Conforme sua narrativa, esse fato acaba prejudicando os espaços que já estão predeterminados. Entendemos que F.(PB) transfere uma preocupação em utilizar o ambiente da rua de maneira adequada, assim como incorporado no discurso do sujeito anterior. Quando o sujeito entende que o outro, também faz parte dele mesmo, pode-se dizer que sua subjetividade evolui no processo de construção do mesmo sujeito, e suas ações comprometem o bem-estar dos outros sujeitos, denotando o seu espírito de comunidade (GONÇALVES, 2014).

Os últimos dos entrevistados, P.(PB) e C.(PB), discutem a possibilidade de um ambiente de rua mais aproveitado. Intenção explorada pela pesquisa ao expor uma rua com “horário de funcionamento”.

P.(PB) ampara seu desejo, no sentido de interação das pessoas para com a rua. Sua sugestão fica para que seja um ambiente mais chamativo e atrativo. Estímulo que, para P.(PB), incentivaria a permanência das pessoas no espaço público da rua. A interação pessoa-ambiente, pelo relato presente, é deficiente, levantando o questionamento de não ser um ambiente favorável à apropriação do seu espaço (RHEINGANTZ et al., 2009).

Da mesma forma, C.(PB) apresenta a possibilidade de cobrir a Rua Coronel Pedro Benedet, para que aumente o seu uso, incluindo uma maior quantidade de bancos, e possibilitando usufruir do espaço, também, em dias de feriados, domingos e, no período noturno: *“Não tem, assim, um local pro pessoal se acomodar com a família”*. A subjetividade do sujeito para com o espaço permite que ele desenvolva um maior entendimento do espaço da rua. A princípio, sua forma de agir na Rua Coronel Pedro Benedet, se manifesta a partir do que o espaço oferece. Porém, quando se apropria do lugar consegue construir uma *“rua que se parece”* em seu imaginário e abraçar seus significados (JUNG, 1977; PESAVENTO, 2002). C.(PB) contribui, ainda, expondo seu ponto de vista em relação às mortes dos espaços públicos, sentida por ele nos períodos de: feriados, domingos e durante a noite. Fator este, também apreendido pelos outros instrumentos da pesquisa, são períodos longos que não são mantidas nenhuma vida no lugar. É visto que, o espaço da rua fica subutilizado, condicionando a uma estrutura ociosa e impedindo que a apropriação do lugar aconteça aos seus sujeitos (GEHL, 2015; GONÇALVES, 2014).

Ao fazermos o levantamento dos desejos de cada entrevistado, percebemos o quanto, muitas das narrativas, são imagens verbais dos espaços da Rua Coronel Pedro Benedet. Suas falas são manifestações do imaginário coletivo, indícios de percepções e de ações para com o espaço público da rua. Tornando cada sujeito, um emissor da transformação da Rua Coronel Pedro Benedet (NOGUEIRA, 1998; RHEINGANTZ et al., 2009).

A Rua Coronel Pedro Benedet faz parte da cidade real, descrita por Pesavento (2002). Uma rua objetiva e quase que, inteiramente, cognitiva. Descrita pela logística dos espaços e mantida por relações funcionalistas. Algumas pessoas, um pouco mais

sensível, enxergam a rua para além do seu desenho, a Rua Coronel Pedro Benedit das entrelinhas, do imaginário coletivo, daquela rua “que se parece”. Um misturar de interpretações que só o espaço público da rua pode germinar.

Apesar de ser uma rua legível, a dinâmica atual incentiva um imaginário individual, descoberto através das falas, da configuração de domínio do automóvel, pelos estacionamentos e, pelo caráter dos sujeitos da rua. Todos esses aspectos contribuem para a ausência da vida coletiva.

Portanto, a cidade é esse organismo vivo e as pessoas comportam-se como o seu sangue. É pelo sangue que se avalia o organismo, seu desempenho e suas deficiências. Tudo aquilo que os órgãos-espacos necessitam. Da mesma forma, quando escutamos os sujeitos, possibilitamos que, descobertas enriquecedoras possam tornar esse organismo muito mais saudável e vital.

6.2 | A RUA HENRIQUE LAGE

Há gente de todo o tipo, gente de lá e gente de cá. Têm os que procuram o caro, têm os que procuram o barato. Têm opções por todo o lugar. Mas quem governa o espaço são os carros, estacionam pra lá e pra cá. É um espaço feito de carros, ou seriam, os carros feitos de espaço?! (AUTORA, registro em 03/09/2018, 10:12h).

Figura 32- Foto panorâmica da Rua Henrique Lage registrada no feriado do dia 07 de setembro de 2018, sexta-feira, às 09h51 min a.m.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 33- Resumo de Campo da Rua Henrique Lage.

RESUMO DE CAMPO DA RUA HENRIQUE LAGE	
Dias de Campo	10 dias
INSTRUMENTO DE PESQUISA- EXPERIMENTANDO	
Dias do Instrumento	6 dias (50% nublado, 40% ensolarado, 10% chuvoso)
Pessoas Analisadas	518 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- CONTANDO	
Dias do Instrumento	3 dias
Pessoas Analisadas	396 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- ENTREVISTANDO	
Dias do Instrumento	1 dia
Pessoas Entrevistadas	5 pessoas
Pessoas que recusaram a Entrevista	30 pessoas (6 não quiseram, 24 com pressa)

Fonte: Autora, 2019.

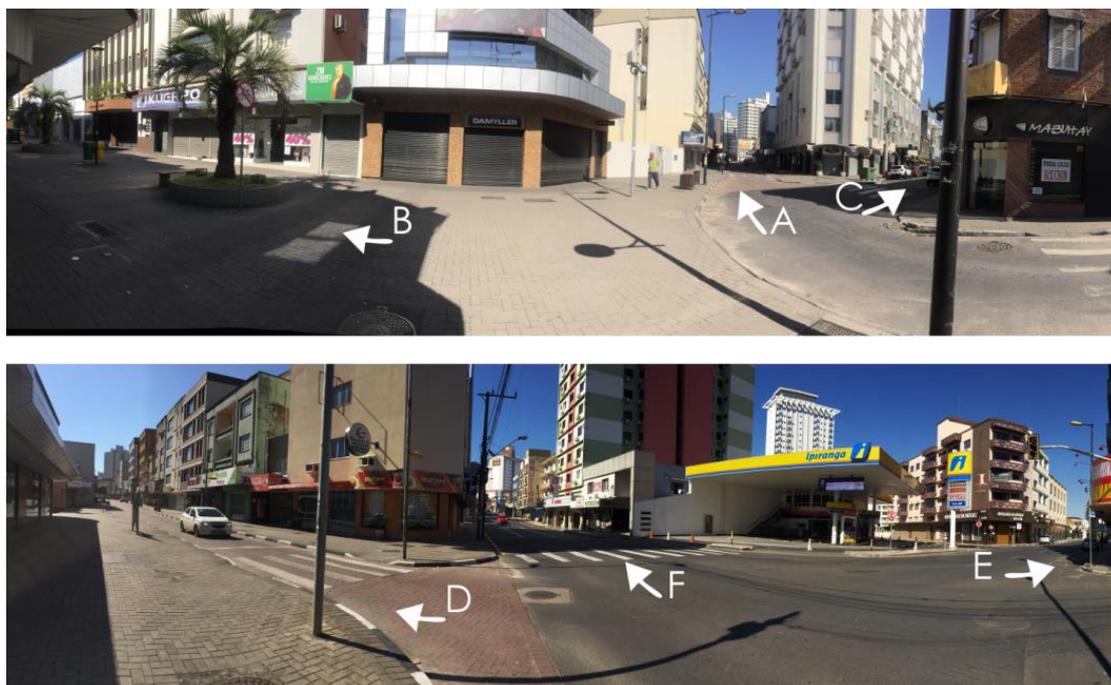
6.2.1 | A Rua daquele sujeito

A Rua Henrique Lage faz parte do conjunto de ruas reestruturadas pelas obras do Canal Auxiliar (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2012), e corresponde a uma das ruas mais próximas do núcleo central da cidade de Criciúma/SC: a Praça Nereu Ramos. Assim como a Rua Coronel Pedro Benedit, a Rua Henrique Lage toca o calçadão da praça e permeia um grande trajeto da cidade, interligando o bairro Centro, aos bairros: Operária Nova e Santa Bárbara, dispersando-se no sentido oeste da cidade, até o bairro Pinheirinho. Em um dos relatos, a entrevistada F.(HL)¹³, balconista da Rua Henrique Lage e natural da cidade, onde reside há mais de 40 anos, identifica o fato de a rua abrigar sua casa e seu trabalho. A moradora utiliza-se da rua como forma de deslocamento. Seu trajeto mais frequente compreende a sua casa, localizada nas proximidades do bairro Santa Bárbara e na Rua Henrique Lage, até o seu lugar de

¹³ Todos os entrevistados referentes à Rua Henrique Lage aparecem identificados com o sufixo da rua: HL, para que o domínio de compreensão entre sujeito e contexto seja mais bem apreendido.

destino (GONÇALVES; DESTRO; ROCHA, 2009), o seu trabalho, localizado no trecho da Rua Henrique Lage que está próximo ao calçadão. Dessa forma, o sujeito manifesta clareza de compreensão da rua como sendo extensa e contínua.

Figura 34- Foto panorâmica da Rua Coronel Pedro Benedit do recorte estudado.



Fonte: Autora, 2018.

Para melhores resultados, concentraremos no recorte mais adjacente ao calçadão da Praça Nereu Ramos. Na Figura 34, tem-se o ponto A como sendo o início do trecho estudado, onde B localiza-se o calçadão da Praça Nereu Ramos e, C como sendo a Rua João Pessoa da cidade de Criciúma/SC. Já o ponto D, representa o final do trajeto apreendido e, o ponto E como a continuidade da Rua Henrique Lage, sentido bairro Pinheirinho. Já o ponto F, tratando-se da Rua Anita Garibaldi.

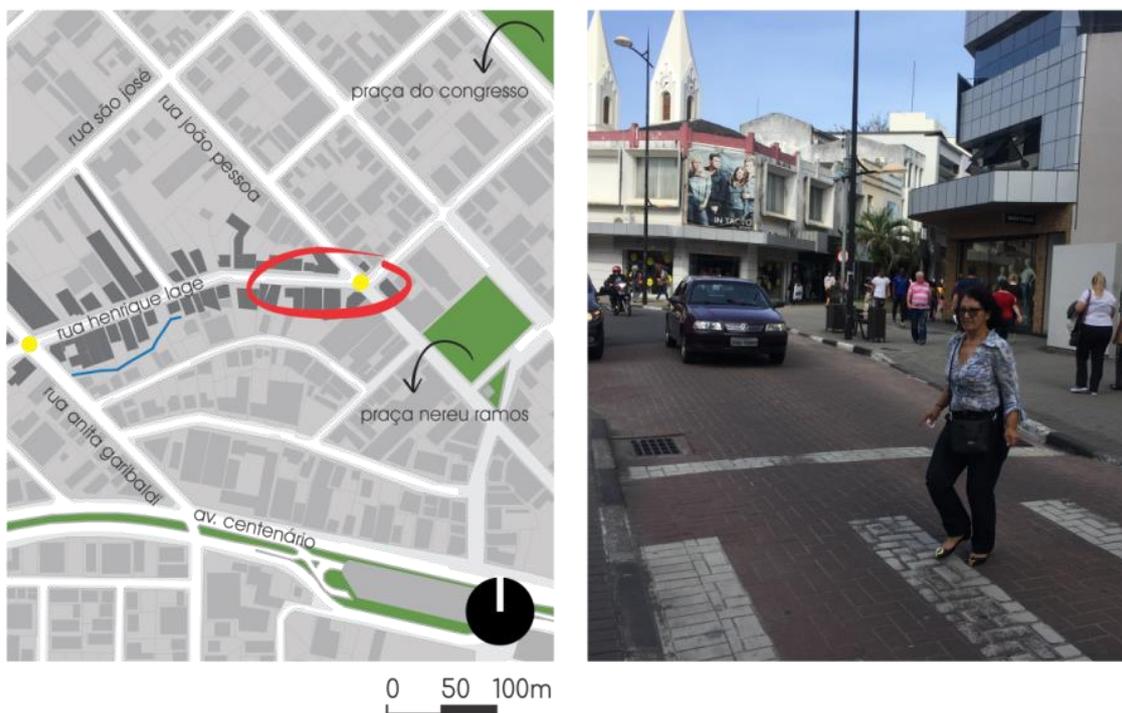
Apresentada com uma única faixa de circulação e um único sentido para a circulação de automóveis, a Rua Henrique Lage é classificada, dentro da malha urbana da cidade de Criciúma/SC, como uma rua coletora. Isso implica em dizer que, ela é responsável em absorver o tráfego vindo de outras ruas locais e direcioná-lo para as vias arteriais da cidade, como é o caso da Avenida Centenário. É também, aquela que serve de rota para o transporte coletivo, sendo encarregada de manter um padrão razoável de fluidez (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE

PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007). Diferentemente da Rua Coronel Pedro Benedet, não há na lei, nenhuma menção à preferência do pedestre. Porém, observa-se, um tratamento especial no trecho trabalhado na pesquisa. Se tomarmos a pavimentação da rua como base, vê-se que no recorte estudado, utiliza-se de uma pavimentação em tijolos intercalados, conhecidos como paver, como forma de alertar, ao pedestre ou ao condutor, de que está próximo do calçadão da cidade. No restante da rua, segue a pavimentação asfáltica. Mesmo não anunciando nenhuma preferência de pedestre, a rua induz a uma conformação atenciosa às pessoas, nas proximidades da Praça Nereu Ramos.

Figura 35- Mapa Ilustrativo do ponto de maior conflito na Rua Henrique Lage.

PONTO DE MAIOR CONFLITO

RUA HENRIQUE LAGE



Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Integrante da Quarta Região Administrativa da cidade, unindo-se com a Rua Coronel Pedro Benedet, a Rua Henrique Lage assume o papel de ser outro pilar de sustentação da Praça Nereu Ramos, amparando o seu fluxo intenso. A consequência

disso é a identificação de uma área de conflito próximo ao calçadão da praça, na Figura 35, situa-se o conflito.

Naquela esquina havia gente, havia carro e havia desarranjos frequentes. A rua é de quem chegar primeiro. Não há como competir, quando a máquina quer dominar, ninguém vai impedir. Naquela esquina havia desentendimento, confusão e controvérsia (GEHL, 2015). Naquela esquina havia uma fronteira simbólica, que separa e hierarquiza. São fronteiras flexíveis, são domínios flexíveis. Mas quando se cruzam, disputam o lugar da Rua Henrique Lage (ARANTES, 1994).

Com desigual aparência da Rua Coronel Pedro Benedet, a Rua Henrique Lage não possui nenhum incentivo econômico que avance no sentido de melhores condições de rua. Muito pelo contrário, o cenário é de abandono e de êxodo comercial, comprometendo cerca de 25% das edificações, em situação fechamento, disponíveis para locação.

Em se tratando da Rua Henrique Lage, o fato é agravante, diante de uma rua que é sustentada pela história, como umas das principais ruas comerciais da cidade, tendo seu êxito incentivado pela indústria carbonífera e impulsionado, até momentos recentes (BALTHAZAR, 2001). Na Figura 36, apresentamos algumas situações dos térreos das edificações. A escala humana (GEHL, 2015) da Rua Henrique Lage é crítica.

A balconista F.(HL), que possui seu comércio há mais de 15 anos situado na Rua Henrique Lage, sente as mudanças ocorridas nos últimos tempos, refletindo, de maneira direta, nos sentimentos manifestados por ela. No seu relato, ela teme pelo futuro da rua: *“A Henrique Lage para mim, já foi boa, hoje não é mais. Têm muitas lojas fechadas, e o pessoal não passa por aqui. Eles preferem outros caminhos”*.

Apesar de permitir evocações da sua memória quando nos apresenta um passado cabível a ela, como sua história profissional, sua loja (NOGUEIRA, 1998), o sujeito apresenta-se desconfiante com o contexto que convive. Com um tom agressivo, ela demonstra sinais de desgosto e de antipatia, para com o ambiente da Rua Henrique Lage.

Percorrendo um pouco mais ao fundo da relação do sujeito F.(HL) com a rua, entendemos que sua compreensão de rua coloca-se a nível cognitivo, apesar de um tempo de relacionamento significativo (TUAN, 1983). Ao expor o significado de rua, ela concentra-se na ideia de que rua é: “[...] pessoas andando e carros passando”.

Figura 36- Salas fechadas e anúncios de aluguéis correspondem ao cenário da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Como observado, o imaginário de F.(HL) associa a Rua Henrique Lage mediante representações negativas. Em outros momentos da pesquisa, o sujeito declara que ao caminhar pela rua, a emoção sentida é de “*tristeza*”. Faz também analogias, como a expressão que compara a rua com “*um deserto*”. Ou ainda, a rua assume a imagem de ser uma rua “*péssima*”. E que se, a Rua Henrique Lage admitisse a forma de um cheiro, seria descrita como “*cheiro de esgoto*”, fazendo referência ao Rio Criciúma, presente em paralelo com a rua, grande parte já canalizado, mas que se faz manifesta pelo cheiro e, esporadicamente, invade a cidade através de inundações. Outros atributos à rua estão por conta do barulho e do trânsito intenso. Diante desse discurso, entende-se que a participante implica com a cidade. Nesse caso, sua implicância está relacionada a aspirações ruins, mas o fato é que ela sente a cidade e produz sentimentos por ela (BOMFIM, 2010; SILVA, 2011).

Outro participante que menciona a rua, em caráter desfavorável é M.(HL), procedente de Criciúma/SC. O sujeito sente desconforto com a rua. Em uma das suas percepções, ele menciona a existência de lixo e que, muitas vezes, torna-se uma perturbação, ao ponto de interferir em seu comportamento e recolhê-lo do chão. Temos aqui, a imagem clara de como o espaço influencia nos comportamentos e aspirações de sua gente. De certo modo, a sua relação com o espaço da rua não é convidativo e nem um pouco cômodo, fazendo com o que a Rua Henrique Lage não seja por ele apropriada (PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

Uma terceira participante contribui para a discussão, apresentada sobre o nível de limpeza. L.(HL) dedicou a sua vida a cuidar da casa, dos filhos e do marido, bem como cuidou de filhos e de casas de outras pessoas, sendo empregada doméstica. Nascida em Braço do Norte/SC, e vinda para Criciúma/SC ainda na adolescência, L.(HL) expressa seu incômodo com a limpeza da rua, representa uma rua de abandono pela falta de higiene. Da mesma forma que o primeiro entrevistado, F.(HL) menciona sobre o “*cheiro de esgoto*”, L.(HL) enfatiza dizendo que tem cheiro de banheiro, reconhecendo, também, a presença do Rio Criciúma nas proximidades. O anúncio do seu imaginário, metaforicamente enviado pela representação de esgoto da rua, faz com que entendamos o significado da Rua Henrique Lage, segundo os valores manifestados. O contato com a rua, parte do princípio do que ela significa pra o sujeito, sua construção

de experiência com o lugar (SILVA, 2011). Quando o sujeito, atribui características contrárias aos espaços vitais que buscamos, têm-se dificuldades de construir algum relacionamento com o lugar, impedindo que possam ocorrer interações e provocando comportamentos de repugnância.

Durante a curta permanência da pesquisa em campo, apreendemos os discursos dos participantes traduzidos no ambiente urbano. Na Figura 37, retratamos em imagens, os vestígios verbais da Rua Henrique Lage. O lixo é carregado de simbolismo, da mesma forma que transmite sensações de abandono, de falta de higiene e de condições insalubres de vivência com o espaço, é também, arqueologia dos comportamentos, revela que alguém esteve ali, alguém usufruiu daquele espaço. E por que o fez? O mesmo lixo, que apresenta um espaço doente, é o mesmo lixo que revela, subjetivamente, um mapeamento de comportamentos. É como deixar a sua marca, mas de maneira desapropriada (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008; GONÇALVES, 2007).

A Rua Henrique Lage é requisitada, por todos os participantes, pela sua condição comercial, razão que também aparece como decadência do ambiente da rua. Para esses dados, temos o primeiro participante N.(HL) que não expõe, pontualmente, seu caráter comercial, mas que, através dos seus comportamentos, captamos sua intenção para a rua. Vindo de Forquilha/SC, encontramos o sujeito com o intuito de comprar um violão, o que comenta não encontrar na região onde vive. Dito isso, o sujeito associa a Rua Henrique Lage como meio de satisfazer suas necessidades de consumo.

Apesar de ser morador de outro município, N.(HL) em uma de suas falas, evoca um dos elementos simbólicos que compõe a memória coletiva da cidade de Criciúma/SC, o carvão, para representar, o que para ele, significa a Rua Henrique Lage. Seu resgate concentrou-se em uma passeata, realizada na Rua Henrique Lage que reivindicava melhores condições de trabalho, aos colaboradores da atividade carbonífera. Aqui, pode-se entender o que Gonçalves e Mendonça (2007) descrevem como as “amarras” culturais que o carvão e, toda a sua atividade, representam à região. O sujeito manifesta, ainda, o sentimento guardado por ele, a respeito da Rua Henrique Lage: *“O sentimento que trago dessa rua é de conquista”*. É visto que o valor

simbólico da rua precisou de apenas um momento, de reconhecimento e percepção do presente, para que o acontecimento experimentado fosse registrado em sua memória, atribuindo-lhe significado (TUAN, 1983; LIMA; BOMFIM, 2009).

Figura 37- Índícios comportamentais da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

O segundo entrevistado, M.(HL), compara a imagem da rua como um parque, no sentido de ter muitas opções: “[...] coisas para comprar, coisas para fazer”. Enfatizando as possibilidades diversas de mercado presentes na rua.

O mesmo ponto de vista é enunciado por O.(HL), procedente de Santo Anjo, no estado do Rio Grande do Sul. Encontramos o sujeito de passagem pela Rua Henrique Lage. Sentado em um banco, aguarda o retorno da sua esposa que “perambula” pela rua, a fim de fazer suas compras. O.(HL) mora no município de Içara/SC há 16 anos, mas já morou nas proximidade do bairro Próspera, em Criciúma/SC em um período de 4 anos, vivendo no estado de Santa Catarina em um período de 20 anos. O que conduz a sua relação com a Rua Henrique Lage é o comércio. Para o sujeito não há fundamento em “passear” pela rua. Argumenta que se você vem até a Rua Henrique Lage, você vem com uma intenção predeterminada de comprar, esse seria o propósito de vir até a rua, e acrescenta: “Eu venho pra cá pra fazer compras, aquilo que estou procurando”. Seu

discurso toma o mesmo sentido, quando pedimos para O.(HL) comparar a Rua Henrique Lage com algum elemento, ele discorda: “*Acho que não tem nada pra comparar. Sei lá. É o comércio mesmo*”. Se os significados são formados, também, a partir das narrativas, então entendemos que O.(HL) tem para a Rua Henrique Lage o significado comercial, mencionado mais de cinco vezes em sua fala.

Outra imagem que representa a Rua Henrique Lage para O.(HL) é a figura de “*shopping a céu aberto*”. A pesquisa defende a ideia de que *shoppings* são lugares que não satisfazem, por completo, o desenvolvimento humano, incluindo evoluções enquanto apropriações, coletividade, afetividade, dentre outros. Diferentemente do que argumenta Gastal (2005), dizendo que se o espaço tem a finalidade de promover encontros, o desejo de estar juntos, confraternizações, trocas comerciais e/ou simbólicas, são espaços que se assemelham a ideia de praça. Essas praças estão espalhadas sejam em *shopping centers*, em *hall* de entrada de hotéis, em bares ou edifícios corporativos, sejam quais forem às situações, elas serão praças ambulantes. Pelo ponto de vista de que esses lugares incentivam as práticas para a fim de tornarmos mais humanos, concordamos. Entretanto, são incentivadores artificiais. É o mesmo que andar e dirigir, um seria um meio natural de encontrar-se, nosso meio de essência. O outro é um meio criado, não corresponde ao nosso ser, ele é superficial. Por isso, insistimos nos espaços públicos para a evolução do ser.

Como última contribuinte do assunto temos L.(HL), em seu discurso elementos de grandeza e de diversidade, são atribuídos à rua. O sujeito indica a rua como sendo uma avenida, elevando o valor do seu espaço e identificando a extensão da rua como condicionante para ser chamada de avenida. Já a diversidade está pela reputação do comércio, dito pelo sujeito de ser mais acessível: “[...] *têm bastantes lojinhas [...] bastantes coisas pros pobres né, porque a gente tem que procurar o que é acessível pra gente né*”. Os dois fundamentos de conhecimentos, são expostos como fatores de atração para que o ambiente da Rua Henrique Lage seja experimentado. A atratividade vai de encontro à origem da rua, quando conformada como uma das primeiras ruas da cidade de Criciúma/SC. A atratividade, portanto, corresponde a sua essência (AGUIAR; NETTO, 2012).

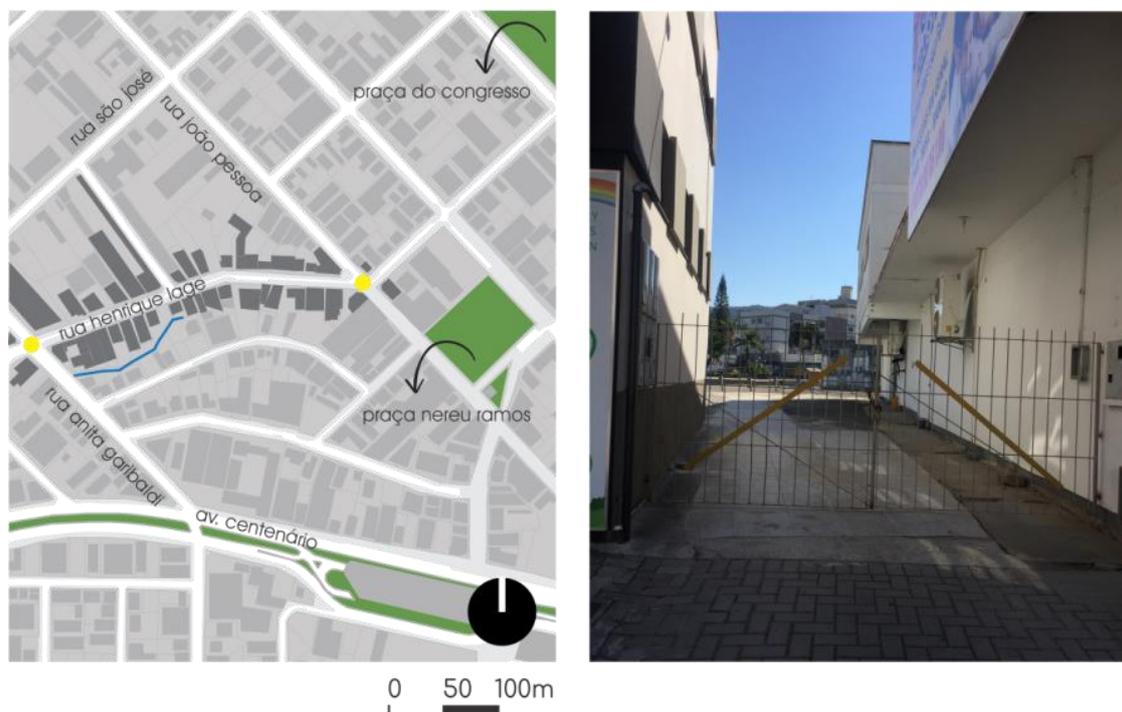
Quanto à ocupação da Rua Henrique Lage, percebe-se uma massificação intensa, instalada, geralmente na parte frontal dos lotes e, ocupando-os por completo. Isso acontece por ser tratar da primeira área apropriada da cidade de Criciúma/SC. Naquela época, não existia uma orientação para que fossem construídas as edificações, resultando em ocupações sem recuos laterais, sem ventilações entre as edificações e, posteriormente, com dificuldades na insolação das fachadas, pela instalação de prédios mais elevados.

Na Figura 38, ilustramos as possibilidades de ocupação que a rua admite pela conformação dos Cheios e Vazios. Os espaços em verde configuram as principais praças: Praça Nereu Ramos, com seu calçadão e Praça do Congresso. A ocupação se dá pela tonalidade de cinza-escuro, e os vazios de cinza-claro. Os pontos em amarelo correspondem à demarcação do trecho pela pesquisa trabalhado.

Figura 38- Mapa Ilustrativo dos Cheios e Vazios da Rua Henrique Lage.

CHEIOS E VAZIOS

RUA HENRIQUE LAGE



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

As fachadas sem recuos laterais, dispostas pela frente do terreno, de maneira a aproveitá-lo ao seu limite, acabam liberando um espaço significativo, no fundo dos lotes. O fato da proximidade dos comércios é trazido por um dos participantes, L.(HL), representando um espaço de confusão. É entendido que, a manifestação de desorientação, provoca a sensação descrita pelo sujeito, de medo e de insegurança. No caso, o espaço público da Rua Henrique Lage, concebido como está, com as lojas sem afastamentos laterais, afeta o bem-estar de L.(HL), dando a impressão das sensações por ela citadas (SIMPSON, 2011; JACOBS, 2011; LYNCH, 2017).

A conformação dos lotes da Rua Henrique Lage, em sua maioria, obedece a um desenho que se estende de uma rua a outra, configurando uma espécie de lote/quadra. Em alguns momentos esses lotes são interrompidos pela presença do Rio Criciúma, como exposto na Figura 38, representado pela linha em azul. Sendo assim, os fundos dos lotes, estão voltados para a próxima rua, em paralelo com a Rua Henrique Lage, conhecida pelo nome de Rua Cônego Miguel Giacca. Essa rua faz uma conexão com a rua estudada e permite que os acessos sejam permeáveis, a partir desses lotes.

Dos estabelecimentos em exercício, a maioria, tenta reavivar o propósito da Rua Henrique Lage. Os meios comerciais são provocadores constantes, para que os sujeitos se envolvam na ilusão de suas vitrines. Mesmo diante de um cenário esvaziado, as vitrines ainda sobrevivem, e são motivadas pela atenção. As vitrines são chamarizes para que o espaço da Rua Henrique Lage resista. São também, candidatas a concorrer com a ansiedade rotineira e com a invisibilidade urbana (GOES, 2015; PAIS, 2007; SILVA, 2011).

Para as vitrines dessa rua: não se deixem levar pela pressa do dia, nem se escondam durante a noite, nem tão pouco, fiquem em silêncio...Chamem atenção, gritem por espaço. A quem se deve o movimento, se não a sua atração?! Por mais que pareça que ninguém as note, há uma esperança nesse lugar, sempre há (AUTORA, registro em 19/09/2018, 14h15min).

Dos poucos vazios que a rua comporta, os fundos de lotes são os mais constantes. Entende-se também que, a Rua Henrique Lage alcança para além do seu limite geográfico de rua. Em grosso modo, quando o sujeito caminha por ela, é convidado a experimentar, visualmente, outras dimensões urbanas. Como as ruas do entorno, que aparecem em meio a intervalos das construções. Em alguns momentos,

incentivam a travessia para esses novos horizontes, em outros, são esbarrados em limites físicos de outras construções.

O trecho trabalhado, também, é marcado pela presença de dois edifícios com mais de seis pavimentos, como se fossem pontos visuais de limitação. Eles correspondem às esquinas do recorte estudado, comportando-se acima da escala humana. As demais edificações ficam em torno de, seis pavimentos, com presenças, relevantes, de algumas residências de dois pavimentos.

Aos usos da rua, descrevemos as situações conforme as expectativas do órgão municipal para com as edificações, e quanto, as apropriações dos espaços da rua, sendo discutidos em sequência.

Apresentada pelo Plano Diretor da cidade, de Lei Complementar nº 095, de 28 de dezembro de 2012, o recorte delimitado pertence a uma região cujo código corresponde a Zona Central 2 (ZC2), dita como áreas primeiras de ocupação da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

Na Figura 39, o zoneamento equivale a todo o tecido urbano estudado, tem possibilidades físicas e de infraestrutura cabíveis a uma intensa apropriação e incentiva um uso de até dezesseis pavimentos de altura, incluso além do uso comercial e de serviço, o uso, também, residencial (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

É diferente esse lugar, aqui mora gente, aqui têm gente, é diferente esse lugar. Ao caminhar no dia-a-dia, nem se percebe que há gente que mora nesse lugar, o som é de buzina, o caminhar é uma corrida, não tem cheiro, não tem acolhida. Ao caminhar no final da semana, tem barulho de faxina, tem prosa na sacada, tem cheiro de limpeza e têm pessoas lá em cima. É diferente esse lugar... (AUTORA, registro em 30/09/2018, 14h40min).

Diferentemente da Rua Coronel Pedro Benedit, há uma presença maior de ocupação residencial, isso não significa que há uma presença consistente. Assim como as lojas comerciais apresentam anúncios de locação em seus térreos, no nível superior, encontramos o mesmo dilema, com muitas unidades desocupadas e sem nenhum indício de apropriação. Um dos fatores levantado sobre o esvaziamento residencial da Rua

Henrique Lage é a ausência de garagens nas construções. Sabendo que, muitas delas foram edificadas em épocas onde nem a legislação, nem os caprichos contemporâneos, estavam presentes. No contexto atual das cidades, as garagens são condições primordiais para moradia. Abre-se mão de cômodos mais confortáveis, como salas maiores, quartos aconchegantes e outros ambientes de desejo, dentre eles os escritórios e as churrasqueiras, para possuir uma espaçosa garagem. Reflita por um instante, será que o domínio dos automóveis já invadiu nossos lares ao ponto de oferecermos os melhores espaços para guardarmos esse nosso “bem”?! Serão os automóveis os condicionantes de moradia?!

Figura 39- Mapa Ilustrativo do Zoneamento da Rua Henrique Lage.

ZONEAMENTO DA RUA

RUA HENRIQUE LAGE



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Outro uso, de importante valor na pesquisa, é a concentração de patrimônios, inventariados pela Casa da Cultura da cidade de Criciúma/SC e desprotegidos pelas más condições de preservação. Na Figura 39, ao lado do mapa ilustrativo de zoneamento, apresentamos duas situações de patrimônios presentes na rua (FCC- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA, 2012).

O inventário, realizado no período de 2003 a 2011, pela Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira, foi manifestado com o intuito de contar a história por meio das representações concretas do tecido urbano: as edificações. O objetivo era resgatar a memória, tanto do espaço quanto das pessoas entrevistadas, havendo participação popular para o recolhimento do material. Os vestígios coletados na Rua Henrique Lage, envolvendo cerca de quinze edificações, das décadas de 1920 a 1960, permanecem no espaço e no coração de sua gente (FCC- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA, 2012). O inventário catalogado possibilita atingir, as sensibilidades de outros tempos e de outras pessoas, fazendo com que o passado possa retornar a viver. Isso contribui para lugares de memória. Para que esses lugares sobrevivam, devem ser retomados, renovados e inovados, através de seus significados. Do contrário, farão parte do agrupamento de espaços esquecidos (CRESTANI; KLEIN, 2017; PESAVENTO, 2002).

O que questionamos é, diante da relevante presença dos artefatos culturais na Rua Henrique Lage, a gestão municipal, ainda incentiva um carregamento de construções de dezesseis pavimentos na rua. Será que, enquanto patrimônios, aquelas edificações são protegidas no planejamento de crescimento da Criciúma/SC, ou será que essas figuras culturais foram desprendidas de qualquer significado?! Ou ainda, se o Plano Diretor está para proteger e orientar o desenvolvimento da cidade, porque essas construções não são tratadas conforme as suas especificidades?!

Há uma desmemoração da memória, se é que o português nos permite a redundância, mais uma característica da confusão urbana, a qual se faz parte. Muitos dos significados dos edifícios patrimoniais, principalmente os da Rua Henrique Lage, são invisíveis à população. Se essas informações são constantemente levantadas e, dirigidas aos seus, o risco de cair no esquecimento é menor. Mas, como já mencionado, vivemos a cultura do ver e não do ouvir, propensos a diminuição da nossa capacidade de rememoração. Quanto menos ouvimos a cidade, menos nos comunicamos e menos nos lembramos dela. Não há tempo a perder, não há o que dizer, não há o que perceber (GOES, 2015).

A partir do momento que aquele lugar é reconhecido, elevado ao seu real valor simbólico, criam-se representações concretas, consistentes e relativas à identidade,

capazes de reconstruir os fragmentos da memória coletiva, dispersos em algum lugar no tecido urbano das cidades (HALBWACHS, 2006; CRESTANI; KLEIN, 2017). Dessa forma, haverá motivação a apropriação daquele lugar e, haverá nutrimento de sentidos de proteção, cuidados e defesa do lugar, da cidade e de sua história (GONÇALVES, 2014; BOMFIM, 2010).

Os patrimônios são, portanto, sinais onipresentes da biografia da cidade. São figuras intangíveis enquanto tempo, por não conseguirmos viver o contexto daquela construção, mas são tangíveis enquanto memória e significado. São também bases para a construção da imagem urbana de cada sujeito (CRESTANI; KLEIN, 2017).

Na Figura 40, mostramos um pouco das evidências culturais presentes na Rua Henrique Lage. A imagem assumida é de descaso, realçada pela invasão de placas comerciais, de protestos em forma de grafismo e de fachadas tomadas pela exposição a intempéries. Devido às circunstâncias apresentadas até aqui, o ambiente da Rua Henrique Lage não se manifesta propício à apropriação. Dito isso, partimos para a investigação perante os convidados da pesquisa. O resultado aparece como um ambiente ausente de sentido social.

O primeiro entrevistado, N.(HL), não vê a rua como um lugar que possibilite encontros. O seu ambiente familiar é suficiente para suas trocas sociais. Para com a Rua Henrique Lage, N.(HL) alimenta um imaginário regado a um relacionamento funcionalista. Bauman (2001) já nos alertava sobre a perda da antiga função dos espaços públicos em estarem dispostos a proporcionar um ambiente de diálogo e de interações sociais. O que fica esclarecido na manifestação de N.(HL). Alves (2007) contribui para a discussão, dizendo que essas concepções, que o sujeito anuncia, se tratam de características de um imaginário privado e distante do coletivo.

Por consequência da perda de significado do sujeito para com o espaço público da Rua Henrique Lage, não há nenhum sentido de pertencimento. Há uma representatividade ligada ao sentido cognitivo, quando se pergunta: “O que a ideia de rua significa para você?”, o sujeito, objetivamente, declara como sendo “*fora de casa*”. Esquivando-se de qualquer ligação com o ambiente da rua (ALVES, 2007).

Figura 40- Tesouros da história presente na Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Sentada a beira da rua, como criança no meio fio... Deparo-me com esse traço, já não visto em tempos atuais. Linhas seguras que contam a história são silenciadas por grandes placas que, impedem de enxergá-las. Mesmo ninguém conhecendo, elas permanecem ali, na esperança de serem notadas. Já imaginou como isso tudo começou?! Elas podem nos contar. Deixe-as falar, deixe-as participar, mas não as deixe jamais (AUTORA, registro em 16/09/2018, 15h42min).

O segundo entrevistado, também não entende a rua como um lugar de convívio. M.(HL) procura encontrar seus amigos em locais privados, sem demonstrar qualquer interesse com o aproveitamento do espaço da rua. A rua de M.(HL) é um espaço de transição, de pessoas e de veículos. O sujeito, ainda, salienta o domínio do veículo, evocando uma experiência de quase atropelamento, ali mesmo, na Rua Henrique Lage. Gehl (2015) associa o acontecimento afirmando que, a vida urbana atual acentua sentimentos de medo e de preocupações, derivados da conquista do território pelos automóveis.

A experiência que sobressai, na narrativa de M.(HL) com a rua, influencia o comportamento do sujeito (MEHTA, 2013), devido à intensidade do fato (TUAN, 1983), M.(HL) se repreende em desenvolver algum tipo de relação com o espaço público da rua. Ao mesmo tempo, o sujeito entende que o espaço da rua é pertencente a todos: “[...] pra mim, rua é para todo mundo transitar, passear, sem ter intrigas entre ninguém. É pra circulação de todo mundo, facilitar todo mundo”. Percebe-se, então, que o direito ao espaço público é internalizado em M.(HL), sua fala corresponde ao direito de encontrar na cidade condições para a sua realização pessoal, permitindo o direito à cidade e a sua vida (YOUSSEF, 2002; LEFEBVRE, 2008).

O fato do sujeito não se apropriar do espaço da Rua Henrique Lage reflete no desconhecimento perceptivo, desviando-se de algumas perguntas da pesquisa. Como exemplo, diante do questionamento de qual sentimento que possui quando caminha pela rua, ele afirma não ter nenhuma emoção relevante. E quando é perguntado sobre seu pensamento quando caminha pela rua, se lhe traz alguma lembrança, ele comenta: “[...] por aqui? Não tenho”. Isso pode ser interpretado como um desinteresse ou até antipatia com o lugar da Rua Henrique Lage, podendo até estar relacionado a uma explicação de estado pessoal, mas não vem ao caso (SILVA, 2011). O fato é que, há uma considerável dificuldade em aproximação do espaço da rua pelo sujeito. M.(HL) não se identifica com o lugar, eliminando qualquer possibilidade de vinculação afetiva (MACEDO et al., 2009; LIMA;BOMFIM, 2009; BOMFIM, 2010; PURWANTO; DARMAWAN, 2014; GONÇALVES, 2014; GONÇALVES, 2007).

M.(HL) expressa, ainda, que toma como base a sua vida a partir do andar, deslocando-se na cidade de maneira a pé. Mas, segundo seu relato, não estaria envolvido com o seu caminhar, desenquadrando-se da prática da errância. Em diversas falas ele expressa a palavra passagem: “[...] *eu só passo*” desse modo não se trata de um flâneur (BAUDELAIRE, 1997), consequência apontada pela dificuldade de apropriação do lugar.

O que se pode interpretar é que, o nível de apropriação do sujeito para com o espaço atinge o processo de identificação, em alguns momentos, mas não evolui ao ponto de sentir-se pertencente (BOMFIM, 2010).

O terceiro participante, F.(HL), possui um contato diário com a Rua Henrique Lage, por ser o seu percurso constante, casa/trabalho. Desse modo, seria propenso a fazer da rua, quase que uma extensão de seu lar, atribuindo a ela um sentido mais íntimo. Porém, não é bem o que acontece. Paul Virilio (1984) por meio de Gastal (2005) afirma que, não mais habitamos os espaços estacionários, de permanência. Diante da rotina atual, passamos grande parte do tempo deslocando-se de um lugar ao outro, sempre no mesmo caminho, criando um território, cada vez mais, condenados a insensibilidade e a ignorância.

F.(HL) corresponde, ao que foi dito anteriormente, por meio do seu comportamento, demonstrando indiferença com a vida coletiva, suas falas estão relacionadas com aspectos individuais, como por exemplo: “[...] *eu gosto de ficar aqui na minha loja*”, ou ainda, “*costumo encontrar pessoas na minha casa*”. Anunciando o aspecto tratado por Damatta (1997) e Ruano (1999) quando, apresentam o individualismo como sendo o caráter social presente e totalmente incompatível com a qualidade vida urbana.

Como próximo participante, O.(HL) manifesta que até utilizada o espaço da rua para socializar, não só a rua, mas como praças e parques, ampliando o alcance social para além dos espaços familiares. Percebe-se que o processo de apropriação se inicia em decorrência desse fato. O.(HL) atinge o entendimento de rua ligado a um sistema de circulação. Em seu relato parte da ideia que rua é uma via urbana, é um espaço de comunicação, que facilita os acessos por toda a cidade e, em especial, otimiza as vendas

dos comerciantes, por possibilitar o fluxo para seus comércios, movimentando, por sua vez, a econômica. Como já vimos, Borja (2006) utiliza-se do termo intercâmbio para discriminar o que O.(HL) expressou. Ainda em sua fala, observamos que o espaço da rua é também um motivador econômico (MOARAB et al., 2015; JACOBS, 2011; JUNG et. al., 2017; PURWANTO; DARMAWAN, 2014). A Rua Henrique Lage, desse modo, encaixa-se nesse caráter comercial (VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2016).

Até aqui, o discurso de O.(HL) é percebido em favor do espaço público, atribuindo sentido urbano a sua vida (SILVA, 2011). Entretanto, quando direcionamos à nossa área de interesse, a Rua Henrique Lage, sua concepção desprende de qualquer significado favorável à rua. Não há manifestação de nenhum sentimento, bem como, emoções para com o espaço da Rua Henrique Lage: “*Não sinto nada*”. Não há, também, qualquer tipo de percepção da rua: “*Nunca prestei atenção*”. E ainda, não há nenhum lugar na rua que o faça permanecer: “[...] *onde tiver um banco, com sombra, eu fico*”, mesmo que esse banco não esteja na Rua Henrique Lage.

Retomemos a sua interpretação da rua, do sujeito, para entendermos o porquê da inversão do discurso. O.(HL) foi quem anunciou o espaço da rua como um “*shopping a céu aberto*” e, diante do que defendemos, *shopping centers* não possuem atributos suficientes para manifestações espontâneas de identificação. A forma com que, o sujeito trata a rua corresponde aos seus comportamentos e pensamentos para com ela. Fazendo da Rua Henrique Lage uma definição de não-lugar para o sujeito (ALVES, 2007; AUGÉ, 1994, TUAN, 1983).

Não há na Rua Henrique Lage nenhum processo contínuo que favoreça a apropriação. O.(HL) demonstra interesse na apropriação, mas não o faz com a Rua Henrique Lage, mantendo uma relação superficial (PESAVENTO, 2002).

A última participante, L.(HL), não costuma utilizar do ambiente da rua como forma de interação. Para o sujeito, rua tem sinônimo de disseminar boatos. É dessa forma que, ocorrem os afastamentos das relações em lugares públicos. Deparamo-nos aqui, com os indícios do perfil da sociedade atual (DAMATTA, 1997).

Em se tratando da Rua Henrique Lage, L.(HL) expõe que não se apropria de forma alguma do espaço, por ser uma rua insegura. Sua interpretação da área de estudo

é um lugar de ameaça e de perigo. Quando o sujeito fala da rua, é nítida sua mudança na expressão facial, tomada pelo sentimento de preocupação. Diante dos discursos apresentados até então, é compreensível o manifesto do sujeito, pela ausência de vida na Rua Henrique Lage, fator que reflete, acima de tudo, na segurança. Conformando a hipótese de Jane Jacobs (2011) e Jan Gehl (2015) em relacionar a segurança com a permanência de pessoas interagindo no espaço da rua.

A participante discorre que, raramente frequenta o espaço da Rua Henrique Lage e que pelas redondezas, procura circular próxima a Igreja Matriz São José, localizada na Praça Nereu Ramos. Mesmo frequentando o espaço da praça com uma frequência maior, não se sente segura: “[...] porque têm aqueles homens que ficam só olhando pra gente [...] se eu tenho que descansar eu vou dentro da igreja [Igreja Matriz São José]”. Apreende-se que, independente dos espaços urbanos, sejam eles ruas ou praças, a insegurança expressada por L.(HL) a acompanhará. Só se sentirá segura em espaços privados e que evocam um simbolismo de proteção, como é o caso da igreja. Dito isso, o significado de cidade para L.(HL) é atrelado ao perigo, e essa é a representação presente em seu imaginário, afetando sua afetividade para com os espaços urbanos (PESAVENTO, 2002; LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Em se tratando de apropriação do espaço da rua, L.(HL) não atinge nem o primeiro estágio da apropriação, a identificação, por não ter interesse em um contato constante com o ambiente da rua, fazendo com que sua percepção da Rua Henrique Lage seja uma elaboração da sua cidade “que se parece” (BOMFIM, 2010).

Recorremos, novamente, a apreensão do espaço da Rua Henrique Lage com o intuito de verificar, por mais alguns elementos, além do que já foi apresentado, o porquê das dificuldades de apreensão do território da rua.

O primeiro elemento em discussão é o de infraestrutura da rua. Por ter passado por uma reformulação, recentemente, a Rua Henrique Lage recebeu um calçamento novo, um pouco mais largo do que o anterior, devido ao fato de serem eliminados alguns pontos de estacionamentos laterais da via. Na Figura 41, tem-se a apresentação da infraestrutura da rua:

Figura 41- Representatividade da infraestrutura da Rua Henrique Lage.

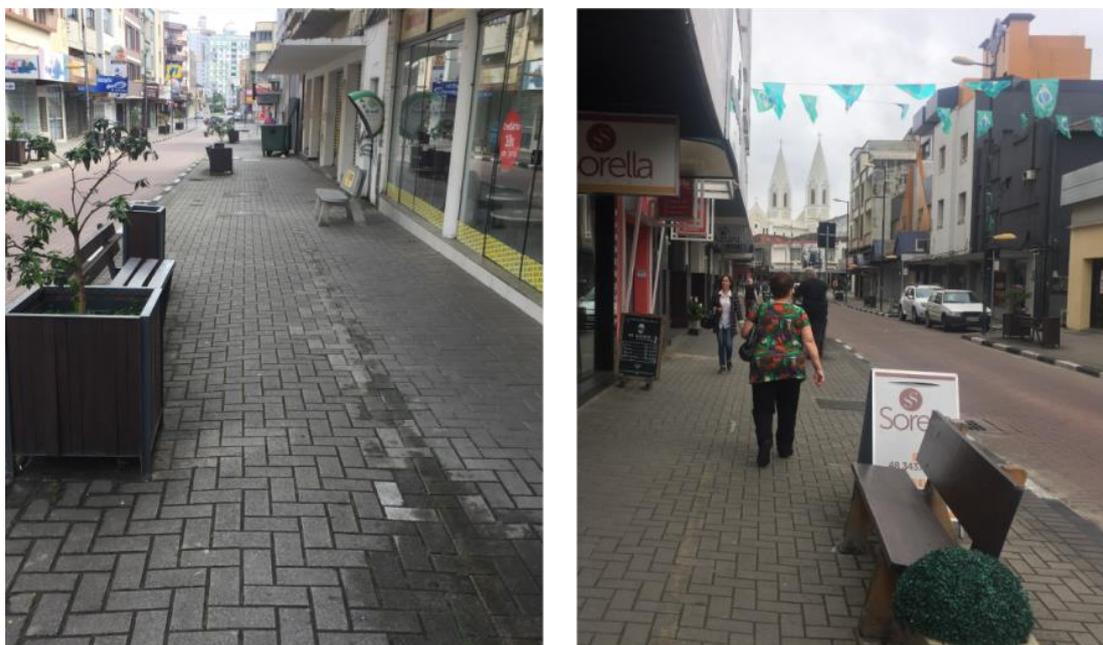


Fonte: Autora, 2018.

O banco e a floreira, também estão aqui. Não há uma maneira lógica para a sua disposição também, não há um desenho padrão. Às vezes, servem de limites de calçadas, ou servem de proteção do fluxo de veículos, mas não servem de permanência, nem de apropriação. As floreiras da Rua Henrique Lage são menores que as floreiras da Rua Coronel Pedro Benedit. Se antes as sombras eram pequenas, agora são praticamente, nulas. Aqui, há lixeira e bicicletário. As lixeiras parecem não existir, mediante a grande concentração de lixo encontrada na nossa errância. O bicicletário está apenas ali, não há sinais de espaços para o tráfego de bicicletas na rua. Ora terão que disputar com fluxo de automóveis, ora terão que disputar com o corre-corre das pessoas. E se parar, não será os bicicletários que deverão apoiar, os sujeitos estacionam as bicicletas em postes situados no trajeto da rua.

O assentamento do piso está em bom estado de conservação, mas o que dificulta a passagem na calçada são os diversos obstáculos impostos às pessoas que por ali circulam. Na Figura 42, representamos alguns desses obstáculos: lixeiras maiores, bancos a desviar, placas comerciais, todos estão para dominar o espaço da calçada, menos os sujeitos do lugar.

Figura 42- Representatividade dos obstáculos nas calçadas da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

A calçada é seio da esfera urbana, é simbolicamente um lugar para encontros, lugar da diferença entre sujeitos, do intercâmbio, da passagem e da *performance* é, também, espaço da contemplação, do descanso, do descolamento. São conexões do público para o privado, são ligações das fachadas com a rua, são órgãos vitais (JACOBS, 2011). O julgamento dado a ela, na Rua Henrique Lage, é insignificativo, mediante o leque de possibilidades que ela pode abranger. É o simplificar o tecido urbano mais complexo. É o influenciar de valores e de perdas de significados.

Outro fator presente na rua, assim como na Rua Coronel Pedro Benedit, é a quantidade excessiva de estacionamentos rotativos, conforme a Figura 43. No contexto atual, seria cabível dizer que, os vazios urbanos são sinônimos de vagas de estacionamentos. Quanto mais o espaço urbano ceder lugar para a concentração de automóveis, menos espaços estarão disponíveis para contato, para a vida coletiva, para uma cidade que se comunica (GEHL, 2015).

Por vezes, pensava-se que a cidade era uma soma de fixos e fluxos. Mas, por meio de Gastal (2005) entendemos o que Argan (1992) procurava dizer quando, a cidade se constituía no conflito de fluxos e fixos, e não na sua soma. Dizemos conflito

porque, sejam nas relações entre carros e pessoas, espaços públicos e não-lugares (AUGÉ, 1994), sempre haverá um contato. Sejam interações favoráveis ou desfavoráveis, sejam conflitos no sentido de confrontos, ou no sentido de conversas. A cidade é o próprio conflito.

Figura 43- Concentração excessiva de estacionamentos rotativos na Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Há entre as fachadas alguns intervalos, ora conformam uma espécie de passagem, que permite se descolar até a outra rua. Ora conformam vielas, um atalho para lugar nenhum (AUTORA, registro em 22/09/2018, 09h30min).

A reflexão que está se propondo é que, os fixos que subutilizam o solo, representados pelos estacionamentos rotativos e cada vez mais frequentes no tecido urbano, estão para reduzir a imagem da cidade, em imagens advindas das janelas dos carros ou dos ônibus.

Quando, do trajeto da casa para o trabalho, os fluxos transformam-se em não-lugares (AUGÉ, 1994). Quando, o caminhar pelas ruas se reduz a enxergá-las das janelas desses veículos e, conduzem a certeza que haverá um estacionamento aonde se precisa chegar. Quando, o espaço público desaparece, sem ao menos ser experimentado,

um vazio toma forma nos imaginários e, entra-se novamente, no processo automático das vidas contemporâneas.

Figura 44- As travessas da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Na Figura 44, a cima, salienta-se um tipo de conformação, presente na Rua Henrique Lage, provocada pela ocupação dos fundos dos lotes por esses estacionamentos rotativos. Como já mencionamos, os lotes da rua ocupam, em sua maioria, integralmente a quadra, havendo uma conexão de uma rua a outra. Se, tomado consciência, essa configuração pode ser potencializada, podendo proporcionar permeações visuais e físicas, uma espécie de conexão da paisagem urbana, de grande valia para a Rua Henrique Lage. Um dos benefícios é o aumento atrativo do lugar, com um fluxo mais acentuado. Visto que hoje, as pessoas já utilizam dessas travessas, entretanto, circulam no meio dos carros. Outro fator relevante das conexões é a possibilidade de incorporação do Rio Criciúma, permitindo que ele, novamente, participe da cidade, já que muitos o desconhecem. Uma forma de renascê-lo e acolhê-lo no espaço da Rua Henrique Lage.

Jacobs (2011) e Gehl (2015) permite-nos dizer que, essas travessas urbanas podem evocar a diversidade nas cidades, mediante a ocupação pela vida coletiva. Um

verdadeiro prestígio, tanto para o ambiente das ruas centrais, incluindo a Rua Henrique Lage, quanto refletido no enriquecimento das condições sociais de interação, comportando-se como um novo caráter para a rua.

Há ainda, outro tipo de manifestação do espaço da rua, dita pela pesquisa como a configuração de “becos”. Os becos correspondem a algumas passagens entre as fachadas da rua. A diferença das travessas, é que não se chega a nenhum lugar. A imagem que se associa, é a representatividade, literalmente, de um beco sem saídas.

Esse tipo de espaço acentua a insegura do lugar, visto que além de formarem passagens incertas, são também escuros e, por vezes, fechados por grades. Na Figura 45, apresentamos alguns tipos dessa conformação.

Se tomarmos o percurso da Rua Henrique Lage, diante da escala humana (GEHL, 2015) encontraremos: ora um comércio que fala mediante a sua vitrine; ora uma loja a ser locada; ora um espaço que alivia a massa de edificações; ora recuos inseguros; todos esses componentes são intercalados por entre as fachadas. Fazendo da imagem da rua, um território embaralhado, vulnerável e imprevisível.

Por um instante, fico em frente de um dos becos da rua. Minha pele arrepia, tenho um pouco de receio de estar ali. Se fosse outro horário do dia, evitaria estar aqui. O lugar me encobre de medo, mas lá do fundo, de onde vem à luz, de onde vem brisa fresca, lá de onde, ouço pássaros cantando. Seria um canto de socorro?! Ou esperança de vida desse lugar?! (AUTORA, registro em 07/09/2018, 09h51min).

Figura 45- Os becos da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Para uma melhor leitura do trecho estudado, trazemos o mapa ilustrativo da relação das fachadas/espacos elaborado segundo a metodologia da organização PPS-Project For Public Spaces (2009). A percepção segue conforme, os níveis de influências que essas fachadas/espacos podem propiciar aos sujeitos da rua. Desse modo,

pretendemos avaliar se a Rua Henrique Lage contribui para um espaço público vital, apesar de já mencionados alguns fatores.

Na Figura 46, tem-se a cor vermelha representada pelas fachadas/espços que não contribuem para um ambiente de qualidade. Como é o caso da fotografia ao lado, a fachada é tomada por um muro extenso e sem comunicação com o ambiente da rua. Resguardando, ainda, um espaço ainda mais desumano, um estacionamento. Dessa forma, a cor vermelha não corresponde aos espaços que são sociáveis, nem tão pouco confortáveis, convidativos, acessíveis ou ativos. E sim, corresponde a um ambiente inóspito e até prejudicial à saúde da rua. Na cor laranja, concentra-se grande parte das fachadas/espços da rua. Essas fachadas/espços proporcionam interações, porém com datas e horas determinados, referente ao que também acontece na Rua Coronel Pedro Benedet. Já na cor verde, quase não encontrada no recorte, envolvem as fachadas/espços que contribuem para as quatro dimensões pré-determinadas pela metodologia da organização PPS- Project For Public Spaces (2009).

A descrença na Rua Henrique Lage faz parecer que, não exista remédio para a cura da sua saúde, tão debilitada. Mas sabemos também que, ela mantém algumas potencialidades que poderão transformar esses espaços doentios, em espaços revigorados. Nossa esperança se concentra no que sustenta Azevedo e Mattos (2015) e Tuan (1983), quando apresentam os espaços transitórios. Apesar de entendê-los sob a ótica de espaços em constantes transformações, estimulando elos enfraquecidos, são também pensados de forma que, possam ser modificados de imediato, através de políticas urbanas voltadas a recuperação desses espaços. A Rua Henrique Lage, dessa forma, pode reavivar o sentido de lugar e tornar-se um lugar público que contribui para a vitalidade da cidade.

Figura 46- Mapa Ilustrativo da relação das Fachadas/ Espaços da Rua Coronel Pedro Benedit para um espaço público vital.

RELAÇÃO DAS FACHADAS/ ESPAÇOS

RUA HENRIQUE LAGE



- fachadas que contribuem
- fachadas que contribuem parcialmente
- fachadas que não contribuem
- espaços que contribuem
- espaços que contribuem parcialmente
- espaços que não contribuem

o espaço público da Rua Henrique Lage é classificado como:
NÃO CONTRIBUI para um espaço público vital.

Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Era para ser um bom lugar. Havia um banco com um pouco de sombra, uma floreira ao lado e um espaço, aparentemente, confortável. E para ser um bom lugar. Ao me sentar, pensando relaxar, percebo uma parede gigante em minha frente, nada do que eu possa contemplar. Atrás de mim, um fluxo intenso de carros, buzinando e freando. À minha frente, tijolos, concreto e pessoas circulando e até, se desviando de onde eu quis sentar. Como posso apreciar?! Era para ser um bom lugar... (AUTORA, registro em 12/09/2018, 14h06min).

Na Figura 47, apresentamos outros exemplos de fachadas/espaços que se tornam prejudiciais à saúde do espaço público da Rua Henrique Lage.

Figura 47- Imagens que representam os níveis de influência dos espaços da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

Há ainda no território da Rua Henrique Lage indícios de uma apropriação abstrata, contradizendo os sinais de um deficiente pertencimento, apreendidos no território concreto da rua. Dessa forma, apresentamos a expressão da construção da vida social por meio da arte da pichação, presente em algumas edificações da rua.

São as também chamadas intervenções urbanas, termo que defini os movimentos artísticos que se apropriam dos espaços públicos da cidade: como é o caso do grafite, representado pela imagem do desenho e a pichação, proveniente das escritas e letras personalizadas. Todas as apropriações recriam a paisagem da cidade (CASTRO, 2018).

Castro (2018) expõe que, esse tipo de manifestação contribui para o desenvolvimento do homem, bem como sua relação com o espaço urbano. Fazendo com o que, o espaço público possa ser lido pelas entrelinhas do simbólico, guardado em seus sujeitos. É também, uma representatividade da “cultura marginal”, envolvida em um significado de vandalismo, depredação e “poluição ambiental” no contexto urbano. Se compreendida dessa forma, pela sociedade, pode significar a imposição de uma

restrição, proibindo os sujeitos do direito de se expressar e de se identificar com o seus territórios, assumindo um papel de vândalos.

Figura 48- Expressões do sujeito da Rua Henrique Lage.



Fonte: Autora, 2018.

A pichação, como é o caso, expresso na Figura 48, expõe os dilemas enfrentados na ordem social, política e econômica, além de mediar novos campos de possibilidades guardados pela coletividade (CASTRO, 2018).

Uma das reivindicações mais expressivas para a pesquisa é encontrada pela frase: “*A minha galeria de arte é a rua*”. Entende-se aqui que, apesar do espaço público da rua estar condenado a ser um espaço de alienação do sistema capitalista e das objetivações de relações sociais, é também o lugar da construção da consciência, denunciando, por um discurso próprio, os maus tratos ao lugar (CASTRO, 2018).

Inscritas nos muros ou nos patrimônios da Rua Henrique Lage, são as vozes dos excluídos, calados por um sistema dominante atual. E são nos espaços das ruas, que dão lugar as palavras, as trocas, aos signos e aos símbolos, onde podem gritar, com palavras selvagens, que o espaço urbano, é o seu lugar (LEFEBVRE, 2002; CASTRO 2018).

Direcionamos a discussão para, o reconhecimento da Rua Henrique Lage por meio dos entrevistados da pesquisa. A fim de sabermos, o quão pertinente esse espaço é em seus pensamentos.

Das referências mencionadas, conforme a Figura 49, a Loja Polimarcas foi a mais pontuada. Porém, em porcentagem, corresponde ao mesmo valor dos entrevistados que não tiveram uma marca claramente definida da rua. Como é o caso de M.(HL), o sujeito referencia a rua de uma maneira mais generalizada: “[...] *lojas de roupas*”. E completa: “[...] *aqui têm bastantes coisas*”. A imagem que representa a Rua Henrique Lage, para o sujeito citado é uma associação ao consumo. O discurso representa o imaginário coletivo, e prescreve a marca do lugar (SILVA, 2011).

Da mesma forma, o relato do sujeito, torna a Rua Henrique Lage ilegível por não descrevê-la a partir das suas particularidades. Não se atém a sinais de delimitações, nem tão pouco cria-se um agrupamentos de estruturas, capazes de identificar a Rua Henrique Lage (LYNCH, 2017).

Esse fator, também acarreta outros entendimentos do lugar. O primeiro corresponde à segurança. Quando o espaço urbano torna-se incompreensível, de difícil

leitura, ele transmite a sensação de insegura, indo de encontro ao mesmo aspecto mencionado por nossos entrevistados. O segundo entendimento, fica por conta da falta de experiência com o ambiente da Rua Henrique Lage, afetando a imageabilidade do lugar (LYNCH, 2017).

Dito isso, as dificuldades de convivência, presentes na rua, está em simetria com uma imagem de rua debilitada e sem valor. Distanciando-se do campo de imagens fortes, persistentes, densas, rígidas e vivas, dos espaços identificáveis, visualmente organizados e facilmente reconhecidos. Transferindo a Rua Henrique Lage a falta de sentido urbano (SILVA, 2011).

Figura 49- Mapa Ilustrativo das Referências da Rua Henrique Lage.



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Sem deixarmos de lado, têm-se as duas lojas mencionadas como referência da rua: a Loja Polimarcas e a Loja Casa das Gaitas. Investigamos mais a fundo, o porquê dessas lojas terem sido mencionadas, frente a um espaço passível de constantes

transformações, já que muitas lojas abrem e a mesma quantidade, também se fecha. Então, chegamos à conclusão de que, essas lojas possuem um vínculo histórico com o lugar. São as duas lojas mais antigas da rua que, permanecem em atividade, tendo forte apreço pelos visitantes e, resistem à inconstância das transformações. Isso quer dizer que, as raízes da rua, identificadas pelos participantes, concentram-se em vestígios da história. Já os demais espaços, classificados como transitórios e vulneráveis pela pesquisa, não conseguem firmar elos nem com o lugar da Rua Henrique Lage, tão pouco com sua gente (AZEVEDO; MATTOS; BARTHOLO, 2015; TUAN, 1983; LYNCH, 2017).

Em comparação com a Rua Coronel Pedro Benedet, a Rua Henrique Lage se comporta de maneira dispersa, sem vínculo alicerçado e, estruturalmente invisível (LYNCH, 2017).

Diante do que foi revelado, a Rua Henrique Lage, apesar de reestruturada, mantém uma conformação que, limita as possibilidades de relacionar-se com a rua pra além do seu caráter de passagem. Em favor disso, alimenta espaços inóspitos, que condicionam maiores sensações de insegurança. Por fim, os inúmeros processos da relação pessoa-ambiente, encontram-se na fonte que é o espaço público podendo, através dos conflitos emergentes, estudá-los a fim de se chegar a soluções mais próximas das inevitabilidades das pessoas e dos ambientes urbanos.

6.2.2 | O sujeito daquela Rua

Conheceremos a partir de agora, quem é o sujeito da Rua Henrique Lage, como se comporta, quais os seus principais sentimentos e qual a manifestação dos seus desejos. A fim de entendermos como a conformação do espaço público da rua, interfere na maneira de vida de seus sujeitos (HARQUEL, 1990; JACOBS, 2011; REIS-ALVES, 2007).

Na investigação sobre os comportamentos dos sujeitos da Rua Henrique Lage, foi apreendido 396 pessoas no espaço público, em um período de três dias, como descrito na metodologia do instrumento da pesquisa: Contando. A rua comunicou um número significativo de pessoas que passaram pelo espaço, sem terem um contato, mais íntimo, com o ambiente da rua. Essas pessoas são infectadas pela vida nervosa e

acelerada do tempo, com apoio de Goes (2015) entende-se que esses processos são criados na consciência de cada sujeito, fazendo com o que, sejam indiferentes aos “seus mundos externos”. Na sequência, 44 pessoas, utilizam a rua como meio de socialização, sejam apenas por um cumprimento ou uma pausa na rotina. Ao passo que, 38 pessoas observam os atrativos da rua, em especial as vitrines, já mencionadas como elemento fundamental à dinâmica do espaço público da Rua Coronel Pedro Benedet, servindo de motivação para que os espaços centrais da cidade sejam frequentados, contendo uma disponibilidade de comércio e serviços com mais intensidade. E, novamente, o número 8 pessoas, compõe os que caminham pela rua, dispostos a prática de errância (BAUDELAIRE, 1997) e a acessos mais rotineiros dos universos subjetivos. Nas figuras a seguir, Figura 50 e Figura 51, esclarecem-se os dados mediante a distribuição por dias e por porcentagem, para melhor interpretação das informações.

Figura 50- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Contando, durante dos dias de campo na Rua Henrique Lage.

TRANSEUNTES	14/09 (sex.)	19/09 (qua.)	30/09 (dom.)	SÍNTESE
Os que param para observar:	13	22	3	38
Os que param para socializar:	12	22	10	44
Os que passam:	79	216	11	306
Os que caminham:	0	5	3	8
RUA HENRIQUE LAGE				396 pessoas

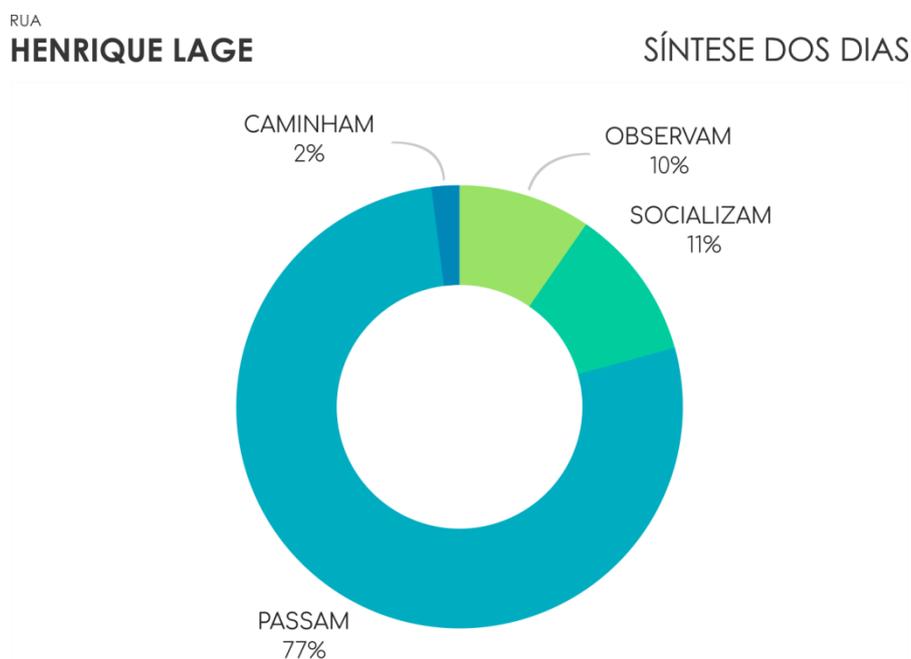
Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

As pessoas são movidas pelo próprio caminhar, sem tempo para parar ou para olhar. Parece um reflexo da agitação do automóvel incorporado ao andar. Como pode perceber o espaço da rua, se nem ao menos permitem-se olhar?! (AUTORA, registro em 20/09/2018, 09h36min).

Na Rua Henrique Lage, o cenário da “síndrome da pressa” é ainda mais acentuado que a Rua Coronel Pedro Benedet, enquanto lá havia um pouco mais de equilíbrio entre os transeuntes, dessa vez, corresponde a um percentual de mais da metade dos sujeitos observados. Esse tipo de mapeamento comportamental altera os sentidos que correspondem às percepções e às relações com o espaço da rua. (RICCA JUNIOR, 2011, PAIS, 2010).

A imagem da vida urbana tem interferência de agendas, horários e retratos privados. O uso da cidade corresponde a um processo predeterminado pela rotina e, pela pressa, que mecaniza e unifica dos lugares. Perdem-se pontos de referências, perdem-se contatos humanos, perdem-se comunicação na cidade, perdem-se singularidades dos espaços públicos e, perdem-se possibilidades de interações. Desaparece o cidadão, o sujeito passa a ser o usuário do ambiente, ausente da vida coletiva. A imagem da cidade tem caráter anônimo, mas é necessária para sustentar o sistema do dia-a-dia. A imagem da cidade torna-se vulnerável, imperceptível e contribui para a descaracterização do espaço coletivo (FERRARA, 1990).

Figura 51- Síntese dos dias do Instrumento Contando da Rua Henrique Lage.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

Sabendo que as ruas são capazes de despertar emoções (DAMATTA, 1997) e que elas traduzem os significados do espaço urbano (BOMFIM, 2010), trazemos os resultados dessa descoberta. Foram percebidas 518 pessoas para esse instrumento, conforme dispostas na Figura 52 e Figura 53. Com maiores relevâncias, os sujeitos da Rua Henrique Lage são: o sujeito no celular, o sujeito indiferente e o sujeito apressado, comum a Rua Coronel Pedro Benedit. Esses sujeitos correspondem às identidades geradas pelo espaço da Rua Henrique Lage (SILVA, 2011).

O sujeito no celular da Rua Henrique Lage é criado em um lugar paralelo e introvertido ao ambiente da rua. Fruto da “cibercultura”, cultura marcada pelas tecnologias digitais (LEMOS, 2016) e da Era da Conexão, correspondente a Era da Mobilidade (HORAN, 2000), o sujeito no celular invade o território da rua portando seus aparelhos eletrônicos, a fim de equivaler o espaço segundo seu estilo de vida, ou ainda, com o intuito de evitar qualquer contato com as pessoas do espaço público, bem como, com o próprio espaço público. O sujeito no celular escreve mensagens de textos, envia áudios por aplicativos, escuta música com fones de ouvidos sem fios, acessa, na íntegra, a um universo fora do seu contexto. O sujeito no celular faz tudo isso, durante o tempo que percorre e partilha de um espaço comum, a Rua Henrique Lage (FRANCISCO, 2016). O sujeito no celular transforma o espaço da rua em um espaço de fluxo, flexível, conforme a sua vontade de usá-lo, comunicável pelo lado de fora e, conduzido a um lugar digital.

Figura 52- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Experimentando, durante dos dias de campo na Rua Henrique Lage.

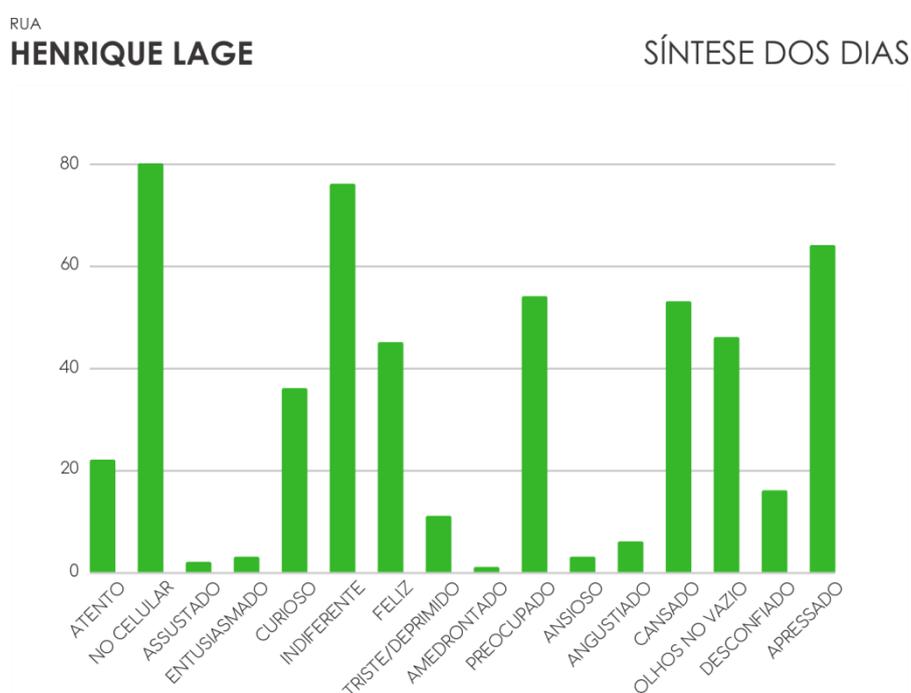
EMOÇÕES FACIAIS	03/09 (seg.)	07/09 (feriado)	12/09 (qua.)	16/09 (dom.)	20/09 (qui.)	22/09 (sáb.)	SÍNTESE
Atento:	2	4	0	0	12	4	22
No celular:	12	2	14	4	19	29	80
Assustado:	0	0	1	0	1	0	2
Entusiasmado:	1	0	0	0	1	1	3
Curioso:	6	0	10	0	17	3	36
Indiferente:	5	6	17	7	17	24	76
Feliz:	8	5	15	2	8	7	45
Triste/ Deprimido:	3	0	0	0	7	1	11
Amedrontado:	0	0	0	0	1	0	1
Preocupado:	13	3	21	0	9	8	54
Ansioso:	0	1	2	0	0	0	3
Angustiado:	4	0	2	0	0	0	6
Cansado:	5	1	16	0	15	16	53
Olhos no vazio:	13	0	8	1	16	8	46
Desconfiado:	0	1	6	2	3	4	16
Apressado:	10	2	12	2	20	18	64
RUA HENRIQUE LAGE							518 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

A Era da Conexão não está só para desequilibrar o relacionamento com o espaço público da rua. Estamos diante de um sistema de manipulação de imagens de

mídias, capazes de provocar mudanças em nosso modo de pensar, imaginar e racionalizar. Situação esta, fadada a comprometer os imaginários e compreensão de valores. Os meios de comunicação, mídias impressas, computadores, *ipads*, *tablets*, celulares e outros meios eletrônicos, estão para construir espaços virtuais, que só se encontram, enquanto rede e informação. São independentes ao ponto de não pertencerem a nenhum território, condenando o sujeito ao mesmo modo de ser (HARVEY, 1992).

Figura 53- Síntese dos dias do Instrumento Experimentando da Rua Henrique Lage.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

O sujeito indiferente da Rua Henrique Lage é tomado pela atitude blasé de Simmel (1973), ligado ao estar alheio de qualquer envolvimento com o espaço e com o que acontece em sua volta. O sujeito indiferente vê a rua passar à sua frente, mas não à enxerga. Apenas a vê, porque olhar já lhe atribui certa intimidade. O sujeito indiferente da Rua Henrique Lage apaga qualquer traço pessoal, caminha em meio a uma multidão anônima, imerso em seus próprios mundos. O que os difere do sujeito no celular é que este não tem com quem se comunicar, apenas o faz em pensamento, sem expressar

qualquer sentimento. Pais (2002) interpreta esse tipo de sujeito, indiferente ao modo de vida urbano, como um sujeito covarde que tem medo de ter seu “espaço” invadido pelo desconhecido. O sujeito indiferente da Rua Henrique Lage é incapaz de agir por estímulos. Também assume papel de esnobe, insensível e entediado com a vida coletiva.

O sujeito apressado da Rua Henrique Lage é o mesmo sujeito apressado, da Rua Coronel Pedro Benedit. Isso implica em argumentar, que o sujeito apressado acomoda-se no contexto central da cidade de Criciúma/SC. Goes (2015) manifesta que, no interior das cidades, onde o espaço público se torna menor, o tempo comporta-se menos veloz, isso dá oportunidade de costurar relações mais sólidas, visto que, se conhece todo mundo. Mas, nesse caso, as ruas centrais, que assumem uma consistente gama de serviços e atividades, sobrecarregam o tecido central e, por consequência, desgastam o sujeito urbano, sobrecarregando-o da falta de tempo e de uma infinidade de prazos. O sujeito apressado da Rua Henrique Lage é afetado pelo estímulo nervoso e, acelerado do contexto, degenerando assim, o centro da cidade.

A Rua Henrique Lage poderia ser uma das ruas da cidade de Cloe, de Calvino (1972), onde é disponibilizado um território considerável um bem público, recheado de pessoas que passam e não se conhecem, onde ninguém cumprimenta ninguém, onde os olhares não se cruzam, mas se perdem e não param.

Envolvidos na descoberta da subjetividade dos sujeitos da Rua Henrique Lage, discorremos sobre (RHEINGANTZ et al., 2009; DAMERGIAN, 2001), os desejos levantados pelos sujeitos entrevistados. Dos cinco entrevistados, apenas um, não manifestou o desejo relacionado à urbanidade da via. Os desejos justificam a dificuldade em apropriação da rua e, ainda, salientam o caráter da cidade (AGUIAR; NETTO, 2012; GONÇALVES, 2014).

O primeiro entrevistado, N.(HL), a princípio, não demonstra uma percepção clara e presente da Rua Henrique Lage, considerando algumas perguntas da entrevista insignificantes, correspondendo com a expressão: “*sei lá*”. Isso constata ainda mais uma relação fria e sem envolvimento de N.(HL) com o espaço público da rua, transmitida, novamente, pelo desinteresse diante da rua (SILVA, 2011).

N.(HL) declara que, melhoraria na rua a questão do movimento. O movimento que anuncia é a circulação, ainda intensa, de automóveis na rua. Apesar da rua, já ter passado por um processo de diminuição do tráfego de veículos. Despertando o que Gehl (2015) descreve como, os maiores problemas enfraquecidos nas cidades atuais, o domínio das máquinas. Esse domínio dificulta qualquer tipo, de inserção humana no espaço da rua, refletindo no convívio desse espaço pelas pessoas e, por consequência, a sua apropriação.

O sujeito também nos revela a sua cidade real e a cidade “que se parece”. A cidade real é uma cidade pequena, acolhedora, correspondente ao local onde mora. E, a cidade “que se parece”, a cidade do imaginário, são as grandes cidades, que devido a uma dinâmica maior de território e de fluxos, não dão conta da urbanidade, enquadrando a cidade de Criciúma/SC em uma cidade grande (PESAVENTO, 2002; GONÇALVES, 2014; AGUIAR; NETTO, 2012).

O melhoramento do espaço da Rua Henrique Lage é anunciado como desejo, também, por O.(HL), M.(HL) e L.(HL). Em seus relatos, gostariam que a rua fosse um ambiente que promovesse a urbanidade. Para isso, eles apresentam a imagem de um bom lugar associado ao uso contínuo do espaço, à presença de arborização; de zelo, sentimento esse, alcançado através da limpeza, da melhoria da identidade visual, do conforto físico, térmico e acústico, devido ao barulho exuberante de movimentação de veículos e, principalmente, pela segurança do lugar. Temos aqui, um imaginário coletivo que assume a condição de intenção, exibindo as representações de um bom lugar como manifesto de seus desejos para o ambiente da Rua Henrique Lage (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996; AGUIAR; NETTO, 2012; GONÇALVES, 2014; PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2009).

E como último participante, F. (HL) anuncia um desejo de apropriação, diferente daquela que buscamos com o estudo. Essa apropriação é governada pelo comando dos carros. Para o sujeito, o alargamento da calçada é associado ao movimento reduzido de pessoas na rua. Por conviver com a rua, diariamente, e perceber as mudanças ocorridas, o sujeito manifesta que com a conformação antiga da rua (quando havia estacionamentos laterais no percurso da via), o movimento de pessoas era maior.

O sujeito justifica o fato, por meio do ato de estacionar ao lado do comércio da rua, fazendo com o que, eles usufruíssem, com maior abundância, das lojas locais. Hoje, com a retirada desses estacionamentos, as pessoas procuram comprar em locais que estarão, o mais próximo possível, do lugar onde elas estacionam, esquecendo-se da Rua Henrique Lage. Dito isso, o sujeito revela que gostaria que a conformação anterior da rua fosse retomada, para uma maior comodidade das pessoas e um maior lucro do comércio: *“Eu gostaria que fosse mais pública, mais pessoas [...] Na verdade eu queria que tirasse o calçadão daqui, porque quando estacionava os carros aqui na rua, o movimento era bem melhor pros lojistas [...] quando o estacionamento é na própria rua, o movimento é maior, bem melhor”*. Estamos diante do fato que, trazemos como problemática das cidades, o domínio de veículos acabou por transformar os valores do espaço urbano, entendendo que quando os veículos possuem espaços, é *“bem melhor”*.

F.(HL), também, associa o automóvel com progresso e crescimento, valores herdados da revolução industrial. Essa inversão de valores afeta nossa percepção de mundo, quando na verdade os motivos, para que o movimento tenha diminuído, estão relacionados com a dimensão humana e a falta vida coletiva (GEHL, 2015; VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017; COLLINS; SHANTZ, 2009). Por consequência de uma percepção distorcida, as imagens que serão criadas em nosso imaginário, ficam por conta de relações com os automóveis e, não com os espaços públicos: o espaço só será melhor com a presença dos veículos. A cidade imaginada, por sua vez, é desenvolvida diante de uma fabulação gerando, dentro da cidade, diversas interpretações (SILVA, 2011).

Já sobre o imaginário da Rua Henrique Lage, pode-se dizer que é um imaginário disperso mediante as diversas dificuldades de interações físicas e sociais que o espaço apresenta.

Diante das descobertas até aqui, percebe-se que a rua comporta-se como uma porta às multipli-cidades da dinâmica urbana. Como uma lente, a observação acontece no nível de escala humana e, de dentro da mais subjetiva esfera, espelha o que há no lugar e o que há nas pessoas. A dinâmica urbana é plural, incluindo a cidade material e

imaterial, organizadas a partir dos seus múltiplos pontos de vista e de vida (CORDEIRO; VIDAL, 2008).

6.3 | A AVENIDA DOS IMIGRANTES

Tem um ar diferente aqui, a rua vira avenida. Tem um ar diferente aqui, o centro vira bairro. Tem um ar diferente aqui... Pacata dinâmica! (AUTORA, registro em 03/09/2018, 08h51min).

Figura 54- Foto panorâmica da Avenida dos Imigrantes registrada no feriado do dia 07 de setembro de 2018, sexta-feira, às 11h00 min a.m.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 55- Resumo de Campo da Avenida dos Imigrantes.

RESUMO DE CAMPO DA AVENIDA DOS IMIGRANTES	
Dias de Campo	10 dias
INSTRUMENTO DE PESQUISA- EXPERIMENTANDO	
Dias do Instrumento	6 dias (60% nublado, 30% ensolarado, 10% chuvoso)
Pessoas Analisadas	338 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- CONTANDO	
Dias do Instrumento	3 dias
Pessoas Analisadas	171 pessoas
INSTRUMENTO DE PESQUISA- ENTREVISTANDO	
Dias do Instrumento	1 dia
Pessoas Entrevistadas	5 pessoas
Pessoas que recusaram a Entrevista	5 pessoas (2 não quiseram, 3 com pressa)

Fonte: Autora, 2019.

6.3.1 | A Rua daquele sujeito

Resultado das forças do passado, unidas aos fatores presentes (TEIXEIRA; MACHADO, 1986), a Avenida dos Imigrantes, historicamente, estruturada consoante a uma vila operária, desempenha hoje um papel fundamental na dinâmica do bairro Rio Maina. É através dela que, o bairro se conecta e, conecta-se com o restante da cidade de Criciúma/SC. É através dela que, o bairro disponibiliza as funções básicas de atividades, incluindo comércios e serviços. É através dela que, o bairro é bairro e, se compromete com o organismo urbano da cidade, com o propósito de sustentar esse título (TEIXEIRA; MACHADO, 1986).

Representante da periferia, no sentido de distância do centro da cidade, ela possui duas faixas de transição que, assumem dois sentidos. Na malha da cidade de Criciúma/SC é definida como uma via coletora, assim como a Rua Henrique Lage. Sua função é receber o tráfego das vias locais e, distribuí-lo, da melhor forma, para vias mais consistentes, como as vias arteriais da cidade. É também aquela que, possibilita a

circulação do transporte coletivo, interligando o bairro Rio Maina a outros territórios urbanos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

Na Figura 56, o ponto A representa o início do recorte estudado, também simboliza o sentido da via em direção ao centro da cidade de Criciúma/SC. No ponto B, seguimos o trajeto da pesquisa em direção ao interior do bairro. O ponto C, corresponde uma rua local, nomeada como Rua Miguel Nápoli. Já o ponto D, compõe o final de nosso percurso de pesquisa, atingindo uma distância equivalente ao tamanho das distâncias da Rua Coronel Pedro Benedet e da Rua Henrique Lage. O ponto E, dispõe da continuação da Avenida dos Imigrantes no sentido de aprofundar-se para o interior do bairro. E por fim, o ponto F que, recebe o nome de Rua Manoel Serafim Inácio, também caracteriza uma via local do bairro e, conclui o fechamento do recorte estudado.

Figura 56- Foto panorâmica da Avenida dos Imigrantes do recorte estudado.



Fonte: Autora, 2018.

Sua relação com o centro da cidade de Criciúma/SC, o bairro encontra-se ao passo de uma distância de 7,6 km de extensão, executada em torno de 15 minutos a

partir de um trânsito moderado de circulação. Para que a Avenida dos Imigrantes se conecte ao centro, literalmente, ela necessita do intermédio de outras vias, como: a Avenida Luiz Nazzarin, seguindo pela Avenida Presidente Juscelino e desembocando na Rua Engenheiro Fiuza da Rocha. Tem, ainda, um trajeto um pouco mais prolongado, em torno de 17 minutos, passando também pela Avenida Luiz Nazzarin, mas desembocando um pouco antes do centro, na Rua Antônio Verino dos Santos, seguindo para o centro por meio da Avenida Centenário, artéria principal da cidade de Criciúma/SC (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

A Avenida dos Imigrantes, também, faz parte da Primeira Região Administrativa do Município de Criciúma/SC, juntamente com outros bairros como: o bairro São Marcos, o bairro Metropol e o bairro Vila Zuleima. Seu compromisso com essas localidades é permitir um fluxo fluente e o menos conflituoso possível. O que difere das ruas estudadas até então, tratando-se de uma via com maior circulação de veículos, dispostos em duas faixas de domínio, respeitando assim, o nome de avenida que recebe (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

O sujeito A.(AI)¹⁴, natural do Guatá/SC e que, vive há mais de 40 anos na cidade, como trabalhador assíduo do setor de cerâmica e metalúrgica, percebe a importância da Avenida dos Imigrantes, referindo-se a essa infraestrutura de circulação. Por admitir tal importância, para o sujeito, acaba sendo uma rua insegura. Seu argumento pronuncia-se pelo alto fluxo de circulação. Por ela passam caminhões de carga, que prejudicam a via em todos os sentidos. A.(AI) conforma-se com a situação dizendo que, ninguém toma uma providência e muito menos ele: “[...] não posso fazer nada”. Com esse discurso, entende-se que o sujeito não encontra na cidade condições para realização participativa, sentindo-se desestimulado para enfrentar os problemas coletivos da Avenida dos Imigrantes e, também da sua cidade. O sentido de co-criar a cidade para o fim de poder usufruí-la, intervindo na produção dos espaços e permitindo

¹⁴ Todos os entrevistados referentes à Avenida dos Imigrantes aparecem identificados com o sufixo da rua: AI, para que o domínio de compreensão entre sujeito e contexto seja mais bem apreendido.

a apropriação da rua pelo sujeito, é encontrado por A.(AI) como um obstáculo (YOUSSEF, 2002; COLLINS; SHANTZ, 2009).

Outra contribuição significativa é levantada por I.(AI), mineiro aposentado e morador do bairro Rio Maina há 83 anos. O sujeito apresenta uma Avenida dos Imigrantes “*apertada*” e completa dizendo: “[...] *o ambiente das ruas eram para as pessoas, não tinha esse tanto de condução*”. A experiência de convívio com a Avenida dos Imigrantes, possibilitou a I.(AI) percebê-la e interpretá-la de modo a levantar mudanças no entendimento de seu uso. O que queremos dizer aqui é que, o ambiente da rua, como já mencionado, foi perdido para os automóveis, havendo, como consequências, alterações de funções. Em um primeiro momento a via, destinada às pessoas, teria um tamanho suficiente para atender as necessidades daquela época, oferecendo um espaço de socialização a sua gente. Mas, como seu uso modificou, sem que pudesse modificar também, seu aspecto físico, a rua, de mesma dimensão, foi agredida pelo advento do transporte motorizado, tornando-se estreita.

Para uma terceira participante, G.(AI), crescida no meio comercial da Avenida dos Imigrantes e, natural da cidade de Criciúma/SC, havendo morado em alguns bairros da cidade, até se consolidar no bairro Rio Maina, onde permanece há mais de 15 anos, carrega como representatividade da Avenida dos Imigrantes a metáfora de ser “*O coração do Rio Maina*”, por reconhecer a via como um eixo estruturador de todo o bairro. Acrescenta, ainda, que a Avenida dos Imigrantes tem um comércio diversificado, visto que, os principais estabelecimentos comerciais se concentram ali. O discurso permite entender que, a analogia que a comerciante faz com o espaço da Avenida dos Imigrantes é a manifestação concreta de seu imaginário. Sendo assim, entende-se que G.(AI) eleva-se ao sentido de pertencimento, elaborando a imagem mental da Avenida dos Imigrantes como o coração do bairro (LYNCH, 2017; WILKOSZYNSKI, 2006).

Diante da turbulência da Avenida dos Imigrantes, identificamos no recorte o ponto de maior conflito, conforme a experiência empírica da pesquisa. Na Figura 57, a maior concentração de elementos se mantém, nas proximidades dos grandes equipamentos da rua, como é o caso do Supermercado Manentti e da Igreja Paroquial Santo Agostinho. O conflito de elementos envolve a circulação de pessoas, de veículos,

de carrinhos de supermercados e, de cachorros desabrigados. A confusão se expressa como sendo a atração maior da Avenida dos Imigrantes, o que faz dela condizer a um subcentro da cidade de Criciúma/SC, elevando o bairro Rio Maina a uma feição que só pertence a ele, uma característica singular e própria, a alma de um lugar (TEIXEIRA; MACHADO, 1986).

Figura 57- Mapa Ilustrativo do ponto de maior conflito na Avenida dos Imigrantes.

PONTO DE MAIOR CONFLITO

AVENIDA DOS IMIGRANTES



Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

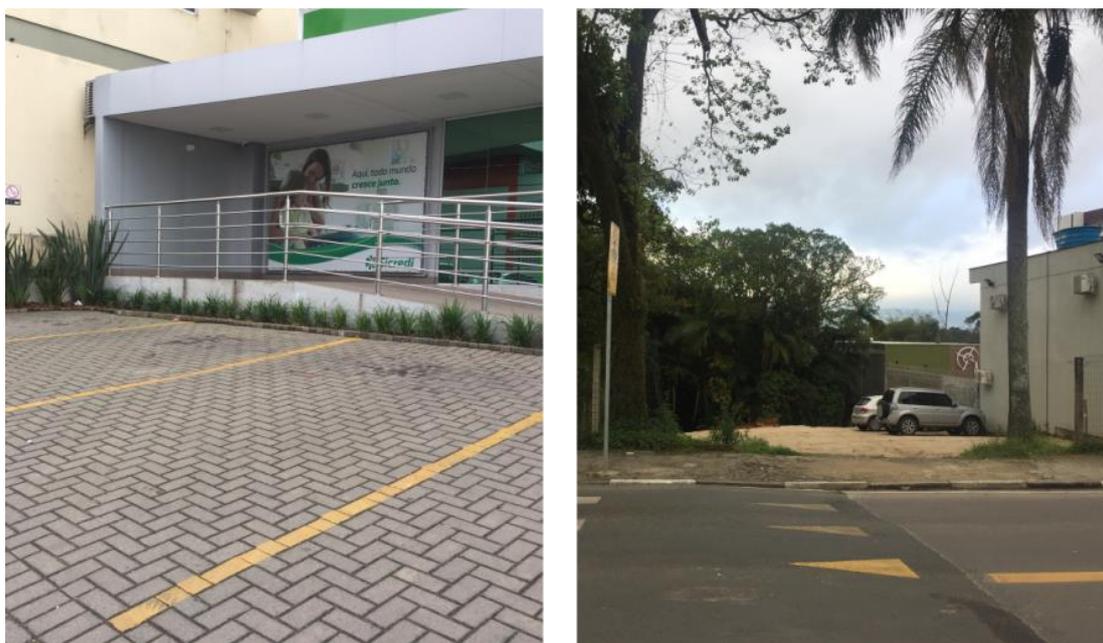
Lerner (2003), Jacobs (2011) e Gehl (2015), concordam em dizer que, quanto maior a diversificação do espaço, mais atraente ela se torna e uma maior possibilidade de apropriação se produz. O que corresponde à multidão de elementos que, são despertados pelas motivações provenientes dos equipamentos urbanos da Avenida dos Imigrantes.

Defende-se a ideia de que, o conflito possibilita inúmeras relações, dando sentido as nossas vidas (GADOTTI, 2000), porém nesse caso, o conflito também tem

um lado controverso. O conflito tenciona para o lado de maior força no espaço urbano da Avenida dos Imigrantes e, esse lado, corresponde à circulação frenética de veículos.

Há um conflito gritante. Os carros competem com os cachorros que, competem com as pessoas que, competem com carrinhos de supermercado que, competem com mais pessoas que, competem com mais carros que, competem com cachorros que, competem com bicicletas... Todos competem com o espaço dessa rua (AUTORA, registro em 12/09/2018, 16h23min).

Figura 58- Imagens que representam o domínio dos automóveis na Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

A área de domínio dos veículos é uma imagem conformada em meio físico e, também, em meio social na Avenida dos Imigrantes. Em meio físico, significa dizer que, mais da metade do território da rua é incentivado para a circulação automotora. Além de governar duas faixas de circulação, eles aparecem infiltrados em faixas laterais de estacionamentos, assim como, nos terrenos vazios, assumindo a função de estacionamentos rotativos. Os espaços de calçadas, teoricamente destinados para uso dos pedestres, são tomados por uma invasão de guias rebaixadas. Grande parte dos estabelecimentos comerciais cede o espaço frontal de seus terrenos, simbolicamente, o espaço mais precioso do contato com a rua, para dispor do recebimento de veículos estacionados, produzindo espaços irrecuperáveis. Na Figura 58, apreendem-se algumas dessas tipologias de controle dos automóveis, como as largas calçadas que exercem a

função de vagas estacionárias e, os vazios urbanos, tratando-se de áreas extensas de estacionamentos rotativos.

Em meio social, a conformação desses espaços fica ainda mais evidente. O sujeito já apresentado, A.(AI), tem em seu discurso o fator de insegurança como algo persistente. O sujeito discorre que, caminhar pela Avenida dos Imigrantes é um andar atento, pelo movimento intenso que ela pronuncia: “[...] *tem que andar de olhinhos abertos, porque se não, é atropelado [...] então tu acaba ficando preocupado [...] tem que ter cuidado*”. Estamos diante da manifestação de um espaço público socialmente medíocre que, apoia a força dos automóveis. Os “olhos nas ruas” de Jane Jacobs (2011) conferem um sentido distinto, do que é encontrado. O olhar aqui é voltado ao medo, à insegurança e ao perigo, governado pela posse dos veículos (JACOBS, 201; GEHL, 2015; GONÇALVES, 2014; JALALADDINI; OKTAY, 2012).

Outro sujeito que, também, anuncia esse sentimento pela Avenida dos Imigrantes é I.(AI). Em um primeiro momento da entrevista, I.(AI) descreve a rua como um lugar especial. Ao passo, revela não prestar muita atenção na Avenida dos Imigrantes. Menciona, também, que a rua tem uma configuração estreita e perigosa, no sentido de receber um tráfego intenso de veículos: “*Agora, hoje em dia, ela é muito perigosa, tem que ter muito cuidado, porque ela é perigosa. Isso por causa do movimento, o movimento aumentou bastante e, é grande, o movimento é grande*”. Por mais que pareça que o sujeito não percebe a rua, como assim afirma, em algumas falas, se não a maioria, ele consegue expressar facilmente sua leitura do lugar, fortalecendo sua relação com o meio urbano. As imagens de uma rua perigosa e, uma rua especial, como o sujeito também mencionou ser a Avenida dos Imigrantes, podem ser interpretadas como sendo, a cidade real e a cidade imaginada de Nogueira (1998) e Pesavento (2002), um manifesto cognitivo e simbólico do mesmo lugar.

Como terceiro sujeito que, contribui para a discussão, trazemos L.(AI), natural de Jacinto Machado/SC, L.(AI) mora no bairro Rio Maina há mais de 35 anos e, como representatividade, apresenta uma avenida barulhenta e desconfortável, determinada através do fluxo de veículos que recebe. Essa imagem, descrita pelo sujeito, interfere na percepção do mesmo, enquanto um lugar de permanência, influenciando nos

comportamentos sociais que podem ser produzidos no ambiente da rua (ZEISEL, 1981; KOHLSDORF, 1996; GEHL; SVARRE, 2013; MEHTA, 2013; SILVA, 2011; JACOBS, 2011).

Da mesma forma que, L.(AI) associa a Avenida dos Imigrantes com a atividade de passagem, G.(AI) também afirma a razão do seu comportamento mediante essa função. No seu entendimento, a Avenida dos Imigrantes não é lugar propício para a realização de uma caminhada ou de uma atividade física. Seu pensamento dita que, não há espaço para esse tipo de função. Seu discurso possibilita saber que, a configuração da atual rua, não comporta uma atividade de lazer, mediante ao uso dominado pelo tráfego de automóveis.

Se investigado mais a fundo sua relação com a rua, G.(AI) sempre manteve uma interação ligada à passagem. O sujeito utiliza-se da via diariamente, por morar próximo ao seu trabalho, localizado na Avenida dos Imigrantes. Seu meio de locomoção mais frequente é a maneira a pé, portanto, faz da via uma ferramenta de deslocamento. Desse modo, subentende-se que, o seu comportamento para com a rua será mantido com o caráter de circulação, restringindo a rua de qualquer outro tipo de atividade, como a de caminhada ou de lazer. Isso, também, é reflexo do que o ambiente da Avenida dos Imigrantes dispõe de incentivo. Por ser um espaço de poder do automóvel, os sujeitos não possuem outras oportunidades de uso com a rua, se não a de mobilidade (LEFEBVRE, 1978; LAPLANTINE TRINDADE, 1996; PESAVENTO, 2002).

Como último contribuinte, referente à supremacia dos automóveis, é M.(AI). Aos 64 anos, aposentada do ofício de servente escolar e, moradora do bairro Rio Maina, M.(AI) apresenta que a Avenida dos Imigrantes é uma rua restrita, na sua concepção, não há estacionamentos suficientes e, o movimento é perturbador. Nesse caso, o sujeito se comporta a favor do domínio dos veículos, internalizando o sentido de rua pertencente aos carros. O significado de rua para M.(AI) é precipitado, mas traduz os sentidos da vida contemporânea. Sendo assim, provavelmente, suas conclusões a respeito da representatividade do que vem a ser a rua, correspondem ao preconceito determinado pela sociedade, herança do entendimento de mundo atual (BACZKO, 1999). A cultura é um dos fatores que apoia a propagação de preconceitos, fazendo com

que, ideias de rua, como esta, sejam ditas como verdades, até que se prove o contrário, ou melhor, que se viva o contrário (MEHTA, 2013).

Aonde foi que nos perdemos?! Queremos mais espaços para acomodar nossos carros. Queremos que, eles possam chegar a qualquer parte. Queremos a melhor gasolina, enquanto bebemos da pior água. Queremos grandes casas, com grandes garagens e com menores salas. Queremos os modelos mais novos do mercado, enquanto nossa saúde mental cai na fragilidade. Queremos o que há de melhor, mas não para nós, e sim, para as máquinas. Aonde foi que nos perdemos?! (AUTORA, registro em 16/09/2018, 14h30min).

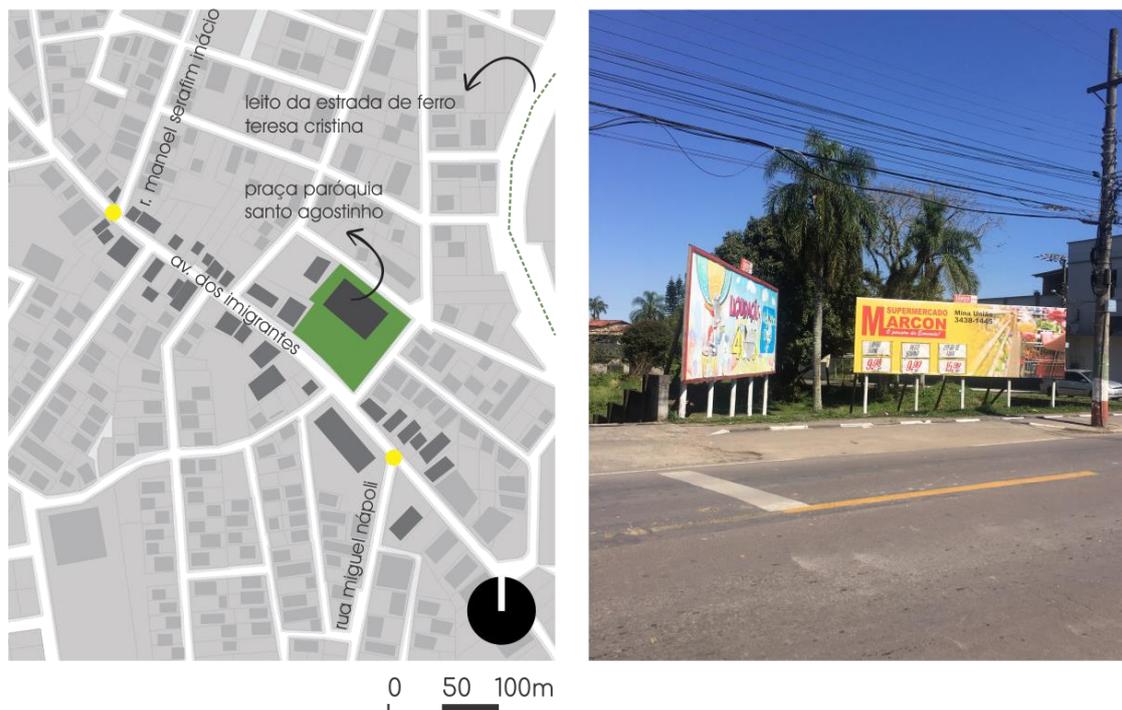
Diante da constatação revelada, apresentamos como se dá a ocupação da Avenida dos Imigrantes, tendo os veículos como protagonistas. A implantação da rua é bastante sólida visto que, praticamente todos os terrenos voltados para a avenida, já dispõem de alguma ocupação. Isso, também, é característico do interesse imobiliário na região, já que conforma-se como um subcentro. São estabelecimentos comerciais e de serviços, atraídos pelos grandes equipamentos da rua, como o Supermercado Manentti e a Igreja Paroquial Santo Agostinho.

Como já manifestado, alguns dos vazios, são destinados aos estacionamentos rotativos, outros, como mostra a Figura 59, são ocupados com elementos de publicidade, como *outdoors*. De qualquer modo, são incentivos ao consumo e ao relacionamento individual do espaço público da Avenida dos Imigrantes (DAMATTA, 1997).

Figura 59- Mapa Ilustrativo dos Cheios e Vazios da Avenida dos Imigrantes.

CHEIOS E VAZIOS

AVENIDA DOS IMIGRANTES



Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Na Figura 59, é observado como a ocupação da rua se acomoda, representada por um Mapa Ilustrativo de Cheios e Vazios da rua. O espaço de maior destaque, em verde, representa a praça da igreja, um dos poucos espaços livres destinados à função de praça. A ocupação da Avenida dos Imigrantes recebe a cor cinza-escuro. E, os pontos em amarelos, simbolizam os limites da aplicação da pesquisa. A cor cinza-claro dispõe dos vazios existentes na avenida.

Sobre os usos da Avenida dos Imigrantes, trataremos, em um primeiro momento, dos usos referentes ao ambiente da rua para, posteriormente, discutir como se devem as apropriações da rua, diante do espaço percebido da Avenida dos Imigrantes.

Como anuncia o Plano Diretor da cidade, Lei Complementar nº 095, de 28 de dezembro de 2012, a Avenida dos Imigrantes é classificada com Zona Mista 2 (ZM2). Isso implica em dizer que, a área estudada é caracterizada pela sua proximidade a um eixo de ligação intermunicipal, como é o caso da Avenida dos Imigrantes e, admite

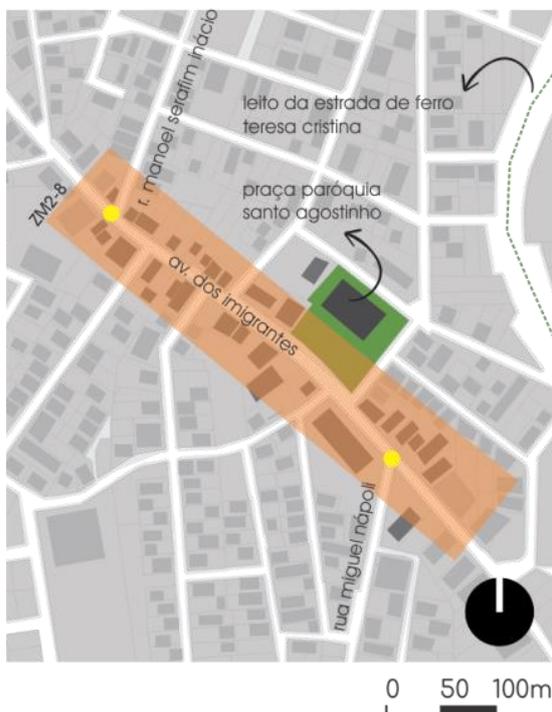
diversos usos no seu segmento, desde comerciais, até industriais não poluentes, ou instalações de apoio aos equipamentos industriais. Outra particularidade dessa zona é o fato de permitir uma configuração sustentada por edificações até oito pavimentos, formando uma barreira visual para além da escala humana (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA, 2009; IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS, 2007).

Na atual situação, as fachadas dispõem de uma altura de, aproximadamente, dois a três pavimentos e, em alguns pontos ainda, existem algumas residências coloniais. Na Figura 60, retrata-se o Mapa de Zoneamento da Avenida dos Imigrantes, ao lado, tem-se um exemplo dessa tipologia de edificação, persistente no recorte.

Figura 60- Mapa Ilustrativo do Zoneamento da Avenida dos Imigrantes.

CHEIOS E VAZIOS

AVENIDA DOS IMIGRANTES



Fonte: Elaborado pela autora embasado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

No tecido urbano da Avenida dos Imigrantes, há marcas da história. São contadas por algumas edificações que, insistem e resistem na paisagem urbana. Na

Figura 61, trazemos um pouco desse cenário visto que, essa série de elementos dá sentido ao que vem a ser o bairro (TEIXEIRA; MACHADO, 1986).

Figura 61- Tipologias que resistem ao interesse imobiliário na Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

Para muitos, representam apenas as “casas velhas da rua”, mas sabemos que essas percepções do lugar são carregadas de simbolismos e, falam muito mais do que

suas aparências. É preciso escutá-las! São consideradas vestígios de um passado, vivido, internalizado e experimentado. Quando a rua não era avenida, quando a avenida não tinha asfalto, essas singulares residências, que continuam a existir. É como se nada as afetasse, nem o tempo, tão pouco algumas modernidades.

Em contrapartida, a rua segue a tendência capitalista, produz espaços para produção e consumos como motivação. Reúnem atrativos, comerciais e/ou de serviços, elevam o valor do espaço da rua, para surpreender novos investimentos para a avenida. Geram lucros para que, possam permanecer no mercado e, não apenas sejam espaços esquecidos do capital.

Por sua vez, os agentes produtores dos espaços, fazem da Avenida dos Imigrantes sua moeda, incentivando-a com ofertas oferecidas pelo Plano Diretor da cidade, percorrendo de uma zona mista e de um elevado índice de aproveitamento do solo urbano, conformando-se em oito pavimentos. Tudo é válido, quando se quer lucrar (CORRÊA, 1995).

E, as casas velhas da rua, perseveram no lugar. Podendo ter seus dias contados, ou não, podendo ter ofertas da especulação imobiliária, ou não. Um cenário de suposições, movidos pela sociedade do dilema e produzindo uma cidade de incertezas (PAIS, 2007; CORRÊA, 1995).

Das outras configurações de ocupação da rua, surgem as “áreas de respiro”. Anunciadas pela pesquisa como, aquelas áreas que permitem um contato maior com a natureza, permitindo ao sujeito acessar o seu simbólico e reencontrar-se em meio a maçante e perturbadora dinâmica da Avenida dos Imigrantes. Na Figura 62, discorreremos de duas variações dessas áreas, a primeira, à esquerda, admite um caráter privado, por corresponder ao domínio de uma propriedade e, a outra, à direita, manifesta-se como um caráter público, apontada como a Praça da Igreja Paroquial Santo Agostinho, permitindo uma maior liberdade de expressão e disposição.

Um dos sujeitos da pesquisa apreendeu esse simbolismo, o qual, estamos nos referimos e, identificou em meio à confusão da Avenida dos Imigrantes, sua natureza incomum. G.(AI) manifesta que, o lugar que mais gosta de ficar na rua é a Praça da Igreja Paroquial Santo Agostinho, em sua fala expõe uma magnitude que não consegue

explicar com palavras, além de expressar um comportamento de contemplação para com o espaço da praça. Baczko (1999) já dizia que, alguns lugares são expressos dentro da cidade com maior ou menor poder e que, quanto maior o poder, maior seria o simbolismo desse lugar. Entende-se, portanto, que ao citar a Praça da Igreja Paroquial Santo Agostinho como um poderoso espaço público, tanto físico, quanto espiritual, o sujeito manifesta o simbolismo que acredita envolver o lugar. Esse espaço participa de uma organização simbólica, tanto do bairro, quanto da cidade de Criciúma/SC e, configura uma área de respiro física, mental e espiritual.

Figura 62- Representatividade das áreas de respiro da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

Há lugares em que somos tomados por sensações enigmáticas. É como se nós recebêssemos uma dádiva, no meio do caos. Um lugar em que possamos nos acalmar da rotina, um lugar em que possamos nos conectar com o mundo, com o nosso mundo... Um lugar em que possamos entender o desentendido, um lugar em que possamos organizar o turbilhão de pensamentos que nos desequilibra. Um lugar de respiro (AUTORA, registro em 07/09/2018, 11h00min).

Há ainda, no tecido urbano da Avenida dos Imigrantes, outros anúncios de um passado que persiste, fazendo parte de um tempo que já não é o seu, como é o caso das calçadas. Algumas trazem indícios de uma conformação, onde a rua simbolizava um lugar de múltiplas funções, como encontros, interações e ações sociais, culturais e

políticas. E as calçadas serviam de amparo a essas atividades, uma forma de separar o morar, da vida pública. Na Figura 63, identificam-se algumas dessas representações. Observa-se que, as calçadas têm como elemento divisor da ordem pública e privada, uma escadaria de poucos degraus, traduzindo um estilo de vida e de relação com o espaço público da rua que, já não corresponde ao modelo atual (JACOBS, 2011; GEHL, 2015; AGUIAR E NETTO, 2012; PIRES; ELALI, 2008; MALUF-SOUZA, 2015).

Pelas calçadas, pode-se entender como são ditados o funcionamento do sujeito para com o meio urbano. São as representações mais simples do acesso do sujeito na cidade, marcando sintomas do que vem a ser a “(des)territórios e as (des)limitações (MALUF-SOUZA, 2015, p. 02)” da urbanização. Nesse raciocínio, algumas das calçadas da Avenida dos Imigrantes, por serem formas concretas do envelhecimento, transmitem margens e bordas de um significado que não faz mais sentido, corrompendo a urbanidade e, por consequência, a vitalidade urbana (PIRES; ELALI, 2008).

Ainda sobre a Figura 63, representando a última fotografia do conjunto, deparamo-nos com alguns obstáculos encontrados no caminho dos sujeitos da Avenida dos Imigrantes e que, são expressos, com maior ênfase, na Figura 64. É um aglomerado de placas, postes, apropriações dos estabelecimentos comerciais, carrinhos de supermercados, e pavimentações variadas, desniveladas e deterioradas, que fazem da situação das calçadas à perda de seus sentidos essenciais (GEHL, 2015).

O “andar a pé” encontra-se deteriorado no espaço público da Avenida dos Imigrantes, enquanto que, os espaços de condições mínimas são guardados para a circulação automotora, a qual dita às regras do espaço (PIRES; ELALI, 2008).

Figura 63- Representações das calçadas da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

Como promover uma caminhada pela rua se, o que restou dos espaços de convívios e de encontros, afigurados como calçadas, transformaram-se em verdadeiros “estorvos (MALUF-SOUZA, 2015, p. 03)” urbanos?! Como fortalecer o relacionamento com o espaço público da Avenida dos Imigrantes se, não há espaço para essa relação?!

Figura 64- Obstáculos nas calçadas da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

As imposições do mercado tornam o espaço da rua, um percurso. A ida de casa para o trabalho, do seu mundo, para um mundo do desconhecido, são caminhos transpostos por dificuldades de passagem e, de incentivos a relacionamentos utilitaristas (BAUMAN, 2001).

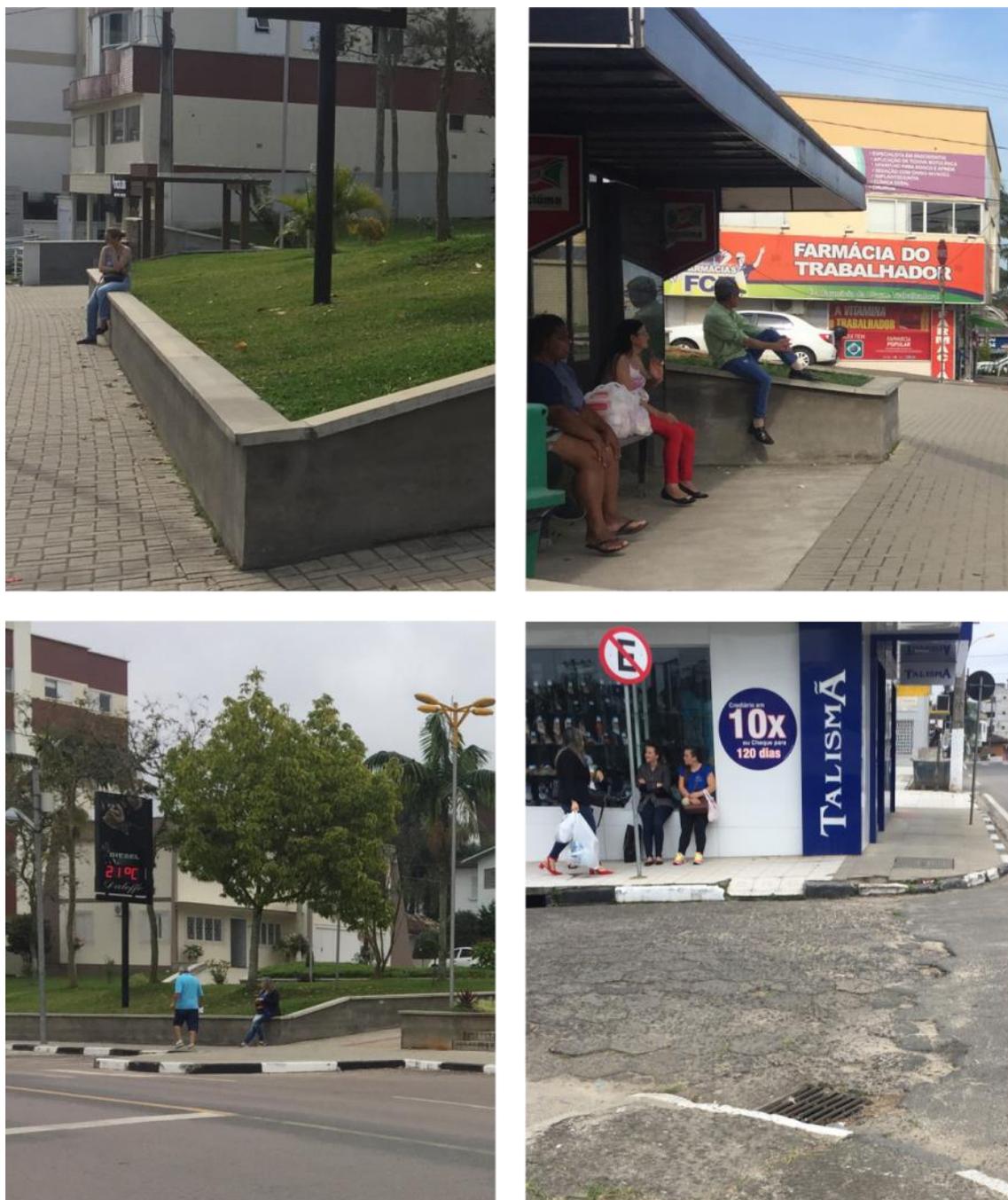
A calçada é o próprio estorvo. Os sujeitos procuram evitar e, das alternativas encontradas, os incentivos automotivos parecem solucionar, eles estão em todo o lugar. E quando, escolhe-se andar pelas calçadas, fazem dela aquilo que ela permite ser, tratando-a como um caminho habitual. As calçadas são predeterminadas por um desenho definido, já dispõe de obstáculos rotineiros, como tradução de um costume. E se, por acaso, um novo obstáculo surgir no caminho, o sujeito o recebe com irritação, desestabiliza o que era de costume, porque é assim que somos. Somos sujeitos carentes de organização, de estabilidade, resistentes às mudanças, cômodos à realidade, carentes do todo (MALUF-SOUZA, 2015).

Somos sujeitos treinados à repetição, aos mesmos caminhos, alienados pelo atual sistema. E da paisagem das calçadas, só mantemos imagens saturadas, porque é assim que a vemos, todos os dias. Passamos a olhá-las, sem vê-las, passamos a ser alheios aos significados que elas produzem, passamos a entendê-las do nosso jeito, do sentido que atribuímos a ela. E assim, conforma-se o espaço da rua, configurada por uma lei e compreendida por uma cultura urbana (PAIS, 2010; SENNETT, 2003).

O caminhar que não atrai e, o estar que não permanece, são as reais disposições da Avenida dos Imigrantes. Na Figura 65, discorremos os corpos desaparecidos, os banco e espaços de permanência que, assim como as calçadas, são inexistentes.

No exercício do nosso olhar, percebe-se que os sujeitos da Avenida dos Imigrantes não possuem locais adequados para um maior amparo da sua rotina. Os utentes da cidade (BARTHES, 1993), ocupam as muretas e qualquer espaço nas vitrines, a fim de descansar, esperar e/ou conversar. Seria como se, o inconsciente coletivo gritasse aos ouvidos de sua cidade por espaços de acolhimentos, onde durante o seu itinerário, pudesse desfrutar de uma pausa, na traumática repetição do dia-a-dia (MALUF-SOUZA, 2015). Tuan (1983) já revelava que, necessitamos desses lugares de pausa, diante do incessante movimento dos espaços, precisamos dos lugares de pausa para que, a pausa torne-se o nosso lugar no espaço público da rua.

Figura 65- Representatividade da ausência de espaços de permanência da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

Essas conformações do espaço público da Avenida dos Imigrantes fazem com que, os sujeitos não correspondam a sua apropriação. Dos cinco participantes da pesquisa, apenas dois utilizam da função da rua por completo. Um deles é A.(AI), o sujeito expressa que, utiliza-se do espaço público da Avenida dos Imigrantes como forma de socialização diária: *“caminhando e conversando pela rua”*. Para o

entrevistado, a rua vai além de sua função física, abrangendo o acolhimento social que influenciam a construção da sua identidade. A partir do momento em que, o sujeito permite-se conectar com o outro, por meio de vivências urbanas no espaço público, ele fala com a cidade e estimula além da identidade individual, atingindo o desenvolvimento da identidade coletiva (DAMATTA, 1997; DINIZ, 2015; SILVA, 2011).

O segundo entrevistado que assume uma relação mais íntima com o espaço da rua é I.(AI). Uma das atividades diárias do sujeito é encontrar-se com os amigos na rua: *“Nós conversamos como estamos nós, assim, ao ar livre”*. O sujeito faz do espaço da rua, seu espaço quintessencial, faz parte da sua vida e, lhe auxilia na evolução enquanto sujeito. Nesse momento, percebemos a Avenida dos Imigrantes com outro olhar, o olhar de I.(AI) e, compreendemos que, de acordo com o dia-a-dia de cada sujeito, a rua transforma-se em fazer parte, ou não, da vida de cada sujeito. Tornando-se, desse modo, uma experiência vivida ou apenas assistida. A forma de interação de I.(AI) foi construída como um costume. O hábito influencia na maneira de significar o espaço público da rua (MEHTA, 2013; VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017; LEFEBVRE, 1978; GEHL; SVARRE, 2013).

Tomemos nota de que, os dois entrevistados que fazem com que a rua tenha um sentido urbano (SILVA, 2011), são sujeitos com uma maior experiência com a cidade de Criciúma/SC, vivenciando momentos da cidade que só a memória coletiva tem para revelar.

Seguimos para os três últimos participantes que não possuem nenhum tipo de envolvimento com a Avenida dos Imigrantes. L.(AI) expõe que, sua intenção com a rua é facilitar o seu dia-a-dia, podendo até interagir no espaço da rua, mas acaba sendo uma consequência da sua rotina. Seu entendimento de rua fica por conta de um ambiente de passagem, tendo dificuldades de apropriação. Para Alves (2007) e Bomfim (2010), esse fator é um agravante da crise urbana. Lima e Bomfim (2009) acreditam que, dessa forma, são alimentados relacionamentos apenas funcionalistas com os lugares, impedindo qualquer tipo de interação entre a pessoa e o ambiente.

Da mesma forma que L.(AI) manifesta uma relação secundária a Avenida dos Imigrantes, devendo ser estimulada por outras atividades de maiores relevâncias, é também, o comportamento atribuído a M.(AI). Seu interesse depende da função de passagem. Se, por acaso, um conhecido encontrar, durante o trajeto, M.(AI) aproxima-se da rua, permanecendo um tempo maior, mas sua motivação com a rua, não depende desse fator de encontro. A compreensão de rua, abraçada pelas possibilidades que ela oferece, é desconhecido ou ignorado pelo sujeito, tornando-se um aspecto secundário a sua vida.

M.(AI) expõe, ainda, um comportamento de rejeição para com a rua, em resposta a isso, admite um sentimento de insegurança. Quando o assunto é andar a pé, o medo é sua companhia. Tem-se, portanto, a imagem da Avenida dos Imigrantes representada por um lugar de perigo: *“Eu sinto que a gente tem que andar se cuidando de tudo, é de carro, é de moto, é olhando pra tudo quanto é lado, pra ver se está seguro. Porque eu olho por tudo, né?! Eu tenho medo, fico insegura”*. Estamos diante da problemática urbana atual que, direciona para o fator fundamental de dinâmica da cidade, a segurança. Esse aspecto implica em uma sociedade, produzida por meio do medo e das preocupações, consequência direta de espaços inseguros. A segurança que mencionamos é tanto física, quanto psicológica. Como já citado em outros discursos e manifestado através dos entendimentos de rua, a ausência de pessoas nos espaços urbanos, corrobora para a insegurança sentida. É preocupante reconhecer que, a proximidade com o espaço urbano é bloqueada pelo sujeito pela falta de segurança, comprometendo a dinâmica do lugar, envolvendo a urbanidade e a afetividade como fatores prejudiciais e, também, implicando na qualidade do espaço, dificultando sua apropriação e sua contribuição para vida pública (GOMES, 2002; JACOBS, 2011; GEHL, 2015; GONÇALVES, 2014; JALALADDINI; OKTAY, 2012).

Outro fator, que se pode levantar é, sobre essa sensação urbana de viver em um mundo cheio de perigos, aonde nada, nem ninguém é confiável o bastante. A tradução disso encontra-se na falta de confiança. A confiança nas ruas, como Jacobs (2011) expõe, é manifestada pela troca constante e íntima do sujeito com o meio. É um meio de comprometimento, se o sujeito não se deixar envolver com o espaço público, vivendo-o por absoluto, não haverá comprometimento da parte do sujeito, já não sendo possível

desenvolver a confiança. Aquele que, “se deixar envolver”, não está para fazê-lo de uma forma mecânica, nem pertence a uma minoria, nem discorre de um dom. O espaço urbano é natureza humana, ele está em todas as pessoas, só precisa que haja coexistência, identidade, respeito e confiança para verdadeiramente, fazer jus ao significado da rua (JACOBS, 2011; MOURA, WEHMANN, MUNIZ, 2017).

Já G.(AI) expressa que, prefere espaços privados para usufruir de encontros sociais, como com sua família e com seus amigos. Porém, ressalta que, por ter um comércio localizado na Avenida dos Imigrantes, frequentemente ela encontra conhecidos, e os conhecidos também sabem onde encontrá-la, fazendo com o que ela permaneça, grande parte do tempo, em frente a sua loja, convivendo com o ambiente da rua, mesmo sem ter consciência do seu convívio com a rua. Tuan (1983) contribui para o entendimento da fala quando, faz a relação do tempo e do lugar. É sabido que, quanto mais o tempo de convívio com o lugar, maiores serão as chances de afeição para com esse lugar. Porém, a quantidade de tempo é irrelevante diante da intensidade da experiência, mantendo-a superficial. É o que acontece com o sujeito em questão, por mais que permaneça grande parte do tempo em contato com a Avenida dos Imigrantes, a intensidade da sua relação faz com que, não visualize a rua como ambiente propício para trocas sociais, procurando essa função em outros lugares, é a manifestação concreta do, olhá-la sem vê-la de Pais (2010).

Outra contribuição de G.(AI) é seu entendimento de rua, como um espaço comum a todos: pessoas e automóveis e que, todos têm o direito de usufruírem desse espaço. Sua visão é de rua como um espaço público. O sujeito entende o direito do espaço público como bem comum, mas ao mesmo tempo, não associa a um espaço de laços sociais, porque também, o espaço não proporciona essa atividade (YOUSSEF, 2002).

Voltemos, agora, nossa atenção a outro personagem da rua que, apesar de não ser um participante da entrevista, corresponde a uma figura urbana popular da Avenida dos Imigrantes, mais conhecidos como: os ambulantes. Dotados da prática de uma economia informal, eles ocupam a rua na garantia de sobreviver à vida e a cidade, uma alternativa para evitar altos impostos (SANTOS; REZENDE, 2002).

São figuras singulares que, apesar de muitas vezes serem tratados como marginais, têm os mesmos direitos de viver a cidade (LEFEBVRE, 2008; COLLINS; SHANTZ, 2009), como qualquer outro sujeito. Os ambulantes criam os seus próprios lugares através de estratégias. Buscam motivações onde, há maior concentração de pessoas, a fim de otimizar as vendas e serem notados como comerciantes. Eles, também, irradiam ideias para uso e ocupações do ambiente da rua, estão dispostos a usufruir do espaço público como seus locais de trabalhos. Além disso, apropriam, usam e criam, todos os dias, novas territorialidades, para mantê-los vivos (SANTOS; REZENDE, 2002).

Geralmente, ocupam locais dentro da cidade que, se comportam como centralidades, como é o caso da Avenida dos Imigrantes. O lugar público da avenida tem a atração que o ambulante procura: relevâncias em ofertas de mercadorias, bens e serviços em abundância. O espaço público da avenida, também, dispõe de lugares que tem influência social, como é o caso da Praça da Igreja Paroquial Santo Agostinho que, alcança uma grande irradiação urbana (SANTOS; REZENDE, 2002).

Em contraponto, o espaço público da rua não recebe esse personagem de forma amigável. Os comerciantes locais, bem como estabelecimentos privados, desprezam a economia informal. São rotulados como uma economia submersa, de menos valia, são sujeitos invisíveis e subterrâneos no espaço público da rua. Na Figura 66, apresentamos alguns exemplos dos ambulantes, como também as manifestações da rua para com eles (SANTOS; REZENDE, 2002).

Vivemos um tempo em que, as administrações públicas e os agentes econômicos da cidade, ignoram patrimônios e elementos da história, para cederem lugar ao capital e as construções com retornos financeiros. Em nenhum momento, isso configura um crime, é entendido como uma forma de “organizar o espaço” da cidade. No entanto, essa improvisação de ocupação do espaço urbano por ambulantes, uma maneira de viver o espaço da rua, é entendido como um crime, que corrobora para a “desorganização”, devendo, desse modo, ser contido (ASSUNÇÃO, 2015).

Dessa forma, a economia informal sofre ameaça onde quer que deseje instalar-se. O comércio local, as unidades privadas e as instituições são amparados pelo setor

público em “combater” esse “fenômeno passageiro” (SANTOS; REZENDE, 2002, p. 99), impondo limites aos comércios de rua.

Figura 66- Personagem relevante na imagem da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Autora, 2018.

Já os ambulantes, ainda procuram o seu lugar na rua, na tentativa de produzir-se no espaço, sem reproduzir conflitos. Na busca por um lugar de equanimidade, onde

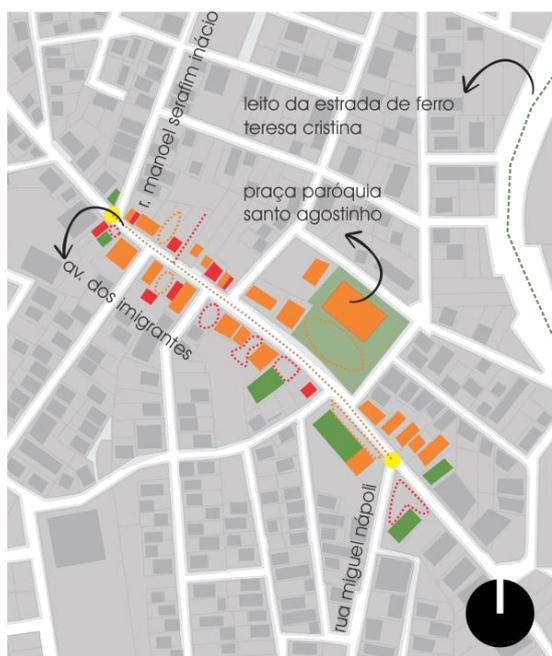
possam atender as suas necessidades, sem diminuir o bem-estar dos outros sujeitos. Um lugar de equilíbrio social, um lugar onde possam ter voz, um lugar que também, é seu (JALALADDINI; OKTAY, 2012; GONÇALVES, 2014; CARLOS 1992).

De acordo com as manifestações apresentadas, constrói-se um mapeamento das fachadas e espaços da rua, conforme a metodologia da organização PPS- Project For Public Spaces (2009), a fim de, entendermos os momentos da rua, quais são os níveis de influência desses espaços e, quais deles contribuem na dinâmica de apropriação.

Figura 67- Mapa Ilustrativo da relação das Fachadas/ Espaços da Avenida dos Imigrantes para um espaço público vital.

RELAÇÃO DAS FACHADAS/ ESPAÇOS

AVENIDA DOS IMIGRANTES



- fachadas que contribuem
- fachadas que contribuem parcialmente
- fachadas que não contribuem
- espaços que contribuem
- espaços que contribuem parcialmente
- espaços que não contribuem

o espaço público da Avenida dos Imigrantes é classificado como:
CONTRIBUI PARCIALMENTE para um espaço público vital.

Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Na Figura 67, discorremos sobre os níveis de espaços anunciados pelos moradores e internalizados pela pesquisa. A cor vermelha está para classificar as fachadas/espaços que, não contribuem para um ambiente estimulante. Encontramos na rua, algumas residências, com fechamentos rudes, voltados para o ambiente das calçadas, também, alguns estabelecimentos comerciais que, quando fechados, impedem uma interação com a paisagem local e, ainda, alguns espaços, voltados ao domínio dos automóveis. Na cor laranja, relatam-se as fachadas/espaços que, contribuem parcialmente para a vida urbana, incorporando os estabelecimentos que mantêm viva o ambiente da rua, pelo menos, nos horários de funcionamentos. Como exemplos, menciona-se a praça da igreja, exposto na fotografia ao lado do mapa ilustrativo da Figura 67, por ser um ambiente disposto a contribuir, mas que é pouco absorvido pelos moradores, por algumas dificuldades apresentadas, como: espaços de permanência, sombreamentos ineficientes, dentre outros. E, também, o espaço em frente ao Supermercado Manentti, que contribui para a vida coletiva, mas não acolhe essa atividade, tornando-se um ambiente desconfortável. Na cor verde, apresentamos as fachadas/espaços que contribuem para a vida na rua, são aqueles que motivam, atraem e oferecem opções para a sociabilidade no ambiente da rua, como é o caso o Supermercado Manentti, atrativo comercial, lojas com vitrines acessíveis, independentemente do período do dia, e outros estabelecimentos, como padarias e farmácias que permanecem com suas atividades 24h.

Novamente, vale tomar nota, do significado do espaço em frente ao Supermercado Manentti. Dois dos entrevistados da pesquisa fazem desse ponto da rua, o “seu” lugar. I.(AI), por exemplo, representa-o dizendo que: “[...] aqui é minha parada”. Da mesma forma, A.(AI) menciona que, é seu espaço para: “[...] jogar conversa fora”. Para os dois sujeitos esse espaço é transformado em lugar. Em contrapartida, o espaço nada tem a oferecer, não há conforto e locais para sentar, mas ele não deixar de ser um lugar apropriado, de encontros e de possibilidades de viver a rua. I.(AI), ainda, apresenta que, viver o ambiente da rua faz parte da maneira de que foi criado. Sendo assim, quando habita o espaço da rua, o sujeito sente-se em casa: “[...] a gente se sente mais a vontade, mais livres [...] no caso, não tem nada o que fazer. A idade já está bem avançada, então é bater papo, passar o tempo, até Deus chamar”. Os

dois sujeitos retratam um ambiente internalizado em seu ser, vivendo-o como seu costume. A rua faz parte da sua essência, está enraizada na sua construção de sujeito e, nos permite entender o que a Avenida dos Imigrantes significa para esses moradores. Quando I.(AI) revela que, pretender estar no ambiente da rua, até o fim de sua vida, possibilita-nos interpretar que o sentido da vida está na relação com o espaço público da rua (GONÇALVES, 2007; BOMFIM, 2010; GADOTTI, 2000; MEHTA, 2013).

Figura 68- Mapa Ilustrativo das Referências da Avenida dos Imigrantes.

REFERÊNCIAS DA RUA

AVENIDA DOS IMIGRANTES



- 100% dos entrevistados- supermercado manenti
- 80% dos entrevistados- igreja paroquial santo agostinho
- 20% dos entrevistados- banco do brasil (fora do recorte)
- 20% dos entrevistados- rótulas (fora do recorte)

Fonte: Elaborado pela autora baseado na consulta de mapas da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, 2018.

Com embasamento em Jane Jacobs (2011) e Jan Gehl (2015), reafirma-se que, a Avenida dos Imigrantes, embora apresente uma diversificação de usos, ainda compromete o espaço público da rua, impedindo uma experiência de vida única e intrínseca. Grande parte das fachadas/espacos ainda é movida por interesses que não

correspondem à coletiva, ainda são capacitados para a satisfação capitalista, dando as costas para a sua gente e comprometendo a dinâmica do lugar.

O espaço público da rua deve ser equânime, não no sentido de dispor de uma mesma configuração, ou de um mesmo caráter urbano, mas no sentido de ser acessível, experimentado, reconhecido e vivido por todos os envolvidos. Dispor de uma complexidade de interação, dispor de capacidades concebidas em torno de sentidos, sentidos urbanos e humanos (SILVA, 2011).

Com o apoio de Tuan (1983), reconhecemos o lugar da Avenida dos Imigrantes, segundo a intensidade de experiência dos seus sujeitos. Dessa forma, apreende-se seu nível de leitura através da representação de um Mapa Ilustrativo de Referências da rua, exposto na Figura 68 (LYNCH, 2017).

A Avenida dos Imigrantes é representada por dois dos entrevistados, segundo a sua totalidade. O primeiro reconhece a rua abrangendo uma extensão que contorna um bairro ao outro: “A Avenida dos Imigrantes é grande né, tu vê, vai de lá [bairro Vila Francesa, antes do distrito Rio Maina], até quase Metropol [referindo ao o bairro Metropol, posterior ao distrito de Rio Maina]”. O segundo sujeito, menciona a rua utilizando as rótulas como referências: “[...] a rótula de cima [que se estende para o bairro Metropol] e a rótula de baixo” [que direciona aos bairros como Centro e Pinheirinho]. São duas representações da Avenida dos Imigrantes de transmitem a ideia de amplitude, fazendo com o que, os dois sujeitos possam interpretá-la de um modo mais generalizado.

Como pontos específicos, analisou-se que 100% dos entrevistados identificaram como referência da rua o Supermercado Manentti, sendo também, o mais procurado por eles. Desse modo, entende-se que, o relacionamento com o supermercado tem uma intensidade de experiência superior aos outros pontos da rua, fazendo com o que, ele seja mais lembrado e determinante para a representação da rua (LYNCH, 2017; TUAN, 1983). Em segundo lugar, no *ranking* de referências da Avenida dos Imigrantes, tem-se a Igreja Paroquial Santo Agostinho, ponto que também, representa uma imagem de maior simbolismo da rua (BACZKO, 1999). E com menor porcentagem entre os participantes, apresentam-se mais duas referências, as rótulas e o equipamento

mercantil, Banco do Brasil. Entretanto, elas não fazem parte da área apreendida do estudo.

Dessa forma, a Avenida dos Imigrantes é identificada por poucos elementos da rua, um trata-se de um estabelecimento comercial que, também, está presente em outras regiões da cidade, o outro, é uma imagem mais específica do lugar, uma singularidade do bairro. Mas os dois conformam os maiores equipamentos existentes na rua, motivam a vida coletiva e, relações de vizinhanças mais fortalecidas (TEIXEIRA; MACHADO, 1986).

A deficiente leitura do todo da Avenida dos Imigrantes compromete a sensação de segurança emocional, como anunciada pelos moradores. Dificulta, também, a sintonia entre o sujeito e o lugar, concentrando os entusiasmos apenas na região onde se encontram os grandes equipamentos da rua, que equivale da mesma forma, à zona de maior conflito da rua. O restante do caminho da Avenida dos Imigrantes tem-se uma rua desconhecida, que interliga o sujeito ao seu campo familiar, por meio de um trajeto conflitante. Por se tratar de um eixo de grandeza e extensão, elaborado internamente por seus moradores, a compreensão de apenas uma parte, um ponto em específico, é bastante relevante na apropriação da rua (LYNCH, 2017; TUAN, 1983).

Embora não pareça ser a mesma rua, ela ainda é avenida... Embora a dinâmica mude, ela ainda é avenida... Embora se afastemos das proximidades do supermercado, indo em direção contrária da igreja... Ela ainda é avenida! Ao se afastar da confusão, as tensões diminuem, respira-se aliviada, admira-se melhor a rua, mas não há muito que apreciar. Embora as sensações pareçam ser mais leves, ainda prefiro aquela agitação. Lá há gente, lá há interação. Lá há vida, a vida essencial para vida (AUTORA, registro em 14/09/2018, 13h20min).

O espaço da Avenida dos Imigrantes é, ainda, um espaço de lembranças. Apresentamos dois momentos da pesquisa em que os sujeitos assumem uma postura nostálgica. O que difere um momento do outro, é o traçado da memória, um corresponde a uma memória individual e o outro a uma memória coletiva. Em se tratando da memória pessoal tem-se A.(AI), o sujeito relata que as proximidades da Igreja Paroquial Santo Agostinho fazem parte dos momentos mais marcantes da sua vida, o batizado de seus filhos: “[...] todos batizados aqui, lembro-me da infância deles”. O ambiente da rua é então, associado à vida do sujeito. O papel do espaço público, nesse caso, assume a representação mental e real da imagem da sua família,

fatos passados e guardados na memória do sujeito (JUNG, 2000; LYNCH, 2017; PESAVENTO, 2002; SILVA, 2011). No segundo momento, transfere-se a memória coletiva, apresentada por I.(AI), o sujeito recorda dos tempos que era solteiro, das festas que acontecia em frente à Igreja Paroquial Santo Agostinho: “*O pessoal ficava na rua, tinha muita gente, a gente conhecia as pessoas [...] sempre bastante gente, muitos amigos. Isso eu guardo sempre*”. Esse discurso permite visualizar como, o espaço público da Avenida dos Imigrantes, era regado por motivações sociais, trocas simbólicas e enriquecimentos pessoais. E que, o que se tem hoje, é uma perda de identidade coletiva, que poucos trazem na memória, mas que para I.(AI), faz parte de sua essência (DINIZ, 2015; VON SCHÖNFELD; BERTOLINI, 2017; HALBWACHS, 2006).

Nessa direção, a Avenida dos Imigrantes é esse costurar de retalhos, um sobreposto de contrastes entre o passado e o presente, entre o viver como se foi criado, ou um viver atualizado. É um espaço pleno, e ao mesmo tempo vazio. É um espaço de esboço e de pouco traçado. É o pragmático dos conscientes e a materialização dos inconscientes. A Avenida dos Imigrantes é um ponto obscuro, o qual vale revivificar (MALUF-SOUZA, 2015).

6.3.2 | O sujeito daquela Rua

Recorremos ao entendimento dos sujeitos da Avenida dos Imigrantes, apreendendo as suas características singulares. Sabendo que os sentimentos que os movem, também é pertencente, ao significado do que vem a ser o bairro, uma representação coletiva do seu espaço geográfico, reconhecendo-se como uma unidade de vizinhança (TEIXEIRA; MACHADO, 1986).

Como primeiro instrumento, apresenta-se o: Contando. A contagem desvenda como atividade principal, o transeunte de passagem pela rua, bem como já anunciado por alguns dos entrevistados. Das 171 pessoas investigadas, 99 pessoas fazem da rua um lugar de circulação diária, sem intenção de interagir com o espaço público da Avenida dos Imigrantes. Como segunda atividade relevante, encontra-se a de socialização, presente principalmente no trecho de maior conflito, expressado pela pesquisa. O motivo maior para o aglomerado de pessoas interagindo é o ponto correspondente ao

Supermercado Manentti, um dos maiores atrativos presente na rua. Em terceira atividade, com um percentual inferior, de apenas 12%, acompanham-se as 20 pessoas que caminham no espaço da Avenida dos Imigrantes, como um *flâneur* legítimo, enriquecendo seu andar (BAUDELAIRE, 1997). E apenas 10 pessoas, durante o tempo da pesquisa, permaneceram no espaço da rua como forma de introdução do espaço em suas vidas. Esses dados são representados por meio de uma tabela, nomeada de Figura 69 e de um gráfico, em sequência, correspondendo a Figura 70.

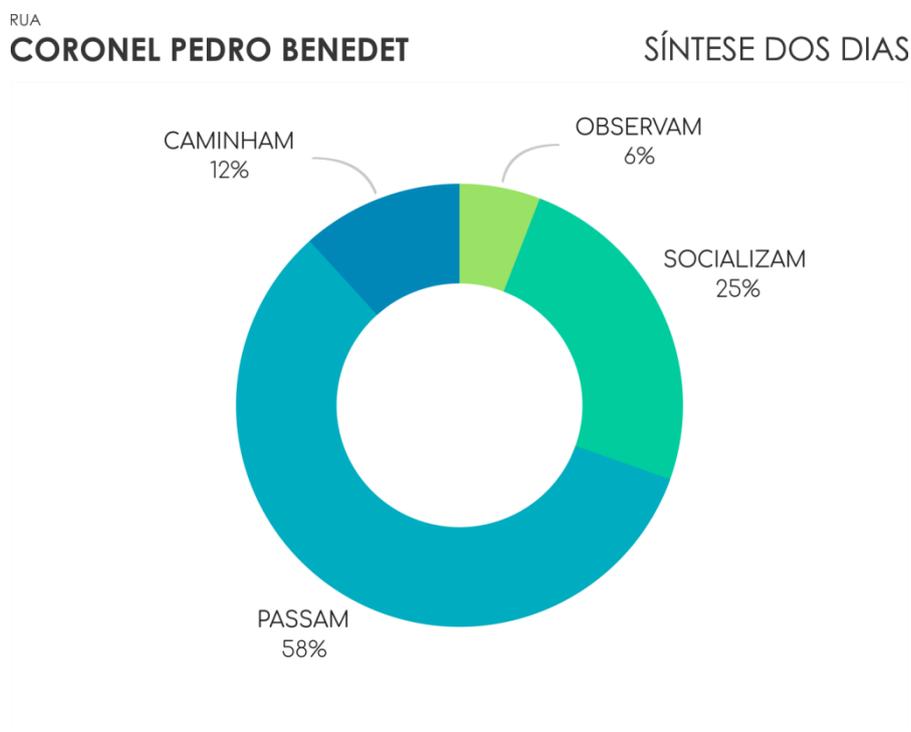
Figura 69- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Contando, durante dos dias de campo na Avenida dos Imigrantes.

TRANSEUNTES	14/09 (sex.)	19/09 (qua.)	30/09 (dom.)	SÍNTESE TOTAL
Os que param para observar:	4	5	1	10
Os que param para socializar:	10	25	7	42
Os que passam:	39	50	10	99
Os que caminham:	7	6	7	20
AVENIDA DOS IMIGRANTES				171 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

Dos espaços que vivenciei, este é um para prostrar. Ele se faz em frente ao supermercado, se faz de uma grande calçada, se faz de gente e, se faz de placas. Se faz de pessoas que vão ao supermercado, se faz de pessoas que estão aguardando o ônibus chegar. Tudo no mesmo lugar. O espaço de nada tem a ofertar, não tem banco, não tem estar. Permaneço fora desse espaço, antes que eu acabe entrando no supermercado, ou até no ônibus, indo para algum lugar. O espaço se faz de uma grande confusão, que eu procuro só observar. Aqui parece que todos querem estar, mesmo que se tornem “empecilhos” de passagem para alguns, àqueles que, as compras querem realizar. É aqui o encontro do bairro inteiro. Entre uma lista de compras e um conversa boa. É aqui que, eu quero ficar (AUTORA, registro em 30/09/2018, 16h04min).

Figura 70- Síntese dos dias do Instrumento Contando da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

Mais uma vez, deparamo-nos com a lógica da contemporaneidade, aonde a aceleração e a velocidade vão ditando os ritmos da cidade, comprimindo os espaços e os tempos. Nessa direção, são propostas novas formas de sociabilidade e de modos de subjetividades, que influenciam o ser, o viver, o agir, o sentir e o estar no mundo (PINHEIRO; SOARES, 2009).

Em resposta as impressões dos novos espaços e dos novos tempos, surgem os novos sujeitos, expressados por meio das emoções que marcam o espaço da Avenida dos Imigrantes. Para isso, foram observadas 338 pessoas no instrumento: Experimentando. Apreendendo como resultados mais relevantes: o sujeito cansado, o sujeito desconfiado e o sujeito feliz, em ordem decrescente. Na Figura 71, apresentam-se os resultados que quantificam cada sujeito, já na Figura 72, discorre-se da ilustração visual, para uma maior compreensão dos fatos.

Figura 71- Tabela da Distribuição do Instrumento de Pesquisa Experimentando, durante dos dias de campo na Avenida dos Imigrantes.

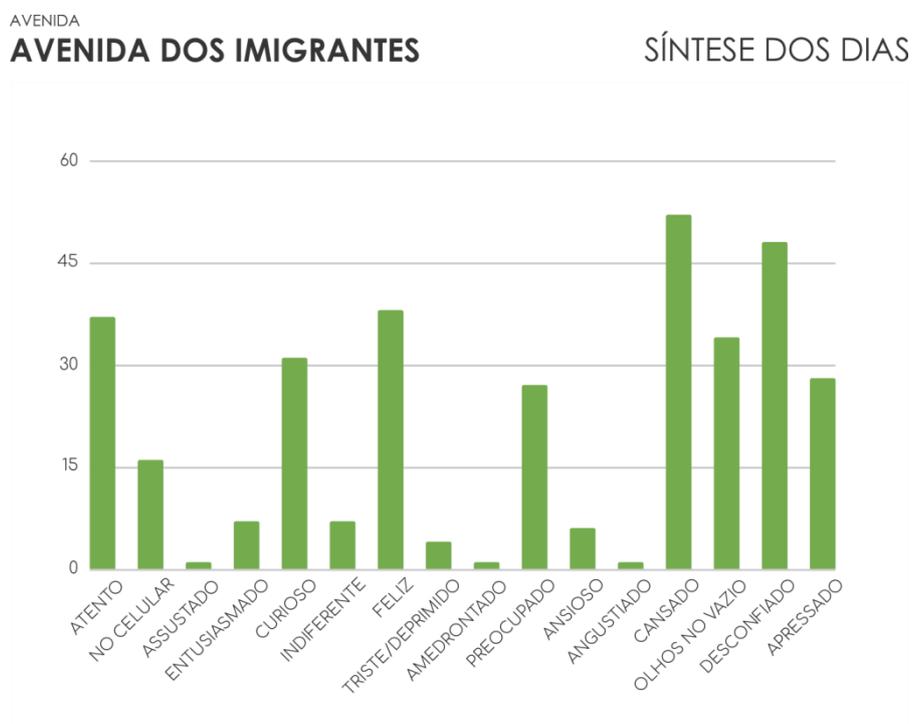
EMOÇÕES FACIAIS	03/09 (seg.)	07/09 (feriado)	12/09 (qua.)	16/09 (dom.)	20/09 (qui.)	22/09 (sáb.)	SÍNTESE
Atento:	3	11	5	1	8	9	37
No celular:	6	1	5	1	2	1	16
Assustado:	1	0	0	0	0	0	1
Entusiasmado:	0	0	1	1	1	4	7
Curioso:	13	0	7	1	7	3	31
Indiferente:	0	1	2	0	2	2	7
Feliz:	8	0	10	4	6	10	38
Triste/ Deprimido:	1	2	0	0	0	1	4
Amedrontado:	1	0	0	0	0	0	1
Preocupado:	6	4	8	2	4	3	27
Ansioso:	2	0	3	0	1	0	6
Angustiado:	0	0	0	0	1	0	1
Cansado:	8	2	11	6	14	11	52
Olhos no vazio:	6	3	11	4	3	7	34
Desconfiado:	4	3	11	7	11	12	48
Apressado:	3	1	1	0	15	8	28
AVENIDA DOS IMIGRANTES							338 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

O sujeito cansado da Avenida dos Imigrantes é aquele que, assume múltiplas tarefas durante sua rotina. É o sujeito, que tem a sua casa como ponto final de uma jornada esgotante, e que ainda, encontra algumas tarefas domésticas para concluir. É o sujeito que percorre a Avenida dos Imigrantes com o objetivo de dar conta de seus afazeres, vai ao supermercado, à farmácia e volta para a casa com um *checklist* do dia, realizado com sucesso. E a Avenida dos Imigrantes impulsiona o sujeito cansado na realização de suas metas diárias, uma rápida passagem por ela, para que nenhuma distração possa interferir na rotina acelerada do sujeito cansado. É também o sujeito duplo, produzido por um mercado exigente, que só aceita-o segundo a sua produção. Vai de encontro ao sujeito apressado, que essa avassaladora lógica contemporânea comprime. O sujeito cansado é o sujeito do bairro, que em seu imaginário tem, para com, o lugar onde mora, seu lugar de descanso. Onde as tensões são aliviadas e entrega-se a sensação de cansaço. Diferentemente do lugar onde se trabalha. O bairro é, simbolicamente, a sua casa. O bairro é a representatividade do renovar de forças, para

que se possa seguir em frente, a fim de, dar conta desse conglomerado de atividades diárias (VILHENA, 2003).

Figura 72- Síntese dos dias do Instrumento Experimentando da Avenida dos Imigrantes.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento na pesquisa de campo, 2018.

O sujeito desconfiado da Avenida dos Imigrantes encontra apoio em seu mundo de confinamento, representado por um ritual de segurança, envolvendo, a sua casa, suas grades, suas barreiras e seus muros. É aquele que cria o monstro do espaço público da rua, que a qualquer momento pode destruir o mundo “ordenado” e “coerente” que nós concebemos. É aquele que, não dá espaço para nenhuma socialização, porque a cidade já não é o lugar de seus conhecidos. O sujeito desconfiado é aquele que, alimenta sua vida com receio e dúvida, frutos do imaginário da violência urbana. É o sujeito que apresenta como principal sintoma de sua saúde mental a agorafobia¹⁵. O sujeito desconfiado encara o outro como uma ameaça constante, teme ao contato e ao convívio, e aprofunda-se na incomunicabilidade urbana. A Avenida dos

¹⁵ O arquiteto Camilo Sitte esclarece o termo, fazendo referência aos sujeitos que desenvolvem o “medo da ágora”, medo dos espaços públicos da cidade. A neurose envolve: o medo de caminhar nos espaços públicos, a impotência diante dos veículos, as dificuldades de assimilar as pessoas que transitam. Geralmente, as perturbações de ansiedades, são situações percebidas pela insegurança e ataques de pânico. Também, pode ser aplicado, à amplos espaços públicos que, pela sua dimensão, dificultam o entendimento do todo, causando perturbação.

Imigrantes contribui para esse imaginário, as casas são transformadas em edifícios, a vizinhança já não é reconhecida, há uma rotatividade de gente por toda a parte. O ambiente da rua gera insegurança, intranquilidade na circulação de fluxos e, desenvolve as sensações de desconfiança dos seus sujeitos. Dessa forma, o confinamento do sujeito desconfiado tornou-se, um caminho para que, possa continuar vivendo a cidade. Qualquer figura incomum no espaço público da rua, como foi o caso da pesquisadora, causa estranhamento e suspeita na dinâmica do lugar. O jeito é viver na solidão, em seus próprios mundos, evitando essa cidade estranha (KOURY, 2009; VILHENA, 2003).

O sujeito “feliz” da Avenida dos Imigrantes vai de encontro ao sujeito alienado pelo consumo, como um modo de alcançar a satisfação pessoal, por esse motivo anunciamos esse sujeito entre aspas, por se tratar de um momentâneo pseudo-sentimento. Dessa forma, novas modalidades de sensibilidades, necessidades e desejos, fazem parte da formação psicossocial dos sujeitos. É tempo de sentir de forma avessa, é tempo de perceber o mundo de forma avessa. A máscara do sujeito feliz é uma imagem superficial, aparenta ser o que não é, apega-se a essa face, acreditando ser feliz. O sujeito feliz da Avenida dos Imigrantes satisfaz suas necessidades fictícias, pelas ofertas que recebem no meio urbano da rua. O consumo torna-se um meio capaz de saciar, temporariamente, a sua felicidade. Os apelos consumistas oprimem o sujeito, ditando a melhor forma de ser feliz, invertendo os valores do prazer, advindos de quem nós somos espontaneamente. Do prazer do respeito, do prazer do amor, por nós mesmos e pelos outros, sendo, esses valores, as verdadeiras formas de felicidade. Mas isso não corresponde à demanda presente. A procura pela felicidade está emaranhada no poder do consumo, da novidade, do descarte ao que é velho. E nessa forma urbana de viver, os gestos humanos se perdem, os tempos são cronometrados, porque para consumir e ser feliz, é preciso suar a camisa e gerar lucros. A Avenida dos Imigrantes é embalada por suas vitrines, quando não são substituídas pelos *shopping centers*, porque lá não há perigo, não há sujeira, não há desconforto. A maquiagem da rua é, em alguns momentos, atribuída a euforia emocional e aos pontos de exaltação, que fazem do morador do bairro um sujeito feliz. O adoecimento psíquico encontra-se em, fazer dos sujeitos um consumidor e produtor de sentidos, mas não de sentidos que fazem a vida

mais saudável, e sim, de sentidos que, movimentam o mercado e criam uma “pseudossensação” de bem-estar (COLOMBO, 2012; PINHEIRO; SOARES, 2009).

É dessa forma que a cidade se manifesta, semeando constantes inquietações, motivando transformações físicas e sociais, desconstruindo clássicas ideologias, desconstruindo valores e reinventando princípios. Modificando nossas vidas e nossos meios, disseminando novas culturas e novos sentidos de mundo. A cidade foi sacudida, o que parecia ser concreto, tornou-se lúdicas vivências, o que parecia ser certeza, tornou-se dilema e drama, o que parecia inabalável, tornou-se vulnerável. E para manter o controle, a vida social é tomada por anestésicos, vindos do consumo exuberado, dos preconceitos estabelecidos, do imaginário das mídias. Anestésicos que, impendem à construção de entendimentos e de significados, que fazem enxergar o mundo, com olhos que não são seus próprios olhos, tudo isso para, lidar com o tédio da vida urbana. É o território que produz a saúde mental das cidades, é o território o gerenciador das subjetividades (COLOMBO, 2012; VILHENA, 2003).

Caminhando em direção aos desejos dos moradores, compreendendo que através desse meio, pode-se alcançar a expressividade das subjetividades, bem como intervir na Avenida dos Imigrantes, como forma de construir a dinâmica da rua. Exprime-se sobre as cidades imaginadas dos sujeitos da Avenida dos Imigrantes (DAMERGIAN, 2001; RHEINGANTZ et al., 2009; PESAVENTO, 2002).

Todos os desejos da rua estão voltados à superação do fluxo que ela sustenta. O primeiro morador, A.(AI), manifesta a insatisfação com a circulação exaustiva da rua. Como fator pertinente em seu discurso, ele discorre que gostaria que o tráfego pesado de caminhões fosse retirado da Avenida dos Imigrantes, sendo direcionado para ruas circundantes ao bairro, evitando o cruzamento com a vida local. O sujeito demonstra preocupação com o aspecto levantando e, insiste na infraestrutura falha que a rua configura. Essa é uma representação, enraizada no imaginário coletivo e, vincula rua a imagem de fragilidade perante o sistema de circulação. Da mesma forma, percebe a via com carências físicas de espaço e comportamentos ineficazes para o seu funcionamento. O sujeito apresenta a rua, com ausência de possibilidades de interações com a cidade e,

ainda, com estímulo a um comportamento desprovido de participação social (DAMERGIAN, 2001; JUNG, 2000; SILVA, 2011).

A mesma interpretação é feita por L.(AI). Em seu relato, o sujeito evidencia o alto fluxo com a incapacidade de apoio da Avenida dos Imigrantes. Alerta para as dimensões insuficientes, comparada com a quantidade de veículos que por ali circula, tornando-se estreita para a função. O morador atribui a rua a uma imagem desagradável, principalmente, nos horários de pico, quando grandes congestionamentos se formam. Essa característica física permite anunciar, também, uma via perigosa e de difícil vínculo de social. O cenário descrito a cima, corresponde ao que Gehl (2015) expõe como, caos da vida urbana atual. As calçadas cada vez mais apertadas, que comportam inúmeros obstáculos para o pedestre, provocando uma caminhada segmentada, interrupções frequentes, tráfego intenso, difíceis cruzamentos, horas em engarrafados, entre outras consequências. De fato, esses fatores, influenciam o comportamento dos moradores do bairro, como mencionados por eles em, admitir apenas a função de passagem. Desse modo, o caminhar já não é atrativo, já não se está seguro, já não se têm interações sociais. O ambiente é o que se traduz do ser (ZEISEL, 1981; KOHLSDORF, 1996; GEHL; SVARRE, 2013; MEHTA, 2013; SILVA, 2011; JACOBS, 2011).

Outra participante traz como contribuição, a expressividade de uma rua vazia de vida humana. Apesar de ser uma rua movimentada, ela enfatiza dizendo que, são poucas as pessoas que assumem a Avenidas dos Imigrantes como parte de suas vidas. Por esse motivo, seu maior desejo para com a rua é em relação às pessoas: “*Queria que tivesse mais gente*”. Purwanto e Darmawan (2014) e Gehl (2015), também relacionam um bom espaço público com as pessoas. Quando o espaço produz vitalidade, além de estar envolvido em uma série de atividades, ele contribui para a formação das identidades de cada ser. Favorecendo a qualidade não só do lugar, mas também, e principalmente, de sua gente. O sujeito entende que, a chave está nas pessoas e, também percebe que, se todo o movimento de veículos fosse retirado da Avenida dos Imigrantes, nada sobraria.

O movimento continua intenso, têm carros e têm gente, têm mais carros e menos gente. Mas, ainda assim, é uma rua vazia (AUTORA, registro em 22/09/2018, 10h50min).

O espaço doentio da Avenida dos Imigrantes pode ser revelado pela manifestação do imaginário coletivo, discorrendo de soluções para a problemática do lugar. Os moradores expressam ações e, insinuam suas percepções enquanto suas experiências de vida. Esses relatos fazem parte do campo pessoa-ambiente, comportando-se como oportunidades para a melhoria do espaço público da Avenida dos Imigrantes.

A Avenida dos Imigrantes, ainda, estimula um imaginário motivado pelas imagens midiáticas, longe da essência do que realmente precisamos para evoluirmos: a vida coletiva.

A cidade é essa multidão de discursos, confere ser um tipo de linguagem. Nós falamos à nossa cidade e, a cidade fala a nós. A cidade é onde nos encontramos, seja em nossa casa, na praça, na rua ou dentro do *shopping*. Se correspondermos à cidade, ela corresponderá a nós, com a mesma intensidade. É preciso entendê-la. É preciso vivê-la (SILVA, 2011; BARTHES, 1993).

6.4 | A CIDADE DAQUELAS RUAS

A cidade daquelas ruas será tomada como notas dos entrevistados pela pesquisa, a fim de compreender como se dá a relação dos mesmos, também, para com a sua cidade. Falar das ruas sem discutir sobre a cidade de Criciúma/SC é como extrair o objeto do contexto e estudá-lo isoladamente, o que não corresponde ao objetivo da pesquisa, quando tratamos de investigar as relações pessoa-ambiente. Dito isso, apreendemos o imaginário coletivo da nossa cidade, por meio de algumas percepções da sua gente.

Descobriu-se um imaginário através dos sentimentos e emoções afetivas de sua gente, expondo significados de uma cidade carregada de afeto. Expressões como: “*Eu adotei Criciúma e Criciúma me adotou*”, ou “*Criciúma mora dentro do meu coração*”, ou, “*Criciúma é meu lar*”, ou ainda, “*Quem bebe dessa água de carvão lavado, dificilmente deixa a cidade*”, fazem parte dessas representatividades da afetividade pela cidade (BOMFIM, 2010).

Em uma das notas dos discursos, a cidade é manifestada como sendo a materialização imagética do próprio imaginário coletivo: “[...] gosto dessa cidade... *Eu nasci aqui, deve ser por isso, não sei, eu acho uma cidade tranquila, do tamanho certinho pra gente, tudo é perto, nada é tão longe [...] tem lugares legais, rodeada de cidades bonitas. Tem rio, tem praia, tem serra... Tem tudo, não falta nada*”. A cidade real e a cidade imaginada de Pesavento (2002) compõe uma mesma figura, em especial, representadas pela cidade de Criciúma/SC.

As contribuições efetivas e positivas que descrevem a cidade são regadas de valores e significados dos seus sujeitos para o espaço de Criciúma/SC. Por esse motivo, entende-se que o sua gente tem para a cidade sentimentos de apreço, o que não corresponde ao valor dado as suas ruas, quando não são nem um pouco percebidas.

A estima pela cidade se propaga ao anunciar o seu povo como sendo alegre, cordial, receptivo e acolhedor, sugerindo a identidade social da cidade. O curioso dessa nota é que a afeição pela cidade é refletida no afeto dos sujeitos dessa cidade. Compreendendo que a relação pessoa-ambiente são faces de uma mesma moeda, uma complementando a outra, uma espécie de espelho: ora a cidade é a imagem do sujeito, ora o sujeito é a imagem da cidade (KOHLDORF, 1996; LIMA; BOMFIM, 2009).

Descobriu-se um imaginário, também, voltado à imagem onipresente da memória coletiva da cidade, o carvão (HALBWACHS, 2006). Anunciado pela a sua gente, o carvão tem sentidos materiais e imateriais. Os sentidos materiais ganham a representatividade da estrada de ferro, do trem, das minas de carvão e das vilas operárias. Elementos expressados como grande parte das lembranças para com a cidade. Em se tratando dos sentidos imateriais, apresenta-se a figura do mineiro, aquele que sustenta os sentimentos de orgulho e de conquista, e aquele por quem a sua gente sustenta os mesmos sentimentos. O carvão é o objeto-sinônimo da cidade de Criciúma/SC, firmando ser o símbolo da época mais relevante da história da cidade (GONÇALVES; MENDONÇA, 2007; GONÇALVES; FOLLMANN; PHILOMENA, 2012; LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Descobriu-se um imaginário que transfere a imagem da cidade de Criciúma/SC como ao símbolo da busca pela realização pessoal. Como bem se sabe, a motivação,

advinda do período da mineração, provocou o êxodo para a cidade, como fator de atração para a melhoria das condições de vida. Apreende-se que esse fato persiste como significado da cidade. Os sujeitos atribuem a cidade de Criciúma/SC a imageabilidade da vida nova, do início de novos tempos, novas esperanças (BOMFIM, 2010; SILVA, 2011; LAPLANTINE; TRINDADE, 1996).

Descobre-se um imaginário, ainda, que conduzido pelas melhores condições de vida, relacionam a cidade a partir da imagem do trabalho, concentrações de empregos e de renda. O slogan do período carbonífero: “*O importante é ter emprego*” nunca esteve tão vivo na memória coletiva e na representatividade da cidade. Um momento, historicamente, enraizado no imaginário, ainda se faz presente na significação do que vem a ser Criciúma/SC (GONÇALVES; FOLLMANN; PHILOMENA, 2012, PESAVENTO, 2012; HALBWACHS, 2006).

Esse, talvez, seja um dos fatores que fazem com que, o sentido de pertencimento e de apropriação sejam deficientes em nossa cidade. Justamente, por relacionarmos a cidade com nosso local de trabalho, impossibilitando que qualquer outro caráter seja incentivado, como é o caso de um lugar de lazer e de pausa. Também é possível, que o sentido de ser uma cidade para trabalhar, desmotive a sua gente a permanecer na cidade, principalmente, nos períodos noturnos e em feriados. Colaborando para que se busque em outros lugares o que lhes falta na cidade: a vida urbana. Fazendo de Criciúma/SC uma cidade-dormitório¹⁶ no sentido de qualidade de vida, onde dispõe de uma cidade para se trabalhar, privando-se de ser uma cidade de lazer.

Outra nota, dos enunciados manifestados, identifica percepções dos sujeitos para com a cidade envolvendo aspectos relacionados ao crescimento da cidade. As construções dos significativos equipamentos públicos como: o Terminal Central, a Estação Rodoviária de Criciúma, o Parque das Nações, dentre outros, são rememorados como elementos de simbolizam transformações da paisagem da cidade, devido à intensidade da mudança.

¹⁶ Expressão, tipicamente, utilizada para designar as cidades que acomodam pessoas para fins de trabalhos. Também são aquelas cidades que não sustentam atividades suficientes em seus espaços, o que leva as pessoas a buscarem em outro local, aquilo de que se necessitam à vida.

Logo, descobre-se um imaginário que sustenta percepções, por meio da intensidade de que foi vivida, assimilados a partir dos registros da memória coletiva. Os acontecimentos significativos, modificam permanentemente os espaços físicos, e os modos de vida, bem como enraízam-se, simbolicamente, nos sujeitos envolvidos nesses espaços, salientando um imaginário que modela, filtra e afeta as percepções de sua gente (PESAVENTO, 2002; JUNG, 2000, LYNCH, 2017; NOGUEIRA, 1998; HALBWACHS, 2006; SILVA, 2011).

Outros exemplos de manifestações do imaginário coletivo, que se apresentam com uma maior intensidade perceptiva, são pronunciadas como: a greve dos mineiros, ocorridas em meados da década de 1960, uma reivindicação que envolvia assuntos como agressão e terrorismo, tendo as ruas da cidade como seu palco, a tempestade ocorrida em meados de 2004, conhecida como Furação Catarina, e também, uma explosão ocorrida em um dos prédios da Rua Henrique Lage, conhecida popularmente como o “Crime do Século”, de 1978. Todos esses fatos confortam-se como lembranças para com a cidade de Criciúma/SC, sendo que todos causaram algum tipo de transformação, física, social e, também, psicológica na nossa cidade-gente.

É evidente que, quando se evoca fatos históricos nos discursos dos sujeitos da cidade, estamos tendo acesso à infinidade de significados que são guardados pelo imaginário de sua gente (WILKOSZYNSKI, 2006; LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, PESAVENTO, 2002; JUNG, 2000, LYNCH, 2017; NOGUEIRA, 1998; HALBWACHS, 2006; SILVA, 2011).

Ao mesmo tempo, que se apresenta um imaginário encoberto de memórias e pontos de vista distintos, também há momentos, em que o mesmo imaginário é silenciado pelo esquecimento. Isso é explicado pela inconstância das cidades e sua perda de significados. Novas lembranças tomam lugar às velhas recordações, mas as novas lembranças são, um tanto quanto, substanciais, ao ponto de serem novamente, tomadas por outros novos guardados. Traduzindo a nossa atual forma de corresponder ao mundo: através uma percepção líquida (BAUMAN, 2001).

Diante dessa apreensão, trazida como retalhos do que vem a ser a cidade de Criciúma/SC, confirmamos a cidade como território de memórias ontológicas,

concentrações de visões, comportamentos e temporalidades do ontem e do hoje (AGUIAR; NETTO, 2012).

Todas essas formas de representatividades da cidade de Criciúma/SC possibilita entender que, determinados fatos são significantes para uns, ao passo que tem muito sentido para outros, havendo espaços apropriados por alguns e invisíveis para outros. Cada percepção é ligada a um único sujeito, podem se assemelhar com outras visões de mundo, podem se complementar, mas todas são únicas, quando estando em conjunto, tornam-se a unidade da cidade (NOGUEIRA, 1998). A unidade descoberta é que a cidade de Criciúma/SC é a rua dos seus sujeitos.

7 | A RESSIGNIFICAÇÃO DA RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO

As manifestações, concedidas pelas três ruas de estudo, puderam contribuir para uma ressignificação do que vem a ser a rua, enquanto espaço público na cidade de Criciúma/SC. Dessa forma, a partir do lugar, extraímos os sentidos subjetivos e quintessenciais (MEHTA, 2013), a fim de estimar, por merecimento, esse espaço que sustenta a dinâmica da cidade: a rua.

Convém dizer que, a rua é fruto de múltiplas sociabilidades, mas que diante do modelo contemporâneo perdeu o seu sentido urbano (GOES, 2015; SILVA, 2011). A rua é então, entendida como um simples espaço de circulação, produzindo uma cidade livre, rápida e prática (GEHL, 2015).

Aqueles, dispostos a percorrer seus múltiplos caminhos, de uma maneira mais íntima, encontraram no espaço público da rua uma compreensão para além do caráter de circulação. Essa compreensão internalizada nos sujeitos, muitas vezes, não se manifesta como conceito de rua em um primeiro momento, mas, à medida que vamos tendo acesso aos imaginários dos entrevistados, a compreensão de rua se revela em uma percepção subjetiva. Desse modo, a pesquisa descobriu um entendimento “guardado a sete chaves”, manifestado pelas entrelinhas dos mundos internos dos sujeitos. Sendo assim, revela-se uma nova ressignificação da rua enquanto espaço público:

- A Rua como espaço do conflito e dos contrastes

Por se tratar de um espaço de complexa dinâmica, os conflitos das ruas envolvem mais do que os componentes que dela se alimentam, como os automóveis, as pessoas e os serviços. A rua se comporta como um lugar efêmero, de constantes mudanças e rotatividades, e por concentrar uma série de sociabilidades, envolvem conflitos para além do seu espaço físico. São as também chamadas “fronteiras simbólicas” (ARANTES, 1994, p. 191), que vão sendo construídas partindo de um lugar comum, de uma espécie de mundo e que, à medida que se discorre o dia-a-dia, absorve outros mundos distintos, de quem por ali trilhar. Esses mundos simbólicos podem se aproximar, se separar, se nivelar, se entrosar, se rejeitar, ou se hierarquizar, dependendo das significações. Quando o conflito envolve uma mesma fronteira simbólica, formam-se, então, os grupos sociais, compartilhando do mesmo sentido urbano (SILVA, 2011). E nesse cenário conflituoso, que contemplam os consensos e os dissensos, podendo ter efeitos de desentendimentos ou discussões engrandecedoras, aparecem os contrastes. São as múltiplas visões de mundo, resultantes das relações entre pessoa-ambiente. Haverá aqueles que se apropriam do espaço, regados por fronteiras simbólicas afetivas. Haverá aqueles que abdicam dos espaços públicos, entregues ao sistema capitalista. E as contradições estarão estampadas em toda a forma de espaço urbano, sejam nas praças, nas ruas, em formas de sociedades, em seus sujeitos, no que compõe a cidade, no que é a cidade. Os contrastes partem de esferas distintas, do isolamento social à implicância coletiva, da aproximação física ao distanciamento social, da organização à espontaneidade, do apressar do tempo à lentidão do tráfego, da diversidade e da pluralidade à insignificância do espaço público da rua, do ápice do egoísmo de uma vida voltada ao próprio si mesmo à repugnância da vida coletiva, da empatia à intolerância, da violência, do medo e do dilema à vida harmônica, equilibrada e saudável. Somos partes de um lugar, mas também somos um lugar, nosso próprio lugar, e nesse conflito de lugares e de oposições, estamos comumente em guerra (ARANTES, 1994; MALUF-SOUZA, 2015).

- A Rua como espaço da expressividade e do silêncio

Longe de ser um território neutro, a rua é lugar da cena pública, congrega para além das ações participativas e das manifestações políticas, ou estéticas, como é o caso grafite. A rua abraça sentimentos, emoções e culturas, em um enosado de significados.

Dizemos então, que a rua é um fenômeno vivo, tem sua própria força. Ela se transforma em lugar de trabalho, em moradia, em itinerário de vida, em lugar de sobrevivência, em lugar de passeata, de reivindicações, em vitrine, em ponto de encontro, em lugar de festividade e de celebração. Essa multiplicidade de maneiras de se expressar está relacionada com a experiência, experiência que essa rua viva promove em cada ser. A novidade, o inesperado, a presença da figura estranha, o encontro com os desconhecidos, o encontro de olhares e as formas de uso, fazem do espaço da rua um chão instável e constantemente em movimento. É no conjunto de forças materiais e imateriais que a rua se faz. É a onipresença de culturas e a abstração do ser. É lugar da comunicação e da informação, podem-se comunicar ao entorno, comunicar ao próximo, comunicar a nós mesmos, sem irradiar nenhuma informação. Como se podem divulgar informações, ao entorno, ao próximo e a nós mesmos, sem criarmos nenhum laço afetivo, desprendidos de qualquer relacionamento pessoa-ambiente. E nesse campo, continuamente frequentado, fértil em *performances* urbanas, a cidade estrutura os seus cidadãos que, por sua vez, dão forma e expressão a seus sentimentos mais sigilosos, promovendo posicionamentos críticos, afetivos e de grande valia para a compreensão da sua cidade. Mas essa rua que fala, também é a rua que silencia, no sentido de não ser tão fácil de perceber, é a rua das entrelinhas, a rua que escuta e que, por vezes, é reprimida. O óbvio, nem sempre, é uma interpretação absoluta. É preciso pausar e entender o silêncio da rua, um silêncio singular, cheios de mensagens subliminares (SILVA, 2003; ASSUNÇÃO, 2015; RICCA JUNIOR, 2011).

- A Rua como espaço da memorização e do esquecimento

As dimensões de tempo e cotidiano são significativas quando se está tratando do espaço urbano. O tempo está relacionado com o abrigo da história, que anuncia épocas passadas, modos de vidas e de entendimento de mundos, que ficaram para trás. O caminhar pela rua permite o devaneio para outro tempo. O caminhar pela rua torna-se uma colheita de fragmentos da história da cidade, do lugar, e das histórias de cada ser, sugeridos a partir dos conteúdos simbólicos, que estão presentes em todo o lugar. Os acontecimentos perduram através das construções, dos marcos, das vidas, das referências. São contados pela “narratividade urbana” (ORLANDI, 2001, p. 10), onde cada ponto materializado, nos espaços públicos, tem um pouco de história para

transmitir. As memórias são, também, uma forma de estarem presentes no espaço das ruas, mesmo que adormecidas. As lembranças são os acessos à identidade cultural e ao imaginário coletivo. São essas recordações que compõe o elo de experiências acumuladas por todas as gerações que por ali passaram. São essas recordações que evocam aquele aperto no peito quando, diante da imprevisibilidade urbana, deparamo-nos com certos lugares desmemoriados, tomados por novos empreendimentos ou esquecidos por negligências do planejamento. Isso tem o efeito colateral do receio, estando vulneráveis em um mundo de descartes urbanos, em um mundo instável e repentino, onde não temos aonde nos apoiar, aonde nos enraizar, porque nosso lugar, amanhã pode não ser mais nosso. É nesse momento, que a memória cai no esquecimento. É na dimensão do cotidiano, da rotina esgotada, da pressa e da ansiedade, que não percebemos mais o nosso lugar, vivemos afastados do presente. Divorciamos do coletivo, nos afastamos da nossa história. Não temos tempo para ouvir nossas ruas, porque a cidade não é mais do ouvir, apenas vemos, passamos e nada percebemos. Como é possível amar, sem nos lembrarmos?! Como é possível agir e defendermos os espaços públicos, se com eles não temos história?! Maffesoli (2001) diz que o nosso imaginário, dito nosso por se tratar do coletivo, é nossa aura. Então, se perdermos a aura, também perderemos a capacidade de lembrar. Mas, antes de esquecermo-nos do lugar, da nossa rua, permitamos caminhar por ela, despertando nossa imaginação, investigando o nosso lugar, libertando nossas lembranças e nossas emoções. Fazer reviver as narrativas da rua, elevarmos às referências pessoais, às memórias sociais, ao nosso imaginário. E nessa andança, em um trajeto-lembrança, por algum momento, não haverá mais distâncias, estamos em conexão, estaremos unidos pelas lembranças (ARANTES, 1994; RICCA JUNIOR, 2011, GOES, 2015).

Para que ainda mais sentidos sejam explorados, precisamos incentivar o uso da rua para além dos incentivos econômicos, cumprimentando sua gente com usos variados, com possibilidades interruptas de estar em contato, precisamos fazer dos seus vazios, espaços alimentados por sua gente. Colocar os significados do avesso, distorcer os conceitos torcidos, para fazer-se viver o espaço público.

Muitas vezes, ouve-se a expressão: “aquele tempo era bom”, ou “a gente era feliz e não sabia”, remetendo-se sempre a um passado prazeroso e feliz. Mas o futuro é aqui, e agora. Façamos valer os significados perdidos, reavivamos as percepções de cidades, espaços públicos, principalmente, de ruas. Fazer um resgate de nossa essência, bem como os sujeitos de mais experiências do espaço público das ruas, o fazem: tomar os espaços públicos como um costume, diante da maneira em que esses senhores foram criados, fazê-los parte de nossas vidas.

O que queremos incentivar é uma proposta de reconquista da cidade, onde possibilite aos seus cidadãos as descobertas dos espaços; onde possibilite ao morador, turistar em sua própria cidade; descobertas de trocas sociais; reconhecimento do outro; e descobertas evolutivas para com o eu, remediando a vida nas cidades.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conjuntos das abordagens da pesquisa encontraram um entendimento de rua envolvido, por inteiro, na função de mobilidade. O território da rua é dominado e manipulado pelos veículos. O traçado e a conformação das relações são contaminados pelo “vírus” dos carros. Salvam-se alguns sujeitos que, guardam o sentido essencial da rua, relacionando-a ao caráter sociológico. Sentido, esse, formulado mediante vivências de períodos anteriores, onde a rua também crescia. O reflexo do contexto, no imaginário coletivo, é fazer da descrição da rua, um mecanismo de circulação. Estruturando um imaginário sem vínculo com o espaço público da rua.

Dizemos mecanismo de circulação por se tratar de um elemento do sistema urbano. Tendo como função principal facilitar o fluxo de pedestres e de veículos para que, possam fluir de maneira que não tenham obstáculos e interrupções nos caminhos. O contrário de ser concebida mediante um sentido de permanência. Isso corresponde à imposição da crise de paradigmas e complexidades do modo de vida contemporâneo, um estilo apressado e inconstante.

O discurso de hoje, anuncia a formação de sujeitos autônomos e anônimos, que têm suas vidas pré-programadas, sem se envolver com o espaço das ruas e, sequer, com o outro. Somos treinados, cada vez mais, a percorrer a cidade por meio de objetivos, com fins de alcançar metas diárias. Somos incentivados a relacionarmos-nos com os

meios, os quais “facilitam as nossas vidas”. Somos criados para sermos independentes do coletivo e do próximo. O nosso lugar é um espaço particular, não pertencemos ao que é coletivo, então, não o assimilamos como parte de nós.

Mas as ruas são páginas escritas, elas dizem tudo o que devemos saber. E mesmo expondo um histórico atual, um tanto pessimista, ainda há esperança. A pesquisa resgata alguns sentidos implícitos nos discursos e, no espaço público da rua que, por não percebermos, é deixado de lado. É um segredo “guardado a sete chaves” que expressa à essência de uma rua viva, esperando para ser notada. Essa interpretação faz da rua um espaço de conflito e de contraste; um espaço de expressividade e de silêncio; um espaço de rememoração e de esquecimento. Uma ressignificação das ruas, para além do seu entendimento “trajetivo”. Nosso olhar necessita saber ler as páginas escritas dessas ruas, a fim de que, quando às percebermos, possamos finalmente, falar a sua língua.

A abordagem qualitativa da relação pessoa-ambiente, discutida pela metodologia do estudo de caso e da técnica de observação, aplicada, na prática, pelos instrumentos de multimétodos, puderam contribuir para uma compreensão complexa e eficaz do contexto. A pesquisa só se tornou possível por apresentar um repertório de ferramentas e disciplinas, reunidas a partir do embasamento da psicologia ambiental. A pluralidade de instrumentos tornou a experiência bem-sucedida, atingindo uma valência de conteúdo original.

Foram encontradas duas dificuldades pertinentes diante da experiência de campo. A primeira dificuldade foi na aplicação da entrevista semiestruturada no período do mês de setembro de 2018, por se tratar de um ano eleitoral. Dessa forma, a abordagem aos participantes foi, facilmente, confundida com uma especulação eleitoral. A segunda dificuldade encontra-se na complexidade das perguntas realizadas, por estarmos investigando o imaginário, perguntas relacionadas à afetividade e expressividade dos sentimentos dos entrevistados, acabam sendo delicadas de serem respondidas, bem como os entrevistados, não percebem esses fatores com clareza, ainda quando os percebem.

Para as ciências ambientais, o estudo está para aprofundar as percepções do meio ambiente, dando continuidade ao desenvolvimento natural do ser, entendendo que estamos diante de um estágio em que, o processo de humanização, só é assimilado por meio da comunicação simbólica, indo de encontro ao motivo, pelo qual, devem-se estudar os imaginários de nossas cidades.

Para o planejamento das cidades, a experiência da pesquisa afirma a interdisciplinaridade como meio de se atingir cidades mais saudáveis, tanto na recuperação, quanto na concepção de novos lugares. Bem como, as experiências empíricas, fazem com que, haja um real conhecimento da cidade, partindo da apreensão de inúmeros pontos de vista. Podia-se dizer “reconhecimento da cidade”, mas, de acordo com estudo presente, há muito mais na cidade o que conhecer, do que reconhecer. Vivemos traçando rotas diárias em modo automático, evitamos mudanças no itinerário, evitamos sair da nossa zona de conforto. Evitamos a pausa, por traduzir fraqueza ou incapacidade. E, diante do modo que somos criados, o direito à pausa é descartável. Dessa forma, conhecer/perceber nossa própria cidade, esgota o que já não temos: o tempo.

Devemos, portanto, experimentar para planejar. Compreender de que forma as cidades vivem, permitindo-nos o envolvimento com a dinâmica dos espaços e com as relações pessoa-ambiente que se desenrolam no meio urbano de estudo. Outra diretriz é dar voz a sua gente. É através da coletânea de representatividade, das séries de expectativas da sua população e da interpretação dos sentidos dos lugares que, se pode promover a reação das cidades, a fim de mantê-las vivas.

Sabe-se que, cada cidade é única e possui particularidades relevantes no processo de concepção. Assim sendo, deve ser tratada de maneira singular, por meio de experimentos, com o intuito de se chegar ao seu melhor benefício.

Defendemos também, o processo de viver a cidade de forma contínua, incentivando um maior número de atividades nas ruas para que, independente do período do dia/semana, o espaço perpetue a diversidade. Se há apenas o uso comercial, traçamos meios de trazer as pessoas, pelo uso residencial. Se há somente uso

residencial, busquemos formas para proporcionar motivações de uso no espaço urbano, como o lazer. Dar continuidade nas cidades é dar vida coletiva, da qual somos carentes.

Já como contribuição à psicologia ambiental, a discussão discorre de uma mudança de foco, voltando-se à interpretação do meio social, para o descobrimento do meio ambiente. Isso é percebido através das representatividades de sua gente, as quais são guardadas em seus imaginários coletivos. Os novos paradigmas encontram-se no coletivo. As emoções, desejos, aspirações, objetivos que, abrangem o público, nascem e se desenvolvem no ambiente das ruas. Alimentam-se das interações, do ar livre e da multiplicidade de conflitos. Eles podem implantar em nós um “coração social” e, permitir que, nos enchamos de sentidos coletivos, produzidos pelos espaços por onde andamos. Os sentidos coletivos podem ser manifestados por sentimentos de lutas, de conquistas, de saudades, de orgulhos... Todos enraizados nos espaços urbanos e compartilhados pelos imaginários coletivos.

Como contribuição para pesquisas futuras, incentiva-se o treinamento do pesquisador através de técnicas de relaxamento, técnicas relacionadas à sensibilidade da percepção e a própria postura do pesquisador, fazendo com o que a pesquisa de campo não se limite em desvendar apenas os objetivos prescritos pelo trabalho, mas a enriquecedora experiência do viver.

Acredita-se que, o trabalho com as ruas de maneira que ela possa atuar como espaço público, bem como reaver seu conceito e potencializar sua essência, é uma estratégia para que se possam gerar espaços reabilitados, propiciando mudanças e benefícios de vida nas cidades. Isso permite que, a cidade atue diante de sua verdadeira função: a de tornarmos mais humanos.

As ruas, também, comportam-se como pontualidades no tecido urbano. Uma espécie de intervenção de acupuntura urbana. É uma forma válida para pequenas recuperações, solucionadas de forma ágil e, com resultados, instantaneamente, engrandecedores, promovendo o resgate e a manutenção da identidade do lugar. A acupuntura, não necessariamente está relacionada a um meio material, ela pode ser um novo hábito, um novo costume, permitindo transformações positivas.

A pesquisa, ainda, permitiu que fosse plantada uma “semente da percepção”, pelo menos nas pessoas que, participaram do instrumento de entrevista. Fazendo com o que, através das perguntas, elas possam dar atenção ao que se encontra à sua volta, reconhecer seus modos automáticos e sair das suas zonas de conforto. Ao implicar com os sujeitos das cidades, o efeito provocado é de, fazê-los caminhar pelas ruas de uma forma diferente daquela, até então, praticada por eles. Daqui por diante, os nossos sujeitos percorrem as mesmas ruas, recordando-se de momentos da pesquisa, internalizados em suas memórias, possibilitando que novas percepções possam ser reveladas. É uma forma de fazê-los parar e refletir a sua cidade.

Convida-se, por fim, a experimentar a sua cidade, visitar áreas distintas com maior frequência, conhecer ruas, nomes de ruas, localidades. A cidade é o nosso lugar. Mudemos o foco! Andemos a pé, esqueçamos o “colesterol” dos carros, que prejudicam as ruas de nossas cidades. Vamos perceber a sua gente. Dificilmente damos atenção àquilo que não correspondem aos nossos interesses. Os sujeitos têm apreço com suas casas, mas não conhecem seus vizinhos. Têm apreço com sua cidade, mas não conhecem grande parte dela, como suas ruas. Têm apreço ao que está próximo, ao que correspondem a seu mundo pessoal, mas se esquecem de que somos um todo. Façamos da cidade nosso mundo próximo. Se só alcançamos a existência, se fizermos parte de algum lugar, então, façamos parte do lugar para além de nossas casas, ou de nossas famílias, existamos em nossa cidade, nas suas ruas e na vida coletiva.

Ao permitir a experimentação da cidade, os sujeitos tomam nota de “memórias produzidas”, um intelecto construído pelo contato da cidade, um intelecto coletivo. Nada irá substituir o cheiro da grama molhada da vizinhança, o canto da cigarra anunciando o natal, as brincadeiras de rua com os colegas do bairro, o cheiro do pastelzinho dos botecos da “praça” (expressão da memória afetiva da pesquisadora). Todos esses pertencimentos fazem parte das memórias produzidas, tornando partes da identidade do sujeito com o lugar. A experimentação da cidade evolui a nossa identidade.

Insistimos em dizer que, a cidade é a própria ferramenta para a transformação dela mesma. Da mesma forma, que nossas mudanças então dentro de nós, as ruas são as respostas dentro das cidades.

Nosso maior achado é o descobrimento de uma das mais elevadas formas de amor: o propósito de dedicar-nos a vida coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOMÉTRICAS

AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (Org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2012. 281 p.

ALVES, Manoel Rodrigues. **Cidade Contemporânea**: questões conceituais da conformação de sua espacialidade. **Tópos**: FCT UNESP, Presidente Prudente, v. 1, n. 2, p.29-57, dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2196/2009>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ARANTES, Antonio. A Guerra dos Lugares: Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Iphan**: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, São Paulo, n. 23, p.191-203, 1994. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8522>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ASSUNÇÃO, Pablo. Da rua como coisa ativa: sua força linguística, mística e estética. In: INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE; ROCHA, Thereza (Org.). **Deixa a rua me levar**. 8. ed. Joinville: Nova Letra, 2015. Cap. 1. p. 20-28. (Coleção: Seminários de Dança). 237 páginas. Disponível em: <<http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/07/VIII-Seminarios-de-Danca-Deixa-a-rua-me-levar.pdf#page=20>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

AZEVEDO, Ado; MATTOS, Flávia; BARTHOLO, Roberto. Entre o espaço e o lugar: considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p.251-262, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1216>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales**: Memorias y Esperanzas Colectivas. 2. ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 1999. 117 p. Traducción de: Pablo Betesh. Disponível em: <<https://imaginariosyrepresentaciones.files.wordpress.com/2015/09/baczko-bronislaw-los-imaginarios-sociales.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BALSAS, Carlos J.I.. The right to walk in cities, a comparative review of Macau, Lisbon and Las Vegas. **International Journal Of Law In The Built Environment**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.123-142, 10 jul. 2017. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/ijlbe-03-2017-0012>. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/full/10.1108/IJLBE-03-2017-0012>>. Acesso em: 31 out. 2017.

BALTHAZAR, Luiz Fernando. **Criciúma**: Memória e Vida Urbana. 2001. 277 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82027>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

BARTHES, Roland. **La aventura semiológica**. 2. ed. Barcelona: Editorial Paidós, 1993. 353 p. Traducción de: Ramón Alcalde.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 70 p. (Coleção Leitura). Organizador: Teixeira Coelho.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 192 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 260 p. Tradução de: Plínio Dentzien.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: O que é- O que não é. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012. 200 p.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). **Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Cap. 8. p. 253-280.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade**: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições Ufc, 2010. 238 p.

BORDE, Andréa. **O imaginário urbano como eixo interpretativo da história urbana carioca**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 8, 1999.:Porto Alegre - Anais. - RIGATTI, Décio (org) Porto Alegre - PROPUR/ UFRGS, 1999. - 1 CD Room.

BORJA, Jordi. **Espaço público, condição da cidade democrática**. A criação de um lugar de intercâmbio. Arquitectos , São Paulo, ano 06, n. 072.03, Vitruvius, maio 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/06.072/353>>. Acesso em 21 ago. 2017.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34/ Edusp, 2000. 400 p. Disponível em: <<https://csociais.files.wordpress.com/2014/05/caldeira-teresa-a-cidade-de-muros-completo.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2018.

CALVINO, Ítalo. **Les Villes Invisibles**. Torino: Einaudi, 1972. [Edición en castellano: Las Ciudades Invisibles. Madrid: Ediciones Siruela, S.A, 1998].

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar Como Prática Estética. São Paulo: G. Gili, 2013. 190 p. Tradução de: Frederico Bonaldo.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1992. 104 p. (Coleção: Repensando a Geografia).

CASTELLO, Lineu. **A Percepção de Lugar**. Porto Alegre: Ed. Propar, UFRGS, 2007.

CASTRO, Priscila Rodrigues de. Lendo os muros: a apropriação do território pela arte do grafite. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p.53-74, maio 2018. Jan./jul.. Disponível em: <<https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/3181>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. **Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)?**: Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. 2006. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2018.

CIB- THE INTERNATIONAL COUNCIL FOR RESEARCH AND INNOVATION IN BUILDING AND CONSTRUCTION. Agenda 21 for Sustainable Construction in Developing Countries: A discussion document. Pretoria, 2002. Disponível em: <<http://www.unep.or.jp/ietc/Focus/Agenda%2021%20BOOK.pdf>>. Acesso em 21 ago. 2017.

COLLINS, D.; SHANTZ, B.-m.. Public Spaces, Urban. **International Encyclopedia Of Human Geography**, [S.I.], p. 517-522, 2009. Elsevier. <http://dx.doi.org/10.1016/b978-008044910-4.01099-3>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780080449104010993>>. Acesso em: 24 out. 2017.

COLOMBO, Maristela. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo , v. 20, n. 1, p. 25-39, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric (Org.). **A Rua**: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. 172 p.

CORRALIZA, José Antonio. Emoción y Ambiente. In: TAPIA, Juan Ignacio Aragonés; ARANGO, María Américo Cuervo (Org.). **Psicología Ambiental**. 3. ed. Madrid: Ediciones Pirâmide, 2010. Cap. 3. p. 59-76.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Periferia Urbana. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.70-78, 1986. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12551/11859>>. Acesso em: 31 maio 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995. 95 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 302 p.

CRESTANI, Andrei Mikhail Zaiatz; KLEIN, Regina Maria Martins de Araújo. Espacio, imagen y memoria: consolidación de los contenidos colectivos a la materialidad de la ciudad. **Territorios**, [s.l.], n. 36, p.139-157, 30 jan. 2017. Colegio Mayor de Nuestra Senor del Rosario. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/territorios/a.4382>. Disponível em: <<https://revistas.urosario.edu.co/xml/357/35749527007/index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

DA SILVA, Luís Octávio. História urbana: uma revisão da literatura epistemológica em inglês. **EURE (Santiago)**, Santiago, v. 28, n. 83, p. 31-44, mayo 2002. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612002008300003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 08 nov. 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua** - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 11-58. [ed. Orig. 1984]

DAMERGIAN, Sueli. A subjetividade como núcleo formador: A construção da subjetividade na metrópole paulistana, desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; PINHEIRO, José Q. (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2001. Cáp. 2. p. 87-120.

DINIZ, Viviane. Identidade pessoal e a vida coletiva. **O Estadão**. [S.I.], 22 out. 2015. p. 01. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/blogs/colegio-playpen/identidade-pessoal-e-a-vida-coletiva/>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

FCC- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA. Casa da Cultura Neusa Nunes Vieira. Fichas do Inventário Patrimonial. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <jamilezanette@hotmail.com>. em: 18 maio 2012.

FERRARA, Lucrécia D'allesio. As máscaras da cidade. **Revista USP**, [s.l.], n. 5, p.4-10, 30 maio 1990. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i5p3-10>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25521>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário do Aurélio de Português Online**. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/agua>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

FRANCISCO, Kárita Cristina. O uso dos celulares em espaços públicos: algumas reflexões. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S.l.], v. 15, n. 30, p.82-96, 17 dez. 2016. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/217549773249>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/3249>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217 p. (Brasil Cidadão).

GASTAL, Susana. Imaginário Urbano: relendo o texto praça. **Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação**, [S.l.], p. 207-215, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/gastal-susana-imaginario-urbano-relento-texto-praca.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 262 p. Tradução de: Anita Di Marco.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **How to Study Public Life**. Washington, Covelo, London: Island Press, 2013. 196 p.

GOES, Allisson Gomes dos Santos. Espaço, Tempo e Socialidades na Cidade. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.76-87, 19 out. 2015. Universidade Tiradentes. <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2015v4n1p76-87>. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/1680>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição Urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

GONÇALVES, Teresinha Maria. O Índice de Urbanidade como Ferramenta para o Planejamento Urbano e Humanização das Cidades: **Plano de Trabalho Científico Pós-Doutorado**. 2014. 23 f. Tese (Doutorado) - Curso de Laboratorio de Geografia Humana y Social, Departamento de Geografia, Universidad de Chile, Criciúma, SC, 2014.

GONÇALVES, Teresinha Maria. O olhar da Psicologia Ambiental para as relações do homem com o meio ambiente. In: _____. **Cidade e Poética** – Um estudo de Psicologia Ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijuí, 2007.

GONÇALVES, Teresinha Maria; DESTRO, Diego; ROCHA, Maick de Souza. Ambiente Urbano: Um estudo sobre o uso das calçadas como espaços públicos na cidade de Criciúma, Santa Catarina, capital do carvão. In: MILIOLI, Geraldo; SANTOS, Robson dos; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. **Mineração de carvão, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável no Sul de Santa Catarina**: Uma Abordagem Interdisciplinar. Curitiba: Juruá Editora, 2009. p. 215-226.

GONÇALVES, Teresinha Maria; FOLLMANN, José Ivo; PHILOMENA, Gerson Luiz Boer. Aspectos da cultura do carvão em Criciúma (SC): a história que não se conta. **História Unisinos**, [S.l.], v. 16, n. 2, p.244-255, 31 ago. 2012. Quadrimestral. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/htu.2012.162.07>. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2012.162.07>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

GONÇALVES, Teresinha Maria; MENDONÇA, Francisco de Assis. Impactos, Riscos e Vulnerabilidade Socioambientais da Produção do Carvão em Criciúma/SC (Brasil). **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 14, p.55-65, 31 dez. 2007. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v14i0.8276>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/8276>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006. 222 p. Tradução de: Beatriz Sidou.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2002. 550 p.(Coleção Estudos).

HARQUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016. 297 p. Tradução de: Rogério Bettoni.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Disponível em: <https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=baixar-livro-cidades-rebeldes-de-david-harvey-unlimited-books>. Acesso em: 28 maio 2018.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992. 349 p. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves.

- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006. 382 p.
- HORAN, Thomas A.. **Digital Places: building our city of bits**. Washington: Urban Land Institute, 2000. 170 p.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTADÍSTICAS. Diretoria de Pesquisas - DPE- Coordenação de População e Indicadores Sociais- COPIS. **Estimativas de população para 1º de julho de 2017**. 2017. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_TCU_2017.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2017.
- IPAT- INSTITUTO DE PESQUISAS AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS (Org.). **PDP: Plano Diretor Participativo**. 2007. Programa de Fortalecimento da Gestão Municipal Urbana. Disponível em: <<http://www.unesc.net/~pdp/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 296 p. (Coleção Cidades). Tradução de: Carlos S. Mendes Rosa.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 160 p.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014. 339 p.
- JALALADDINI, Siavash; OKTAY, Derya. Urban Public Spaces and Vitality: A Socio-Spatial Analysis in the Streets of Cypriot Towns. **Procedia - Social And Behavioral Sciences**, [s.l.], v. 35, p.664-674, 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.02.135>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812004478>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- JERÔNIMO, Rosa Nadir Teixeira; GONÇALVES, Teresinha Maria. O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.195-200, jun. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722008000200009>.
- JUKES, Peter. **A Shout in the Street: an Excursion into the Modern City**. New York: Farrar Straus Giroux, 1990. 258 p.
- JUNG, Carl Gustav. (Org.). **O homem e seus símbolos**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 316 p. Tradução de: Maria Lúcia Pinho.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 447 p. Tradução de: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva.
- JUNG, Hyejin et al. Does improving the physical street environment create satisfactory and active streets? Evidence from Seoul's Design Street Project. **Transportation Research Part D: Transport and Environment**, [s.l.], v. 50, p.269-279, jan. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.trd.2016.11.013>. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1361920916300797>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 253 p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O que é medo: Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 21, n. 3, p.402-410, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822009000300014>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822009000300014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 30 p. Coleção Primeiros Passos. Disponível em:

<<httpsdocs.google.com/viewera=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxhcncFlaXZvc2VmaWZyc3xneDoxMDZlYWE1NGEyYWQ4Mzcw>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LEFEBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano**. (Antologia preparada por Mário Garvívia). 4 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978. Tradução de: Javier Gonzalez-Pueyo.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 180 p. Tradução de: Sérgio Martins.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 145 p. Tradução de: Rubens Eduardo Frias.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016. 296 p.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 137 p.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental**. **Psico**, Fortaleza, CE, v. 40, n. 4, p.491-497, out. 2009. Trimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>>. Acesso em: 12 out. 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Portugal: Edições 70, 2017. 198 p. Tradução de: Maria Cristina Tavares Afonso.

MACEDO, S. S. et al. **Os Sistemas de Espaços Livres da cidade contemporânea brasileira a esfera de vida pública – Considerações Preliminares**. In: Anais do 12º Encontro de Geógrafos da América Latina - EGAL, Montevideo: Imprensa Gega, v. único. p. 1-12, 2009.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p.74-82, ago. 2001. Quadrimestral. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

MALUF-SOUZA, Olimpia. **CALÇADAS: TRAMAS QUE MATERIALIZAM DESEJOS INCONSCIENTES E POLÍTICOS NAS CIDADES**. In: SEAD, VII, 2015, Recife. **Anais...** . Recife: Sead, 2015. v. 7, p. 1 - 9. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO07/OlimpiaMaluf-Souza.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MEHTA, Vikas. **The Street: A Quintessential Social Public Space**. New York, NY: Routledge, 2013. 256 p.

MOARAB, Yasser et al. Comparative Investigation about the Quality of Urban Streets of Tehran Based on the Criteria of Excellent Streets: (Case Study: Enghelab, Keshavarz and Fatemi Streets). **Journal Of Environmental Studies**. Teerã, p. 58-60. 21 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.sid.ir/En/Journal/ViewPaper.aspx?ID=455247>>. Acesso em: 31 out. 2017.

MOURA, N. C. B.; WEHMANN, H. E.; MUNIZ, A.. A Street for Hope: New Functions for the Landscape of Car. **Procedia Engineering**, [s.l.], v. 198, p.1046-1057, 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.proeng.2017.07.149>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187770581732996X>>. Acesso em: 30 out. 2017.

NETTO, Vitor. **Viaje pela história das ruas de Criciúma:** Conheça as ruas que homenageiam personalidades históricas da cidade em um mapa interativo. 2017. Professora Orientadora: Karina Farias. Disponível em: <<http://jornalismoespecial.satc.edu.br/viaje-pela-historia-das-ruas-de-criciuma.html>>. Acesso em: 31 maio 2018.

NEUMAIER, Angelica; PEREIRA, Daniele Cristina Zacarão; CALDERAN, Odete Angelina. Centro Cultural Jorge Zanatta: A Arte Existe e Resiste!. 2017. Publicado em: Diário de Notícias. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/files/91/artigos/Artigo_12_10_17.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciências, Saúde:** Manguinhos, [S.l.], v. 5, n. 1, p.115-123, jun. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701998000100006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000100006&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 09 abr. 2018.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da Silva. Mapas Mentais: Uma Forma de representar a compreensão e interpretação do lugar. In: ENCONTRO NACIONAL DE NEER- ESPAÇOS CULTURAIS: VIVÊNCIAS, IMAGINAÇÕES E REPRESENTAÇÕES, 2., 2007, Salvador. **Anais do II Colóquio Nacional de NEER- Espaços Culturais: Vivências, Imagens e Representações.** Salvador: 2007. 15 p. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft Word - NilzaApdaSilvaOliveira.ED2I.b.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.

ORLANDI, Eni P.. **Cidade Atravessada:** Os Sentidos Públicos no Espaço Urbano. Campinas: Pontes, 2001. 190 p.

PACHECO, Priscila. **Espaços Públicos:** 10 princípios para conectar as pessoas e a rua. 21 Jun 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/873962/espacos-publicos-10-principios-para-conectar-as-pessoas-e-a-rua>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 15 out. 2018.

PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98, p.23-46, 2007. Jan./Abr. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa cotidiana:** ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Editora do Ics, 2010. 227 p. (Coleção Breve Sociologia).

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. Cap. 3. p. 25-66. Tradução de: Sérgio Magalhães Santeiro. Disponível em: <http://www.marcoareliosc.com.br/03velho_completo.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. 2. ed. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2002. 393 p.

PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). **Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa-ambiente.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PINHEIRO, Kátia Flôres; SOARES, Jorge Coelho. Cidade do lazer: expectativa de prazer. **Rev. Mal-Estar Subj.,** Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 963-982, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300010&tlng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PIRES, Teresa Cristina Vieira; ELALI, Gleice Azambuja. "Se Essa Rua Fosse Minha...": A calçada em um sistema sustentável de mobilidade urbana. In: NUTAU, 7., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Usp, 2008. v. 171, p. 1 - 6. Disponível em: <<https://www.usp.br/nutau/CD/171.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, En Lupicinio; POL, Enric. (Coord.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. 9. ed. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-62. Monografies Psico/Socio/Ambientals. Disponível em: <<http://www.ub.edu/escult/editions/0apropia.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PORTAL CLICATRIBUNA (Ed.). **Rua Henrique Lage: Uma história centenária de progresso e desenvolvimento**. 2014. Arquivo: Mário Belolli. Disponível em: <<http://www.clicatribuna.com/noticia/economia/rua-henrique-lage-uma-historia-centenaria-de-progresso-e-desenvolvimento-10175>>. Acesso em: 31 maio 2018.

PORTO, Éder Pereira. **Planos Diretores e (Re) Produção do Espaço Urbano no Município de Criciúma: A Produção da Cidade e sua Regulação**. 2008. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90974>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PPS- PROJECT FOR PUBLIC SPACES (New York). Nonprofit Organization. **The Origin of the Power of 10**. 2009. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/the-power-of-10>>. Acesso em: 15 out. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Notícias**. 2018. Disponível em: <<http://www.criciuma.sc.gov.br/site/noticias>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Informações Básicas Município de Criciúma**. 1999. Disponível em: <<https://www.camaracriciuma.sc.gov.br/historia-criciuma-ver/caracteristicas-4>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Plano Diretor**. 2009. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/linkSecretaria/economico_sistemas/24>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Projeto do Canal Auxiliar**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <jamilezanette@hotmail.com>. Em: 18 mai. 2012.

PREIS, Eduardo. **Plano Diretor Participativo de Criciúma/SC: Uma Década de Conflitos**. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100532>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. **Appropriation et nonappropriation (misappropriation) de l' space**. [S.l.: s.n.], 1976.

PURWANTO, Edi; DARMAWAN, Edy. The Transformation of Street Space into Public Space:: Developing a Sense of Place, People, Creativity, and Street Vitality. **The International Journal Of Civic, Political, And Community Studies**, Illinois, Usa, v. 13, n. 1, p.23-39, mar. 2014. The Humanities Collection.

RAHMAN, Norhafizah Abdul; SHAMSUDDIN, Shuhana; GHANI, Izham. What Makes People Use the Street?: Towards a Liveable Urban Environment in Kuala Lumpur City Centre. **Procedia - Social And Behavioral Sciences**, [s.l.], v. 170, p.624-632, jan. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.01.064>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042815000798>>. Acesso em: 30 out. 2017.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. **O conceito de lugar**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-graduação em Arquitetura, 2009. 117 p. Coleção PROARQ. Disponível em: <http://www.gae.fau.ufrj.br/assets/obs_a_qua_lugar.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

RICCA JUNIOR, Jorge. Do amor à cidade. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 34, n. 52, p.77-88, ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100009>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ROMERO, Marta Adriana Bustos (Org.). **Reabilita: Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística**. Brasília: Fau/unb, 2009. 803 p.

RUANO, Miguel. **Ecourbanismo: Entonos Humanos Sostenibles: 60 projectos**. Barcelona: Gustavo Gili, SA, 1999. 192 p.

SANTOS, Milton. O tempo nas Cidades. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, p.21-22, 2002. Oct./Dez.. Texto extraído da transcrição da conferência do autor na mesa-redonda “O tempo na Filosofia e na História”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo do Instituto de Estudos Avançados da USP em 29 de maio de 1989. A transcrição completa foi publicada na Coleção Documentos, série Estudos sobre o Tempo, fascículo 2, em fevereiro de 2001. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190 p.

SANTOS, Rosselvelt José; REZENDE, Luiza de. A economia informal, a cidade e os ambulantes: lugares e estratégias em Uberlândia-MG. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 14, n. 26/9, p.75-100, 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28747/pdf_134>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SEBRAE- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESA (Nacional) (Org.). **Revitalização de Espaços Comerciais**. 2018. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/revitalizacao-de-espacos-comerciais,c8ff89c0fa400510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 362 p. Tradução de: Marcos Aarão Reis.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 173 p. Coleção Estudos-dirigida por J. Guinsburg.

SILVA, Maria José Andrade da. **A Produção do Espaço Urbano de Criciúma-SC e seus Agentes de Transformação**. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia na área de Territorialidade e Análise Socioambiental. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC, São Paulo, SP, 2012.

SILVA, Regina Helena Alves da. Espaço Urbano: Espaço da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVI, 2003, Belo Horizonte, Mg. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. p. 2 - 6. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/156459047845164599194579465883452813173.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2019.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. Cap. 1. p. 11-25. Tradução de: Sérgio Marques dos Reis.

SIMPSON, Paul. Street Performance and the City. **Space And Culture**, [s.l.], v. 14, n. 4, p.415-430, 22 set. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1206331211412270>. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1028.3228&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do desenvolvimento urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Marlene P.v.; MACHADO, Rosa Maria. Conceito de bairro: unidade popular ou técnica?. **Anuário do Instituto de Geociências**: UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 0, p.66-71, 1986. Disponível em: <<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/2143/1903>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VILHENA, Junia de. Da claustrofobia à agorafobia: Cidade, confinamento e subjetividade. **Revista do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 9, p.77-90, 2003. Jan./abr.. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_9/009_077.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

VON SCHÖNFELD, Kim Carlotta; BERTOLINI, Luca. Urban Streets between Public Space and Mobility. **Transportation Research Procedia**, [s.l.], v. 19, p.300-302, 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.trpro.2016.12.089>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352146516308754>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

VON SCHÖNFELD, Kim Carlotta; BERTOLINI, Luca. Urban streets: Epitomes of planning challenges and opportunities at the interface of public space and mobility. **Cities**, [s.l.], v. 68, p.48-55, ago. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cities.2017.04.012>. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264275116302037>>. Acesso em: 30 out. 2017.

WANG, Fang. Streets and Lanes. **Disp - The Planning Review**, [s.l.], v. 53, n. 2, p.45-49, 3 abr. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/02513625.2017.1340557>. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02513625.2017.1340557>>. Acesso em: 31 out. 2017.

WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. **Imagens da Arquitetura**: Narrativas do Imaginário Urbano de Porto Alegre. 2006. 269 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre, Rs, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8163>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

XAVIER, Marcelo. A cara da rua e outras crônicas. São Paulo: Saraiva, 2013. 128 p. Textos e Ilustrações: Marcelo Xavier.

YOUSSEF, Alexandre. Políticas públicas e juventude. In: **Comunicações do ISER**: Juventude, cultura e cidadania, ano 21, Edição Especial, 2002, p. 177.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design**: tools for environment-behavior research. Monterey, California: Brooks/cole Publishing Company, 1981. 250 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Planejamento da Pesquisa de Campo.

PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO- SETEMBRO/2018

DOMINGO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
						01
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	<p>Instrumento da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> · EXPERIMENTANDO · MANTENDO UM DIÁRIO <p>O que é: Caminhar e registrar a dinâmica do espaço e identificar emoções; fotografar; registros poéticos pessoais.</p> <p>Quanto tempo: 1h, cada rua.</p>					
<p>Instrumento da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> · ENTREVISTANDO · POEMA DOS DESEJOS · IMAGINANDO · MANTENDO UM DIÁRIO <p>O que é: entrevistas semiestruturadas com gravações em áudio; fotografar; registros poéticos pessoais.</p> <p>Quanto tempo: 40 min., cada sujeito.</p>						
<p>Instrumento da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> · CONTANDO · MANTENDO UM DIÁRIO <p>O que é: contar os quatro transeuntes: os que caminham, os que passam, os que param para apreciar, os param para interagir + vídeos do movimento; registros poéticos pessoais.</p> <p>Quanto tempo: 40 min. + 5 min. (vídeo), cada rua.</p>						

APÊNDICE B- Modelo de Campo para Instrumento de Pesquisa: Experimentando.

EMOÇÕES FACIAIS	EMOÇÕES FACIAIS	EMOÇÕES FACIAIS
Atento:	Atento:	Atento:
No celular:	No celular:	No celular:
Assustado:	Assustado:	Assustado:
Entusiasmado:	Entusiasmado:	Entusiasmado:
Curioso:	Curioso:	Curioso:
Indiferente:	Indiferente:	Indiferente:
Feliz:	Feliz:	Feliz:
Triste/ Deprimido:	Triste/ Deprimido:	Triste/ Deprimido:
Amedrontado:	Amedrontado:	Amedrontado:
Preocupado:	Preocupado:	Preocupado:
Ansioso:	Ansioso:	Ansioso:
Angustiado:	Angustiado:	Angustiado:
Cansado:	Cansado:	Cansado:
Olhos no vazio:	Olhos no vazio:	Olhos no vazio:
Desconfiado:	Desconfiado:	Desconfiado:
Apressado:	Apressado:	Apressado:
RUA HENRIQUE LAGE	RUA CORONEL PEDRO BENEDET	AVENIDA DOS IMIGRANTES

APÊNDICE C- Modelo de Campo para Instrumento de Pesquisa: Contando.

TRANSEUNTES	TRANSEUNTES	TRANSEUNTES
Os que param para observar:	Os que param para observar:	Os que param para observar:
Os que param para socializar:	Os que param para socializar:	Os que param para socializar:
Os que passam:	Os que passam:	Os que passam:
Os que caminham:	Os que caminham:	Os que caminham:
RUA HENRIQUE LAGE	RUA CORONEL PEDRO BENEDET	AVENIDA DOS IMIGRANTES

APÊNDICE D- Encíclica para Instrumento de Pesquisa: Entrevistando.

ENCÍCLICA

Eu sou a Jamile Rosane Zanette Antônio, sou mestranda do segundo ano do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da UNESC. Minha profissão é de arquiteta e urbanista e estou aqui para compreender melhor o universo da cidade através de suas ruas. Eu preciso muito da sua ajuda para que eu possa me tornar mestre, complementando a minha formação. Só o conhecimento teórico aprendido na acadêmica é insuficiente para que o estudo sobre a cidade, em especial, a cidade de Criciúma, possa receber melhorias e contribuições acadêmicas. É preciso praticar a teoria que aprendemos e por isso preciso muito da sua ajuda. A minha função primordial é conhecer as pessoas para então conceber espaços de qualidade para elas, nesse caso, para os espaços da cidade, como as suas ruas. Desta forma, gostaria que o sr. (a) me concedesse uma entrevista contando um pouco da sua relação com os espaços da cidade. Este trabalho é muito importante para a minha evolução como arquiteta e urbanista. Seu nome será guardado em sigilo e também gostaria de estar gravando a entrevista, se assim o sr. (a) permitir.

APÊNDICE E- Termo de Consentimento para Instrumento de Pesquisa: Entrevistando.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

(Em 02 vias, firmado por cada participante da entrevista e pelo responsável da pesquisa)

Estamos realizando uma pesquisa sobre as ruas como espaços públicos na cidade de Criciúma-SC, que terá como base a pesquisa de campo, com objetivo de apresentar uma dissertação em nível de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

E que tem como objetivo principal investigar a rua como espaço formador do imaginário coletivo na cidade de Criciúma-SC.

Participando desta experiência o(a) sr.(a) estará contribuindo com a minha formação de Mestre em Ciências Ambientais. Caso o(a) sr.(a) venha a aceitar, será garantido que o(a) sr.(a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Esclarecemos ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o(a) sr.(a) não terá direito a nenhuma remuneração.

Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os seus dados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o(a) sr.(a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta entrevista. Consentindo assim em participar da pesquisa o(a) sr.(a) autoriza a publicação de seus resultados em livros e artigos científicos. Gostaríamos de gravar a entrevista se assim o(a) sr.(a) o permitir.

A entrevista será realizada pela mestranda Jamile Rosane Zanette Antônio, no segundo ano do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais da UNESC. O trabalho é orientado pela professora Prof.^a Dr.^a Teresinha Maria Gonçalves, contatada pelo telefone (48) 3431.2588. O telefone do Comitê de Ética da UNESC é (48) 3431.2723.

Criciúma (SC), ____ de _____ de 2018.

Responsável da Pesquisa _____

Nome do Participante _____

Assinatura do Participante _____

**APÊNDICE F- Entrevista Semiestruturada para Instrumento de Pesquisa:
Entrevistando.**

PESQUISA DE CAMPO · ENTREVISTA¹

DISSERTAÇÃO · A RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO FORMADOR DO IMAGINÁRIO COLETIVO: UM ESTUDO NA CIDADE DE CRICIÚMA-SC

DADOS INICIAIS:

1. Nome:
2. Sexo:
 Feminino
 Masculino
3. Idade:
4. Ocupação principal:
5. Escolaridade:
 Nível Fundamental Incompleto
 Nível Fundamental Completo
 Nível Médio Incompleto
 Nível Médio Completo
 Nível Superior Incompleto
 Nível Superior Completo
 Outro
6. Estado civil:
7. Nível de Renda:
 0 a 1 SM
 mais de 1 a 5 SM
 mais de 5 a 10 SM
 mais de 10 SM
8. Procedência:

DADOS ESPECÍFICOS:

9. Reside na cidade de Criciúma/SC ou está de passagem?
10. Tempo que reside na cidade de Criciúma/SC?
11. Qual seu domicílio atual?
12. Qual seu domicílio anterior?
13. Existe algum fato marcante da história da cidade de Criciúma/SC que você conhece ou recorda?
14. Onde você, geralmente, encontra com outras pessoas para conversar?

¹ A entrevista foi construída baseada na internalização dos conhecimentos advindos dos autores: Kohlsdorf, 1996; Alves, 2007; Rheingantz et al., 2009; Pinheiro e Günther, 2008; Lynch, 2017; Silva, 2011; Pensavento, 2002; Del Rio, 1999; Bomfim, 2010, apresentados como principais autores para a elaboração das perguntas de pesquisa.

ANEXOS

ANEXO A- Parecer de Submissão da Pesquisa na base Plataforma Brasil.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A RUA COMO ESPAÇO PÚBLICO FORMADOR DO IMAGINÁRIO COLETIVO- UM ESTUDO NA CIDADE DE CRICIÚMA-SC

Pesquisador: TERESINHA MARIA GONÇALVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 93384218.7.0000.0119

Instituição Proponente: Universidade do Extremo Sul Catarinense

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.857.664

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto adequado e bem escrito, de relevância social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: OK.

Carta de Aceite: OK.

TCLE: constam TCLE's para as 03 ruas em estudo com as informações adequadas.

Nos critérios de inclusão e exclusão, está explícito que os entrevistados deverão ser maiores de idade.

Orçamento financeiro: OK.

Cronograma: OK

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto adequado para execução.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	08/08/2018		Aceito

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: cetica@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



Continuação do Parecer: 2.857.664

Básicas do Projeto	ETO_1167809.pdf	16:00:19		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_JAMILE_ZANETTE_PLATA FORMA_BRASIL.pdf	08/08/2018 15:54:16	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_AVENIDA_DOS_IMIGRANTES_J AMILE_ZANETTE_PLATAFORMA_BRA SIL.pdf	08/08/2018 15:54:02	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RUA_CORONEL_PEDRO_BENE DET_JAMILE_ZANETTE_PLATAFORM A_BRASIL.pdf	08/08/2018 15:53:55	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_RUA_HENRIQUE_LAGE_JAMIL E_ZANETTE_PLATAFORMA_BRASIL.p df	08/08/2018 15:53:38	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CARTA_DE_ACEITE_JAMILE_ZANETT E_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	07/08/2018 13:37:13	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_JAMILE_ZANETT E_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	09/07/2018 14:36:09	TERESINHA MARIA GONÇALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRICIUMA, 30 de Agosto de 2018

Assinado por:

RENAN ANTONIO CERETTA
(Coordenador)

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: cetica@unesc.net

ANEXO B- Carta de Aceite da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC.



Governo do Município de Criciúma
Poder Executivo
Secretaria Municipal de Infraestrutura, Planejamento e Mobilidade Urbana

CARTA DE ACEITE

Declaramos para os devidos fins que, se fizerem necessários, concordamos em disponibilizar as ruas: Coronel Pedro Benedet, Henrique Lage e Avenida dos Imigrantes para a pesquisa de campo, bem como os documentos referentes ao setor de Plano Diretor da Secretaria Municipal de Infraestrutura, Planejamento e Mobilidade Urbana da Instituição Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, localizada na Rua Domenico Sônego, 542 – Paço Municipal- Santa Bárbara – Criciúma/SC, CEP: 88804-050, para o desenvolvimento da pesquisa intitulada **“A Rua como Espaço Público formador do Imaginário Coletivo: Um estudo na cidade de Criciúma/SC”** sob a responsabilidade da orientadora Prof.^a Dr.^a Teresinha Maria Gonçalves e da pesquisadora e mestranda Jamile Rosane Zanette Antônio do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCA da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo período de execução previsto no referido projeto.

Giuliano Elias Colossi
Arquiteto e Urbanista - CAU – A 23.187-8
Chefe de Divisão de Planejamento Urbano e Controle do Plano Diretor
Diretor de Planejamento Urbano

MUNICÍPIO DE CRICIÚMA
Secretaria de Infraestrutura,
Planejamento e Mobilidade Urbana
DIRETORIA DE PLANEJAMENTO

GIULIANO ELIAS COLOSSI
Arquiteto e Urbanista - CAU A 23.187-8

29/06/2018.